

[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)

**Henri Regnault**

**A Morte não Existe**

**Com base nas obras de Léon Denis**

**Incluindo a novela espírita  
Giovanna  
escrita em 1885 por Léon Denis**



Eugène Bodin - O Estuário da Bretanha



## **Conteúdo resumido**

O presente volume é um estudo da missão e, em especial, da obra literária de Léon Denis, o apóstolo do Espiritismo, considerado o principal continuador de Allan Kardec no trabalho de divulgação da Doutrina Espírita.

Henri Regnault inicia o seu trabalho com uma biografia de Léon Denis, fazendo, a seguir, um estudo da essência de cada

uma de suas obras magistrais, destacando a elevada qualidade filosófica de seus conceitos. No decorrer de seu estudo, Regnault une a sua própria experiência espírita ao pensamento de Léon Denis, com o objetivo de oferecer provas incontestáveis da possibilidade de comunicação entre os seres encarnados e os habitantes do mundo espiritual.

Este trabalho revela a unidade de pensamento entre Léon Denis e o mestre Kardec, ambos com um objetivo comum: levar às massas o conhecimento de nossa evolução infinita e, consequentemente, nossa imortalidade pessoal.

## Sumário

Prefácio .....	4
Explicação .....	6
Introdução .....	7
I – A vida de Léon Denis .....	9
II – O Porquê da Vida .....	28
III – Depois da Morte .....	36
IV – No Invisível .....	50
V – O Além e a Sobrevivência do Ser .....	62
VI – Cristianismo e Espiritismo .....	68
VII – O Problema do Ser e do Destino .....	91
VIII – O Grande Enigma .....	100
IX – Joana d’Arc, Médiun .....	109
X – O Mundo Invisível e a Guerra .....	129
XI – Espíritos e Médiuns .....	142
XII – O Gênio Céltico e o Mundo Invisível .....	145
XIII – O Espiritismo e a Vida Social .....	163
XIV – Sigamos o exemplo de Léon Denis .....	186
Vocabulário onomástico .....	192

Referências bibliográficas do vocabulário onomástico .....	206
Apêndice:	
“ <b>Giovanna</b> ” – Novela espírita escrita por Léon Denis .....	207

## Prefácio

Henri Regnault teve a feliz idéia de apresentar um minucioso estudo da obra de Léon Denis, o grande discípulo e o perfeito continuador do mestre Allan Kardec.

Em *A Morte não Existe*, encontraremos provas irrefutáveis da possibilidade que os desencarnados têm de se comunicar com os vivos.

O simpático e devotado vice-presidente da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos estava realmente qualificado para pôr, vigorosamente, em destaque a elevada qualidade filosófica dos livros de Léon Denis, e lhe devemos ter tão bem compreendido a importância capital que essas obras possuem para todos os pensadores que desejam ver o Espiritismo adotado, não apenas pelos crentes sinceros, mas também pelo mundo científico ainda um pouco hesitante e prisioneiro das estreitas e ultrapassadas fórmulas.

Henri Regnault já escreveu uma série de obras notáveis: *Le Bonheur Existe* (A Felicidade Existe), *Seul le Spiritisme Peut Renover le Monde* (Só o Espiritismo pode Renovar o Mundo), *La Réalité Spirite* (A Realidade Espírita), *La Médiurnité à Incarnations* (A Mediunidade nas Encarnações), *Les Vivants et les Morts* (Os Vivos e os Mortos), *Tu Revivras* (Tu Viverás). Todos esses livros, que foram tão bem acolhidos pela crítica, continuam a tradição espírita.

Eis por que o autor tão bem soube, em sua análise da obra de Léon Denis, mostrar a elevada verdade que ela, sublimemente, apresenta. Capítulo por capítulo, ele pôs, minuciosamente, em destaque o pensamento de Léon Denis.

Do escrínio tão bem ornado das mais valiosas jóias, ele extraiu os mais belos diamantes para melhor apresentar seus brilhantes efeitos.

Do conjunto de flores esplendentes, colheu as mais belas para torná-las admiradas, com um brilho maravilhoso.

Colocou, bem apropriadamente, no mesmo pedestal o mestre e o discípulo. Mostrou-os unidos nos mesmos nobres pensamentos e deu às suas obras uma solidez ao pé das quais se quebrantarão, definitivamente, a ignorância, a idiotia e a maldade humanas, que os dois apóstolos, Allan Kardec e Léon Denis, se esforçaram por vencer, em prol da felicidade e do bem-estar da humanidade.

Assim fazendo, Henri Regnault compreendeu que o maior benefício para os espíritas era, presentemente, conhecer bem os bons seareiros da mais bela das doutrinas e, nos ofertando uma nova obra, ele pôs seu zelo, utilmente, a serviço da melhor das causas.

Regnault teve a sorte de encontrar uma obra de Léon Denis, pouco conhecida e completamente esgotada atualmente: *Giovanna*. Encontraremos extensos trechos de *Giovanna* em *A Morte não Existe*.<sup>1</sup>

A difusão dos livros de Léon Denis é um dever a que seus admiradores devem-se impor. Eles poderão cumprir essa tarefa com facilidade e método quando tiverem conhecimento das mais belas passagens de sua obra e, assim, estarão à altura de torná-la conhecida, utilmente, a todos os pesquisadores sedentos da verdade.

*Paul Bodier*

Presidente da Sociedade Francesa de Estudos Psíquicos.

## Explicação

Denominando esta obra *A Morte não Existe*, não tive nenhuma intenção de demonstrar a inexistência da morte do corpo físico.

Após a desencarnação, este se decompõe e retorna à matéria, porém esse corpo é apenas o invólucro transitório dado à alma, no curso de suas diversas existências terrenas.

Muito além da destruição desse corpo físico, a alma e o perispírito (que serve de liame entre ela e esse corpo) continuam sua evolução. Eles não são destruídos.

Nesse caso, tenho o direito, estudando a obra de Léon Denis, de afirmar, como esse grande pensador, que a morte não existe.

## Introdução

Antes de começar o estudo da obra de Léon Denis e a sua influência, recolhi-me e solicitei, ardentemente, o auxílio e a assistência, não apenas de meus guias e de meu amigo desaparecido a nossos olhos físicos, mas também a proteção de Allan Kardec, Camille Flammarion, Dr. Geley, Comandante Darget, Gabriel Delanne e demais pioneiros do Espiritismo, que precederam Léon Denis no Além. Todos realizaram, em nosso mundo, uma tarefa ingrata, muitas vezes bem difícil.

Eles poderiam, melhor que os outros invisíveis, me ajudar a concluir o trabalho empreendido e me inspirar, a fim de que minha nova obra pudesse ser útil.

Desejo lembrar a obra de Léon Denis aos que, já espíritas, encontraram, em sua companhia intelectual, alegrias ideais e um precioso reconforto, porém gostaria, principalmente, que meu livro fosse lido pelos que ainda não estão iniciados no Espiritismo.

Possam meus inspiradores me ajudar a bem narrar as provas irrefutáveis da realidade espírita; possam meus incrédulos leitores estar devidamente interessados em ler, atentamente, nossos autores e achar, graças a eles, os meios dessa real e completa felicidade que eu, pessoalmente, conquistei, pelo estudo de nossa doutrina.

Desde que, por sua feliz intermediação, compreendi as reais razões de nossa passagem pela Terra, estou perfeita e completamente feliz.

Conhecendo os motivos de minha vinda ao nosso planeta, guardo a segurança e a calma, mesmo nos frequentes períodos em que passei as diversas provações que, aliás, neste mundo, atingem a todos.

Se me sinto feliz, tenho o dever de tornar conhecido de todos os motivos de minha felicidade; nunca tive tanta razão de aplicar este sábio preceito de Sêneca: “Toda felicidade que não é repartida perde sua doçura.”

Desde que comecei uma ativa propaganda para fazer conhecer às massas o que é exatamente o Espiritismo, tive a grande satisfação de levar a algumas pessoas as possibilidades de serem felizes, o que lhes parecia que jamais obteriam.

No momento de apresentar meu trabalho à apreciação do público, desejo, de todo o coração, que ele sirva, por vezes, de farol àqueles que, levados pela tempestade nas lutas terrestres, estando inclinados ao desânimo e mesmo ao fracasso, vejam brilhar ao longe o mágico clarão que o Espiritismo projeta em nosso planeta.

16 de janeiro de 1928.

*Henri Regnault*

# CAPÍTULO I

## A vida de Léon Denis

Em 1889, no Congresso Espírita realizado em Paris, de 9 a 16 de setembro, o Relator Geral, Papus,<sup>2</sup> assim se expressava:

“Penso não me enganar, afirmando que a maioria dos membros desse Congresso foi despertada para se ocupar com as questões espíritas, psíquicas e ocultistas, por influência mediata e imediata do fundador do Espiritismo filosófico – Allan Kardec.”

Quando Allan Kardec deixou nosso planeta para o luminoso retorno ao Além, ele sabia ter fiéis discípulos. Ele, portanto, partiu tranquilo. Entre os melhores de seus continuadores figurava Léon Denis.

Em 12 de abril de 1927, às 21 horas, Praça das Artes nº 19, numa casa de Tours, com uma vista maravilhosa para as margens do Loire, um homem morria.

Por toda a sua existência e de todas as formas, esse homem tinha sido útil à Sociedade. Sua obra foi fecunda em consolações. Seu nome: Léon Denis.

Ele acabava de escrever uma obra: *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* e já pensava no livro que ainda queria escrever.<sup>3</sup>

Trabalhou quase até o último segundo de vida; entretanto, estava bastante idoso, pois, nascido em Foug, em Meurthe-et-Moselle, a alguns quilômetros de Toul, a 1º de janeiro de 1846, tinha, no momento de sua morte, 81 anos.

Conheci muitos espíritas bem idosos. Citarei, por exemplo, meu excelente amigo Jules Gaillard, antigo deputado, que, há pouco tempo, tinha a mesma idade de Léon Denis.

Lembrarei, ainda, uma mulher admirável, a Sra. Blanche Barchou; de uma forma desprendida, inteiramente à sua custa, e durante muitos anos, ela fez, em França, interessantes conferências de propaganda espírita. Ela tem atualmente 83 anos.<sup>4</sup> Recebo, frequentemente, cartas suas, e se as mostrasse

sem dizer de quem era, acreditar-se-ia logo serem de uma jovem de 18 anos.<sup>5</sup>

Para retratar, rapidamente, a vida de Léon Denis, servir-me-ei de uma biografia, aparecida em 1924, escrita por meu excelente amigo Henri Sausse, que foi durante muitos anos, Secretário-geral da Federação Espírita Lionesa.

Luce, que era um grande amigo de Léon Denis, teve o carinho de recolher os fatos íntimos do mestre; atualmente, prepara uma biografia completa de Léon Denis<sup>6</sup> e me forneceu algumas informações. Agradeço-lhe, fraternalmente.

O Presidente de Honra da União Espírita Francesa teve uma prova viva do que o trabalho e a vontade podem proporcionar a uma criatura humana.

A situação bem modesta de seu pai, honesto trabalhador, não lhe permitiu fazer grandes estudos; na idade de 12 anos, logo que terminou o curso primário obrigatório, começou uma aprendizagem de ocupação manual. Todavia, Léon Denis tinha uma saúde muito frágil. Esse trabalho foi muito sacrificial. Aos 18 anos, muda de profissão e se torna representante comercial, viajando até o fim de sua velhice.

Quando estava no trabalho, no lugar de recrear-se, à tarde, com os pequenos aprendizes e fazer as clássicas travessuras (tocar as campainhas, por exemplo), o menino se instruía o mais possível. Lia obras sérias e adquiriu, pelos próprios esforços, uma certa cultura.

Aos 16 anos, inscreveu-se como membro da Loja dos Demófilos (*Loge des Démophiles*) de Tours, onde, bem depressa, por causa de suas qualidades de assimilação, de seu dom de eloquência natural, tornou-se um dos melhores oradores e um dos mais ardorosos propagandistas.

Tinha 24 anos e se encontrava em Tours, quando a guerra de 1870 explodiu. Seu estado de saúde frágil lhe teria permitido não ser soldado. Ele se apresentou. Entretanto, professava idéias muito democráticas que seriam consideradas hoje como bem normais, bem naturais, porém, naquela época, eram muito

avançadas, sem serem, todavia, como o são hoje, as teorias comunistas e soviéticas que têm como base o ódio e a inveja.

Tornou-se logo tenente das Tropas de Indre-et-Loire; era titular desse posto, por ocasião da assinatura da paz.

Retornando a Tours, recomeçou sua vida de viajante comercial; indo de cidade em cidade, para colocar suas mercadorias, aproveitava suas viagens para fazer, além de seu trabalho, a propaganda de suas idéias.

Em 1877, uma tendência nova surgiu na Franc-Maçonnerie, cuja origem é espiritualista e ocultista.

Léon Denis tentou lutar contra esse movimento, sem resultado, e, apesar de sua posição relevante e moral na loja, preferiu deixar seus companheiros. Tinha, então, 31 anos, quando se demitiu.

Três anos mais tarde, Jean Macé fundou a “Liga do Ensino”. As idéias generosas que estão na base dessa Sociedade agradaram a Léon Denis, que logo se tornou adepto, porém, destacando-se suas qualidades de orador, bem depressa ultrapassou o quadro da Franc-Maçonnerie e se tornou a alma do Círculo Tourangeau.

Ele fez conferências onde seus afazeres o chamavam, fundando por toda parte círculos e bibliotecas populares. Preenchia, assim, uma bem útil necessidade social.

Orador habilidoso, sabendo interessar, Léon Denis conseguiu muitas adesões.

Seria bem difícil avaliar o grande número de conferências que ele fez na França, para divulgar os objetivos da Liga do Ensino.

Ele havia começado essa tarefa em 1880; em 1884, julgou necessário fazer, igualmente, palestras para divulgar as idéias espíritas. Tinha, então, 38 anos, porém, aos 18 anos, em 1864, havia adquirido *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.<sup>7</sup>

Aliás, aquele que se devia tornar um mestre em nossa Doutrina havia feito confissão pública de espírita; encontrei, na coleção *Le Spiritisme*, um artigo sobre a grande tradição dos gauleses, que aparece no começo de julho de 1883.

“Como nós – escrevia ele –, os druidas afirmavam a infinidade da vida, as existências progressivas da alma, a pluralidade dos mundos habitados.

É nessas doutrinas viris, no sentimento da imortalidade que daí decorre, que nossos ancestrais apoiavam o seu espírito de liberdade, de igualdade social, o seu heroísmo diante da morte.”

Nesse artigo, escrito aos 37 anos, Léon Denis já defendia as idéias que desenvolveu em seu último livro, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*.

Encontra-se aí um admirável exemplo de unidade de vistas e tenho o dever de assinalá-la em meu trabalho sobre a obra do apóstolo do Espiritismo.

Ninguém melhor do que ele soube pôr em prática esse sábio conselho de Amiel: “Seja o que você deseja que os outros sejam. Que seu ser, e não suas palavras, seja uma pregação.”

Naturalmente, Léon Denis se vinculou à obra de Allan Kardec, que ele desenvolveu e continuou, sem nenhum sectarismo. Segundo ele, não se deve considerar uma teoria oficial do Espiritismo. Ele escreveu com justa razão:

“A doutrina de Allan Kardec resulta do combinado dos conhecimentos de duas humanidades que se interpenetram, porém ambas imperfeitas e em busca da verdade e do desconhecido, embora superior a todos os sistemas e a todas as filosofias do passado, permanece aberta às retificações, aos esclarecimentos do futuro.”

Léon Denis fez conferências pelo interior, em Paris e no estrangeiro. Nas coleções das diversas revistas que defendem nossa doutrina, constantemente encontramos seu nome; sua reputação de conferencista ultrapassa de muito o quadro dos órgãos especiais de múltiplos jornais que anunciaram suas palestras e destacaram suas preciosas qualidades de orador.

Em 30 de março de 1884, Léon Denis proferiu uma conferência em Nantes, no anfiteatro da Escola Profissional, intitulada “A Guerra dos 100 Anos, Joana d’Arc”, falando na

qualidade de Secretário do Círculo Tourangeau e da Liga do Ensino. Em 1º de abril de 1884, o *Le Populaire* publicava a seguinte apreciação:

“O conferencista de domingo não é um homem comum. Além de ser uma capacidade, ele é, principalmente, um pensador e um filósofo.

Léon Denis é uma dessas almas nobres que sentem o coração da humanidade e que gostariam que todos os homens se amassem uns aos outros, fizessem um esforço sobre si mesmos para se libertarem das estreitezas do velho mundo e organizarem uma sociedade de fraternidade e de amor.”

O Capitão Mandy, relatando no *Le Spiritisme*, escrevia:<sup>8</sup>

“Por que essas mesmas vozes (as ouvidas por Joana) não se fariam ouvir também hoje, pelo eminente orador que comprova a necessidade imensa de se dedicar a seus irmãos, de ajudar a humanidade, em sua marcha para o progresso?

São elas, sem dúvida, que dão às palavras de nosso amigo esse atrativo, essa delicadeza de expressão, esse tanto agradável que evita atritar as convicções dos que não pensam como ele.

Essa passagem da conferência, tendo semelhança com as vozes de Joana, era difícil de desenvolver em Nantes, onde, até hoje, nada de tão preciso fora dito sobre nossas crenças espíritas.

Era preciso fazer justiça ao conferencista, que, impondo ao público sua maneira de ver, teve coragem moral de apresentar o que para ele é uma verdade, verdade que não admitem os que aceitam as crenças de um culto, nem os que limitam seus destinos à vida humana (...).

Convido todos os espíritas a reunirem seus esforços para conseguirem os benefícios citados por essa conferência.

Entretanto, ofenderia a modéstia de nosso irmão Denis, se não prevenisse aos meus confrades que agiriam mal, se buscassem, num espírito de cordialidade, preparar-lhe uma homenagem qualquer.

Ele deseja que o tratem, quando chega, com a simplicidade de um verdadeiro apóstolo, pois seu devotamento à causa espírita é todo moral, desprendido, sem compensações de espécie alguma.

Nosso amigo não vê nessas homenagens senão meios de atrair críticas tolamente ferinas de alguns falsos irmãos e também de arruinar a sua saúde.

É que Denis não pertence a nenhuma pessoa: ele é de todos os seus irmãos em humanidade.”

Em 12 de março de 1885, Léon Denis fez, em Mans, uma conferência sobre Joana d’Arc e suas vozes. Victor Goutard expressou sua admiração pelo divulgador espírita nos seguintes termos:<sup>9</sup>

“O orador prendeu, durante uma hora e meia, o auditório às suas palavras; era belo ver aquela multidão atenta, recolhendo, piedosamente, as frases do orador, palavras calorosas e enérgicas que fazem vibrar as mais sensíveis fibras de nossos corações.

Quando ele fala da pátria, sente-se um coração de ouro bater nesse peito varonil e sabe-se que são suas próprias crenças que ele manifesta, porque, apesar da facilidade de expressão de um conferencista, quando só pronuncia frases feitas e apenas exprime idéias encomendadas, ele não encontra todos esses motivos que tanto emocionam um público, mantendo-o em suspenso e realizando o milagre de fazê-lo abdicar de suas crenças pessoais para adotar, momentaneamente pelo menos, as do orador.”

Os dons oratórios do mestre foram exaltados no Congresso de 1889, por Papus, que em seu relatório geral dizia a seus colegas:<sup>10</sup>

“Léon Denis foi com justiça festejado por vós. Sentistes, ouvindo sua voz convincente, que, se nossa causa tivesse apóstolos do mesmo porte, seu progresso certamente estaria garantido.”

Para mostrar quanto Léon Denis era apreciado, aproveito algumas citações da obra de Henri Sausse.<sup>11</sup>

Em 21 de março de 1895, lia-se no *L'Événement* (Paris):

“Orador literário, pleno de ardorosa convicção, Léon Denis soube depressa conquistar o auditório mundano que se comprimia no salão de festas do Hotel de Pomar, e era um verdadeiro prazer ver aquele enxame de belas senhoras da aristocracia parisiense, divertindo-se inicialmente com alguns pensamentos frívolos, modificar, pouco a pouco, a expressão de seus olhares para se tornarem graves e mostrarem um atento interesse.”

*Le Progrès* (Nantes) escreveu:

“Léon Denis, que ouvimos na *Renaissance*, é, certamente, um conferencista fora de série. Tem estilo imaginoso, idéias nobres, elevadas, emoções contagiantes, ele tem voz e gestos.”

*La Petite Gironde* (Bordeaux), afirmou:

“Léon Denis é um orador de talento, de palavra nervosa e colorida, muito nítida e, por vezes, eloquente, ao mesmo tempo artista e poeta, que sabe, sem esforços, dramatizar suas narrativas e lhes dar um extraordinário relevo.”

*La Dépêche* (Tour) deu assim sua opinião:

“Léon Denis possui as qualidades mestras que consagram um orador: profunda erudição, forma elegante, harmonia nos períodos, gestos sóbrios e, acima de tudo, a voz, que torna sua eloquência particularmente comunicativa e lhe possibilita logo as simpatias do auditório.”

*L'Est Républicain* (Nancy) faz estes comentários:

“Com sua eloquência ardorosa, imaginosa, frases harmoniosas e períodos vibrantes, Léon Denis tratou do problema do destino...”

Sua conferência, bem digna de entusiasmar e consolidar as almas apaixonadas por um ideal, terminou em meio a aplausos e felicitações.”

Léon Denis não se envaidecia de seus numerosos sucessos, realizando, muitas vezes, conferências com debates e tendo o hábito de responder a seus auditórios, jamais ficando calado, mesmo diante das mais complexas questões.

“Quando se é espírita, dizia-me ele, e quando se defende o Espiritismo, frequentemente temos a impressão de que não falamos por nós mesmos, que somos um instrumento nas mãos dos Invisíveis e que são eles que nos fazem usar, no milésimo de segundo, a palavra exata que é preciso empregar para tocar um ou para convencer outro.”

A ação de Léon Denis não era muito fácil, era bem fatigante, considerando-se que a ela se juntava o exercício de sua profissão.

Desde fevereiro de 1927, conciliei o trabalho da livraria com minhas ocupações jornalísticas; durante os meses de agosto e setembro, passei, exclusivamente no interior, minha vida como representante comercial. Entretanto, nunca tivera uma noção exata dessa existência especial e, não obstante, eu era favorecido, porque viajava de automóvel.<sup>12</sup>

Nada é mais cansativo do que essa vida; é preciso, durante o dia, correr, de um lado para outro, achar diversos argumentos capazes de convencer o possível cliente. À noite, ainda se precisa ocupar em preparar a jornada do dia seguinte e fazer sua correspondência comercial; isso toma bastante tempo.

Naturalmente, aproveitava minha passagem pelas localidades para fazer a divulgação espírita; empregava, entre outros, um excelente meio, antes dos demais: colocar prospectos de propaganda no maior número possível de caixas de correspondência.

Não sei se Léon Denis usava esse sistema. Em todo caso, ele costumava fazer conferências em todos os lugares. Toma-se facilmente conhecimento do seu extenuante labor.

Além de seu trabalho material, devia fazer estudos pessoais, participar de reuniões experimentais, preparar suas conferências e escrever seus livros. São tarefas múltiplas e uma só já bastaria para ocupar a atividade de uma pessoa.

Apesar de sua delicada saúde, Léon Denis pôde fazer face às suas diversas obrigações. Vejo aí uma prova, juntada a tantas outras, de que aqueles que se dedicam sincera e completamente aos seus semelhantes recebem uma proteção das forças especiais.

Quando, de forma despreendida, nos consagramos por inteiro a uma causa que julgamos justa, recebemos forças psíquicas, podemos trabalhar quotidianamente sem cansaço ou quase, contentando-nos com algumas horas de sono.

Tal foi a existência de Léon Denis, que era impulsionado por dois estimulantes aos quais é impossível resistir: o Dever e a Verdade.

Desejando que suas palestras fossem tão eficazes quanto possível, Léon Denis compôs uma pequena brochura, que explicava nítida e simplesmente o que é o Espiritismo. Em setembro de 1885, ele publicava *O Porquê da Vida*, fino opúsculo que continha um inteligente resumo de suas idéias, que, de 1883 até sua morte, nosso mestre jamais cessou de defender ardorosamente.

## Os livros

No Congresso Espírita de 1889, quando acabava de ser nomeado Presidente da Comissão de Propaganda, Léon Denis falava a Henri Sausse de uma proposta para a edição popular de uma obra de Allan Kardec ou de outra que condensaria o Espiritismo.

Henri Sausse disse a Léon Denis: “Ora, você me parece o escolhido para fazer isso.” Denis não respondeu, mas a idéia prosseguiu seu caminho e, em 25 de dezembro de 1890, a poucos dias de seu natalício, o autor fazia aparecer *Depois da Morte*, obra que teve um grande sucesso de livraria. Os demais livros foram publicados numa lenta cadência.

Exercendo sua profissão de viajante comercial, continuando sua obra de propaganda, prosseguindo em suas conferências espíritas, Léon Denis escrevia obras que apareceram, umas em brochuras e outras em livros. Eis a lista, segundo a ordem cronológica dada por Paul Leymarie:

### **Livros**

Depois da Morte

No Invisível – Espiritismo e Mediunidade

Cristianismo e Espiritismo

O Problema do Ser e do Destino

O Grande Enigma – Deus e o Universo

Joana d’Arc, Médiun

O Mundo Invisível e a Guerra

O Gênio Céltico e o Mundo Invisível

### **Brochuras**

O Porquê da Vida

O Além e a Sobrevivência do Ser

O Espiritismo e o Clero Católico

Síntese Espiritualista

Espíritos e Médiuns

A essas obras convém juntar a novela espírita *Giovanna*, publicada em folhetim em *Le Spiritisme*, de janeiro a março de 1885.<sup>13</sup>

Sobre essa novela discorre Henri Sausse:<sup>14</sup>

“Léon Denis estampa, com a poesia e delicadeza de estilo que lhe são particulares, alguns episódios de um idílio, tão encantador quanto juvenil, que um cruel destino destroçou em seu desabrochar.

A morte de Giovanna, tragada pelo tifo, deixa seu noivo totalmente desamparado e destroça todos os seus projetos futuros. *É então que ele se dobra sobre si mesmo e acalma sua dor buscando consolar a dos outros.*”

Quando nos sentimos muito infelizes, convém tratar de nos esquecermos, pensar em todos os que sofrem mais, seja do ponto de vista moral, seja do ponto de vista físico, seja do ponto de vista material.

É preciso perguntarmos o que é possível fazer para tentar ajudar mesmo que a um só desses inúmeros seres que, sobre a nossa Terra, sofrem sem parar.

Isso permite tirar de si mesmo o segredo da felicidade que é a base humana da filosofia espírita: “esquecer seus próprios sofrimentos, tentando diminuir os dos outros”.

A obra literária de Léon Denis é sobretudo espírita, entretanto ele escreveu outras obras.

Não pude ainda encontrar uma sequer. Estão todas esgotadas. Qual é sua importância?

São livros? São brochuras? Não sei de nada.

Elas são intituladas, segundo Henri Sausse: *A Tunísia, O Progresso, A Ilha de Sardenha*, etc.<sup>15</sup>

Léon Denis tinha a intenção de preparar uma publicação, segundo seus recentes artigos na *Revista Espírita*; ele a teria provavelmente intitulado *O Espiritismo e o Socialismo*.

Além de todos esses volumes, se pudéssemos reunir todos os artigos que, nas revistas francesas, estrangeiras e nos jornais, foram escritos por Léon Denis, sobre assuntos espíritas ou assuntos sociais, chegaríamos, sem dúvida, a compor sete ou oito grossos volumes. Tudo isso demonstra qual era o poder de trabalho de Léon Denis.

Apesar das dificuldades de sua vida, de sua competência comercial, de suas obras literárias, de sua ação importante nas sociedades em que se ama, ao mesmo tempo, seu país e a humanidade, Léon Denis ficará sobretudo, para a História, como o defensor e o apóstolo do Espiritismo. A autoridade adquirida por esse homem lhe conferia uma potência moral considerável.

Desde o mês de maio de 1885, ele era vice-presidente da União Espírita Francesa, fundada em 24 de dezembro de 1882.

Ele foi membro honorário de múltiplas sociedades; assinalemos, notadamente, as Uniões Espíritas da Catalunha, do Brasil, a Federação Algeriana e Tunisiana dos Espiritualistas Modernos, por ele fundada, a Federação Espírita do Sudeste da França, etc.

Nos congressos, teve um lugar preponderante:

em 1889, em Paris, de 9 a 16 de setembro, foi ele presidente da Comissão de Propaganda;

também em Paris, em 1900; em Liège, 1910; em Genève, 1913;

em Paris, em 1925, foi presidente efetivo dos trabalhos.

Essas altas e delicadas funções não o impediam de apresentar até mesmo propostas importantes.

Fora de seu papel presidencial e sem fugir a seu dever, ele proferia discursos nos quais indicava sua confiança no futuro da humanidade através dos atos de elevação de cada dia, onde, enfim, a maioria dos homens comungará, se não for no Espiritismo, pelo menos no espiritualismo.

Denomino espiritualismo, por oposição ao materialismo, o conjunto de todas as religiões, as filosofias e diferentes escolas que acreditam firmemente na realidade de um ser superior, na existência de um princípio pensante dentro do corpo físico e na sobrevivência desse princípio pensante após a morte.

Estou entre os que fazem esforços constantes para chegar a reunir em federação todos os espiritualistas do mundo inteiro numa luta *sem quartel*<sup>16</sup> contra o materialismo, que é, verdadeiramente, no sentido real da palavra, a praga da humanidade.

Conheço espiritualistas que são seres humanos piores que certos materialistas, que sem se dar conta disso, deixam-se guiar por suas consciências, afirmando que nada existe além da matéria.

O despreendimento de Léon Denis era proverbial, no meio espírita.

No curso de minhas conferências espíritas,<sup>17</sup> alguns pensavam me embaraçar, dizendo-me: “Vocês lutam contra a mediunidade

assalariada, mas você mesmo, o que faz quando vende seus livros? Por que não os doa?”

Pude replicar, facilmente, que aí existe um trabalho real e que os editores são obrigados a pagar o papel e os impressores, porém tenho geralmente respondido, como poderia fazê-lo Léon Denis: “Nossos livros? Venham, pois, ver nossas contas e constatarão quanto pagamos ao editor para dá-los aos que não podem pagá-los.”

Da mesma forma que Léon Denis, acho que os espíritas não têm o direito de viver do Espiritismo.

A resignação de Léon Denis é igualmente proverbial. Em uma certa época de sua vida, tornou-se quase cego. Ele ainda podia se dirigir um pouco, mas lhe era impossível ler e escrever.

Nessa adversidade, nessa terrível provação, ele manteve toda sua calma, tornando-se o apóstolo do Espiritismo, continuando a trabalhar. Encontrou sempre os recursos que lhe permitiram continuar sua tarefa, embora não tivesse fortuna.

Teve, em seu derredor, os devotamentos necessários, secretárias que escreviam seus ditados, essas páginas admiráveis que já têm consolado tantas criaturas, permitindo a tantas mulheres e homens não sucumbirem à tentação do suicídio, quando diante deles tudo parecia definitivamente perdido.

A simplicidade de Léon Denis é inimaginável.

Minhas relações com ele datam do momento em que eu começava minha propaganda espírita. De início, foi uma troca de cartas. Depois, publiquei meu primeiro livrinho: *Só o Espiritismo pode renovar o mundo!*

No curso de minhas viagens, pude, por vezes, ir a Tours fazer-lhe visita. As horas passadas perto dele são para mim lembranças inesquecíveis.

Era um homem extraordinário; não queria que parecesse que tínhamos admiração por ele. Considerava o que tinha feito como coisa normal, bem natural. Conhecia muito bem não apenas tudo o que se referia ao Espiritismo, mas também todas as questões sociais.

Em 1920, antes de fundar a *Phalange* e de tentar pôr em prática, na vida pública, as idéias que decorrem do Espiritismo, eu pedi a Léon Denis sua opinião a propósito.

Em 1924, comuniquei-lhe o projeto de entrar na política; no curso de nossa conversa, senti que o grande apóstolo me compreendia e me aprovava. Isso foi para mim um grande reconforto moral.

Seus artigos na *Revista Espírita*, sobre o Socialismo, mostram que não é preciso, na época em que vivemos, acantonar-se no domínio da propaganda moral; é necessário também tentar a aplicação de nossos ensinamentos na vida social. É preciso tentar conciliar nossas idéias com a política, com a vida pública.

Assim, os que são chamados a dirigir as criaturas humanas possuirão a moralidade que decorre, obrigatoriamente, de nossa doutrina, isto para aqueles que a tenham compreendido; porque estarão protegidos de todas as tentações do poder e conseguirão salvar nosso país e a humanidade toda do caos em que esta atualmente se encontra mergulhada em consequência da onda de materialismo que desabou sobre os homens.

Léon Denis teve oportunidade de fazer múltiplas experiências espíritas que relata em seus livros e que teremos ocasião de estudar.<sup>18</sup>

Denis tinha uma excelente médium, a Sra. Forget, que era também sua secretária. Infelizmente, ela morreu antes de ter completado a tarefa que o mestre esperava obter por seu intermediário.

Aos 62 anos, Léon Denis aprendeu piano e o alfabeto braile.

Ele não temia a morte e falava dela com a naturalidade que caracterizava todos os espíritas, quando tratam dessas questões. Tratava-a com resignação e perfeita serenidade. Aliás, ele bem comprovou isso.

Pude conversar com alguém que assistia o mestre em seus últimos momentos; era coisa admirável vê-lo naquela situação e isso demonstrava qual era o real poder do Espiritismo.

Não basta fazer a propaganda, é preciso provar, por si mesmo, que se está com a verdade; é preciso saber aceitar dignamen-

te as provações que os militantes do Espiritismo também têm de suportar como as demais criaturas.

Denis, em toda a sua vida e à hora da morte, demonstrou um admirável exemplo.

Procedeu da mesma forma que um outro apóstolo do Espiritismo: Gabriel Delanne.

Não havia ninguém que não tivesse o coração partido, quando ia à Villa Montmorency, vendo o presidente da União Espírita Francesa se arrastar, dolorosamente, de um lugar para outro. Ele não podia fazer qualquer movimento, sem dar gemidos de dor; entretanto estava sempre calmo, sempre amável, sempre sorridente.

Quem não se lembra também de ter visto Léon Denis aceitar suas provações de todas as espécies, com a resignação ativa, que eu preconizo em minhas obras?

A Srta. Claire Baumard, secretária de Léon Denis, escrevia à Sra. Brissonneau, diretora dos *Annales du Spiritisme*:<sup>19</sup>

“O mestre morreu em 12 de abril, às nove da noite, com 81 anos, sem agonia, com magnífica serenidade, vitimado por uma congestão pulmonar. Todos os cuidados com os quais o cercamos foram vãos. Ele demonstrou uma doçura, uma paciência, uma bondade de que todos nos maravilhamos; ele pensava nos que o rodeavam, esquecendo-se dele mesmo.”<sup>20</sup>

O Sr. Forestier, Secretário-geral da União Espírita Francesa, escrevia também à Sra. Brissonneau:<sup>21</sup>

“A morte tão suave do mestre foi edificante. Minha emoção foi profunda, quando me ajoelhei perto do leito mortuário. Entretanto, logo depois eu me senti penetrado de uma força espiritual suave, que fez desaparecer minha tristeza. Vi, então, todo o encanto da paz que desprendia o venerável rosto. Uma bela serenidade se notava em suas feições tão conhecidas e tão amadas.

A partida radiosa da alma, a alegria que havia experimentado, imediatamente, às portas do Invisível, havia colocado uma beleza espiritual no rosto do augusto ancião.

Quinta-feira, dia 14, às 17 horas, assisti, com dois amigos íntimos do mestre, à colocação do corpo no caixão. Todos vimos, pela última vez, a forma terrestre do amado mestre que vai retornar à terra, na tarde de 16 de abril, às 15 horas.

Não choremos o mestre; ele não o deseja. Nossa tristeza não deve existir em nós, espíritas, porque o futuro tem necessidade de nossos esforços. Trabalhemos ainda com coragem, com alegria, como lembrança do grande desaparecido!”

Eu mesmo tive igual sensação que meu colega Forestier, quando fui aos despojos de meu amigo Gabriel Delanne.

Já fazia algum tempo que eu acompanhava as etapas da doença que, afinal, parecia querer dominar o corpo do presidente da União Espírita Francesa. Ele me falava de sua morte próxima com uma grande serenidade de alma.

Apesar da existência tão bem vivida de Léon Denis, apesar dos inapreciáveis serviços por ele prestados à humanidade, a grande imprensa não falou muito da morte de Léon Denis.<sup>22</sup>

Se ele tivesse morrido de forma escandalosa ou imoral, seu retrato teria figurado em todos os jornais e teriam apresentado o mau exemplo aos milhões de leitores dos jornais informativos. Todavia, tratava-se de um homem de bem e um grande silêncio foi mantido.

Entretanto, Léon Denis teve uma vida de bondade, de generosidade, que era conhecida.

*Le Matin*, no qual ele havia colaborado durante longo tempo, e os outros jornais não falaram de sua morte. Os grandes serviços prestados por Léon Denis à humanidade foram, naturalmente, louvados pelas revistas espíritas e espiritualistas do mundo inteiro.<sup>23</sup>

Entretanto, cinquenta e cinco dias após sua morte, o *Le Matin*<sup>24</sup> publicou, na primeira página, um excelente artigo, ilustrado com o retrato do autor, graças ao qual o povo pôde conhecer a desencarnação de uma alma de elite; esse elogio merece ser integralmente citado:

*O fim de um sábio*  
*LÉON DENIS*  
*Apóstolo do Espiritismo*

“Poucas notícias foram feitas em torno da morte de Léon Denis. Não se noticiou o bastante.

Podia-se jurar que a humanidade vacila em honrar os derradeiros sábios, que procuraram conciliar a Ciência e a fé, porque o gênero humano é, na superfície, céptico, mas no fundo, sempre crente, pois são muito poderosos o enigma, o atrativo e a angústia do mistério; como se a paz e o progresso pudessem reflorir sem o maravilhoso apoio do ideal.

É preciso reparar essa injustiça.

A vida inteira de Léon Denis foi devotada à sobrevivência. Mais do que ninguém, ele negou o aniquilamento total do ser pensante.

Sem dúvida, poeta e grande artista meditativo, sempre se esforçou para provar que não perdemos para sempre os seres que nos são caros e que suas invisíveis presenças se manifestam, ao mesmo tempo, ao nosso espírito, ao nosso coração e por nossos sentidos, contanto que não os esqueçamos.

Nele, a inspiração não excluía o espírito científico. Ele se encontrava com Sir William Barrett, que proclamava ser o Espiritismo o caminho seguro que conduz a todos os avanços do conhecimento humano.

Com uma doce obstinação – ainda que o psiquismo paranormal questionasse as escolas afastadas do Espiritismo, que acredita na sobrevivência da entidade humana, e do metapsiquismo, que não admite senão a interação das forças ainda mal definidas dos vivos – ele desenvolveu suas convicções nas obras que se impõem como incontestáveis e em que o filósofo o disputa com o sábio: *O Além e a Sobrevivência*, *O Problema do Ser e do Destino*, *O Grande Enigma*, *Depois da Morte*, *O Porquê da Vida*.

Até a idade de 81 anos, Léon Denis foi um comovente exemplo de fidelidade a seus princípios de inesgotável bondade; Denis se extingue, certo de progredir no Além, de colabo-

rar na evolução da humanidade com uma assiduidade ao mesmo tempo enérgica e ainda mais serena do que aquela encontrada no curso de sua longa existência de santo leigo.

E só podemos nos inclinar diante da memória desse sábio tão digno que dizia dos espíritas “tão ridicularizados e tão escarnecidos”: eles tiveram esse imenso mérito de despertar a atenção da humanidade pensante, não apenas sobre um conjunto de fatos que revelam a existência de todo um mundo invisível, vivo, agitando-se em nossa volta, mas também sobre as consequências filosóficas e morais decorrentes desses fatos.

Desses espíritas ele foi o chefe, depois de Allan Kardec, ao lado de Gabriel Delanne, de Camille Flammarion, de William Crookes e tantos outros sábios valorosos.

Tudo isso representa um meio para o conhecimento das leis eternas que regem a vida, a evolução, e asseguram o funcionamento da justiça no Universo.”

O autor desse artigo agiu bem, fazendo destacar a unidade da vida de Léon Denis.

Tal continuidade de propósitos existe, de resto, entre os divulgadores espíritas, desde o momento em que adquiriram nossas idéias.

Tomemos o exemplo de Gabriel Delanne: durante toda a sua existência, ele não modificou seus pensamentos, exceto em pequenos pontos. Também Camille Flammarion escreveu várias obras, nas quais encontramos sempre o enunciado de pensamentos idênticos.

Tal constatação tem sua importância; nisso vejo uma prova formal da sinceridade de um homem que, do começo de sua ação até ao final de sua carreira terrestre, não varia e defende sempre as mesmas idéias.

Segundo penso, os que assim agem possuem, tanto quanto possível neste mundo, uma das parcelas mais importantes da grande verdade, dessa grande verdade que não é somente a terrestre, que não é unicamente a humana, mas a verdade universal, isto é, a que rege todos os mundos.

Tenho a impressão bem nítida de que essa verdade é múltipla; uns e outros, mesmo os materialistas e também aqueles que semeiam o ódio e a inveja, possuem no corpo de suas doutrinas um clarão de verdade. A reunião de todas essas luzes forma a verdade que só poderemos conhecer integralmente quando tivermos atingido o objetivo final de nossa evolução.

O artigo consagrado pelo *Le Matin* à obra de Léon Denis marca um verdadeiro progresso, porque esse jornal não tem sido sempre favorável à defesa do Espiritismo. Essa consagração incentivou a realização do 3º Congresso Internacional de Pesquisas Psíquicas, realizado em Paris, de 26 de setembro a 20 de outubro de 1927.

Como luminosamente demonstrou André Ripert, Secretário-geral da Federação Espírita internacional, esse congresso foi marcante. Na Sorbonne, sábios reconheceram que os fenômenos chamados por eles de metapsíquicos, porém, desde muito, estudados pelos espíritas, têm uma existência real.

Tenhamos paciência e continuemos com perseverança nossa propaganda.

O Espiritismo faz seu caminho. Numerosos ainda são os que partilham de nossas convicções, mas não querem confessar que são espíritas; numerosos, igualmente, são os que admitem a coisa, sem aceitar a etiqueta espírita; não nos inquietemos com esses contingentes humanos e perseveremos em nossas atividades.

Não esqueçamos de que a semente espiritual que foi lançada aos quatro ventos, fazendo proselitismo, pode produzir seus frutos, às vezes, à nossa revelia.

Alexandre Delanne fazia, em novembro de 1884, essa judicious observação; seu pensamento vale para todos os tempos.<sup>25</sup>

## CAPÍTULO II

### O Porquê da Vida

Como eu dizia, narrando, rapidamente, a vida de Léon Denis,<sup>26</sup> essa brochura ele compôs com a intenção de apoiar sua obra de conferências e permitir a seus ouvintes conservar um resumo da Doutrina Espírita.

*O Porquê da Vida* teve um grande sucesso de livraria. O autor tinha mandado imprimir cinco mil exemplares em setembro de 1885; conforme carta que escreveu a Henri Sausse, quatro mil exemplares já estavam vendidos, em novembro do mesmo ano, e ele foi obrigado a tirar uma nova edição.

Hoje,<sup>27</sup> essa brochura deve atingir 160 edições, o que comprova quanto é grande o número dos que ele pôde ajudar a conhecer o Espiritismo e suas consolações.

Em *Le Spiritisme*, primeira quinzena de setembro de 1885, julgou-se assim *O Porquê da Vida*:

“Recebemos uma brochura de nosso amigo Léon Denis, de Tours, sob um curto título: *O Porquê da Vida*.

Desnecessário elogiar o estilo dessa obra; basta-nos dizer que ela é devida à pena de nosso colaborador e facilmente se descobrirá de quem se trata...

Ele desenvolve, com um talento superior, no restrito espaço de que dispõe, os esplêndidos horizontes que a nova filosofia nos abre. De início, coordena o dever e a liberdade; depois, apresenta os misteriosos problemas da existência. Daí, estabelece as duas formas da natureza: espírito e matéria.

Após ter analisado a harmonia do Universo, chega às vidas sucessivas, que têm por base a justiça e o progresso.

Afinal, faz entrever, numa apreciação sobre o incognoscível, qual é o objetivo supremo e comprova essas proposições com as experiências que o Espiritismo fornece sobre a imortalidade da alma.”

Eu possuo uma das edições de capa rosa; é a mais preciosa jóia de minha biblioteca; jamais consigo olhar essa fina brochura sem sentir uma sincera emoção e sem deixar de lembrar daquele de quem ela conserva, ainda, o pseudônimo de Claude Clodovitch: O Almirante d'A., graças a quem me tornei espírita.

*O Porquê da Vida* foi o primeiro livro sobre nossa Doutrina que consegui ler.

Durante muito tempo, frequentei um salão onde se tratava de Espiritismo, o da Sra. M., hoje desencarnada; mulher de um oficial superior e que, realmente, muito fez pela causa espírita, embora tenha sido, de certa forma, do número desses exaltados<sup>28</sup> que procuram principalmente os fenômenos, sem saber distinguir quando as manifestações são mistificadas.<sup>29</sup>

Conheci a Sra. M. durante uma palestra, seguida de *sauterie*,<sup>30</sup> no Parthénon. Um de meus amigos veio a mim e me disse:

– Você é jornalista; quer ter ocasião para uma pesquisa engraçada?

– Com prazer.

– Vê aquela senhora lá embaixo? Ela sabe conversar com os mortos!

– Com os mortos?! Não, você está pensando que sou imbecil?

– Não digo para você acreditar, meu caro! Vou apresentar você a ela, que gosta de convidar todo mundo. Faça um ar de que está um pouco interessado e, certamente, lá existirá, para você, assunto para crônicas curiosas.

Naquela época, tendo abandonado o Catolicismo, tornara-me ateu e materialista ao extremo. Proferia palestras, nas quais defendia essas desagradáveis idéias; e isto constitui um dos maiores arrependimentos de minha existência. Fiquei feliz por uma tal oportunidade e me fiz apresentar à Sra. M.

– Você sabe, disse-me logo, eu converso com os espíritos.

– Bem, minha senhora.

– Quer ver isso?

– Com prazer, senhora.

Durante alguns anos frequentei sua casa, cada tarde de quinta-feira. Vi muitos fenômenos ditos espíritas, mas os que os aceitam como tal são geralmente dignos de entrar para uma casa de alienados. Vi pessoas que imaginavam falar com seus mortos e vi mulheres que se diziam médiuns.

– Três homens me fazem a corte... Quem é que me pagará o mais belo casaco?

Vi homens que perguntavam qual era o valor da bolsa onde poderiam especular ou qual cavalo iria ganhar o Grande Prêmio!

Eu havia preparado, então, um romance que teria ridicularizado os que, de boa-fé, eu chamava de espíritas; estava convencido de que uma pessoa não podia se ocupar dessas coisas, a não ser que estivesse um pouco desequilibrada; outrossim, eu jamais abria um livro que tratasse de Espiritismo.

Em suma, eu fazia o que fazem nossos adversários e é por isso que lhes respondo com cortesia a seus ataques. Eu criticava uma coisa que pensava conhecer, mas que eu mal conhecia, pois frequentara um mau ambiente.

A guerra sobreveio. Reformado em tempo de paz por tuberculose contraída em serviço militar, tentara me inscrever como piloto, porque possuía diploma de aviador civil. Não o conseguindo, pude tornar-me útil organizando, na região de Persan Baumont, um serviço de concertos de automóveis e havia, naturalmente, perdido de vista a Sra. M. e seus frequentadores.

Minha mulher, tendo-a encontrado e tendo sido convidada a retornar às quintas-feiras às suas reuniões, aceitou o convite e quis me levar, mas recusei, energicamente. Meus documentos estavam em ordem para o meu serviço e meu livro podia ser escrito. Não havia, portanto, necessidade de retornar a esse meio.

Tinha sido mobilizado como enfermeiro militar em Paris. Minha mulher era católica praticante, possuía boas noções de teologia e meu ateísmo a desolava. Frequentemente, mantínhamos longas discussões a propósito, mas sempre se achava desarmada quando eu lhe perguntava como Deus pode ter criado o inferno.

Distraído-se muito em casa da Sra. M., lá ela ia, regularmente, e me contava as experiências a que assistira, sem lhes prestar muita atenção e sem admitir outras causas como a sugestão, a alucinação ou a fraude.

Certa feita, ela me falou que reencontrara em casa da Sra. M. o Almirante d'A, o qual eu conhecia bem, tendo-o como colega, participando de uma obra de beneficência.

Eu tinha por esse homem uma grande simpatia e havia constatado suas qualidades de calma, de moderação e de julgamento sereno.

Como poderia ele acreditar na realidade do Espiritismo? Tive com minha mulher uma longa e interessante conversa a respeito.

– Você deveria ir comigo, quinta-feira próxima, à casa da Sra. M. – disse-me ela. – O almirante lá estará e ficará muito contente em vê-lo e em poder adormecer um médium em sua presença. O sono do médium pareceu-me real. Existe algo de espantoso. Que diferença com o charlatanismo que vimos naquele salão! Além disso, a Sra. M. ficará contente em rever você.

Eu havia dito, francamente, à Sra. M. e a seus frequentadores o que pensava de suas práticas; apesar de minha franqueza, ela me pedia para retornar à sua casa. Eu não estava aborrecido por retornar e rever o almirante, perdido de vista desde o começo das hostilidades.

Não pude lembrar tudo isso sem uma real emoção; o instante em que tomei a decisão de reencontrar os frequentadores do salão da Sra. M. foi aquele em que comecei o caminho da felicidade.

Sem o saber, buscava uma existência feliz; até então, tinha estado muitas vezes desesperado, nada compreendendo dos motivos da vinda do homem à Terra.

Minha conversa com o almirante foi decisiva; pela primeira vez, tinha a ocasião de conhecer o que é, realmente, o Espiritismo, explicado por um homem competente; de aprender que sábios, inicialmente incrédulos, como, por exemplo, William Crookes, tinham sido obrigados a declarar, oficialmente, a realidade do “fenômeno”, após haverem investigado seriamente.

E, entretanto, minha incredulidade me obrigava a guardar uma atitude zombeteira.

– Meu caro amigo – disse-me o almirante – não negue assim. Não baseie seu julgamento no que você viu e ouviu aqui. Leia.

– Não quero ler toda essa literatura de loucura.

– Seu dever de homem é instruir-se. Quando você lê um romance policial, sabe estar lendo uma obra de imaginação. Pegue uma obra espírita e faça o mesmo; você não é obrigado a aceitar o autor em suas conclusões. Por exemplo, *Depois da Morte*, de Léon Denis, é atraente como um romance e a forma literária lhe agradará, estou certo. Se você quiser, faça de conta que é uma obra de pura invenção.

– Não estou disposto a desperdiçar meu tempo.

– Ao contrário, você não o desperdiçará.

Tirando de seu bolso uma pequena brochura rosa, o almirante me disse:

– Leia estas poucas páginas, é pouca coisa. Estude este pequeno fascículo: *O Porquê da Vida*. Faça-me esta promessa, eu lhe peço.

Isso se passava em 1915, pelo mês de fevereiro. Prometi e li. Pude assim compreender que existe algo de sério no Espiritismo.

Até então, não havia podido ter uma impressão assim.

Havia assistido a experiências de enganadores, aproveitadores da ingenuidade de uma mulher da sociedade para se servirem de seu salão; eu vira pretensos professores de hipnologia, quiromancia e ocultismo... Vira falsos médiuns que lançam urros: “Ai... um espírito me mordeu... um espírito me beliscou”. Era sempre numa parte do corpo onde não se podia verificar.

Faziam experiências em minha frente. O professor gritava:

– Atenção, vou adormecê-la... atenção... ela dorme... perguntem-lhe o que quiser... façam-lhe uma pergunta... ela vai responder...

A solução era sempre a mesma:

– Ela não lhes pode dizer tudo; vê muitas coisas, venham a meu consultório.

Naturalmente, a consulta em domicílio custava bastante caro. Como, diante de tais espetáculos, teria podido conhecer o Espiritismo e abandonar minha atitude contestadora?

Todavia, lendo *O Porquê da Vida*, tive que reformular meu julgamento e pude, em seguida, ter longas conversas com o Almirante d'A., ao qual consagrei um grande reconhecimento pelos preciosos conselhos que me deu e por apresentar-me, experimentalmente, o magnetismo.

Quando, finalmente, parti para a aviação militar, ele continuou a me guiar, escrevendo-me com frequência e me incentivando a ler obras de Allan Kardec.

Eu devia, sobretudo, conhecer a obra de Léon Denis, após meus ferimentos de guerra; permaneci durante muito tempo acamado e, em diferentes hospitais onde era tratado, tinha tempo de me aprofundar no estudo do Espiritismo.

Paul Leymarie me havia remetido, amavelmente, uns livros e a Sra. M. me enviou *Depois da Morte*, tendo podido, assim, pouco a pouco, aprender a me resignar, a suportar meus sofrimentos.

Devotei a Léon Denis uma profunda gratidão e tenho igualmente por Gabriel Delanne um grande reconhecimento.

Tendo estudado muito Matemática, e mesmo me preparado para a Escola Politécnica, pude encontrar nas obras desse técnico argumentos valiosos, porque ele emprega processos de demonstração precisos, abandonando na maior parte do tempo o envolvimento literário ou filosófico.

É por isso que Léon Denis e Gabriel Delanne se completam tão bem.

Se, sem se tomar partido e sem idéia preconcebida, lermos uma obra de Léon Denis e uma obra de Gabriel Delanne, chegaremos à realidade do Espiritismo.

Em *O Porquê da Vida*, já se percebe o objetivo pretendido por Léon Denis. Sente-se que, para ele, a propagação do Espiritismo foi a continuidade lógica da ação social que ele tinha pretendido na Loja dos Demófilos de Tours e na Liga do Ensino.

Desejava ele outra coisa a não ser proporcionar a felicidade para todos os seres humanos? Certamente não, e encontramos a prova disso no capítulo IX - *Resumo e Conclusão* da referida obra:

“O espetáculo das desigualdades sociais, os sofrimentos de uns em oposição às aparentes alegrias, às satisfações sensuais, à indiferença de outros, esse espetáculo lança no coração dos deserdados um ardente fogo de ódio, e a busca dos bens materiais se acentua. Que as massas profundas se organizem, se levantem, e o velho mundo pode ser abalado por terríveis convulsões.

A Ciência é impotente para conjurar o mal, para modelar os caracteres, para curar os ferimentos dos combatentes da vida.

Em verdade, só há, em nossa época, ciências especiais para certos aspectos da natureza, acumulando fatos, trazendo ao espírito humano uma soma de conhecimentos sobre o assunto que lhes é próprio.

É assim que as ciências físicas são prodigiosamente enriquecidas, há meio século, porém esses conhecimentos esparsos são falhos de conexão, de unidade, de harmonia.

A Ciência em especial, aquela que, da série dos fatos chegará à causa que os produz; aquela que deve religar, unir essas ciências diferentes numa grande e magnífica síntese, fazendo jorrar uma concepção geral da vida, fixar nossos destinos, deduzir uma lei moral, uma base para o melhoramento social, essa ciência universal, indispensável, ainda não existe.

Se as religiões agonizam, se a velha fé se amortece, se a Ciência é impotente para fornecer ao homem o ideal necessário a regular sua marcha, a melhorar as sociedades, será tudo uma desesperança?

Não, porque uma doutrina de paz, de fraternidade, de progresso se levanta nesse mundo perturbado e vem apaziguar os ódios selvagens, acalmar as paixões, ensinar a todos a solidariedade, o perdão, a bondade.

Ela oferece à Ciência essa síntese desejada, sem a qual seria para sempre estéril. Ela triunfa sobre a morte e, para além

desta vida de provações e males, abre para o espírito as radiossas perspectivas de um progresso sem limites na imortalidade.

Ela diz a todos: Venham a mim, eu os aliviarei, eu os consolarei; eu lhes tornarei a vida mais suave, a coragem e a paciência mais fáceis, as provações mais suportáveis. Iluminarei com um poderoso clarão seus caminhos obscuros e tortuosos. Aos que sofrem, dou esperança; aos que buscam, dou a luz e aos que duvidam e se desesperam, dou a certeza e a fé.

Ela diz a todos: Sejam fraternos, auxiliem-se, sustentem-se em sua caminhada coletiva.

Seu objetivo está além desta vida material e transitória. É nesse futuro espiritual que estarão unidos como membros de uma só família, ao abrigo dos sofrimentos e dos males sem conta.

Procurem, pois, tornar-se merecedores, com seus esforços e trabalho.

A humanidade se elevará, grande e forte, no dia em que essa doutrina, fonte infinita de consolações, seja compreendida e aceita.

Nesse dia, a inveja e o ódio se extinguirão do coração das crianças; o poderoso, sabendo que ele foi fraco, e que a isso pode reverter, que sua riqueza é apenas um depósito do Alto, tornar-se-á fraterno, mais amável para com seus irmãos necessitados.

A Ciência, completa, fecundada pela nova filosofia, expulsará as superstições e as trevas. Não haverá mais ateus nem incrédulos.

Uma fé simples, ampla, fraterna, se estenderá sobre as nações, fará cessar seus ressentimentos, suas rivalidades profundas.

A Terra, livre dos flagelos que a devastam, prosseguirá seu progresso moral e se elevará a um grau mais alto na escala dos mundos.

## CAPÍTULO III

### Depois da Morte

*Depois da Morte* é a primeira obra abrangente de Léon Denis. Como todas as outras, já foi traduzida em várias línguas.

No Congresso de 1889, Léon Denis foi nomeado Presidente da Comissão de Propaganda. Ele tomou como secretário, Henri Sausse; este lhe aconselhou fazer uma síntese do ensino espírita e um resumo da obra de Allan Kardec.

Léon Denis pensou no conselho e escreveu *Depois da Morte*, verdadeira obra-prima, tanto do ponto de vista literário puro como no que concerne à exposição de nossa Doutrina.

Publicada em 25 de dezembro de 1890, *Depois da Morte* foi bem acolhido pela crítica.

G. d'Hailly escreveu, na *Revue des Livres Nouveaux*:

“Entre as obras que li nesta semana, não encontrei uma com maior soma de condições morais que esta de Léon Denis: *Depois da Morte*.

Ainda não conhecia obra mais bem pensada, nem livro escrito em um estilo mais correto, mais elevado.

Talvez eu seja um pouco céptico em relação ao Espiritismo, embora haja razões que me inclinem a uma aceitação. Entretanto, não conheço doutrina mais consoladora, mais reconfortante, mais digna de respeito.

O belo livro de Léon Denis nos pretende dar a solução científica e racional dos problemas da vida e da morte, da natureza e do destino do ser humano e nos demonstra a existência e a razão das vidas sucessivas.

Li e reli seu livro, que encheu minha alma de alegria, e se as coisas são assim, só posso louvar a Providência Divina.”

Pode-se ler em *Le Temps*:

“Esse volume é realmente notável, possui todas as qualidades que lhe podem garantir o sucesso. Embora eminentemen-

te clássico, profundo e sério, suas páginas brilham com uma luz viva e são impregnadas de uma ardorosa eloquência.

Como seu título indica, trata do formidável problema do destino humano, dando uma solução para essa questão bastante controvertida durante todos os tempos: o porquê da vida.

Problema árduo, em verdade, porém tratado com um tal encanto de estilo e de evolução que, em todo o livro, não se encontra uma página sequer com uma leitura fatigante ou desprovida de interesse.”

Dando, em *Le Journal*, sua apreciação sobre esse livro, Alex Hepp se exprimia assim, em 26 de janeiro de 1899:

“Há um homem que escreveu o mais belo, o mais nobre e o mais precioso livro que jamais li. Seu nome é Léon Denis e seu livro intitula-se *Depois da Morte*.

Leiam-no e uma grande piedade, porém, libertadora e fecunda, virá bruscamente de nossas manifestações de tristezas, de nosso medo da morte e de nosso grande pesar por aqueles que supomos perdidos.”

Em *Depois da Morte*, o leitor encontra, notadamente, a história das religiões, o estudo dos grandes problemas o do mundo invisível, a maneira pela qual, segundo as comunicações, podemos ter uma idéia da vida no Além, o reto caminho, etc.

Desejando fazer um resumo do Espiritismo, o autor estudou como os homens conheceram nossa doutrina e quais podem ser suas consequências:<sup>31</sup>

“Dessas buscas, desses estudos, dessas descobertas se destacam uma concepção do mundo e da vida, um conhecimento das leis superiores, uma afirmação da justiça e da ordem universais, bem-feitas para despertar no coração do homem, com uma fé mais segura e mais esclarecida do futuro, um sentimento profundo de seus deveres, um interesse real por seus semelhantes, capazes de transformar a face das sociedades.”

Esse livro, escrito sem nenhuma pretensão pessoal de sucesso, é destinado aos que estão cansados de viver na cegueira, aos filhos e às filhas do povo.

O único objetivo de Léon Denis é prestar serviço aos humildes e aos infelizes. Ele se revolta que ainda se possa, atualmente, morrer de frio e de miséria; e prova que as bases de nossa doutrina são unicamente o testemunho dos sentidos e a experiência da razão.

Para comprovar a antiguidade do Espiritismo, que apresenta uma nova aparição de fenômenos existentes desde o começo da Terra, ele faz um resumo bem nítido, rápido, porém completo, da história das religiões.

As religiões são muitas, em nosso globo, nas suas formas e aparências, mas, quando se vai ao fundo das coisas, percebe-se que seu esoterismo, isto é, a parte reservada só aos iniciados, comporta uma doutrina única, superior e imutável, sempre a mesma em todas as latitudes.

Léon Denis consagra à morte muitas páginas, esparsas em sua obra.

Que é, realmente, a morte? Na introdução, o autor já propõe a questão:

“Esse problema interessa a todos, pois todos estamos sujeitos à lei.

Importa-nos saber se, nessa hora, tudo acabou, se a morte é apenas um calmo repouso no aniquilamento ou, ao contrário, a entrada em uma outra esfera de sensações...

A morte é o ponto de interrogação, incessantemente posto diante de nós, a primeira das questões à qual se ligam inúmeras questões, cujo exame faz a preocupação, o desespero das idades, a razão de ser de uma multidão de sistemas filosóficos.”

Muitos não querem ouvir falar da morte.

Pode-se viver sem preocupações, quando se tem a chance *aparente* de ser rico, mas isso não basta para impedir que a morte venha, no momento certo.

Dizendo: “Todas essas questões são macabras, não quero me ocupar dessas coisas”, podemos nos distanciar de uma segunda chegada da morte? Se a morte é uma coisa terrível, não é melhor, entretanto, conhecê-la?

Quando o estado de saúde de uma criança é bastante mau, para necessitar, na aparência, de uma intervenção cirúrgica, a responsabilidade dos pais é tanto mais séria quanto o pequeno venha a sofrer com esta decisão, sem poder opinar; antes de aceitarem a operação, o pai e a mãe se encontram diante desta questão angustiante: “Qual resultado vamos obter? Convém ou não operar?”

Com efeito, a morte pode ser comparada a uma operação, porém uma operação que será obrigatória, num momento desconhecido.

É, portanto, indispensável conhecer, antes, o que é o destino de todos os humanos; convém, pois, estar sempre preparado para enfrentá-la, quando aparecer.

Diz-nos Léon Denis:<sup>32</sup>

“A morte não é outra coisa que uma transformação necessária, uma renovação. Em realidade, nada morre. A morte é aparente. Somente a forma exterior muda; o princípio da vida, a alma, continua em sua unidade permanente, indestrutível. Ela se encontra no além-túmulo, ela e seu corpo fluídico, na plenitude de suas faculdades, com todas as aquisições; luzes, aspirações, virtudes, poderes de que se enriqueceu durante suas existências terrenas.

Eis os bens imperecíveis de que fala o Evangelho, quando diz: “Nem os vermes, nem a ferrugem os consumirão e nem os ladrões os roubarão.” São as únicas riquezas que podemos levar conosco, para utilizar na vida futura.

(...)

A morte é a grande reveladora. Nas horas de provações, quando escurece em nosso derredor, por vezes perguntamos: “Por que existo? Por que não permaneci na noite profunda, onde nada se sente, não se sofre, onde se dorme o sono eterno?”

E, nessas horas de dúvida, de agonia, de desânimo, uma voz subia até nós e dizia: Sofra para crescer e para resgatar! Saiba que o destino é grandioso.

Esta fria Terra não será o seu sepulcro. Os mundos que brilham no fundo dos céus são suas futuras moradas, a herança que Deus lhe reserva.

Você é, para sempre, cidadão do Universo, pertencendo aos séculos futuros como aos séculos passados e, no presente, prepara sua evolução. Suporte, pois, com calma os sofrimentos que você mesmo escolheu.

Semeie, na dor e nas lágrimas, o grão que brotará em suas próximas vidas; semeie também para os outros, como os outros semearam para você!

Espírito imortal, avance com passo firme para as alturas de onde o futuro lhe aparecerá sem véus.

A subida é rude e o suor inundará muitas vezes seu rosto, porém do alto verá despontar a grande luz, verá brilhar no horizonte o sol da verdade e da justiça!”

Os leitores da obra de Léon Denis conhecem, pois, exatamente, a morte; não mais temem as manifestações espontâneas dos fantasmas. Eles não se assemelharão ao herói de um conto de Guy de Maupassant, intitulado *Apparition*.<sup>33</sup>

Eis a análise:

Cinquenta e seis anos após uma aventura contada por ele a alguns amigos, o Marquês de la Tour Samuel tremia ainda com a idéia do que se produziu uma só vez no curso de sua vida. Ele guardou desse acontecimento uma lembrança do medo e, todavia, como oficial de carreira, teve muitas vezes de demonstrar sua bravura.

Na guarnição de Rouen, ele havia encontrado um amigo de juventude e ficou surpreso com sua aparência envelhecida: demonstrava em seu rosto traços indeléveis de grande sofrimento causado pela morte de sua esposa. Tendo encontrado nela a felicidade perfeita, tivera a tristeza de perdê-la subitamente, e não podia consolar-se. Jamais tivera a coragem de retornar a uma propriedade onde vivera com a esposa, nas cercanias de Rouen.

Encantado em reencontrar um velho colega em quem depositava plena confiança, o desesperado lhe disse:

– Não posso mais voltar àquele lugar, isso me faz sofrer. Você quer ir lá? Não é longe. Você irá ao meu quarto, abrirá a secretária – aqui tem a chave – e apanhará os papéis de que tenho necessidade. Para você é um passeio a cavalo, de apenas alguns quilômetros. Pode me prestar esse favor?

O marquês aceitou e se dirigiu à propriedade de seu amigo; quando lá chegou, o caseiro ficou espantado com a decisão do marquês de entrar na peça designada. O oficial não atribuiu importância à admiração do vigia da propriedade, mas a verdade é que, quando penetrou no quarto, que exalava o odor característico dos lugares abandonados pelos vivos, sentiu uma emoção incompreensível.

Estando sentado diante da secretária para dali apanhar os papéis pedidos por seu amigo, teve a sensação de que andavam atrás dele; voltou-se e viu uma mulher, um fantasma. Apesar de sua bravura, tremeu. Tinha a impressão de que essa morta ia lhe falar, tocá-lo, lhe pedir alguma coisa. Teve forças para apanhar rapidamente os documentos, depois se livrou desse lugar mal-assombrado.<sup>34</sup>

Para retornar a Rouen, galopou como um louco.

Diante do amigo, tomou consciência de si mesmo e tirou sua túnica de oficial, mas teve a surpresa de nela ver enrolados, em volta de um botão, alguns longos fios de cabelos.

Se o herói de Guy de Maupassant tivesse conhecido o Espiritismo, teria fugido? Não, pelo contrário, ele tentaria saber os motivos dessa manifestação e, sem dúvida alguma, teria podido prestar um bom serviço, porque o Espiritismo é maravilhoso. Não somente permite dar consolo aos vivos, mas ainda estende aos mortos benefícios numerosos.

No entanto, o Marquês de la Tour Samuel não conheceu nossa Doutrina. Assim, aos 82 anos, 56 anos após sua trágica aventura, apesar das provas dos cabelos enrolados num botão de seu uniforme, ele ainda considerava o fato como uma crise de loucu-

ra, um “segredo vergonhoso, uma lamentável fraqueza” que somente sua idade lhe permitia revelar a seus amigos.

Lendo *Depois da Morte*, aprendemos coisas bem importantes; citarei, por exemplo, o que é magnetismo, como podemos nos servir de seu fluido, quais os sábios e quais os grandes homens que aceitaram o Espiritismo; quais objeções são feitas e as respostas que permitem mostrar aos contraditores quanto eles estão errados.

Coisa interessante: todas as vezes que se trata de refutar objeções, Léon Denis emprega argumentos; jamais utiliza insultos.

Os franceses gostam de ler jornais que têm por objetivo fazer polêmica entre uns e outros. Quando se trata de choques de idéias, está certo; infelizmente, há com frequência choques de pessoas.

De minha parte, abandono sistematicamente todo artigo e toda obra nos quais alguém, para demonstrar a realidade de sua tese, insulta os que pensam diferente.

Quando se procura transmitir suas convicções aos outros, é bom ter à sua disposição argumentos, fatos e experiências, e não injúrias.

Em *Depois da Morte* a teoria da reencarnação só é esquematizada. Ela será estudada profundamente em outras obras, particularmente em *O Problema do Ser e do Destino*.

Lendo *Depois da Morte*, aprendemos igualmente como se pode adquirir vontade e dela se utilizar para sermos felizes neste mundo.

Léon Denis não receia atrair a atenção de seus leitores sobre os perigos do Espiritismo, que, de resto, podem parecer um pouco bizarros, mas existem. A esse respeito, lembro-me de uma pequena história:

Certa vez, na sala de Geografia, numa reunião da *Phalange*, veio a mim um homem, aparentando uns 40 anos. Em lágrimas, ele me diz:

– Ah, se o senhor soubesse que desgraça; meu filho morreu! Desde sua morte, temos em mãos uma pequena brochura que

trata de como fazer girar as mesas. Desde a morte de meu filho, minha mulher deseja estar certa de que ele não está verdadeiramente morto. Ela quis colocar as mãos sobre a mesa e conseguiu movimento, porém, depois pareceu louca. Não se pode deixá-la sozinha, porque quer se jogar pela janela, pois acha que escuta vozes que lhe ordenam se matar.

Eu vi, logo, de que se tratava: ou era auto-sugestão, ou um envolvimento, por obsessão de um mau espírito.

Pedi a esse homem para levar sua esposa à minha casa, sem preveni-la de que eu estava sabendo de seu estado. Isso me permitiu estudá-la à vontade. Pude diagnosticar bem claramente uma obsessão.

Esse homem tinha grande confiança em mim e me pediu para tentar curar sua esposa.<sup>35</sup>

Em três semanas consegui restituir àquela mulher toda a sua razão, e desembaraçá-la daquela obsessão.

Para obter esse resultado não usei gestos ou palavras rudes, porque é pela persuasão que se consegue esclarecer os espíritos obsessores sobre aquilo em que estão errados. É preciso também explicar aos obsidiados a necessidade de perdoar seus perseguidores invisíveis e pedir a proteção de seus guias. Este é um ponto bem delicado.

Os perigos da prática do Espiritismo são reais.

Leitores, se vocês tiverem a intenção de praticar em nossa doutrina, não se atrevam a fazer experiências sem terem antes estudado o Espiritismo.

Quando são discutidas essas questões, eu faço frequentemente uma comparação que me parece de natureza a bem impressionar a imaginação de meu interlocutor.

Primeiramente, levo-o a imaginar que ele teria obtido, em tempos passados, algumas vagas noções de Física e Química, esquecidas depois que as exigências da vida o afastaram dos estudos.

Em seguida eu o conduzo a ver comigo, pela imaginação, uma usina de explosivos. Essa usina é bem interessante e tam-

bém curiosa: mistura-se um pouco de pólvora, um pouco de outro produto, coloca-se isso num pequeno tubo e, quando há um choque, obtém-se a explosão destruidora.

Meu interlocutor está cativado; ele decide experimentar fazer o mesmo. Antes de entrar em casa, vai a um droguista.

Sua memória lhe permite lembrar-se que é preciso colocar um pouco de tal produto, um pouco mais daquele outro, porém ele não se lembra mais de todas as medidas e é precisamente isto o essencial. Que arrisca ele realizando a experiência?

Ou não produzirá o explosivo e terá perdido seu tempo, ou então conseguirá um explosivo perigoso que não saberá controlar, com o qual poderá provocar uma catástrofe, matar seus vizinhos, semear a ruína e o pânico em seu derredor.

Sem dúvida, seria difícil encontrar uma criatura bastante imprudente para querer fazer um explosivo sem ter antes estudado a fundo essa matéria, porque aí há um perigo bem aparente. Infelizmente não acontece o mesmo com o Espiritismo.

Quantas pessoas tenho encontrado que me dizem:

– Ah, você se ocupa com essas coisas! Eu também me divirto fazendo as mesas girarem.

Tais divertimentos são perigosos; por ser invisível e desconhecido da maioria, o perigo da experimentação psíquica realizada sem preocupações não é menos real.

Aos olhos de Léon Denis, essa questão dos perigos do Espiritismo é muito séria. Ele julgou necessário, em sua primeira obra, indicá-los muito claramente, consagrando um capítulo especial a esse problema.<sup>36</sup> Ele havia compreendido a necessidade absoluta de atrair a atenção de seus leitores sobre os perigos de uma experimentação irresponsável.

Assinalo, igualmente, um possível inconveniente: as pesquisas nesse domínio são atraentes, mas é preciso não se entregar sem reservas à experimentação. Não se deve abandonar a vida normal, material, para se consagrar unicamente a questões que não devem ser um meio de ganho.

Portanto, não convém experimentar antes de se estar suficientemente preparado para fazê-lo sem imprudência.

Quando se experimenta, deve-se guardar todo o senso crítico. Nunca se deve aceitar um fenômeno como uma emanção do além, sem ter tentado encontrar uma explicação humana.

Para se entregar seriamente a pesquisas espíritas e psíquicas, é indispensável experimentar com perseverança, tenacidade e regularidade.

Se se quer constituir um grupo, é preciso que ele se reúna em dia e hora certos, no mesmo local, sempre com o mesmo número de pessoas, não se permitindo estranhos em suas reuniões.

Tenho dado frequentemente o conselho de Allan Kardec para a criação do que ele chama de grupo familiar.

Meu excelente amigo Marty, colega da Comissão da União Espírita Francesa, também pensa assim e temos ambos obtido notáveis resultados.

Dedico uma particular importância ao capítulo da provação.<sup>37</sup> Constantemente ouço confidências de desesperados, aliás, são numerosas as pessoas acoçadas pelos males físicos, materiais ou morais.

Sempre aconselhei meus interlocutores e meus correspondentes a lerem ou relerem as páginas consagradas por Léon Denis a explicar por que sofremos neste mundo.

Muitas são, em meus arquivos, as cartas daqueles para os quais essa medicina moral foi eficaz.

Em 23 de outubro de 1927, eu realizava, na Sala de Geografia, na União Espiritual, uma conferência sobre a obra de Léon Denis e aconselhava meus ouvintes a adquirirem logo *Depois da Morte*, dizendo-lhes finalmente:

“Meus amigos, desejo que todos sejam bem felizes, para não terem nunca necessidade da consolação pregada pelo Espiritismo.

Alguns de vocês estão de luto. Eu gostaria de ter podido, no momento da cruel separação física, oferecer-lhes uma valiosa consolação em nossa doutrina.

Se, atualmente, estão felizes, talvez não o estejam numa outra ocasião.

Pensem com Léon Denis, logo não deixem de ler *Depois da Morte* e aproveitar essa preciosidade.

Uma dona de casa previdente tem sempre em sua dispensa algumas conservas que lhe permitam improvisar uma refeição, se alguns amigos aparecerem de surpresa. Uma mulher prevenida tem sempre em sua farmácia doméstica os medicamentos que possibilitem os primeiros socorros, em caso de acidente ou de doença.

Imitem essas pessoas prudentes e tenham sempre ao alcance da mão esse livro que contém todas as possibilidades de torná-los felizes.”

Dois dias depois, eu recebia uma nova comprovação do poder dessa obra:

“As livrarias, ontem à noite, estavam fechadas, escreveram-me, e só na manhã seguinte pude seguir seu conselho. Li e reli a página 174 e as seguintes.

É bem verdade! Quando uma profunda tristeza e um sofrimento bem vivo nos tenham dominado, essas linhas sublimes nos devolvem o gosto de viver.”

Dificuldades de toda sorte não me têm poupado. Por vezes, a luta parece tornar-se impossível, com tudo sombrio em meu derredor, e fico tentado em me deixar abater. Então releio o capítulo que Léon Denis consagrou às provações e tudo volta ao normal.

Em 1923, eu acabara de sofrer um choque moral espantoso que me permitiu constatar, por mim mesmo, a eficácia dos remédios que aconselho aos outros. As exigências do jornalismo me haviam obrigado a ir ao Havre e, aproveitando uma hora de folga, fui me isolar numa praia, tendo comigo *Depois da Morte* e também *Les Grands Initiés*, de meu eminente amigo Edouard Schuré, que eu não tinha ainda a alegria de conhecer pessoalmente.

Eu estava realmente deprimido e lamentava não ter o direito de me destruir, como pensava quando era materialista.

Abatido ao extremo, não podia afastar meu pensamento do assunto de minha profunda depressão, envolvia-me na desgraça, tudo era sombrio em minha volta. Pressentia todas as catástrofes e a vida me parecia para sempre terminada. Todavia o hábito de cultivar minha vontade me ajudou a ter a necessária energia para retomar contato com Léon Denis e Edouard Schuré.

Quando pude livrar-me de minhas preocupações, seguindo o pensamento do autor espírita, estava salvo.

Recobrei confiança, senti o auxílio de meus amigos invisíveis e me lembrei de que o único meio de ser realmente feliz é esquecer-se de si mesmo para trabalhar pela felicidade dos outros.

Léon Denis se alegra em repetir que todas as suas obras foram inspiradas pelos espíritos:<sup>38</sup>

“Uma única ambição nos anima: desejamos que, quando nosso corpo já gaste retornar à terra, nosso espírito imortal possa afirmar: minha passagem no mundo não foi estéril, se pude contribuir em pacificar uma única dor, em esclarecer uma única inteligência em busca da Verdade e em reconfortar uma alma cambaleante e triste.”

Quando traçava essas linhas, o defensor do Espiritismo teve a intuição da sua brilhante carreira de escritor?

Pouco importa se ele era bastante modesto para não se ocupar com essas contingências terrestres. Antes de tudo, ele queria o bem de seus leitores.

Seu desejo foi amplamente atendido e ele teve a imensa alegria, durante sua vida, de ter inúmeros testemunhos da feliz eficácia de suas obras.

Bem hábil seria o estatístico que conseguisse obter o número dos que, graças a *Depois da Morte*, puderam ser consolados.

O patriarca do Espiritismo retornou à espiritualidade e, durante sua longa trajetória, conheceu todas as provações, sem jamais se deixar abater.

Seus despojos, bem gastos por 81 anos de vida terrena, se decompueram, lentamente, no solo de Tours, porém seu espírito<sup>39</sup> plana nas altas esferas.

Denis deve continuar sua missão, pois, durante sua recente encarnação, se esmerou em provar que a morte é uma simples evolução e que continuamos nosso trabalho, qualquer que seja o lado em que nos encontremos.

Pouco tempo depois de sua morte, Léon Denis teria se manifestado em Rochefort-sur-Mer, no círculo Allan Kardec. Em *Annales du Spiritisme*,<sup>40</sup> o casal Luce, de Tours, amigos íntimos do mestre, e Claire Baumard, secretária, declararam, formalmente, ter reconhecido suas maneiras familiares, sua linguagem brilhante, impossível de imitar, mesmo que se decorassem certas passagens de suas obras.

Houve uma manifestação verdadeira? Nada sei, porém o casal Luce confirmou a sua autenticidade.

Conheço pessoalmente a Srta. Brasseaud, médium do Círculo Allan Kardec; em 1912, ela produziu a escrita direta em ardósia, sob minucioso controle.<sup>41</sup>

Se a comunicação de Léon Denis é autêntica, tanto melhor, porque é uma prova formal de que o grande apóstolo não estava enganado em suas afirmativas; se não se trata de uma manifestação de Léon Denis, fato bem possível, tanto pior, porém isso não impede que nos arquivos mundiais do Espiritismo se encontrem muitos exemplos bem controlados de manifestações de mortos, na hora prevista por eles em vida e nas condições que haviam indicado.

Para ser conciliatório em relação àqueles que não participam de nossas idéias, eu aceitaria, a rigor, admitir que os espíritas estão errados.

Quando vemos o exemplo de Léon Denis, de Gabriel Delanne e de tantos outros, quando constatamos o bem que eles fizeram à humanidade, às numerosas criaturas que consolaram, temos o direito de pensar: se eles se enganaram, tanto pior; mais vale esse erro que o de outros teóricos, cujo ensino produz a dúvida e gera o sofrimento.

Nossa doutrina ajuda aqueles que têm a oportunidade de conhecê-la e de aplicar os seus ensinamentos, a viver bem. Isso não é o mais importante?

## CAPÍTULO IV

### No Invisível

*No Invisível – Espiritismo e Mediunidade* apareceu em 1901 e foi reeditado em 1911. Esta segunda obra publicada por Léon Denis é um livro prático sobre o Espiritismo experimental. A capa traz, em subtítulo, indicações sobre as matérias estudadas. Com efeito, lemos:

**NO INVISÍVEL**  
**ESPIRITISMO E MEDIUNIDADE**  
*Tratado de espiritualismo experimental.*  
*Os fatos e as leis.*

— — —

Fenômenos espontâneos, tiptologia e psicografia.  
Os fantasmas dos vivos e os espíritos dos mortos.  
Incorporações e materializações dos mortos.  
A mediunidade através dos tempos.  
Formação e direção dos grupos.  
Métodos de experimentação.  
Identidade dos espíritos.

Essa enumeração dá uma idéia da importância da obra, muito bem acolhida pela crítica.

*Le Mercure de France* disse:

“Léon Denis é um homem de grande talento e de grande elevação de pensamento. Como orador, sabe atrair, reter e conquistar seus ouvintes, por sua palavra arrebatadora, pela sedução de suas belas imagens e de seus líricos vãos.

Como escritor, demonstra as mesmas qualidades, porém livres dos riscos que a improvisação deixa: o relaxamento, as imprecisões nas idéias e na sua expressão. São qualidades disciplinadas pela regra de uma lógica mais severa.

Seu último livro, *No Invisível*, é um tratado de espiritualismo experimental, porém, se é instrutivo como um tratado, é sobretudo atraente como um romance. E que romance mais

repleto de misteriosa ansiedade e de triunfal alegria como a história da alma humana!

Seria desmerecer o escritor mencionar apenas uma fria nomenclatura dos materiais de seu trabalho. Não é o arcabouço da obra que se deveria apresentar, é a própria obra, com sua substância, sua estrutura, sua medula, mas também com suas qualidades de encanto vigoroso e de um delicado colorido. São as combinações de idéias e de palavras. São as breves observações empregadas em fórmulas lapidares.”

*Le Mémorial de la Librairie Française* escreveu:

“Em menos de 500 páginas, de um formato cômodo, com texto claro, o leitor encontrará, numa forma e num estilo elegante e solidamente documentada, a solução de todos os problemas vinculados ao Espiritismo.

Temos 26 capítulos, cujo interesse é crescente, numa exposição atrativa das leis que regem o mundo oculto e a vida do Além. Após sua leitura, ficamos admirados de que, em tão curto espaço, possa conter tantas coisas.”

*L’Autorité* publicou o seguinte artigo:

“Os problemas do além atraem e apaixonam cada vez mais, em nossa época.

Para atender a essa curiosidade, Léon Denis acaba de publicar um livro sintético, numa forma clara, precisa e atraente, contendo o conjunto dos trabalhos realizados durante meio século do domínio do espiritualismo experimental, abrangendo os fatos mais recentes.

Aos testemunhos dos sábios, em favor das manifestações de além-túmulo, Léon Denis acrescenta a exposição de fenômenos numerosos e inéditos, que ele observou no curso de 30 anos de experimentação.

O lugar ocupado pelo autor entre os escritores de nosso tempo, sua competência, sua autoridade nessas matérias, que lhe valeram a honra de presidir o Congresso Espiritualista, realizado em Paris em 1900, dão a essa obra uma importância e um interesse excepcionais.

Ele possui, em alto grau, as qualidades de estilo e erudição que fizeram o sucesso das suas obras precedentes.”

Possuindo os livros de Léon Denis, temos constantemente em casa um amigo real, capaz de consolar, se estamos em sofrimento.

Lendo suas obras, temos uma impressão estranha; frequentemente senti isso em meus estudos favoritos: não é mais a mesma coisa. Tem-se a impressão de que tudo em nossa volta se apaga, se atenua e se usufrui dessa alegria maravilhosa e profunda de estar constantemente em comunhão de pensamentos com o autor, cujo principal desejo, ao escrever seus livros, foi prever que um dia qualquer seus leitores poderiam ter necessidade dos meios maravilhosos de consolação que ele tão bem soube apresentar.

*No Invisível* contém a demonstração da existência da alma, o estudo do magnetismo, a apresentação de diferentes fenômenos espíritas e de múltiplas provas da realidade do Espiritismo. Dentre muitas, citarei uma:<sup>42</sup>

“Em 13 de janeiro de 1899, doze pessoas estavam reunidas em casa do Sr. David, na Place des Corps-Saints nº 9, em Avignon, para uma reunião espírita semanal.

Após um instante de recolhimento, viu-se a médium, Sra. Gallas, em estado de transe, voltar-se para o lado do Abade Grimaud e lhe falar, na linguagem dos sinais empregados por certos surdos-mudos. Sua rapidez mímica era tal que o espírito foi solicitado a se comunicar mais devagar, ao que ele imediatamente atendeu.

Por uma precaução que consideramos importante, o Abade Grimaud só enunciava as letras à medida que a transmissão era feita pela médium.

Como cada letra isolada nada significava, era impossível interpretar o pensamento do espírito, mesmo que se quisesse. Somente no final da comunicação é que foi conhecida a mensagem, tendo sido feita a leitura por um dos dois membros do grupo, encarregados de transcrever os caracteres.

Além disso, a médium empregou um duplo método: aquele que enuncia todas as letras de uma palavra para lhe indicar a

ortografia, única forma sensível para os olhos, e aquele que enuncia a articulação sem lhe dar a forma gráfica, método este inventado por Fourcade e que está em uso na instituição dos surdos-mudos de Avignon. Esses detalhes foram fornecidos pelo Abade Grimaud, diretor e fundador do estabelecimento.

A comunicação relativa à obra de alta filantropia, à qual se dedicou o Abade Grimaud, estava assinada: Irmão Fourcade, morto em Caen.

Nenhum dos assistentes, com exceção do venerando eclesiástico, conhecera o autor dessa comunicação e nem seu método, se bem que o autor passara algum tempo em Avignon, havia 30 anos.

Assinaram a ata os membros do grupo que assistiram à reunião: Toursier, diretor do Banco da França, aposentado; Roussel, chefe de música no 58º; Damenach, lugar-tenente no 58º; David, negociante; Brémond, Carmel, senhoras Toursier, Roussel, David e Brémond.

Juntamente à declaração verbal, acrescentou-se o seguinte atestado:

“Eu, abaixo-assinado, Grimaud, padre, diretor-fundador da Instituição dos Deficientes da Palavra, surdos-mudos, gagos e crianças anormais de Avignon, certifico a absoluta exatidão de tudo o que é acima referido.

Em verdade, afirmo que estava longe de associar-me a uma semelhante manifestação, cuja importância compreendo, do ponto de vista da realidade do Espiritismo, do qual sou adepto fervoroso.

Não sinto nenhuma dificuldade em afirmá-lo, publicamente.

Avignon, 17 de abril de 1899.

*Grimaud, padre.*”

Segundo essa declaração, os que estão suficientemente habituados com as experiências poderiam imaginar: “Não existe aí um fato espírita, mas uma leitura do pensamento feita pela

médium.” De minha parte, lendo isso, recordo-me de minhas experiências pessoais.

Muitas vezes consegui, por exemplo, colocar um dos médiuns num canto da sala e mandá-lo apanhar um cigarro numa caixa e, até, coisa mais difícil, escolher numa cigarreira, que tinha várias marcas de cigarro, a que eu designara.

Isso era possível porque o médium e eu falávamos a mesma língua. Todavia, no caso do Abade Grimaud não acontecia o mesmo. Este não podia agir pelo pensamento sobre o médium, que ele não conhecia.

*No Invisível* contém, igualmente, a exposição das múltiplas objeções feitas ao Espiritismo e das respostas que devem ser dadas.

Entre as questões importantes tratadas nesse livro, há a do perispírito. Segundo os espíritos, o homem se compõe de três elementos: o corpo, o espírito (ou alma), que anima o corpo físico, e o perispírito (ou corpo psíquico).

Que a alma esteja ligada ao corpo pelo perispírito eis o que é para se admirar; isso é bastante difícil de compreender por aqueles que jamais estudaram nossa ciência.

Em 3 de novembro de 1927, tive ocasião de ir ao Havre fazer uma conferência com debates sobre a existência da alma dos vivos e sobre a realidade das manifestações dos mortos.

Recebi alguns dias depois uma interessante carta, da qual alguns textos se referiam ao corpo psíquico.

“Assisti – escreveram-me – à sua conferência no Havre.

Eu conhecia do Espiritismo só o que se pode saber quando não o estudamos com método.

Minha convicção está solidamente certa de que os fenômenos estudados pelas ciências psíquicas são reais e não podem mais ser negados, atualmente, a não ser por ignorância ou prevenção. Entretanto, gostaria de ter a mesma certeza a respeito de sua explicação.

Se a psicometria, a fotografia do pensamento, a vista à distância, as materializações são argumentos poderosos em fa-

vor do espiritualismo, conclui-se, necessariamente, que após a morte o ser conserva sua personalidade?

Não creio na extinção do pensamento, apenas no aniquilamento da matéria. Não compreendo, porém, como o pensamento de Paulo possa permanecer uma vez desaparecido o seu corpo. Não é o corpo que limita o pensamento e o individualiza?

Se, como dizem os protestantes nos sepultamentos, “o pó retorna ao pó e o espírito ao espírito”, não é para que este se confunda e se perca no espírito universal?

Os espíritas falam bastante da sobrevivência do corpo astral, mas este, segundo suas teorias, não acaba também, por se consumir e desaparecer?”

Respondendo, aconselhei-o a ler as páginas 50 e seguintes de *No Invisível*, onde Léon Denis expressa seu pensamento sobre o perispírito:<sup>43</sup>

“Em todo homem vive um espírito.

Por *espírito* se entende a alma revestida de seu invólucro fluídico, que tem a forma do corpo físico e participa da imortalidade da alma, da qual é inseparável.

Da essência da alma sabemos só uma coisa: é que, sendo indivisível, é imperecível. A alma se revela por seus pensamentos e também por seus atos, mas para que ela possa agir e concretizar o que pensa, necessita de um intermediário semi-material sem o qual sua ação nos pareceria incompreensível. Esse intermediário é o perispírito, nome dado a seu invólucro fluídico, invisível, imponderável. É preciso buscar em sua ação o segredo dos fenômenos espíritas.

O corpo fluídico que cada homem possui em si é o transmissor de nossas impressões, de nossas sensações, de nossas lembranças.

Anterior à vida atual, sobrevivente à morte, é o instrumento admirável de que a alma se constrói, se realiza através dos tempos; é o resultado de seu longo passado.

Nele se conservam os instintos, se acumulam as forças, se agrupam as aquisições de nossas múltiplas existências, os frutos de nossa lenta e penosa evolução.

A substância do perispírito é extremamente sutil; é matéria em seu estado mais quintessenciado; é mais rarefeita que o éter; suas vibrações, seus movimentos, ultrapassam em rapidez e em penetração as substâncias mais ativas. Daí a facilidade dos espíritos em atravessar os corpos opacos, os obstáculos materiais, e em vencer as grandes distâncias com a rapidez do pensamento.”

Em *No Invisível*, Léon Denis consagra algumas páginas à mediunidade e à formação dos grupos espíritas.<sup>44</sup>

Estudemos, pois, com ele, como se tornar experimentador, as condições para formação dos grupos e o que é ser médium.

## **O experimentador**

As principais qualidades necessárias para ser experimentador são múltiplas. Se precisássemos reunir todas elas, não haveria, sem dúvida, um único ser humano capaz de fazer experimentações espíritas.

Graças à sua atividade e sua incansável propaganda, Léon Denis merecia os encorajamentos do além; entretanto, ele deveria experimentar, por muito tempo, e ter provas pessoais nesse campo.

Após ter lido *O Livro dos Espíritos*, em 1864, fundou, na Rua du Cygne, em Tours, um Grupo Espírita e procurou fazer experiências; teve sucessos em algumas, mas teve de perseverar, durante pelo menos 10 anos, para obter provas concretas, absolutas.

Essa tenacidade lhe dá o direito de guiar seus leitores, de aconselhá-los e lhes afirmar que um experimentador deve ter paciência, perseverança, método e discernimento; deve, igualmente, manter seu espírito crítico; enfim, é preciso bem grande elevação de pensamento e de coração.

Léon Denis consagra a esses dois pontos um valor todo particular.

Antes de experimentar, é preciso saber que o além não possui somente forças superiores; há, também, do outro lado, como na humanidade, seres ainda não evoluídos, que permanecem em estado primitivo.

Eles também têm necessidade de se manifestar aos vivos, para poderem evoluir, aproveitando os benefícios do Espiritismo.

É preciso, pois, segundo penso, quando se trata de Espiritismo, estar também preparado para entrar em comunicação com os espíritos inferiores desencarnados. Todavia, é indispensável conhecer os graves perigos aos quais se expõe com tal procedimento.

Por conseguinte, só devem cuidar desse gênero de experiências os que, por seus estudos, adquiriram do magnetismo e do Espiritismo um conhecimento profundo que permita, no caso, se desembaraçar das forças inferiores.

Convém, outrossim, nesse procedimento, estar animado ao extremo de sentimentos de solidariedade e de bondade.

## **A formação dos grupos**

Que é preciso para se constituir Grupos de Estudos Espíritas?

Antes de tudo, o dirigente das reuniões deve ser, de fato, competente; quanto aos assistentes, devem observar uma disciplina rigorosa, é preciso método, paciência, perseverança, regularidade e um bom caráter.

Uma grande simpatia deve envolver as pessoas do grupo <sup>45</sup> que têm o dever de não se deixarem levar pelo interesse.

Os assistentes manterão constantemente seu senso crítico e o exercerão sempre, a fim de poderem julgar o valor das manifestações. É indispensável ter uma grande elevação de pensamento. Certamente que todas essas qualidades são difíceis de ser obtidas, mas, quando possuídas, garantem bons resultados.

## O médium

Léon Denis indica as condições necessárias para se tornar um bom médium.

Todos os seres humanos têm mediunidade, em estado latente.

“Há, em todo ser humano – afirma Denis <sup>46</sup> –, rudimentos de mediunidade, faculdades em gérmen, que podem desenvolver-se pelo exercício.

Para a maior parte é necessário um longo e perseverante trabalho. Em alguns, essas faculdades aparecem desde a infância e atingem, sem esforços, com o tempo, um alto grau de perfeição.

Nesse caso, elas são o resultado de aquisições anteriores, o fruto de trabalhos conseguidos na Terra ou no Espaço, fruto que trazemos quando renascemos.”

É um erro crer que somente as mulheres podem ser médiuns. Homens e mulheres têm, em potencial, mediunidade, como observou Allan Kardec.

Antes de procurar desenvolver essa mediunidade, é preciso aceitar os conselhos de um espírita sério; convém fazer, antes, os necessários estudos.

Jamais se deve considerar a imposição das mãos sobre um *guéridon* (mesa) como um divertimento, uma distração.

Aconteceu-me, muitas vezes, achar-me num meio onde ainda não se ocupavam de psiquismo nem de Espiritismo e, por vezes, me diziam:

“Ah, você é espírita! Eu também fiz um pouco dessas coisas; divertia-me com uns amigos fazendo as mesas girarem.”

Cada vez que ouvi tais declarações, tremi, em pensar nos perigos corridos por meu interlocutor.

Se o Espiritismo contém em si mesmo maravilhosos recursos de felicidade, encerra, igualmente, graves perigos; é uma arma de dois gumes que convém saber manejar, quando se quiser tratar de pesquisas experimentais e quando se deseja desenvolver a mediunidade.

Antes de tudo, é preciso estudar as obras espíritas.

Os médiuns podem escapar dos graves perigos que os ameaçam? Léon Denis apresenta-nos o meio:<sup>47</sup>

“A mediunidade é uma flor delicada que tem necessidade, para se expandir, de atentas precauções e de cuidados permanentes. É preciso haver método, paciência, altas aspirações e nobres sentimentos. Sobretudo, é preciso a proteção e a solícitude do bom espírito que nos envolve com seu amor e seus fluidos vivificantes.

Quase sempre, porém, queremos produzir frutos apressadamente, e então ela se estiola, murcha sob o sopro dos espíritos atrasados.

Na antiguidade, os jovens que revelassem aptidões especiais eram retirados do mundo e colocados fora de qualquer influência degradante, em lugares sagrados ao culto, cercados de tudo quanto pudesse elevar seus pensamentos e seus corações, desenvolvendo neles o senso do belo.

Eram assim as virgens-vestais, as druidesas, as sibilas, etc. Era o mesmo nas escolas dos profetas e videntes da Judéia, colocados longe do barulho das cidades.

No silêncio do deserto, na paz dos cumes, os iniciados sabiam atrair as influências superiores e interrogar o Invisível. Graças a essa educação, chegava-se a resultados que nos surpreendem.

Tais procedimentos são inaplicáveis, atualmente. As exigências sociais não permitem hoje em dia, ao médium, consagrar-se, como conviria, ao cultivo de suas faculdades.

Sua atenção é desviada pelas mil necessidades da vida familiar e suas aspirações entravadas pelo contato com uma sociedade mais ou menos frívola e corrompida.

Muitas vezes, ele é chamado para exercer suas aptidões em meios impregnados de fluidos impuros, de vibrações desarmonicas, que reagem sobre seu organismo tão impressionável, causando-lhe perturbação e desordem.

É preciso que o médium, compenetrado da utilidade e da grandeza de seu papel, se aplique a acrescentar seus conhe-

cimentos e busque espiritualizar-se o mais possível; que ele crie horas de recolhimento e que tente, então, pela visão interior, elevar-se até às coisas divinas, até à beleza eterna e perfeita.

Quanto mais a inteligência, o saber e a moralidade se desenvolverem nele, mais se tornará apto a servir de intermediário às grandes almas do Espaço.”

Léon Denis trata, igualmente, essa questão em outras obras. Citarei, por exemplo, o que escreveu em *O Grande Enigma*:<sup>48</sup>

“Os médiuns podem prevenir-se dos perigos da mediunidade, preparando-se para suas funções como para um ministério sagrado, pela invocação, recolhimento e oração.

O iniciado nos mistérios antigos tinha um ritual; só se entregava à invocação depois de estar preparado pela abstinência e meditação no recolhimento. A lei não mudou: quem quiser comunicar-se com o Além se expõe a reais inconvenientes.”

Como todas as obras de Léon Denis, *No Invisível* contém inúmeras passagens onde o leitor pode aprender o meio de suportar os percalços da mediunidade.

Citarei, por exemplo, o que ele escreveu à página 150:<sup>49</sup>

“Essa fraternidade que os messias proclamaram em todas as grandes épocas da história encontra no ensino dos espíritos uma base nova e uma sanção.

Não é mais a fria e banal afirmação inscrita no frontispício de nossos monumentos; é a fraternidade viva das almas que, juntas, emergem das obscuridades do abismo e gravam o calvário das existências dolorosas; é a iniciação comum pelo sofrimento; é a reunião final na luz.

Com o Espiritismo, coração e razão, tudo participa. O círculo de afeições se amplia. Nós nos sentimos mais bem sustentados nas provações, porque os que nos amavam durante a vida nos amam ainda no além-túmulo e nos ajudam a carregar o fardo das misérias terrenas.

Estamos separados apenas aparentemente. Em realidade, os humanos e os invisíveis caminham muitas vezes lado a lado, nas alegrias e nas lágrimas, nos sucessos e nos fracassos.

O amor de nossos bem-amados nos envolve, nos conforta, nos aquece. Os terrores da morte cessaram de pesar sobre nós.”

## CAPÍTULO V

### O Além e a Sobrevivência do Ser

*O Além e a Sobrevivência do Ser* é uma excelente brochura de propaganda, publicada em 1901, após a obra *No Invisível*. Nela, Léon Denis faz uma busca minuciosa das provas experimentais. Nessa obra encontram-se as razões pelas quais Denis se consagrou ao Espiritismo. Afirma ele:<sup>50</sup>

“Consideramos um dever difundir por toda parte o conhecimento desses fatos, porque eles lançam uma nova luz, uma luz poderosa sobre nossa verdadeira natureza e sobre nosso futuro.

É preciso, enfim, que o homem aprenda a se conhecer melhor, a tomar consciência das energias que nele dormitam.

Adaptando-se à lei suprema, deve trabalhar com coragem e perseverança para crescer, engrandecer-se em dignidade, conhecimento, sabedoria e moralidade, porquanto aí reside todo o seu destino.”

Nesse livro há coisas bem interessantes; ele é muito condensado, muito resumido, mas basta, segundo creio, para conduzir os leitores que ignorem as questões espíritas, dando-lhes noções de que, verdadeiramente, o Espiritismo é uma realidade científica.

Nele se encontram, notadamente, algumas provas de aparições de vivos e de mortos, materializações, casas mal-assombradas. Toda a história das correspondências cruzadas, da escrita mediúnica e da escrita direta figura nessa brochura, que também apresenta uma resposta bem resumida para as diversas objeções opostas ao Espiritismo.

Léon Denis nos indicará, em suas diferentes obras, como o Espiritismo é consolador; lendo-as, percebe-se que não há uma sequer onde não se encontre como sério motivo este pensamento: o Espiritismo é o reconforto dos seres humanos.

A esse propósito, escreve ele, ao concluir a obra:<sup>51</sup>

“A vós, que percorreis estas páginas, direi, em conclusão: nos momentos difíceis de vossa vida, na hora das provações, quando perdeis um ser amado, ou se vossas esperanças afaçadas por muito tempo terminam desmoronadas; quando vossa saúde declina; quando vossa vida acaba lentamente e que vedes aproximar-se a hora final, aquela em que é preciso deixar a Terra; se, nesses momentos, a incerteza ou a angústia vos constrange o coração, então lembrai-vos da voz que hoje vos diz: Sim, existe um Além! Sim, há outras vidas! Nada se perde de nossos sofrimentos, de nossas lutas, de nossas lágrimas.

Nenhuma prova é inútil; nenhum labor é desperdiçado e nenhuma dor sem compensação.

Tende confiança em vós mesmos, confiança nas forças interiores ocultas em vós, confiança no futuro sem fim que vos está reservado.

Tende a certeza de que há no universo um Poder soberano e paternal, que tudo dispôs com ordem, justiça, sabedoria e amor.

Isso vos inspirará mais segurança na vida, mais coragem nas provações, maior fé em vossos destinos. E marchareis com passo firme na rota infinita que se abre diante de vós.”

Leitores incrédulos, e também os que embora não conhecendo ainda o Espiritismo adquiriram meu livro por curiosidade, leiam essa brochura, nela encontrarão as provas reais da sobrevivência. Dentre outras, citarei uma:<sup>52</sup>

“Em seu livro *A Sobrevivência Humana*, sir Oliver Lodge refere-se, nesses termos, a um fato que não pode ser explicado por nenhuma das teorias usadas pelos adversários do Espiritismo:

“O seguinte texto foi obtido por Stainton Moses, quando estava numa sessão, na biblioteca do Dr. Speer, e conversava, por meio de sua mão que escrevia automaticamente, com diversos supostos interlocutores:

*Stainton Moses* – Você pode ler?

*Resposta* – Não, amigo, não posso, mas Zacharie Gray e Rector podem.

*S.M.* – Há algum desses espíritos aqui?

*R.* – Vou logo chamar um deles. Vou mandar... Rector está aqui.

*S.M.* – Perguntei se você pode ler. É verdade? Pode ler um livro?

*R.* (A escrita muda) – Sim, amigo, mas com dificuldade.

*S.M.* – Quer me escrever a última linha do “primeiro livro de *Eneida*”?

*R.* – Espere... *Omnibus errantem terris et fluctibus oestas.*  
(Era isso mesmo.)

*S.M.* – Está bem, mas é possível que eu já soubesse a frase. Você pode ir à biblioteca e ler o último parágrafo da página 94? Eu não sei qual é o livro e até ignoro o título.

Após um curto lapso de tempo, obteve-se o seguinte, pela escrita automática:

“Provarei, por uma curta narrativa histórica, que o Papado é uma novidade que, gradualmente, se elevou e cresceu, após os tempos primitivos do Cristianismo puro, não apenas após a idade apostólica, porém até após a lamentável união da Igreja e do Estado por Constantino.”

O volume em questão era uma obra bizarra com o título *Roger’s Antipopriestian, an Attempt to Liberate and Purify Christianity from Popery, Politikirkality and Priestrule*. O extrato apresentado era exato, exceto a palavra *narrative*, substituída por *account*.

*S.M.* – Como se explica que eu tenha escolhido uma frase tão bem apropriada?

*R.* – Não sei, meu amigo, é o efeito de uma coincidência. A palavra foi trocada por engano. Percebi só depois, mas não quis corrigir.

*S.M.* – Como você lê? Você escreve mais lentamente, por ímpeto, por sacudidelas.

R. – “Escrevia aquilo de que me lembrava e, em seguida, ia ler mais longe. É preciso fazer um esforço especial para ler. Isso só tem valor para comprovação.

“Seu amigo tinha razão, ontem à noite; nós podemos ler, mas somente quando as condições são muito boas.

“Nós vamos ler ainda uma vez, escreveremos e em seguida daremos a impressão do livro: *Pope é o último grande escritor dessa escola poética, da poesia inteligente, ou melhor, da inteligência mesclada à imaginação.*

“Isso está realmente escrito. Vá apanhar o 11º volume na mesma prateleira.

(Apanhei um livro intitulado: *Poésie, Roman et Rhétorique.*)

“Ele vai abrir para você na página pedida. Apanhe e leia, e reconheça nosso poder e a permissão que Deus, grande e bom, nos dá para lhe mostrar nosso poder sobre a matéria. Glória a ele. Amém.”

O livro, aberto na página 145, mostrou que a citação estava perfeitamente certa. Eu nunca havia visto o volume anteriormente; é certo que não tinha qualquer idéia acerca do que ele continha.

*Stainton Moses.*

Esses volumes se encontravam na biblioteca do Dr. Speer.”

No apêndice de *O Além e a Sobrevivência do Ser* figura um estudo sobre a reencarnação; Léon Denis indica a seus leitores o que acreditava ter sido no curso de suas existências anteriores.

De minha parte, tenho estudado muito a reencarnação.<sup>53</sup> Não obstante meus numerosos ensaios de introspecção, não me recordo de nada e jamais logrei encontrar médium que me possa falar sobre minhas existências passadas. Não levo em consideração as revelações fantasiosas do seguinte gênero:

Em 1925, eu era candidato ao conselho Municipal de Paris. Entre o primeiro turno e o escrutínio da segunda votação, recebi uma carta de uma desconhecida, declarando desejar fazer revelações urgentes sobre minhas existências anteriores; muito ocupa-

do na ocasião, como acontece sempre no momento de um escrutínio de segunda votação, não compareci a esse convite.

Talvez evitasse assim os raios do Invisível, como já havia acontecido, me recusando a acreditar num médium que me levava, da parte de Deus, o remédio capaz de curar meus ferimentos de guerra!

Após as eleições, atendi ao apelo de minha correspondente.

– Estou encarregada – disse-me ela – de lembrar-lhe que já foi Etienne Marcel, o célebre chefe da municipalidade de Paris.

Se eu tivesse sido candidato a deputado no lugar de concorrer ao Conselho Municipal, essa médium me teria declarado que outrora eu animara o corpo do primeiro deputado de Paris. Não levei a sério essa comunicação e me limitei a classificar isso como um caso divertido: os grotescos do Espiritismo.

Quando eu preparava meu ensaio sobre as vidas sucessivas,<sup>54</sup> eu havia perguntado a Léon Denis se ele podia me dar algumas informações inéditas sobre suas existências anteriores; segundo sua resposta, ele escreveu em suas obras tudo o que era possível; o resto era muito íntimo para ser levado à publicidade.

Ele tem, a esse propósito, dado algumas explicações em *O Além e a Sobrevivência do Ser*:

“Pelo que me concerne pessoalmente – escreveu ele –, pude recolher algumas provas de minhas vidas anteriores.

Elas consistem em revelações que me foram feitas em lugares diferentes, por meio de médiuns que não se conheciam e que nunca tiveram qualquer relacionamento entre si.

Essas revelações são concordantes e idênticas. Além disso, pude verificar sua exatidão pela introspecção, isto é, por um estudo analítico e atento de meu caráter e de minha natureza psíquica.

Esse exame me fez encontrar, muito acentuados em mim, os dois principais tipos de homem que vivi, no decorrer dos tempos e que dominam todo o meu passado: o monge estudioso e o guerreiro.

Poderia acrescentar inúmeras impressões e sensações que me permitem reconhecer, nesta vida, seres já encontrados anteriormente.”

## CAPÍTULO VI

### Cristianismo e Espiritismo

A maioria dos que noticiaram o falecimento de Léon Denis consideraram a sua morte como uma real desgraça e uma grande perda para a humanidade.

Entretanto, houve nessa concordância de elogios uma nota discordante; ela veio, evidentemente dos católicos, que, injustamente, nos tratam como adversários e inimigos.

Eu não conhecia pessoalmente o Rev. Padre Lucien Roure, porém ele me deu a honra de aceitar discutir publicamente comigo, na Sala de Geografia, em 1924, por intermédio do Rev. Padre Jubaru.

O Rev. Padre Lucien Roure julgou necessário consagrar, em *Les Études*, um estudo de dez páginas à obra de Léon Denis.

O nº 13 dessa revista católica contém uma crônica intitulada “Um Espírita Doutrinário”; é uma crítica profundamente injusta à obra de nosso mestre. Esse artigo foi, aliás, contestado por Gaston Luce.<sup>55</sup> Todavia, é necessário, num estudo do conjunto da ação de Léon Denis, mostrar a maneira como o Rev. Padre Lucien Roure tentou lançar o descrédito sobre toda a obra do patriarca do Espiritismo.

O Rev. Padre Roure reconhece que o proselitismo intenso de Léon Denis era desprendido e é, creio, o único elogio que ele conferirá a esse homem de bem. Após essa constatação, ele declara que há duas categorias de espíritas: os doutrinários e os experimentadores.

Num próximo capítulo, estudaremos os resultados das numerosas experiências pessoais de Léon Denis. A se acreditar no Rev. Padre Roure, Léon Denis não era experimentador; ele acrescenta mesmo esta frase: “Denis faz pouco caso dos experimentadores.”

Como os católicos, tanto em seus dogmas como em seus escritos, se contradizem em algumas páginas,<sup>56</sup> o padre jesuíta

escreve que Léon Denis “participou de inúmeras experiências durante mais de 30 anos, em França e no estrangeiro”.

O Rev. Padre Roure fala, igualmente, da maneira como Léon Denis julgava os médiuns. Ora, nós sabemos, pelas obras estudadas nos capítulos anteriores, que Léon Denis não se constringe em pôr seus leitores prevenidos contra certos charlatães, que se intitulam médiuns; a esse respeito ele é claro e bem preciso.

Eis, entretanto, o que o padre jesuíta nos diz a propósito: “Léon Denis se mostra pouco aborrecido por essas exhibições estranhas, encontradas nos círculos espíritas mais distintos; e não ousa condená-las.”

Como Léon Denis não ousa condenar os charlatães? É preciso nunca ter lido seus livros para aceitar uma tamanha afirmação.

Léon Denis não apenas põe o público em guarda contra os falsos médiuns, mas ainda consagra numerosas páginas descrevendo os perigos da mediunidade.

O Rev. Padre Lucien Roure acha que há nas obras de Léon Denis coisas profundamente errôneas. Ele indica assim as crenças de nosso mestre:

“Crença numa alma espiritual, cuja espiritualidade parece muito com uma matéria volatilizada.

Crença numa alma que preexistiu ao corpo que ela anima presentemente, sem que se possa saber se ela sempre existiu; uma alma que lhe sobreviverá para reencarnar, sem que se possa saber o que será sua reunião final com o Grande Todo.”

Isso corresponderia a dizer que nós retornamos todos ao nada, ao Grande Todo; pelo contrário, segundo o Espiritismo exposto por Léon Denis, e ao qual me filio, as almas são encaminhadas a corpos diferentes, sucessivamente, antes de alcançar a suprema felicidade, como resultado de seus esforços pessoais. Tal fim será atingido por todos, sem exceção, em maior ou menor tempo.

Não basta ao Rev. Padre Lucien Roure atacar Léon Denis; ele ataca, igualmente, o grande espiritualista Edouard Schuré. Segundo ele, a obra de Léon Denis é uma compilação de *Les Grands Initiés*.

Ora, Edouard Schuré se identifica muito mais com a Teosofia do que com o Espiritismo; jamais encontrei em suas obras declarações que me permitissem classificá-lo como espírita. Minhas múltiplas conversações com ele o revelaram, antes de tudo, espiritualista e nunca discípulo de Allan Kardec.

O Rev. Padre Roure, numa revista lida principalmente pelos católicos, faz prova de uma grande audácia, porque, sem dúvida, ele está habituado a ser acreditado sob palavra por seus leitores.

Eu o desafio a se apresentar diante de um público de espíritas e dizer que Léon Denis compôs os elementos de sua obra compilando *Les Grands Initiés*.

O Rev. Padre Roure se utiliza, habilmente, de erros materiais que escorregaram na edição das obras de Léon Denis; ora, um autor não poderia ser responsável por esses enganos materiais.

Na página 76 de seu artigo, o religioso escreve:

“Em apoio a todas essas afirmações há tantas referências vagas, tantos textos deturpados ou interpretados conforme a exegese mais fantasiosa.

Seriam necessárias páginas para levantar as afirmativas gratuitas ou erros dos comentários.”

E para demonstrar que Léon Denis se utiliza de *referências vagas*, ele publica a seguinte nota:

“Em *No Invisível*, 1922 (pág. 383), Nota), remete ao “Maravilhoso Espírita”, do Cônego Roure, Librairie Catholique, Rua de l’Abbaye, 14. Podemos afirmar que o Padre Roure não tem a honra de ser Cônego, que ele nada publicou na estimada livraria da Rua de l’Abbaye. É um livro cuja leitura não exigiu grande esforço a Léon Denis.”

Antes de tentar se aproveitar de um erro material, para deixar supor que Léon Denis citava, como referências, livros inexistentes, o Padre Roure não deveria ter acrescentado que *O Maravilhoso Espírita* realmente apareceu, não na livraria da Rua de l’Abbaye, mas na Beauchesne, Rua de Rennes, 17.

Eu possuo esse livro em minha biblioteca e escrevi a respeito as seguintes linhas:

“Esse livro é um panfleto contra o Espiritismo; está repleto de erros apresentados habilmente e que podem influenciar leitores que se contentam em crer no que está impresso, sem procurar conferir a fonte. Outrossim, numerosas pessoas desejosas de se iniciarem no Espiritismo jamais tiveram a ocasião de ouvir falar dele.

Quantos, dentre eles, foram habilmente enganados pela vitrine das livrarias, num volume bem apresentável, com letras vermelhas muito visíveis, com este título enganoso: *O Maravilhoso Espírita*.

Eis aqui, não obstante, a reprodução da capa:

LUCIEN ROURE  
Redator de Estudos

— — —

**O MARAVILHOSO ESPÍRITA**

4<sup>a</sup> EDIÇÃO

— — —

PARIS  
Gabriel Beauchesne  
1919

“Poucas pessoas sabem que *Les Études* é o título de uma revista católica; que o livreiro-editor Beauchesne tem uma tal clientela de padres, que é quase impossível ir até lá sem se encontrar ao menos um ocupado em comprar livros. E como Lucien soube muito bem dissimular sua qualificação (ele é jesuíta), como o profano não compraria esse livro?”

Os leitores de Léon Denis se darão conta do pretendido erro do Rev. Padre Roure; ele acusa Léon Denis de citar *O Maravilhoso Espírita*, sem haver lido a obra.<sup>57</sup>

Por que ele fala somente de *No Invisível*? Por que, por exemplo, não indicar que em *O Mundo Invisível e a Guerra*,<sup>58</sup> Léon Denis consagra duas páginas ao livro do Rev. Padre, insistindo

em chamá-lo de cônego? O que não significa que ele não conheça a obra e seu autor.

Tenho insistido muito nesse pequeno detalhe, porque ele mostra bem a maneira pela qual os católicos desnaturam os fatos para tentar concluir favoravelmente à sua tese.

Essa constatação da tática habitual de nossos adversários católicos é necessária ao início de um estudo rápido de *Cristianismo e Espiritismo*. Se os espíritas têm por dever primordial ser tolerantes, isso não lhes tira o direito de se defender energeticamente contra todos os ataques.

Continuemos, pois, a comentar o artigo “Um Espírita Doutrinário”.

Sabe-se, estudando o Espiritismo, que se faz também psiquismo; por outros termos, não somos levados apenas a estudar o que existe após a morte, porque, no curso de nossas experiências, acontece também entrarmos em relações com os fantasmas dos vivos e adquirirmos assim a prova experimental da existência da alma.

Em *No Invisível*, Léon Denis assinala várias manifestações da alma dos vivos. Cita especialmente uma, que está relatada no artigo do Padre Lucien Roure. Eu o reproduzo, igualmente:<sup>59</sup>

“Durante três anos, o espírito de um vivo pôde se manifestar, pela incorporação, no grupo que dirigíamos, em Tours, sem que alguém se lembrasse de o diferenciar dos espíritos dos mortos, que intervinham habitualmente em nossas reuniões.

Ele nos fornecia, entretanto, sobre sua identidade, os detalhes mais precisos. Dizia chamar-se B., tinha sido sacristão da aldeia de D., no Sarthe. Sua palavra arrastada, seu gesto pesado e fatigado, sua atitude enfraquecida contrastavam com a maneira de ser do médium e dos outros espíritos familiares. Nós o reconhecíamos desde as primeiras palavras pronunciadas.

Ele nos narrava, com minudências, os menores incidentes de sua vida, as advertências de seu Cura por causa de sua preguiça e de sua embriaguez, do mau estado da igreja e do

material confiado a seus cuidados e até de suas buscas infrutíferas no Espaço, para encontrar a confirmação do que lhe havia sido ensinado.

Tudo nele, seus propósitos, suas lembranças, suas tristezas, nos confirmava na firme opinião que tínhamos tratado de um homem falecido.

Qual não foi nossa surpresa, quando um membro do nosso grupo, tendo ido àquela região e tendo sido encarregado de proceder a uma investigação, descobriu que B. ainda estava vivo, nesse mundo. Tudo o que nos havia dito antes era verdadeiro.

Nosso colega pôde vê-lo e conversar com ele. Já estando velho e dominado cada vez mais pela preguiça e pela bebida, havia desistido de suas funções.

Todas as noites se deitava cedo e adormecia num pesado sono, podendo assim se manifestar, se transportar até nós nos dias das reuniões e incorporar, num de nossos médiuns a quem o ligavam os elos de afinidade, cuja causa nos ficou desconhecida.”

Pouco conhecedor das manifestações psíquicas e espíritas, o Rev. Padre Roure acha que isso é uma história estranha.

“Pareceria – escrevia ele – que o espírito de um vivo, que goza do privilégio raro de poder exteriorizar-se e de se transportar à distância, deve ser de uma ordem superior.”

Tais comentários demonstram que o autor de *O Maravilhoso Espírita* conhece mal a questão; ele ignora que os experimentadores têm, muitas vezes, a possibilidade de permitir aos manifestantes reconhecerem seus erros, de tomarem a resolução de se corrigir de seus defeitos. Quando se estuda a história dos diferentes ataques dirigidos contra o Espiritismo, se é obrigado a constatar qual é o poder da nossa ciência.

Léon Denis escreveu em *O Além e a Sobrevivência do Ser*:

“Tudo quanto se tentou contra ele (o Espiritismo), se esboçou. As pesquisas científicas e os procedimentos tendenciosos lhe foram favoráveis.”

Eis aí uma constatação exata, verificada pelos fatos. O padre Roure, a respeito, escreve:

“Mas, o que se fez dos fracassos catastróficos que, depois de 1921, nas pesquisas científicas, arrasam os ases da mediunidade, Kathleen Coligher, Ejner Nielsen, Franck Kluski e, por último, Eva Carrière, na Sorbonne, em 1922? Consultem as últimas edições dos livros de Léon Denis, *No Invisível*, de 1922, e *Depois da Morte*, de 1923. Não há a menor alusão a esses incidentes que tiveram, entretanto, alguma repercussão no mundo espírita e fora dele.

É a tática seguida, desde o começo; qualquer constatação que vá contra o dogma espírita não é considerada.

É admitido, em nossos dias, pelos espíritas que o ectoplasma existe; é uma substância de manifestação do perispírito, o qual acompanha o espírito no outro mundo. Três ou quatro personagens são investidos do privilégio de terem feito a comprovação. Demonstrareis experimental e cientificamente que se trata de charlatães vulgares e eles continuarão a ser citados triunfalmente.”

De início, não existe dogma espírita.<sup>60</sup> Ademais, ao reeditar suas obras, em 1922 e 1923, Léon Denis não ia ocupar-se com as experiências da Sorbonne. Menos que qualquer outro, o Rev. Padre Roure deve ignorar que os espíritas não são absolutamente atingidos pelos *procès-verbaux*<sup>61</sup> da Sorbonne, porque, em 27 de janeiro de 1924,<sup>62</sup> durante minha conferência pública e contraditória com seu delegado Rev. padre Jubaru, insisti nos erros que estão nas páginas 133 a 162 de seu livro *Le Spiritisme d'Aujourd'hui et d'Hier*, relativamente à Srta. Coligher, Kluski e Eva Carrière.

Os espíritas não temem falar dos desafios feitos pelo jornal *Le Matin* ou das referências da Sorbonne; basta abrir as revistas espíritas.<sup>63</sup>

Por várias vezes tratei dessas questões, contraditoriamente, no decorrer de conferências públicas.

Por que o Padre Roure não menciona o livro de Juliette Bisson, *Le Médiumnisme à la Sorbonne*, publicado por Félix Alcan?

Creio necessário reparar essa omissão, citando algumas linhas da introdução:

“Estou decidida – escreve a autora – a me explicar quanto ao assunto da Sorbonne, bem como sobre os erros acumulados em certos jornais contra Eva Carrière, para que a verdade seja conhecida.

Os professores que assinaram o relatório têm, individualmente, um valor incontestável, mas não estão cientes das modernas pesquisas. Ademais, não obstante sua boa vontade, não podem evitar de prejudicar os fatos com a prevenção de espírito.

É perigoso concluir, após 15 reuniões realizadas, em más condições e após ter recusado proceder a novas sessões apesar dos meus pedidos reiterados.”

Por que o Padre Roure não fala da célebre referência das 34 personalidades que, em 1923, afirmaram, clara e categoricamente, a existência de certos fenômenos psíquicos, entre outros os de movimentação de objetos sem contato? <sup>64</sup>

Vamos, meu padre, quando se quer fazer um processo, é preciso, para se realizar um julgamento, apresentar todas as peças do processo.

O público, diante do qual o Espiritismo se defende, tem o direito de estudar todos os documentos contrários.

Como escrevia Gabriel Delanne, em junho de 1923, após a publicação do artigo do *Le Matin*:

“Eis 34 personalidades bem qualificadas que têm controlado fatos que três sábios da Sorbonne não foram capazes de descobrir. Isso prova, com evidência, a necessidade de só fazer experiências espíritas sob a direção de pessoas que tenham prática nessas delicadas pesquisas.

Mais um pouco de paciência e a verdade que está em marcha esclarecerá os olhos do mundo inteiro.”

Isso confirma o que Allan Kardec escrevia em 1860:<sup>65</sup>

“As idéias espíritas estão em progresso. Depois de algum tempo, com efeito, elas ganharam muito terreno; dir-se-ia que estão no ar e certamente não será pela propaganda da imprensa, pequena ou grande, que serão bem aceitas.

Se elas avançam, apesar e contra tudo, não obstante a má vontade que encontram em certas regiões, é que elas possuem bastante vitalidade para se bastarem.

Quem se dá ao trabalho de aprofundar a questão do Espiritismo aí encontra uma alegria bem grande, a solução de tantos problemas, para os quais se pediam em vão explicações às teorias vulgares.

O futuro desfila diante dele de forma tão clara, tão precisa e tão lógica, que ele diz que, efetivamente, é impossível que as coisas não se passem assim e que é espantoso que não o tenham compreendido bem mais cedo; que é aí que um sentimento íntimo lhe dizia dever estar.

A ciência espírita, desenvolvida, só faz uma coisa: formular, tirar da confusão idéias já existentes em seu foro interior. Desde agora, o futuro tem para ele um objetivo claro, preciso, nitidamente definido. Ele não marcha ao léu, porque enxerga seu caminho.”

Para responder a tudo isso, eu não poderia fazer melhor que reproduzir a conclusão de um artigo de Gaston Luce:<sup>66</sup>

“O Sr. Lucien Roure assegura que Léon Denis nada acrescentou à doutrina de seus predecessores. Isso jamais, ao que se saiba, foi pretendido.

Que desejais se acrescentar ao Espiritismo? Ele é a fonte de todas as religiões e tão antiga quanto elas.

Rejuvenescê-lo, adaptá-lo à mentalidade moderna, sobretudo colocá-lo ao alcance dos humildes, eis o que o apóstolo espírita pretendeu até seus derradeiros dias de sua longa vida.

Allan Kardec tinha motivado a inteligência dos pesquisadores. Léon Denis soube tocar o coração das multidões. Esse foi seu mérito, que é imenso. Nada mais o mestre pretendia!

Quando Lucien Roure escreve que a religião espírita proposta por Léon Denis é a doutrina da burguesia voltariana de 1850, renovada pela Liga do Ensino, ele se engana ou se perde pela paixão.

A burguesia voltariana? Analisai como Clément Vautel trata o Espiritismo e seu melhor servidor. A Liga do Ensino? Será que nunca se lembraram de que Léon Denis foi um de seus mais fervorosos pioneiros?

Assim, Lucien Roure ataca violentamente o herético, sem levar em conta que os impulsos levam ao equívoco.

Outrossim, seríamos mal recebidos em protestar quando ele conclui, de maneira categórica, que não é Léon Denis quem vai dar credibilidade ao Espiritismo, devemos sorrir, meus irmãos, deixando-o em sua doce ilusão... e releiamos o mestre.”

Em realidade, Léon Denis foi um adversário encarniçado do Catolicismo? Para poder responder a essa pergunta é preciso evitar fazer confusão entre o Cristianismo e o Catolicismo.

Estudando a obra *Cristianismo e Espiritismo*, constataremos a diferença que o mestre fazia entre o Catolicismo de hoje e o que existiu durante o primeiro século da Era Cristã.

Além de *Cristianismo e Espiritismo*, Léon Denis escreveu uma brochura – *O Espiritismo e as Contradições do clero Católico*.<sup>67</sup>

Há, igualmente, dois pequenos livros – difíceis de serem encontrados atualmente –, *Le Spiritisme et ses Détracteurs Catholiques* e *Le Spiritisme et ses Détracteurs*.

Uma é a resposta de um “velho espírita de Lyon”, a outra é uma réplica de um “velho espírita” ao arcebispo de Nancy. Disseram-me que o “velho espírita” era Léon Denis. Infelizmente, não pude conseguir a data dessas brochuras.

Léon Denis é imparcial ao estudar questões do Cristianismo, do Catolicismo e do Espiritismo; eis o que, por exemplo, ele disse, na conclusão da segunda parte da brochura *O Espiritismo e as Contradições do Clero Católico*:

“Ao término deste trabalho, lanço um olhar panorâmico sobre a obra da Igreja Católica Romana e resumo meu pensamento nesses termos: malgrado suas manchas e suas sombras, é grande e bela a história da Igreja, com seu longo séquito de santos, de doutores e de mártires.

Ela foi, nos tempos bárbaros, o asilo do pensamento e das artes e, durante séculos, a educadora do mundo. Ainda hoje, suas instituições de beneficência cobrem a Terra.

Por consequência, não é como um homem que quer lançar anátema contra o Catolicismo que Léon Denis se inclina sobre esse importante problema. Nessa mesma brochura, ele nos mostra como considera as religiões:<sup>68</sup>

“Não se precisaria deduzir dessas críticas que somos um inimigo das religiões. Ao contrário, pretendemos ser seu amigo sincero e clarividente. Reconhecemos, espontaneamente, que a religião é necessária à ordem social. Ela pode e deve introduzir na vida individual e coletiva elementos de disciplina, manter o salutar papel de freio, barrando as almas sobre o declive do vício e do crime.”

Infelizmente, há nas religiões, conforme os climas e a mentalidade dos povos, tantas coisas diferentes, que jamais, parece, poderão chegar a uma aproximação.

Foi isto, talvez, que inspirou Lucien Besnard na peça, representada em Porte Saint-Martin, sob o título: *A l’Ombre du Harem*.<sup>69</sup>

Nessa peça, Lucien Besnard estuda, precisamente, a diferença de concepção da mulher e do amor entre os europeus e os orientais.

Após ter sido educado na França, um homem foi nomeado Emir num lugar do Oriente, que não é mencionado para a peça ficar com um caráter de neutralidade absoluta.

Esse Emir fez cursos na Sorbonne e estudou em Saint-Cyr. De volta a seu país, foi derrotado pela França, que, em compensação, lhe deu um palácio, um séquito e um importante harém. Por ódio contra nosso país, nunca mais saiu de seu palácio.

No momento em que a ação começa, era residente francês um antigo oficial, Monfort, que se consagra aos negócios que pudessem realizar no país. Ele se aproveitou de um aparente passeio num país das vizinhanças, onde devia fazer prospecções, para ir, em realidade, ao próprio palácio do Emir e tornar-se amante da irmã dele.

O Emir soube, mas a Sra. Monfort ignora tudo. O Emir, deixando seu palácio, de onde jamais saíra, vem visitar os Monfort e, com uma crueldade feroz, comunica ao homem que sabe de tudo e que se vingará em seu filho, um menino de oito anos, tão adorado da Sra. Monfort, que seu marido, invejoso desse amor maternal, não vacila em fazer constantes censuras à sua mulher.

Na noite seguinte, o garoto é sequestrado e uma carta do Emir indica que ele só retornará se Sra. Monfort vier passar uma noite em seu palácio. A mãe não hesita e vai ao palácio.

O Emir é seduzido pela beleza do sentimento maternal dessa mulher e, sob condição formal de que o que houver entre eles fique em segredo, ele a respeita, porém exige que o Sr. Monfort acredite na culpabilidade de sua esposa, afirmando que se ela não o confirmar o menino será morto.

A infeliz aceitou o acordo, o Sr. Monfort é levado ao palácio e sofre a humilhação de constatar que sua esposa pertenceu a um outro. Isso o faz sofrer atrozmente, embora ele ame, à moda ocidental, isto é, arrogando-se o direito de enganar à sua maneira.

A Sra. Monfort retorna à França com seu filho e uma ação de divórcio é intentada pelo marido, mas como a legislação francesa, se a mãe é culpada, não lhe dá a guarda do filho, o Emir vem depor no processo e indicar que, na verdade, não houve relações entre essa europeia e ele.

Houve, talvez, da parte da Sra. Monfort e da parte do Emir um sentimento de afeição mais profundo do que ela imaginava.

Segundo o autor, o Emir se tornou muito apaixonado por essa mulher, que se impôs por sua beleza moral e, no momento em que lhe permite partir de seu palácio, para ser levada ao navio

que a conduzirá à França, esses dois seres se dizem adeus nesses termos:

“*Isabelle*: – Nacer, nós... nós não nos veremos mais.

*Nacer*: – Jamais... nem em nossos paraísos... eternamente fechados, como nossos países, como nossos corações, na fraternidade das raças inimigas.”

Em realidade, segundo a etimologia da palavra, as religiões deveriam ser capazes de reunir, juntas, todos os homens; sua diversidade dá, ao contrário, ao Emir e a Isabelle essa concepção que jamais, mesmo na vida do Além, não lhes será possível que se reencontrem. Isso é uma coisa espantosa.

Estudando a história das religiões, em *Depois da Morte*, nós nos damos conta de que justamente o papel do Espiritismo seria conseguir agrupar entre si todas as religiões.

A religião dos negros é estudada num livro de Georges Hardy, intitulado *L'Art Nègre*.

“Quanto mais conhecemos as numerosas religiões africanas – escreve o autor –, mais se está autorizado a afirmar que todas procedem de um dogma comum, dogma que deve ser bem forte e bem profundo para ter resistido a tantas tribulações e se ter mantido tão firme, apesar da ausência geral de livros santos.”

Segundo os artigos consagrados a esse livro, notadamente segundo os de Pierre Guitet-Vauquelin, em *Le Matin*, e Eugène Devaux, em *Les Annales Coloniales*, o espiritualismo tem um lugar importante na religião dos negros. Ela está, em suma, concentrada no culto das almas, dos pecados e das forças naturais.

Os negros têm medo da morte, mas acreditam na sobrevivência. Eis uma prova formal de que há em todas as criaturas o instinto de não acreditarem na destruição total pela morte.

Já que fui levado a falar de negros, lembremos um caso citado por Léon Denis, como prova formal da realidade espírita:<sup>70</sup>

“Um dia, o Sr. Brown encontra um negro, no qual reconheceu um cafre;<sup>71</sup> ele lhe fala na língua de seu país e o convida a fazer-lhe uma visita.

No momento em que esse negro se apresenta em sua casa, a família do Sr. Brown realizava experiências espíritas. O visitante se informa se haveria amigos seus presentes à reunião.

Logo, a jovem da casa, que não conhecia uma palavra em cafre, escreve vários nomes naquela língua, que, lidos para o negro, provocam nele um vivo espanto.

Depois, veio uma mensagem em língua cafre, cuja leitura ele logo compreende, exceto de um termo desconhecido do Sr. Brown. O visitante o pronuncia de várias maneiras mas não lhe entendia o sentido.

De repente, a médium escreve: “Faça estalar a língua.” Então o Sr. Brown se lembra do estalar característico da língua, que acompanha o som da letra *T* no alfabeto cafre, e pronunciando corretamente a palavra, logo se fez entender.

Os cafres ignoram a arte de escrever e o Sr. Brown se admirava de receber uma mensagem escrita. Foi-lhe explicado que aquela comunicação tinha sido ditada, a pedido dos amigos do cafre, por um dos amigos dele, que falava correntemente essa língua.

O negro parecia aterrorizado em pensar que os mortos estavam ali, invisíveis.”

Tal terror era bem compreensível, porque, como nos diz Georges Hardy, os negros têm muito medo da morte. E assim, mais uma vez, um personagem imparcial vem confirmar o que é relatado na descrição de um fato espírita.

Quando apareceu *Cristianismo e Espiritismo*?

O prefácio da segunda edição começa assim:

“Na abertura de nossa edição de fevereiro de 1910, escrevíamos: Desde a publicação deste livro, dez anos se escoaram.”

Um exame superficial permitira, então, dar 1900 como data de publicação do livro, porém, na página 364 da edição de 1920

(12º milheiro), uma nota indica 1898 como ano da primeira edição. Admitiremos, então, essa data como certa.

Em *Cristianismo e Espiritismo*, Léon Denis nos apresenta sua religião de origem:

“Educado na religião cristã – escreve ele <sup>72</sup> –, sabemos o que ela encerra de poesia e de grandeza. Se abandonamos o domínio da fé católica <sup>73</sup> pela filosofia espírita, nem por isso esquecemos as lembranças da nossa infância.”

*Cristianismo e Espiritismo* foi bem recebido pela crítica.

“Léon Denis – lê-se em *Revue de la France Moderne* – é conhecido duplamente: como escritor e como conferencista.

Suas numerosas conferências, em Paris, no palácio da Duquesa de Pomar, na Sala dos Agricultores e no Trianon; na Universidade de Gênova, na Faculdade de Letras de Toulouse, em Bruxelas, La Haye, Lyon, Bordeaux, Marseille, etc., tiveram uma grande repercussão. Sua reputação como orador é grande.

Como escritor, podemos dizer que sua principal obra, *Depois da Morte*, teve um considerável sucesso e foi traduzida em quase todas as línguas da Europa.

Sob o título *Cristianismo e Espiritismo*, aparece agora um outro volume, no qual o autor estuda, de um novo ponto de vista, as origens do Cristianismo, seu desenvolvimento e suas transformações através os tempos.

Ele explica os “milagres”, isto é, os fenômenos ocultos, ligando-os a uma ordem de fatos constatados pela ciência contemporânea. Tais fatos, ditos espíritas, o autor os examina, em detalhe, na segunda parte de seu livro e relata suas experiências pessoais, prosseguidas durante 30 anos.

Todos os problemas filosóficos e sociais de nossa época são postos em revista nesse livro, escrito num estilo claro e brilhante, por um pensador animado de um vivo desejo de conciliação, ávido de uma síntese que satisfaça a todas as consciências fortes, a todos os corações plenos de ideal, a todas as almas realmente religiosas.

Essa síntese o autor a encontra nesse ensinamento superior e universal, até hoje exclusivo de alguns sábios e que, proclamado em nossos dias por todos os pontos da Terra, pelas vozes de além-túmulo, vai tornar-se a herança intelectual e moral da humanidade inteira.

É, pois, ao mesmo tempo, uma leitura atraente e séria. A obra de Léon Denis é semelhante ao semeador cujo gesto expande a fertilidade. Cada frase cai como um grão na alma e ali faz germinar a reflexão e os pensamentos profundos. Quem a lê torna-se melhor, mais firme no dever, mais acessível na piedade, mais fraterno com seus semelhantes. Outrosim, nós a recomendamos à atenção de todos os que pensam e buscam.”

Em *Cristianismo e Espiritismo* há duas partes bem distintas, se bem que o autor não tenha julgado necessário separá-las:

A primeira parte comporta os oito primeiros capítulos:

- I – Origem dos Evangelhos
- II – Autenticidade dos Evangelhos
- III – Sentido Oculto dos Evangelhos
- IV – A Doutrina Secreta
- V – Relações com os Espíritos dos Mortos
- VI – Alteração do Cristianismo. Os Dogmas
- VII – Os Dogmas (continuação). Os Sacramentos, o Culto
- VIII – Decadência do Cristianismo

A segunda parte compreende os três últimos capítulos. É, mais uma vez, a história do Espiritismo e as provas acumuladas da realidade de nossa Doutrina. Esses três capítulos são intitulados:

- IX – A Nova Revelação: O Espiritismo e a Ciência
- X – A Nova Revelação: A Doutrina dos Espíritos
- XI – Renovação

A obra termina com 12 notas complementares, às quais atribuo uma importância particular.<sup>74</sup> Elas são, certamente, destinadas aos que conhecem bem o Espiritismo e nelas se encontra uma riqueza extraordinária de importantes documentos.

Lendo-as, percebe-se a soma de conhecimentos que Léon Denis tinha conseguido adquirir. Ele dá a seus leitores ensinamentos excepcionalmente úteis, notadamente sobre a autoridade da Bíblia e sobre o sentido oculto dos Evangelhos.

Há, nessas notas, matéria para múltiplas reflexões, oferecendo respostas às objeções que os católicos indecisos podem fazer, quando discutem Espiritismo conosco.

Digo “indecisos” porque é indispensável, quando se discute com católicos, saber antecipadamente a quem nos dirigimos. Quando se está diante de alguém que afirme ter fé, temos o dever de não continuar a discussão.<sup>75</sup>

Se os espíritas têm o dever de tentar transmitir aos outros seus motivos de felicidade, devem, igualmente, jamais insistir em abalar a fé de quem quer que seja. Entretanto, se seus interlocutores reconhecem que não possuem uma fé bastante sólida, os espíritas têm, então, o direito de discutir com eles.

Quando se está diante de um católico, para se saber qual a conduta a seguir, basta fazer-lhe as seguintes perguntas: Acredita no inferno? Acha que Deus, infinitamente bom, justo e presciente, foi bastante mau para criar seres que seriam destinados às penas eternas?

Se a resposta for negativa, podemos estar certos de que não estamos diante de um católico ortodoxo e podemos continuar a discussão.

Quando propus, publicamente, essa questão ao Rev. Padre Jubaru, ele reconheceu que o inferno existia, porém acrescentou: “Nenhum texto nos obriga a crer que exista alguém lá.” Eis uma teoria bem diferente da que outrora era ensinada pelos padres.

Lembro-me do terror que um habilidoso orador me inspirava, quando eu era criança. Durante 15 dias, tive pesadelos.

Inspirar o pavor para obrigar os fiéis a se portarem bem é uma concepção bem diferente da que resulta do ensinamento espírita. De minha parte, prefiro temer minha consciência a um inferno no qual é irracional se acreditar.

Quando se trata de mostrar a origem do catolicismo, Léon Denis age com grande delicadeza. Sabe-se como era tolerante o

mestre; em *Cristianismo e Espiritismo*, ele é ainda mais liberal do que em outras obras.

Basta ler, com atenção, as passagens em que nos mostra que o Cristianismo primitivo estava em concordância com o ensino oral de Jesus Cristo. Somente 70 anos após a morte do Cristo é que começamos a ter os escritos que se transformaram nos Evangelhos.

Todavia, os quatro Evangelhos atualmente reconhecidos pela Igreja não são os únicos que existiram. Léon Denis estuda a evolução que se produziu; mostra como os homens puderam, aos poucos, transformar o papel sagrado assumido por eles, quando se transformaram em padres.

Lembra que eles chegaram a negligenciar os interesses espirituais da Igreja para se preocuparem mais com seus interesses materiais. Tal é a origem dos dogmas inventados no decorrer dos séculos por homens reunidos em concílios.

Para se compreender quanto Jesus Cristo teve de dificuldades para tornar aceitável sua teoria do amor ao próximo e da bondade do Criador, é preciso recordar a crueldade do Deus adorado pelos judeus.

Sobre esse ponto é útil ler *Marie-Madeleine*, de Edouard Romilly. Narrando-nos, em pormenores, a história da grande pecadora, esse autor produziu uma obra útil. Eis como ele descreve a lapidação de Maria Madalena:<sup>76</sup>

“Uma voz de mulher canta, nesse momento, numa casa e Madalena se põe a chorar.

Não era a vida, aquela vida que ela tanto amava e que lhe dava adeus?

Oh! o desespero de morrer assim, tão jovem! Oh! viver ainda, um dia, uma hora, uma hora somente!...

De repente, uma pedra vem atingir o muro, bem acima de sua cabeça, fazendo cair poeira sobre ela. Era uma pedra mal lançada... rápida.

Quem a lançou queria, inicialmente, assustá-la, sabendo quanto o medo faz sofrer. Madalena treme o corpo todo. Sen-

te que o momento supremo está chegando. Fecha os olhos e, por um derradeiro instinto de faceirice, põe suas duas mãos sobre o rosto tão belo, procurando protegê-lo. Queria, na morte, não ficar muito desfigurada.

Parecia-lhe que toda a sua vida desfilava a seus olhos. Quantos pensamentos rápidos e dolorosos se sucederam assim! Um deles, sobretudo, lhe sobreveio, bruscamente, como uma grande luz na noite sombria: ela se lembrou da lei judaica, da lei de seus irmãos, que ela havia esquecido por muito tempo e descobriu que a havia transgredido.

Sim, segundo a lei, ela morria justamente.

Então, não mais se revolta, curva a cabeça e não mais suplica por que o Deus de sua infância era um Deus implacável.

Não pensa em mais nada, sem esperança, quer do Céu, quer da Terra...

Fazia pouco que perdera o sentimento. Os risos, os insultos, os gritos não lhe pareciam mais do que um burburinho confuso...

Passiva, aguardou a segunda pedrada, que lhe abriria a fronte e lhe quebraria a cabeça...

Ora, pareceu-lhe que naquele momento uma voz muito suave, mas que, todavia, dominava os rugidos da multidão, se alteara e um grande silêncio se fizera ao seu redor. Sem dúvida, era uma espécie de sonho, como acontece na hora da morte.

Talvez já esteja morta!...

Trêmula, abriu um pouco os olhos. A multidão, sinistra, todavia ali estava, postada diante dela e os braços suspensos seguravam pedras.

Ela pôde ver, distintamente, Barrabás, na primeira fila.

Entretanto, ele não a olhava. Todos os olhares estavam voltados sobre um homem, de roupa branca, de um aspecto singularmente majestoso, que vinha, lentamente.

Quando esse homem se postou ao seu lado, Madalena compreendeu, instintivamente, que era o Cristo...

Então, um fariseu se adiantou e, apontando o dedo, disse a Jesus: “Mestre, a cidade toda sabe que esta mulher é uma prostituta. Ora, Moisés, em sua Lei, nos ordenou lapidar tais criaturas. Vós, porém, que dizeis?”

Ela ouviu, mais morta do que viva; um suor frio lhe corria pelo corpo. Não iria ele, como João Batista, lançar-lhe o anátema? (E como iria ele poder se opor à Lei de Moisés, que regulava, soberanamente, a moral judaica há 5.000 anos?)

Ele nada respondeu. Baixara-se e escrevia sobre a areia com seu dedo. O povo o aguardava, curiosamente.

O fariseu o interrogou novamente. (Era para testá-lo que o interrogava assim, a fim de poder acusá-lo.) Jesus, porém, se levantou: “Aquele, dentre vós, que estiver sem pecado – disse ele –, que lhe atire a primeira pedra!...”

Resposta de uma infinita caridade, mas também de uma sabedoria maravilhosa, porque se o Cristo houvesse respondido: “Não sejais cruéis, não a lapideis!”, sua intervenção de nada teria servido. Teriam gritado todos, com razão, que ele próprio, propondo-se ao castigo da pecadora, transgredia a Lei de Moisés.

Mas, respondendo assim, ele não se opunha à Lei de Moisés; queria somente que os que assumissem o terrível papel de condenadores fossem perfeitamente puros aos olhos de Deus.

E qual homem, não apenas diante de Deus, mas diante de seus próprios concidadãos, ousaria, sem ser taxado imediatamente de loucura e de blasfêmia, dizer-se puro de todos os pecados?”

Em *Cristianismo e Espiritismo*,<sup>77</sup> temos três linhas que poderiam servir de tema quotidiano para meditação. Léon Denis afirma:

“... mas o fim da vida terrestre não é a felicidade, é a elevação pelo trabalho, pelo estudo e pelo sofrimento...”

Certos médicos, certos magnetizadores indicam um meio excelente, quer para suas doenças, quer para os que desejam adqui-

rir o domínio de si mesmos; eles lhe ordenam ter constantemente sob seus olhos máximas simples como, por exemplo: “Eu quero aprender a querer”.

Aconselhamos ter em seu quarto um cartaz colocado de tal sorte que os olhos possam lê-lo, à noite, antes do apagar da luz, e de manhã, ao despertar. Por certo será excelente, quando se entrega a tais práticas, escolher a máxima de Léon Denis, que repetimos aqui:

“A finalidade da vida terrena não é só a felicidade; é a elevação pelo trabalho, pelo estudo e pelo sofrimento.”

Assim, cada noite, procedendo a um exame de consciência, perceberemos que, apesar das provações, podemos ser felizes. Cada manhã, perguntando como se poderá melhorar nosso dia, decidiremos esforçar-nos por prestar serviço aos outros.

Quando se estuda a história do Espiritismo, observa-se com espanto que, por vezes, desejando tentar abater nossa doutrina, a Igreja Católica não hesitou em fazer coro com os materialistas. Em seu livro, Léon Denis constata que, por vezes, por causa dos dogmas inventados pelos homens, a Igreja chega a conclusões idênticas às dos materialistas.

É assim, por exemplo, quanto ao pecado original.

“É pela concepção que se transmite às crianças o pecado. Esse dogma se chama traducianismo e as Igrejas cristãs não parecem se aperceber que, por semelhante afirmação monstruosa, elas se tornam aliadas do materialismo, que proclama a mesma teoria sob o nome de hereditariedade.”<sup>78</sup>

Tal teoria do pecado original não é, aliás, admitida por todos os católicos. A se crer em *Aux Écoutes*,<sup>79</sup> o Padre Sanson, orador prestigioso, teria negado a queda original e estaria revoltado contra o dogma do resgate do homem pelo Cristo.

Estará aí o motivo de sua desgraça e de sua substituição na cátedra de Notre-Dame de Paris por Monsenhor Baudrillart?

Jesus quis que uma grande solidariedade reinasse entre os homens, ricos ou pobres. Às vezes, há solidariedade nos povoa-

dos populares, mas isso não existe frequentemente entre as pessoas afortunadas.

Quando numa casa operária há um doente, ele é visitado por quase todos os locatários da casa e cada um se interessa em lhe prestar favor. Ao contrário, nas residências suntuosas, os moradores ignoram os doentes de seus condomínios.

Por vezes, mesmo quando a morte ronda, pode haver, no mesmo local, reuniões musicais.

Não se trata de impedir que os homens tenham seu conforto, somente que sua riqueza e suas facilidades não os levem a esquecer os sofrimentos dos outros.

Jesus veio expulsar os mercadores do Templo. Se ele hoje retornasse à Terra, não teria o mesmo gesto?

Eis a reprodução exata do que se podia ler em 5 de dezembro de 1927, no *Le Journal*:

---

GRENELLE, 20.30. *Mon Homme* (Colin-Monnet)  
DARCET (Levallois), 20.30. Lakmé (Math-Lutz)  
FOLIES-BELLEVILLE 20.30. Le Comique Carjol

---

### **Os Grandes Concertos**

AUDIÇÃO MUSICAL EM LA MADELEINE

Quinta-feira próxima, às 8 horas, inauguração solene do grande órgão, já restaurado. Recital pelo mestre H. Dallier, professor no Conservatório, com o concurso de artistas. Saudação feita por célebre professora. Lugares na igreja, com Durand e Flandre.

---

HAROLD BAUER – Essa noite, na sala Pleyel.  
Entradas: Sala Pleyel, Durand, Dandelot.

---

### **Espetáculos e Concertos**

---

SEXTA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO  
quando Léon voltará a se apresentar no  
**Cassino de Paris**

---

Não é exagerado servir-se de uma igreja como sala de espetáculos?

Não é escandaloso fazer publicidade para um concerto dado em uma igreja, como fazem os diretores de musicais, para atrair o público a seus espetáculos licenciosos?

Hoje, aliás, vemos entre os católicos coisas inacreditáveis.

Todos sabem que eu estou longe de admirar Léon Daudet e suas doutrinas políticas.

Quando se vê o arcebispo de Bordeaux proibir aos membros do clero de darem absolvição aos membros da “Action Française”, tem-se a comprovação real de que os dirigentes do catolicismo esquecem, totalmente, a magnanimidade do Cristo.

A base do Cristianismo é uma sentença de amor: “Amai-vos uns aos outros”. Esperamos que um dia a Igreja Católica, abandonando seu sectarismo, se lembre de que Jesus Cristo queria a solidariedade entre todos os homens.

À luz do Espiritismo e de seus ensinamentos, que serão um dia admitidos pela maioria dos homens, chegar-se-á a estabelecer entre todos uma real fraternidade. É a conclusão de Léon Denis, que, em sua obra *Cristianismo e Espiritismo*, escreve com justa razão:<sup>80</sup>

“Para que o trigo germine, são necessárias as caídas de neve e a triste incubação do inverno.

Rajadas poderosas virão dissipar as trevas da ignorância e os miasmas da corrupção.

As tempestades passarão; o céu azul reaparecerá. A obra divina se expandirá numa eclosão nova. A fé renascerá nas almas e o pensamento do Cristo raiará de novo, mais brilhante, sobre o mundo regenerado.”

## CAPÍTULO VII

### O Problema do Ser e do Destino

Como todas as obras de Léon Denis, *O Problema do Ser e do Destino* foi escrito com a colaboração do mundo invisível. O mestre não se cansa de confessá-lo a seus leitores. Afirmar ele:<sup>81</sup>

“Esta obra não é exclusivamente minha; é, antes, o reflexo de um pensamento mais alto que eu busco interpretar. Ela concorda, em todos os pontos essenciais, com as diretrizes expressas pelos instrutores de Allan Kardec; todavia, nela são abordados pontos por eles deixados obscuros. Tenho tratado, igualmente, nesta obra das idéias e da ciência humana, e de suas descobertas.

Em certos casos, dei minhas impressões pessoais e meus comentários, porque no Espiritismo não precisaríamos dizer “não há dogmas”<sup>82</sup> e cada um de seus princípios pode e deve ser discutido, julgado e submetido ao controle da razão.

Considerarei como um dever beneficiar meus irmãos terrenos com esses ensinamentos. Uma obra só vale por si mesma. Embora o que se possa pensar e dizer da revelação dos espíritos, eu não posso admitir que enquanto são ensinados em todas as Universidades grandes sistemas metapsíquicos elaborados pelo pensamento humano, ainda se desconheça e rejeite os princípios divulgados pelas nobres Inteligências do Espaço.

Embora estimemos os mestres da razão e da sabedoria humana, não há motivo para desdenhar dos mestres da razão sobre-humana, os representantes de uma sabedoria mais alta e mais grave.

O espírito do homem comprimido pela carne, privado da plenitude de seus recursos e de suas percepções, não pode alcançar, por si só, o conhecimento do Universo invisível e de suas leis.

O círculo no qual se agitam nossa vida e nosso pensamento é limitado e nosso ponto de vista é restrito.

A insuficiência dos dados adquiridos nos torna qualquer generalização impotente ou improvável.

Faltam-nos guias para a penetração no domínio do desconhecido e no infinito das leis. É pela colaboração dos pensadores eminentes dos dois mundos, das duas humanidades, que as mais altas verdades serão atingidas, pelo menos entrevistas, e os mais nobres princípios estabelecidos.

Bem melhores e mais seguramente que nossos mestres terrenos, os do Espaço sabem nos colocar em presença do problema da vida, do mistério da alma, e nos ajudar a tomar consciência de nossa grandeza e de nosso futuro.”

No que concerne à data da publicação dessa obra, não consegui obter a indicação precisa. Meu volume está marcado com 14º milheiro; na página 18 é a questão do livro *No Invisível*. Por consequência, *O Problema do Ser e do Destino* apareceu depois de 1901. Na página 231 de *Joana d’Arc, Médiun*, Léon Denis remete o leitor para *O Problema do Ser e do Destino*. Esse livro é, pois, anterior a *Joana d’Arc, Médiun*, aparecido em 1910. Podemos, pois, considerar essa obra como publicada entre 1901 e 1910, sem poder precisar mais nada.

Como todos os outros volumes de Léon Denis, *O Problema do Ser e do Destino* foi muito bem acolhido pela crítica. *Le Journal* publicou o seguinte artigo:

“Léon Denis, já conhecido do grande público europeu por suas obras, acaba de publicar um novo livro. *O Problema do Ser e do Destino* nos oferece uma verdadeira revelação dos aspectos ignorados do ser humano, de suas origens, de seus fins, assim como das potencialidades nele ocultas.

A possibilidade de reconstituir, experimentalmente, pelo método hipnótico, a imensa cadeia de lembranças, de aquisições, de peripécias das vidas anteriores e sucessivas, no curso das quais se constitui nosso eu, e prosseguir sua lenta evolução, tudo isso é demonstrado em 500 páginas, num estilo eloquente, atraente e luminoso.

Todas as deduções do autor se apoiam nesses fatos expostos com precisão e clareza e com os testemunhos de eminentes

tes sábios, de experimentadores autorizados, de pensadores pertencentes à elite intelectual de todas as nações.

Esse livro nos ensina: nosso ser é, na realidade, um pequeno mundo ainda pouco conhecido, onde dormitam energias ocultas, forças latentes, lembranças abafadas, no estado de vigília, sob o peso da carne. Todas essas riquezas, porém, podemos resgatá-las, colocá-las em ação e, por elas, edificar um futuro melhor.

Por aí se explica a infinita variedade das aptidões, dos caracteres e também as paixões, talentos, gênios, o amor, o ódio e a dor. Os sombrios enigmas da vida se resolvem; o mistério do destino se aclara com uma intensa luz.”

Essa obra compreende três partes: Léon Denis estuda, inicialmente, o problema do Ser; em seguida, busca o problema do Destino e, finalmente, ele faz o estudo das potencialidades da alma.

Na primeira parte (O Problema do Ser), o autor analisa o que somos e qual a natureza de nossa personalidade.

Na segunda parte (O Problema do destino), Léon Denis estuda qual é nosso destino. Ele indaga se a morte causa o aniquilamento do ser e pergunta se uma única existência permite ao homem cumprir sua evolução ou se, ao contrário, as vidas sucessivas não são uma obrigação.

Na terceira parte (Potencialidades da Alma), ele estuda as possibilidades da alma.

Sabemos que o Espiritismo explica que o homem é composto do corpo físico, do perispírito e da alma. Temos a prova da existência da alma dos vivos, inicialmente pelas manifestações do fantasma dos vivos e em seguida pelas duplas personalidades.

Por vezes, ele parece um ser diferente daquele como é conhecido, em seu estado normal; esse novo indivíduo é muito diferente como caráter.

Léon Denis se preocupa em mostrar exemplos de dupla personalidade e cita, notadamente, os casos clássicos de Férida, Mary Renolds, Louis Vivé, Miss Beauchamp e Alma Z.<sup>83</sup>

“Alma Z. – escreve ele <sup>84</sup> – era uma jovem sadia e inteligente, de caráter sólido e atraente, de espírito de iniciativa em tudo quanto empreendia: estudo, esportes ou relações sociais.

Com a continuidade do trabalho intelectual e de uma indisposição negligenciada, sua saúde ficou bastante abalada e, após dois anos de grandes sofrimentos, uma segunda personalidade apareceu, bruscamente.

Numa linguagem semi-infantil, semi-indiana, essa personalidade se anunciava como sendo a nº 2, vinda para suavizar os sofrimentos da nº 1.

Ora, o estado da nº 1 era, naquele momento, um dos mais deploráveis: dores, debilidade, síncope frequentes, insônias, estomatite mercurial de origem medicamentosa, que tornava a alimentação impossível.

A nº 2 era alegre e terna, com uma conversação fina e espiritual, guardando todo o seu conhecimento, alimentando-se bem e fartamente, para melhor proveito da primeira personalidade. A conversação, por mais refinada e interessante que fosse, não deixava supor conhecimentos adquiridos pela primeira personalidade. Mostrava uma inteligência supranormal, relativamente aos acontecimentos que se passavam nas proximidades. Foi naquele momento que o autor começou a observar o caso e eu não o perdi de vista, durante seis anos consecutivos.

Quatro anos após a aparição da segunda personalidade, apareceu uma terceira, que se anunciou com o nome de *gammim*. Ela era completamente distinta das duas outras, tomando o lugar da nº 2, que ela manteve durante quatro anos.

Todas essas personalidades, embora absolutamente distintas e características, eram agradáveis, cada uma em seu gênero, e a nº 2, em particular, foi e ainda é a alegria de seus amigos, todas as vezes em que aparecia e que era possível dela se aproximar. Era sempre nos momentos de fadiga excessiva, de excitação mental e de prostração, que ela vinha, ficando, por vezes, durante alguns dias. O “eu” original afirma sempre sua superioridade; os outros só estão lá por interesse e para sua vantagem.

A nº 1 não tem qualquer conhecimento pessoal quanto às duas outras. Ela, entretanto, as conhece bem, principalmente a nº 2, pelas narrativas das outras e pelas cartas que recebe delas. A nº 1 admira as mensagens finas, espirituais e, frequentemente, instrutivas, que lhe trazem essas cartas ou as narrações dos amigos.”

Esses casos de dupla personalidade são bem a prova de que há no homem outra coisa além do que aparece para o mundo.

Em *O Problema do Ser e do Destino*, como em todas as suas obras, Léon Denis não deixa de indicar os perigos do Espiritismo. Afirma ele:<sup>85</sup>

“Certas precauções são necessárias. O mundo invisível é povoado por entidades de todas as ordens e quem aí penetra deve possuir uma perfeição suficiente, estar inspirado por sentimentos muito elevados para se colocar ao abrigo de todas as sugestões do mal. Ao menos, tudo deve ser conduzido, em suas pesquisas, por um guia seguro e esclarecido.

É pelo progresso moral que se obtém a autoridade e a energia necessárias para comandar os espíritos levianos e atrasados que pululam em nosso derredor.

A plena posse de si mesmo, o conhecimento profundo e tranquilo das leis eternas nos protegem contra os perigos, as armadilhas e as ilusões do Além. Elas nos mostram os meios de controlar as forças em ação sobre o plano oculto.”

Léon Denis dá, igualmente, preciosos conselhos quanto ao desenvolvimento da mediunidade. Essa questão já foi estudada em *No Invisível*, no capítulo consagrado ao tema;<sup>86</sup> não voltarei mais a ele. Entretanto, devo sublinhar que o mestre, na obra em estudo,<sup>87</sup> assinala a importância da incorporação, que é um dos fenômenos “que mais concorrem para demonstrar a espiritualidade do ser e o princípio da sobrevivência”.

Tenho me dado bem com essa apreciação, porque estou muito preocupado com a incorporação (ou encarnação), no curso de minhas pesquisas pessoais.<sup>88</sup>

Para desenvolver os sentidos psíquicos, convém, segundo Léon Denis, isolar-se, afastar as imagens materiais e procurar ler, com calma e recolhimento.

“Quanto mais a alma se afasta do corpo e penetra nas regiões etéreas – diz Denis <sup>89</sup> –, mais frágil é o liame que os une, mais vaga a lembrança ao despertar.

A alma plana, bem longe, na imensidade, e o cérebro não mais registra suas sensações. Daí resulta que não podemos analisar nossos mais belos sonhos.

Em algumas vezes, a última das impressões sentidas, no curso dessas peregrinações noturnas, subsiste ao despertarmos. E se, nesse momento, tivermos a precaução de fixarmos a memória, podemos deixar gravada a lembrança.

Numa noite, tive a sensação de vibrações percebidas no Espaço, as últimas de uma doce e penetrante melodia e a lembrança das últimas palavras de um canto, que terminava assim: *Há céus inumeráveis!*”

Léon Denis deu, muitas vezes, aos que sofrem o meio de entrar em comunicação com o Além.

“Muitas vezes – escreve ele <sup>90</sup> –, almas humanas em sofrimento se dirigiam a mim, para solicitar notícias do além, conselhos e indicações que eu não podia atender. Recomen-dei-lhes então a seguinte experiência, que, por vezes dava resultado:

“Inclinai-vos sobre vós mesmos, no isolamento e no silêncio. Elevai vossos pensamentos para Deus, evocai vosso espírito protetor, esse guia tutelar que a Providência põe em nossos passos na viagem da vida.

Interrogai-o sobre as questões que vos preocupam, com a condição de que elas sejam dignas dele, livres de qualquer interesse inferior. Depois, aguardai e ouvi, atentamente, em vós mesmos. No fim de alguns instantes, nas profundezas de vossa consciência, ouvireis, como um eco débil de uma voz distante, ou então perceberéis as

vibrações de um pensamento misterioso, que dissipará vossas dúvidas, vossas angústias, e vos consolará.”

Eis aí, com efeito, uma das formas da mediunidade, e não das menos belas. Todos podem obtê-la e participar dessa comunhão dos vivos e dos mortos, que é chamada para se ouvir, um dia, pela humanidade inteira.”

No capítulo consagrado a *Depois da Morte*, estudei o que é a morte, segundo Léon Denis.

O mestre, em *O Problema do Ser e do Destino*, recorda, várias vezes, essa questão, por exemplo, na 1ª parte, capítulos VII, X, XI, e 2ª parte, capítulos XVI, XVII. Há mesmo um capítulo especial sobre o tema: o capítulo X – “A morte”.

Ele insiste no fato de que a morte não transforma o indivíduo, porém ele deixa o ser, intelectual e moralmente, no exato estado em que estava por ocasião da morte.

Quando se sabe o que é a vida e o que é a morte, é impossível temer a Parca.<sup>91</sup>

Não seria inútil inserir nos textos destinados à juventude o que se poderia chamar de Hino à Morte:<sup>92</sup>

Ó Morte, ó majestade serena, tu de quem se faz um espantoso, não és para o pensador senão um instante de repouso, a transição entre dois atos do destino, enquanto um termina e o outro se prepara. Quando minha pobre alma, errante de tantos séculos pelos mundos, após tantas lutas, vicissitudes e decepções, após tantas ilusões extintas e esperanças adiadas, for repousar de novo em teu seio, é com alegria que ela saudará o despontar da vida fluídica.

É com entusiasmo que se elevará, do meio da poeira terrestre, aos espaços insondáveis, na direção dos que ela amou aqui e que a aguardam.

Para a maior parte dos homens, a morte continua o grande mistério, o sombrio problema que não se ousa enfrentar.

Para nós ela é a hora abençoada em que o corpo fatigado retorna à grande natureza para permitir a psique, sua prisioneira, uma livre passagem rumo à pátria eterna.

Essa pátria é a imensidão radiosa, semeada de sóis e de esferas. Perto deles como nossa pobre Terra pareceria mesquinha. O Infinito a envolve por todos os lados.

O Infinito na extensão e no tempo é o que nos aguarda, quer para a alma, quer para o Universo.”

Sabendo exatamente o que é a morte, Léon Denis se posiciona contra o cerimonial lúgubre que tanto contribui para difundir entre os homens o terror do fim.

Tendo sabido conhecer a morte, o espírita não saberia temê-la, porque:<sup>93</sup>

“Ela é para ele a entrada numa forma de vida mais rica de impressões e de sensações.

Não ficamos privados das riquezas espirituais, porém enriquecidos de novos recursos, tanto mais extensos e mais variados como jamais a alma estaria preparada para usufruí-los.

A morte não nos priva sequer das coisas deste mundo. Continuaremos a ver os que amamos e deixamos na Terra.

Do seio dos espaços, seguiremos o progresso de nosso planeta, veremos as transformações operadas em sua superfície, assistiremos às novas descobertas, ao desenvolvimento social, político e religioso das nações. E, até à hora de novo retorno à carne, participaremos, fluidicamente, ajudando, com nossa influência, na medida de nossas forças e de nosso progresso, aos que trabalham em proveito de todos.”

Léon Denis faz um estudo bem interessante sobre o sono, no capítulo V, intitulado “A alma e os diferentes estados do sono”. Para ele, o sono<sup>94</sup>

“É simplesmente a saída, o desprendimento da alma fora do corpo. Diz-se: o sono é irmão da morte. Essas palavras exprimem uma profunda verdade.

Sequestrada na carne no estado de vigília, a alma recobra no sono sua liberdade relativa e temporária, ao mesmo tempo que seus poderes ocultos.

A morte será sua liberação completa e definitiva.”

A terceira parte de *O Problema do Ser e do Destino* é muito importante: ela é consagrada ao estudo dos poderes da alma.

Léon Denis demonstra que possuímos nosso livre-arbítrio, o que permite aos homens transformar seu caráter e disciplinar seus pensamentos.

Após ter indicado a necessidade e o papel benéfico da dor, Léon Denis insiste sobre o poder do amor. Em seguida, mostra a força de vontade, sem indicar, entretanto, a seus leitores quais são os meios práticos de desenvolver tal faculdade.

Em *O Problema do Ser e do Destino*, Léon Denis consagrou vários capítulos ao estudo da reencarnação, o que constitui o assunto da segunda parte da obra.

Estudei especialmente essa importante questão em meu livro *Tu Revivras*. No capítulo XXIV de *O Problema do Ser e do Destino*, Léon Denis escreveu:<sup>95</sup>

“É bom viver em contato pelo pensamento com os escritores de gênio, com os autores verdadeiramente grandes de todos os tempos, lendo e meditando suas obras, impregnando todo o nosso ser com a substância de suas almas.

As irradiações de seus pensamentos despertam em nós efeitos semelhantes e provocarão, com o tempo, modificações em nosso caráter, de acordo com a própria natureza das impressões experimentadas.”

Parece-me normal aplicar esse pensamento às obras de Léon Denis.

Vivamos, portanto, muitas vezes, em comunhão com ele; leiamos suas obras e teremos tudo a ganhar, tanto do ponto de vista da perfeição da forma, quanto dos nobres pensamentos e do generoso ideal sempre expressos nos livros do mestre.

## CAPÍTULO VIII

### O Grande Enigma

*O Grande Enigma*, volume aparecido em 1911, é o quinto livro publicado por Léon Denis.

Na realidade, esse livro compreende duas obras bem distintas: o próprio *O Grande Enigma* e um apêndice importante, intitulado *Síntese Espiritualista*.

#### 1º) O Grande Enigma

Para ler *O Grande Enigma* é preciso já ter conhecimentos gerais em filosofia e em ciências psíquicas, porque Léon Denis estudou nesse livro Deus, grande Mestre do Universo, e sua obra.

O Criador, em suma, é o herói desse livro, escrito por um poeta que sabe admiravelmente observar a natureza.

A leitura dos títulos dos diferentes capítulos basta, por si só, para julgar qual é a elevação da obra; reproduzo, pois, o índice das matérias:

#### Primeira Parte: Deus e o Universo

- I – O grande Enigma
- II – Unidade substancial do Universo
- III – Solidariedade, comunhão universal
- IV – As harmonias do Espaço
- V – Necessidade da idéia de Deus
- VI – As leis universais
- VII – A idéia de Deus e a experimentação psíquica
- VIII – Ação de Deus no Mundo e na História
- IX – Objeções e contradições

#### Segunda Parte: O Livro da Natureza

- X – O céu estrelado
- XI – A floresta
- XII – O mar
- XIII – A montanha

## XIV – Elevação

Sem dúvida, o ensino espírita ainda será ministrado às crianças. Aguardando essa auspiciosa época, desejaríamos que certas páginas de Léon Denis fossem reproduzidas nos textos seletos da literatura. Tenho lido muito, porém não conheço livros mais bem escritos. Ao demais, é uma opinião aceita, pois certos críticos reconhecem que o autor de *Depois da Morte* é, por vezes, comparável a Bossuet.

Ler *O Grande Enigma* é um prazer apaixonante; seguindo Léon Denis, fazemos uma viagem maravilhosa pelo ideal; ele mostra o caminho da felicidade real, ensina a percorrer o livro mágico da natureza, a compreender o marulho do mar e a calma das montanhas.

É preciso ter lido o capítulo XIV, intitulado “Elevação”, para saber exatamente o objetivo de nossa passagem pela Terra, para compreender a que ponto os cataclismos e as desgraças são necessários.

Desejava poder reproduzir, na íntegra, esse longo capítulo, onde o pensador exprimiu com tanto idealismo suas concepções. Sinto-me limitado por ser obrigado a me restringir em citar apenas algumas linhas:

“Nas horas de hesitação, volto-me para a natureza; é a grande inspiradora, o templo augusto onde, sob seus misteriosos véus, o Deus oculto fala ao coração do sábio, ao espírito do pensador.

Observa o firmamento profundo: os astros que o povoam são as etapas de tua longa peregrinação, as estações da grande estrada, onde teu destino te conduz.”<sup>96</sup>

“Aquele que se recolhe no silêncio e na solidão, diante do espetáculo do mar ou das montanhas, sente nascer, subir, crescer nele as imagens, pensamentos e harmonias que o entusiasmam, o encantam e o consolam das misérias terrenas e lhe abrem as perspectivas da vida superior.

Compreende, então, que o pensamento divino nos envolve e nos penetra quando, longe dos turbilhões sociais, nós sabemos abrir-lhe nossas almas e nossos corações.”<sup>97</sup>

Graças a Léon Denis, compreendemos perfeitamente como deve ser a verdadeira prece.

Não há páginas de *O Grande Enigma* onde o autor não repita: Orai, sabeis orar. Isso não quer dizer orações decoradas e repetidas com monotonia. A prece é elevação, num transporte espontâneo do ser humano ao seu Criador.

Numerosos são aqueles que ainda não estão suficientemente preparados para poder, pelo pensamento, comunicar-se com o Criador e com seus protetores invisíveis. É porque, nas diferentes religiões, os ministros do culto criaram fórmulas mais ou menos simplistas, destinadas à multidão dos fiéis.

Aí está, sem dúvida, a razão pela qual Léon Denis, inspirado pelos espíritos, tem, por vezes, em suas obras, publicado alguns textos aos quais deu o nome de orações.

Certos adversários do Espiritismo poderiam aí encontrar uma contradição; já me disseram:

“Segundo vocês, a fórmula da prece não é indispensável; para entrar em comunhão com Deus, basta trabalhar conscientemente. Um transporte espontâneo e rápido rumo ao Criador é uma excelente coisa. Por que certos autores espíritas, inclusive Léon Denis, julgam necessário dar, em seus livros, o texto de orações?”

A resposta é muito simples; eis como nossos propagandistas deverão refutar tal objeção:

“Na massa humana, as criaturas estão em um grau diferente de sua evolução geral; alguns, pouco adiantados, têm necessidade de ajuda para exteriorizar seus pensamentos, e outros são incapazes de um esforço intelectual. É principalmente para esses que se tornou necessário indicar fórmulas que se chamam “preces”, na falta de outro nome. Todavia, não há nenhuma semelhança com as orações criadas pelos religiosos e é impossível fazer qualquer confusão.”

De minha parte, jamais dei grande importância a objeções dessa ordem, que poderiam ser qualificadas como objeções de princípios.

Uns têm necessidade de uma exteriorização; outros, ao contrário, podem passar sem ela. O essencial é dar conhecimento às multidões da realidade que se destaca dos fatos; é preciso difundir as múltiplas provas que demonstram a comunicação entre o mundo dos mortos e o dos vivos.

Para certos auditórios é bem difícil, até impossível, pronunciar o nome de Deus e falar de preces; se o fazemos, criamos logo uma confusão no espírito do público.

As religiões, é bom reconhecer, têm exercido, por vezes, um papel nefasto (e a multidão bem o sabe). É preciso, pois, evitar tudo quanto possa fazer crer que o Espiritismo é uma religião.

Tenho, em *Tu Revivras*,<sup>98</sup> demonstrado que não queremos “adormecer” os infelizes com uma grande esperança no Além, para permitir aos ricos aproveitarem, egoisticamente, de uma fortuna, muitas vezes adquirida em detrimento dos desgraçados.

Não me devo estender, pois, sobre esse ponto. Desejo, entretanto, fazer bem compreensível, com a ajuda de nossa concepção sobre a prece, como é preciso agir para propagar nossas idéias nos meios anti-religiosos.

Profundamente deísta, persuadido da existência de Deus, estou, entretanto, certo de que, para conseguir divulgar o Espiritismo nas massas, é bom se resguardar de ser místico.

Devemos falar de labor aos que trabalham para viver, mostrar que todos os seres humanos estão unidos pela necessidade absoluta do trabalho e explicar porque os ociosos não têm o direito de se confinar no egoísmo, porém devem, ao contrário, imitar os banqueiros de Deus para criar em volta deles obras sociais bem estabelecidas, eis uma linguagem útil, representando a própria emanção do Espiritismo. Falando assim, chega-se, pouco a pouco, às possibilidades de maior felicidade. Ao mesmo tempo, predispomos os ouvintes a saber orar.

Essa forma de compreender a prece emana bem do ensino que se encontra em *O Grande Enigma*, obra de pensamento, de meditação e de reflexão.

Muito frequentemente, *Le Matin* criticou o Espiritismo; entretanto, encontramos nele, em 15 de julho de 1911, um elogio a *O Grande Enigma*:

“Desde Lucrécio, escritores se propuseram a libertar nossas almas da tirania dos preconceitos e da agonia atávica do Tê-naro! Léon Denis tem sua receita e ela é eficaz e antiga. É a bondade, é o amor.

Poder-se-ia sorrir dessa Metafísica apaixonada, se a própria vida de Léon Denis não oferecesse a mais brilhante ilustração dessa calorosa e estóica doutrina.

Entre os Pascal inquietos que tentam a insolúvel solução do Grande Enigma, Léon Denis tem todo o fervor grandioso de um Bossuet e a persuasão docemente obstinada de um Fénelon.

Quando, após anos que é preciso crer longos ainda, o autor de *Depois da Morte* tiver transposto o ponto que receia, o Grande Pensador o acolherá com afeição especial.”

Dezesseis anos deviam ainda se escoar, antes da partida de Léon Denis para o além; esse tempo foi bem empregado.

Publicou outras obras e, apesar de sua enfermidade, trabalhou até ao extremo limite de suas forças humanas. No momento de sua morte, acabara de escrever um livro sobre o celtismo e preparava um outro sobre Espiritismo e o Socialismo.

Publicando *O Grande Enigma*, Léon Denis pretendia consolar.

“Nos momentos pesados da vida, ó leitor – escreve ele<sup>99</sup> –, nas horas de tristeza e de sofrimento, abre este livro; e ele te dará coragem e paciência.”

Em seu prefácio, o próprio autor conta a história de seu livro, inspirado pelos invisíveis. Não pude resistir ao prazer de citar essa narrativa. Assim, aqueles meus leitores que ainda não

conhecem *O Grande Enigma* poderão verificar a qualidade literária da obra:<sup>100</sup>

“Onde e como sonhei em escrevê-lo? Em uma tarde de inverno, num passeio pela costa azul da Provence.

O Sol se deitava sobre o mar sereno. Seus raios de ouro, deslizando sobre as vagas adormecidas, iluminavam com cores vivas o pico das rochas e dos promontórios, enquanto a Lua subia no céu sem nuvens.

Um grande silêncio se fazia, envolvendo tudo. Somente um sino distante, lentamente, tilintava o ângelus.

Pensativo, eu escutava os ruídos abafados, os rumores mal perceptíveis das cidades de inverno em festa e as vozes que cantavam em minha alma.

Eu meditava na indiferença dos homens que se entregam aos prazeres, para melhor esquecerem os objetivos da vida, seus imperiosos deveres e suas pesadas responsabilidades.

O mar, cantando, o espaço que, pouco a pouco, se constelava de estrelas; os aromas penetrantes dos mirtos e dos pinheiros, as harmonias longínquas na calma da noite, tudo contribuía para expandir em mim e em meu derredor um encanto delicado, íntimo e profundo.

E a voz me disse: Publica um livro que nós te inspiraremos, um pequeno livro que resuma tudo quanto a alma humana deve conhecer para se orientar na vida; publica um livro que demonstre a todos que a vida não é uma coisa vã, que se possa usar com leviandade, porém uma luta pela conquista do céu, uma obra elevada e grave de edificação, de aperfeiçoamento, uma obra que leis augustas e equitativas regem e acima das quais paira a eterna Justiça, temperada pelo Amor.”

Todos os seres têm por principal dever esquecer a si mesmos, trabalhar pelo bem de todos. Os que têm essa oportunidade devem esforçar-se em fazer conhecer ao povo a possibilidade da solidariedade; por povo entendo, evidentemente, o conjunto de todas as criaturas de uma nação e não apenas a totalidade dos que devem trabalhar para viver.

Em 1910, Léon Denis já escrevia:<sup>101</sup>

“Talvez, jamais, no curso de sua História, a França sentiu mais profundamente a oportunidade de uma nova orientação moral.

As religiões, dissemos, perderam muito de seu prestígio e os frutos envenenados do materialismo se mostram por todos os cantos.

Ao lado do egoísmo e da sensualidade de uns, se instalam a brutalidade e a cobiça de outros. Os atos de violência, os homicídios e os suicídios se multiplicam.

As greves se revestem de um caráter cada vez mais trágico. É a luta de classes, a derrocada dos apetites e dos furores.

A voz popular sobe e se agiganta; o ódio dos pequenos, contra aqueles que possuem e gozam, tende a passar do domínio das teorias para o dos fatos.

As práticas bárbaras, destruidoras da civilização, penetram nos hábitos dos operários. Usinas são saqueadas, máquinas são quebradas, “sabota-se” a instalação industrial. Esse estado de coisas, agravando-se, nos conduziria à guerra civil e à selvageria.

Tais são os resultados de uma falsa educação nacional.

Desde muitos séculos, nem a escola, nem a Igreja têm ensinado ao povo o que ele mais precisa conhecer: o porquê da existência, a lei do destino, com o verdadeiro sentido dos deveres e das responsabilidades que a ele se unem.

Daí, por todas as partes, de alto a baixo, o falir das inteligências e das consciências, a confusão de todas as coisas, a desmoralização e a anarquia. Estamos ameaçados de falência social.

Será preciso descer até ao fundo das misérias públicas para ver o erro cometido e compreender que é preciso procurar, acima de tudo, o raio de luz que ilumina a grande marcha humana em sua rota sinuosa, através dos barrancos e das rochas escarpadas?”

Em 1910, não se pensava ainda, em geral, na eventualidade de uma guerra.

Alguns médiuns conheciam o terrível destino pelas revelações dos invisíveis. A grande tormenta passou e foi seguida por um período de libertinagem mundial e de materialismo.

Após a terrível epopeia, as catástrofes se multiplicam: tremores de terra, inundações, muitas crises sociais e econômicas, igual é a sorte de todas as nações. Tudo isso foi destinado a abrir os olhos dos homens?

Inúmeras comunicações espíritas, recebidas em todos os pontos do globo, por médiuns que não se conhecem, parecem indicar essa conclusão. Não obstante, as criaturas não querem se entender. Nunca a antítese foi maior entre os ricos, os laboriosos e os desgraçados.

É digno do século XX que alguns possam gastar 500 francos por pessoa, com uma única refeição, enquanto que, em Paris, há pobres criaturas obrigadas a se deitarem no chão, nos degraus das estações do Metrô?

Como explicar aos maus ricos seu dever social?

Não conheço outra forma de explicação a não ser pela teoria das vidas sucessivas, pelas quais eles têm, no curso da atual existência, uma fortuna que lhes permite, por sua escolha, viver egoisticamente, mergulhar no luxo e no conforto, ou então, valendo-se dessa riqueza, diminuir as múltiplas misérias humanas.<sup>102</sup>

## **2º) Síntese Espiritualista**

Escrita sob a forma de diálogo, a *Síntese Espiritualista*<sup>103</sup> se destina em especial aos principiantes. Ela é dirigida aos jovens e aos adultos ainda não iniciados.

O autor a denomina um “catecismo” e a concebeu sob a forma de perguntas e respostas bem simples.

Geralmente, para se ensinar às crianças, passa-se do complexo ao simples. Habitualmente, o catecismo começa por “Que é Deus?”. Ora, a criança tem necessidade de aprender primeiro a

natureza das coisas que tem o hábito de ver em seu derredor e, pouco a pouco, podemos conduzi-la às concepções filosóficas e metafísicas.

Léon Denis segue, pois, a ordem natural e a marcha instintiva, partindo do homem para chegar até Deus.

Se falamos de Deus, isso não quer dizer que sejamos místicos e que desejamos fundar uma nova religião.

Como já escreveu Gabriel Delanne, em 1885:<sup>104</sup>

“Se suprimirmos do ensino espírita a noção do Ser Supremo, torna-se impossível explicar o que seja o Universo.

Não se trata aqui de misticismo ou ideologia, é o simples bom senso que fala.

Deus, causa primária, infinita, eterna, resulta fatalmente da imortalidade da alma, e os materialistas o compreendem tão bem, que não podem separar, em suas negações, Deus e a alma.

Não é possível acreditar em uma sem ser obrigado a concluir pela existência da outra.

Ora, estamos certos de que a alma não morre; portanto, Deus existe.”

## CAPÍTULO IX

### Joana d'Arc, Médium

Os leitores de Léon Denis sabem que a morte não existe, pelo menos no sentido que a maioria dos seres humanos atribui a essa palavra.

Os que lêem *Le Journal* ficaram, como eu, estupefatos sabendo que, em 5 de janeiro de 1928, um acadêmico havia declarado a um jornalista: “Estudamos hoje palavras bem tristes: *morte e morrer*”.

Se esse acadêmico tivesse estudado nossa doutrina, ele saberia que a morte é uma simples mudança de estado; sem ter necessidade de serem eleitos membros da Academia Francesa, todas as criaturas humanas, sem exceção, são imortais, no sentido real da palavra.

A leitura dos jornais é, de resto, cheia de ensinamentos.

*L'Oeuvre*, de 6 de janeiro de 1928, publica um artigo de La Fouchardière, que ironiza mais uma vez o Espiritismo. Ele o faz sem fornecer meios de verificar suas alegações.

Dois sábios holandeses, afirma ele, teriam inventado um aparelho novo, chamado por eles “dinamistógrafo”.

Essa notícia teria sido extraída pelo ironista de uma revista cujo nome ele se descuidou de citar. Ele omite, igualmente, o nome dos sábios holandeses. Tal descoberta é real? Eu a ignoro e a cito sem garantir qualquer autenticidade e para mostrar, mais uma vez, a maneira de agir de nossos adversários.

Eis em que consistiria a invenção: os invisíveis têm o poder de desmaterializar os objetos e, assim, eles podem transportá-los, fazendo-os passar através de todos os obstáculos e lhes dando de novo sua forma, se julgarem necessário. É o fenômeno bem conhecido dos “transportes”.

Ora, os sábios holandeses deveriam estar cientes de que o estanho tem a curiosa propriedade de não poder ser atravessado, nem pelos espíritos, nem pelos objetos desmaterializados.

Partindo desse princípio, eles teriam construído um aparelho de estanho, inteiramente fechado, que estaria pronto para atrair os espíritos e, fechando a porta, ficariam prisioneiros, o que permitiria interrogá-los, sem que eles pudessem fugir.

Conhece-se bastante o espírito de La Fouchardière para não se admirar de que ele tenha pretendido distrair seus leitores, numa época em que não se está muito distante dos presentes do dia de ano bom, comparando os espíritos presos nessa prisão de estanho aos chocolates que são embrulhados em papel especial, para que sejam mais atraentes.

Ele se aproveita da facilidade de seu jogo de palavras para afirmar, mais uma vez, sem poder prová-lo, que o Espiritismo jamais existiu.

Apesar das ironias de La Fouchardière, há talvez algum fundamento na afirmação de que o estanho impediria os espíritos ou o fluido que os compõe de o atravessarem. Eu me recordo de minhas inúmeras experiências; elas me deram a certeza de que o meu fluido pessoal não pode atravessar a seda. Percebi isso da seguinte maneira:

Era em 15 de agosto de 1919 e me achava em Riva-Bella, na província de Caen. Mantinha em tratamento psíquico<sup>105</sup> uma criança bastante doente.

Eu acabava de tomar meu banho e me achava perto de meu gabinete, quando a mãe da menina me mandou buscar, porque a pequena estava numa forte crise. Eu me dirigi à sua cabine de banho e a atendi com passes, pedindo mentalmente a meus amigos invisíveis que se servissem de mim como intermediário para curar a criança.

Com grande espanto, apesar de meus esforços, ela continuou a sofrer; habitualmente eu só precisava de alguns segundos para acalmar suas dores.

De repente, lembrei-me de que era um dia santo e tive a idéia de perguntar à menina se não estava com roupa de seda no corpo. “Estou com uma camisa de seda”, respondeu-me.

Saí então da cabine e pedi à mãe que lhe tirasse a camisa e a deixasse em roupa de banho. Quando ela estava com essa vestimenta, consegui logo livrá-la das dores que sentia.

Depois, em muitas outras vezes, tive ocasião de constatar a mesma coisa: a seda impede a passagem de meu fluido.

Para estudar *Joana d’Arc, Médium*, julguei necessário documentar-me sobre a célebre lorena, não apenas na obra magistral de Léon Denis, mas ainda na Biblioteca Nacional, para me informar exatamente sobre a grande heroína francesa. As obras escritas sobre ela são numerosas. Apesar de duvidar, contei 676 fichas sobre Joana d’Arc.

Entre esses volumes, isso dito a título histórico, o de Léon Denis (edição de 1910) está classificado, na Biblioteca Nacional, sob o nº 175, na ordem alfabética, e catalogada sob nº 1322, 8º, Ln 27 - 54.287.

Entre as obras sobre Joana d’Arc, muitas foram escritas por eclesiásticos; algumas são de pastores protestantes. Indicarei, por exemplo, *Soeurs de Jeanne d’Arc* (conferência pronunciada a 25 de maio de 1925, no Templo do Santo Espírito, por Raoul Allier).

A memória de Joana d’Arc não foi sempre respeitada e até mesmo foi atacada. De memória, citarei as obras de Thalamas, Henry Bérenger e Anatole France.

Até mesmo a existência de Joana foi negada. E o Sr. Raphael Symptor publicou em 1909 uma obra para tentar provar que Joana jamais existiu.

Outros sustentam que ela não foi queimada e que se casou. Ver, a propósito, a obra de Grillot de Givry, intitulada *La Survivance et le Mariage de Jeanne d’Arc*.<sup>106</sup>

O autor se baseia numa resposta dada por Joana d’Arc, no decorrer de seu processo: “Sim, em verdade – afirmava ela –, minhas vozes me disseram que darei à luz, mas não sei o dia, nem a hora”.

Tomando o texto dessa resposta, Grillot de Givry estabelece um dilema. Se Joana morreu na fogueira, não foi mãe, por consequência, não confiamos nas vozes de Joana d’Arc. Se, ao

contrário, foi mãe e as vozes não mentiram, isso prova que uma outra mulher a substituiu na fogueira.

Grillot de Givry afirma que se descobriu o destino da heroína. Em 20 de maio de 1436, cinco anos após o suplício de Rouen, a verdadeira Joana d’Arc apareceu em Lorraine e teria ido ver seus irmãos e teria sido reconhecida por eles. Depois, se casou com o cavaleiro Robert des Harmoises e não hesitara em retornar a Orléans, com o nome de Jeanne de Harmoises; em 1439, foi festejada pela prefeitura da cidade.

Para apoiar suas palavras, Grillot de Givry cita as despesas fabulosas feitas naquela ocasião, sem que ninguém as criticasse, e acrescenta que não seriam feitas, se não se tratasse de Joana d’Arc, que se desejava homenagear, pois, graças a ela, a cidade de Orléans foi salva.

De minha parte, considero isso uma fantasia, mas era útil registrar as afirmações de Grillot de Givry.

Os psiquiatras se ocuparam do caso de Joana d’Arc, conforme testemunho de um estudo psicológico e psicopatológico de Zücher, que figura na Biblioteca Nacional.

Convém igualmente assinalar *Jeanne d’Arc Victorieuse*<sup>107</sup> de Saint-Yves d’Alveydre, que retrata a vocação celeste da profetisa e a missão terrena da heroína.

Essa obra é, em parte, conhecida pelos leitores de Léon Denis, pois, por várias vezes, nosso mestre cita os versos do ocultista, nos capítulos de seu livro *Joana d’Arc, Médium*.

O teatro não podia ficar indiferente à personalidade de Joana d’Arc; muitas são as peças que tratam da heroína. Lembrarei, simplesmente, “La Pucelle d’Orléans”, de Schiller, um drama em três atos de Ferret e um ato do Abade Pouchalon, intitulado “Le Dernier Soir de Domremy”.<sup>108</sup>

Segundo o prefácio de Léon Denis, somente no século XX é que se começou a atacar a memória de Joana d’Arc e é curioso constatar que Thalamas fez sua campanha de conferências, através de toda a França, sob a égide da Liga do Ensino.

Ora, lembramos que é pela Liga do Ensino que Léon Denis se tornou conferencista. Isso foi, provavelmente, um grande golpe

para o nosso mestre, quando, a 29 de abril de 1905, Thalamas veio a Tours, denegrir a memória de Joana d’Arc, pela qual os espíritas têm, com conhecimento de causa, uma grande veneração.

A personalidade de Joana d’Arc devia igualmente terminar com as discussões políticas; em todos os partidos discute-se Joana d’Arc.

Lembro, de memória, o discurso feito por Déroulède, em 8 de maio de 1909, em homenagem a Joana d’Arc; as conferências que Defossé, em 31 de maio de 1894, fazia para a Aliança Republicana de Dunkerque.

Durante a guerra, foi formada uma milícia da bem-aventurada Joana d’Arc, para apressar a vitória da França.

Para conhecer as obrigações impostas aos escudeiros e às escudeiras engajadas, durante a guerra, é preciso ler uma brochura de 16 páginas, publicada em 1914.<sup>109</sup>

Em 1894, Choussy, autor de vários livros sobre esse assunto, publicou uma nova obra, a fim de dar “as provas do martírio, em Rouen, de Joana d’Arc, em resposta aos historiadores dos séculos XVII, XVIII e XIX, que sustentam não ter sido ela queimada em Rouen”.

Tudo isso mostra como é difícil reconstituir a história de Joana d’Arc, principalmente se dermos crédito aos boatos que correm a seu respeito: uns pretendem que Joana d’Arc não existiu, outros que ela não foi queimada e que continuou sua existência sob o nome de Jeanne des Harmoises.

No momento em que eu preparava meu livro sobre Léon Denis, comprovei, pessoalmente, como é difícil reconstituir a história. Em dezembro de 1927, resolvi escrever, em colaboração com meu amigo Paul Bodier, a biografia de Gabriel Delanne, morto em 1926.<sup>110</sup> Tivemos dificuldades para documentar sua juventude e, entre os elementos obtidos, alguns são contraditórios.

O livro de Léon Denis *Joana d’Arc, Médium* foi publicado, creio eu, em 1910; digo “creio” porque em nenhum documento que tive à minha disposição, achei uma data precisa.

Essa obra comporta duas partes: inicialmente, um estudo sobre a vida e a mediunidade de Joana. A seguir, uma descrição das diversas missões que Joana tinha a cumprir, tanto durante sua vida terrestre, como no curso dos anos e séculos que se seguiram.

Essa obra de Léon Denis foi bem acolhida pela crítica. *Le Mercure de France* publicava, em 1º de fevereiro de 1910, o seguinte artigo:

“Muito se tem escrito sobre a grande lorena, porém, até aqui nenhum autor a havia estudado sob o ponto de vista psíquico.

Léon Denis, escritor portentoso e apaixonado, acaba de preencher a lacuna, publicando *Joana d’Arc, Médium*.

Em poucas linhas, ele indica as razões que também o levaram a escrever a história da “Pucelle”: a maior parte dos fenômenos do passado, apresentados em nome da fé, negados em nome da razão, já podem receber uma explicação lógica e científica. Os fatos sobre a Virgem de Orléans são dessa ordem.

Seu estudo, tornado mais fácil pelo conhecimento de fenômenos idênticos observados, classificados e registrados em nossos dias, pode somente explicar a natureza e a intervenção das forças que agiam em torno dela e orientaram sua vida para um nobre objetivo.

Léon Denis não se parece com os historiadores de nosso tempo, que se contentam em acumular textos e documentos, com notas, mas que pouco falam da sua vida.

Pelas grandes cenas da história, ele quer ver desfilar as almas das nações e dos heróis: “Se os souberdes amar – disse ele –, eles virão até vós e vos inspirarão. É o segredo do gênio da História. É o que fazem os grandes escritores, como Michelet, Henri Martin e outros. Eles compreenderam o gênio das raças e dos tempos e o sopro do além corre em suas páginas”.”

Não tenho necessidade de confirmar a existência de Joana d’Arc. Sabe-se que ela nasceu em 1412, em Domremy. Filha de

pobres lavradores, jamais aprendeu a ler ou escrever. Ela ouvia vozes e escutava os conselhos e as ordens que eram dadas por essas vozes; deixou a casa de seus pais, aos 17 anos, para correr em socorro do Delfim, ela que, entretanto, não aprendera a cavalgar nem a guerrear.

Léon Denis recorda a existência de Joana d’Arc em todas as cidades por onde ela passou e conduz seu leitor a Reims, onde ela triunfou, a 17 de julho de 1429, e depois a Compiègne, onde ela foi aprisionada para ser mantida em cárcere durante 5 ou 6 meses.

É em Crotoy que, pela primeira vez, ela pôde, de seu calabouço, ver o mar. Léon Denis destaca o quanto a vista do Canal da Mancha impressionou Joana.

Em 21 de novembro de 1430, a heroína foi vendida aos ingleses por 10.000 libras e mais uma renda vitalícia ao soldado que a prendera. Pormenor curioso: a fim de pagar essa renda, os ingleses criaram um imposto sobre os normandos e se pensa, assim, que Joana d’Arc foi comprada pelos ingleses graças ao dinheiro francês.

Léon Denis mostra, em seguida, qual foi a atitude notável de Joana, em Rouen, onde, durante 6 meses sofreu um verdadeiro martírio.

Em 24 de maio de 1431, procuraram obter uma abjuração de Joana. Essa questão fez correr muita tinta e foi suficientemente importante para ter motivado, em 1º de abril de 1902, uma comunicação ao Congresso das Sociedades Sábias, que foi feita pelo Abade Dunand.

A respeito dessa abjuração de Joana d’Arc, Léon Denis escreveu:<sup>111</sup>

“Uma cena – poder-se-ia dizer uma comédia – é preparada no cemitério de Saint-Ouen. Lá, à vista do povo e dos ingleses, diante de juízes reunidos, à frente dos quais se colocam um cardeal e quatro bispos, Joana é intimada a declarar que se submete à Igreja. Pressionam-na, pedem-lhe que se poupe, que não se condene ao suplício do fogo.

O carrasco lá está, com efeito, em sua sinistra carreta, junto ao estrado para o qual a fizeram subir. O mesmo carrasco que irá conduzi-la ao Vieux-Marché – se ela não se submeter à Igreja – onde uma fogueira a espera!

E então, sob a melancólica claridade de um dia sombrio, que vem do céu como um lamento, sob a impressão da tristeza que se desprende dos túmulos, dessas sepulturas que a cercam, ela se sente tomada de um grande abatimento.

Seu pensamento se desliga desse campo dos mortos; ela revê sua velha terra da Lorraine, seus bosques densos, onde cantam os pássaros, esses lugares amados de sua mocidade.

Imagina ouvir essas canções das jovens e dos pastores, esses cantos doces e melancólicos trazidos pela asa do vento.

Revê sua cabana, sua mãe e seu velho pai de cabelos brancos, que ela reencontrou em Reims e que sentirão tanta pena por sua morte! Nela desperta a saudade da vida.

Morrer aos 20 anos não é cruel?

E, pela primeira vez, o anjo fraqueja. O Cristo, também, teve sua hora de fraqueza. No Monte das Oliveiras, não quis ele afastar o cálice de fel? Não disse: “que esse cálice se afaste de mim!”?

Joana, esgotada, assina o documento que lhe apresentam. Lembremo-nos de que ela não sabia ler, nem escrever. E, aliás, o documento que a fazem assinar não é o que registrarão. Houve uma infame substituição. Não houve escrúpulo, nem mesmo diante desse odioso ato.

Atualmente, está provado que a fórmula de abjuração figurante no processo, assinada com uma cruz, é falsa. Essa fórmula não é, nem em conteúdo, nem em extensão, aquela que Joana assinou.

Nenhuma das testemunhas do processo de revisão atestou a identidade desse documento e cinco testemunhas a negaram. A peça que possuímos é bastante longa.

Três testemunhas: Delachambre, Taquel e Monnet, disseram: “Nós estávamos perto, vimos o documento e só continha seis ou sete linhas.”

“Sua leitura durou tanto quanto um Pai-Nosso”, acrescentou Migiet.

Outra testemunha declarou: “Sei, positivamente, que o documento lido para Joana, e que ela assinou, não era o mencionado no processo.” Ora, essa testemunha é o escrivão Massieu, que fez Joana pronunciar a abjuração.

Joana, perturbada, não entendeu, nem compreendeu essa fórmula. Ela assinou, sem pronunciar o juramento, sem ter plena consciência de seu ato. Ela mesma afirmou a seus juizes, alguns dias depois, dizendo: “O que estava no documento da abjuração eu não entendi. Não renunciei a nada que não fosse contra Deus.”

Assim, o que as ameaças, as violências e todo o aparelho das torturas não haviam podido obter dela, obtiveram por preces e solicitações hipócritas.

Aquela alma tão terna se deixou levar pelos falsos semblantes de simpatia e falsos testemunhos de bondade.

Todavia, na mesma noite, as vozes se fizeram ouvir, imperiosas, na prisão e, a 28 de maio, Joana o declara a seus juizes: “A voz me disse que seria traição abjurar. A verdade é que Deus me enviou e o que fiz foi bem feito. E ela repôs as roupas de homem que lhe haviam feito abandonar.”

Após retratar sua abjuração, Joana foi queimada em 30 de maio de 1431. Creio impossível ler esse capítulo de Léon Denis sem sentir uma emoção profunda e sem termos lágrimas nos olhos.

Como não se emocionar ao extremo, descobrindo a maravilhosa grandeza da alma de Joana.

Essa moça vinha, durante dois anos, vivendo a mais sublime epopeia; ela sabia quais serviços maravilhosos havia prestado a seu país e à humanidade.

Tendo um profundo horror pelo fogo, temia morrer por ele e pediu a graça de um outro suplício.

Apesar da crueldade dos que durante seis meses a torturaram, é em seus carcereiros e em seus carrascos que ela pensa, no momento de subir para a fogueira.

Lembrando-se, sem dúvida, do grito de perdão proferido por seu Mestre Jesus, quando foi supliciado, ela quis seguir seu exemplo.

Perdoando a seus inimigos, desejando que eles não paguem muito caro por suas crueldades, exalou seu derradeiro suspiro dizendo: “Minhas vozes não me enganaram.”

Como pede Léon Denis:<sup>112</sup>

“Saudemos essa nobre figura virginal, essa jovem de coração imenso que, após ter salvado a França, foi morta por ela, antes de ter 20 anos.

Sua vida resplandece como um raio celestial, na noite espantosa da Idade Média.

Ela veio trazer aos homens, com sua fé poderosa e sua confiança em Deus, a coragem, a energia necessária para superar obstáculos; veio trazer à França traída, agonizante, a salvação e o reerguimento.

Como prêmio de sua abnegação heróica, ela só recebeu amargura, humilhação e perfídia; e, para coroamento de sua curta mas maravilhosa carreira, uma paixão e uma morte tão dolorosa como a do Cristo.”

Vinte e cinco anos após seu suplício, os católicos julgaram necessário fazer um processo de reabilitação e, em 1455, Joana estava reabilitada. Aí pára a obra de Léon Denis.

Depois de 1910, época da publicação de seu livro, Joana d’Arc foi santificada.

Achei necessário buscar nas obras católicas as razões pelas quais os padres julgaram útil, após tê-la queimado, beatificar Joana d’Arc e depois santificá-la.

Manuseei dois grossos livros escritos por Monsenhor Touchet, bispo de Orléans, sob o título: *La Sainte de la Patrie*.

Essas duas obras, que têm o mesmo formato de *Joana d’Arc*, de Anatole France, são bem interessantes de ler e aí encontrei os milagres feitos por Joana d’Arc e que deram permissão ao Papa de beatificar e santificar nossa heroína.

Conhecemos as condições exigidas pela Igreja Católica para dar a uma criatura que viveu em nosso planeta o título de “bem-aventurada”. Entre essas condições, uma é indispensável: é o milagre. Três milagres conseguiram beatificar Joana d’Arc.

Nas páginas 505 e seguintes do tomo II do livro do Monseñor Touchet, descobri que sete curas consideradas prodigiosas tinham sido submetidas a esse bispo. Uma outra cura foi proposta ao bispo de Arras e uma outra ainda ao bispo de Evreux.

Sobre essas nove curas, três somente foram retidas, uma das quais fornecida pelo bispo de Orléans e a dos dois outros bispos.

Três dioceses poderiam, assim, ser do mesmo modo favorecidas, enquanto que, ao contrário, se tivessem retido todos os casos apresentados pelo bispo de Orléans, somente ele poderia vangloriar-se de ter sido o artífice da beatificação de Joana d’Arc.

Eis quais são esses três milagres:

“O primeiro milagre, por ordem de apresentação – escreve Monsenhor Touchet – aconteceu na casa de Orléans, das Irmãs da Ordem de S. Benedito, em 1900.

A Irmã Thérèse de Saint-Augustin, que sofria, há três anos, de uma úlcera gástrica, via seu mal progredir de tal forma que, sem esperança de cura, preparava-se para receber os últimos sacramentos dos moribundos. Todavia, no último dia de uma novena, feita para implorar o socorro da venerável Joana, ela se levanta do leito, assiste ao Santo Sacrifício da missa, alimenta-se sem dificuldade, ficando rápida e completamente curada.”

Eu imaginava, ingenuamente, que eram precisos milagres acontecidos em vida de quem se pretende beatificar. Entretanto, uma simples novena, seguida de um resultado, talvez devido a uma auto-sugestão, bastou para que se beatificasse.

“O segundo milagre aconteceu em 1893, em Faverolles, na diocese de Evreux: trata-se de Julie Gauthier, religiosa. Por mais de dez anos, ela sofria de uma úlcera no seio esquerdo e os doutores a declararam incurável.

Certo dia, ela foi à igreja e implorou socorro a Joana d’Arc e se achou curada.”

É bem lamentável que essa religiosa tenha esperado dez anos para pedir que Joana a socorresse. Esse milagre foi considerado suficiente para beatificar Joana d’Arc.

“O terceiro milagre se passou em Fruges, na diocese de Arras: uma religiosa, Irmã Jeanne Marie Sagnier, sofria, há três meses, de uma úlcera e de dores nas duas pernas. Fez cinco dias de orações a Joana d’Arc e, desde o sexto dia, ficou completamente curada.”

Os dois milagres, graças aos quais Joana d’Arc foi canonizada, são igualmente casos de curas:

*Primeiro milagre:* Em 25 de dezembro de 1908, a Sra. A. M. sofre do calcanhar esquerdo, que se torna em um grande mal. Entre 15 e 20 de janeiro de 1910, ela ficou curada com uma novena a Joana d’Arc.

*Segundo milagre:* Uma jovem operária lionesa, fabricando franjas para ornamentos de igreja, fazia tempo que sofria de uma endocardite e de uma apendicite crônica; devia ser operada em 31 de outubro de 1906. Ela foi a Lourdes e ficou curada por intervenção de Joana d’Arc, à qual dirigia preces fervorosas.

Para nós espíritas, pouco importa que, após tê-la queimado, os católicos coloquem Joana d’Arc em seus altares.

Léon Denis cita diversas comunicações da própria Joana, recolhidas por ele, com garantia de autenticidade. Segundo ele, Joana d’Arc não se preocupa com muita pompa e homenagens feitas em seu louvor.

Como Joana teve o poder, embora simples camponesa, de se pôr a guerrear, de conhecer táticas militares e assim salvar seu país? Teve esse poder porque era médium.

Em *Aperçus Nouveaux*, páginas 61 e 66, Quicherat, diretor da École des Chartres, reconhecia de uma forma absoluta a existência das faculdades psíquicas de Joana d'Arc.

Para Anatole France, as vozes de Joana são uma ilusão de seu coração (ver tomo I, página XLV). Reconheçamos que isso não quer dizer nada.

O historiador inglês Lang, em *La Pucelle de France*, consagra uma nota à questão das faculdades psíquicas de Joana d'Arc. Ele examina a hipótese do Dr. Georges Dumas e procede ao estudo da obra de Myers, que admite a intervenção de espíritos exteriores e compara o caso de Joana d'Arc ao de Hélène Smith, estudado pelo Professor Flournoy, em seu livro *Des Indes à la Planète Mars*.

Eis o sentimento de Lang a esse respeito:<sup>113</sup>

“Eu sou levado a crer que, de uma forma que não é fácil definir, Joana foi “inspirada” e estou convencido de que ela foi uma pessoa de um gênio elevado e do mais nobre caráter. Sem esse gênio e esse caráter, suas visões de coisas ocultas (supondo-as como tais), não teriam tido qualquer utilidade na grande tarefa de salvar a França.

Uma outra pessoa poderia ter ouvido as vozes darem advertências, mas ninguém teria podido mostrar uma tão indomável energia e esse dom de encorajar os outros, unido a uma doçura de alma e a uma admirável e vitoriosa tenacidade.”

Léon Denis demonstra nitidamente a mediunidade de Joana d'Arc.

Ela teve fenômenos de visão: viu os espíritos que lhe falavam. Ouviu as vozes desses espíritos e teve, igualmente, clarividência. Em Chinon, por exemplo, ela anunciou a um soldado sua morte à tarde, dizendo-lhe que lhe seria melhor orar que praguejar. Pressentiu que devia ser ferida em 7 de maio de 1429 e, com efeito, nesse dia foi ferida.

O psiquismo de Joana d'Arc lhe permite ter sobre os outros uma considerável ascendência. Como explicar, a não ser assim, a forma como soube fazer-se obedecer por soldados que, no momento da “Guerra dos Cem Anos”, não tinham grande disciplina e que guerreavam mais para pilhagem?

Como explicar também a ascendência que teve sobre oficiais que haviam feito estudos especiais, com conhecimentos militares e aos quais, entretanto, ela comandava com autoridade, ela que não tinha nenhuma instrução?

De resto, é graças à ajuda do Além e graças ao seu valor moral que poderá sofrer as maiores fadigas.

Aconteceu-lhe por vezes comer somente um pedaço de pão, durante todo o dia. Ela ficará seis dias inteiros sob as armas e fará longas caminhadas a cavalo.

Como seria capaz de sofrer todas aquelas fadigas se do Além não se lhe dessem as forças necessárias?

É difícil falar da mediunidade de Joana d'Arc sem pensar em certas objeções formuladas principalmente pelos psiquiatras.

Uns dizem que é obsessão; outros crêem em alucinação; alguns pretendem que se trata de histeria; outros, que é apenas a voz interior de Joana d'Arc.

Não pode haver obsessão, disse Léon Denis, no caso de Joana d'Arc, porque quem diz obsessão indica uma presença constante, inevitável, desagradável, de um ser verdadeiro ou falso que vem, constantemente, privar alguém de seu livre-arbítrio. No caso de Joana d'Arc, nada de análogo; suas vozes aparecem tanto de uma forma espontânea, quanto a seu chamado.

Não há histeria, porque Joana se encontrava em perfeito estado de saúde física e possuía qualidades de espírito tais, que essa objeção não tem motivo.

Não há voz interior, porque essa voz interior não seria capaz de despertar Joana. Da mesma forma que ela não poderia indicar nitidamente, por um som, o lugar de onde vem. O ser que possui essa voz não poderia mostrar-se; ora, Joana teve igualmente visões. O fenômeno é, pois, bem claramente objetivo.

Por que – e aí está uma objeção importante – Joana d’Arc ouviu as vozes de São Miguel e de Santa Margarida?

Dizem: ou bem você admite, realmente, o histórico dos fenômenos indicados por Joana d’Arc, você o aceita e fica obrigado a admitir que ela se encontra bem, na presença de São Miguel, ou então, na qualidade de espírita, você não admite os santos e se encontra em presença de um outro fenômeno.

Léon Denis responde assim a essa objeção:<sup>114</sup>

“Agora, uma questão se apresenta, da mais alta importância: quais eram as personagens invisíveis, que inspiravam Joana e a dirigiam? Por que santos, anjos e arcanjos? Que devemos pensar dessa intervenção constante de São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida?

Para resolver esse problema, seria preciso analisar, de início, a psicologia dos videntes e dos sensitivos e compreender a necessidade em que se encontram de dar às manifestações do Além as formas, os nomes e as aparências que a educação recebida, as influências sofridas e as crenças do meio e da época onde vivem sugeriram.

Joana d’Arc não escapava dessa lei. Servia-se, para traduzir suas percepções psíquicas, dos termos, expressões e imagens que lhe eram familiares.

É o que fazem os médiuns de todos os tempos. Conforme os meios, dão aos habitantes do mundo oculto os nomes de deuses, gênios, anjos, demônios, espíritos, etc.

As inteligências invisíveis que influem ostensivamente na obra humana se sentem na obrigação de entrar na mentalidade daqueles a quem se manifestam, de adotar as formas e os nomes de seres ilustres, deles conhecidos, a fim de impressioná-los, inspirar-lhes confiança, de melhor prepará-los para a tarefa que lhe está reservada.

Em geral, no além, não se liga a mesma importância, como entre nós, aos nomes e às personalidades. Lá se empreendem obras grandiosas e, para realizá-las, se utilizam os meios de que necessita o estado de espírito – pode-se dizer o estado de

inferioridade e de ignorância – das sociedades e dos tempos onde as Potências desejam intervir.”

Há na história contemporânea fenômenos que são análogos aos de Joana d’Arc.

O Cura d’Ars dizia que falava frequentemente com Santa Filomena. Lembremo-nos de que a etimologia desse nome significa: “Que ama a humanidade”. Por consequência, a entidade que se manifestava ao Cura d’Ars tinha se utilizado da aparência bem nítida de Santa Filomena, que realizava os fenômenos por amor aos habitantes de nosso planeta.

Durante alguns anos, um espírito se manifestou em minhas experiências, dizendo que seu nome pouco importava, que havia vivido um certo número de vezes, mas que lhe seria impossível dizer-nos os nomes que houvera tido. Pedia para chamá-lo de “Espírito de Luz”. Esse nome se explicava bem, porque, por intermédio de dois médiuns que não se conheciam, recebi desse espírito comunicações de uma natureza excepcionalmente elevada. Eram de uma clareza extraordinária e de uma grande luminosidade. Obtive também do “Espírito de Luz” comunicações através de um médium iletrado.

Como explicar de outra forma, a não ser pela intervenção de um ser do Além, as diversas manifestações que ele me quis dar, especialmente para me aconselhar na árdua tarefa que empreendi, tomando por missão divulgar sobre a Terra o ensino espírita?

Entre os médiuns conhecidos, alguns também tiveram premonições e ouviram vozes. Por exemplo, pode-se citar a Sra. Agulana, que, como Joana, era uma jovem do campo, sem qualquer instrução; entretanto, no curso de sua existência, bem longa, ela se entregou a grandes serviços pela humanidade.

Em *La Vie Vécue d’un Médium Spirite*, lê-se algo que se assemelha aos fenômenos de Joana d’Arc.<sup>115</sup> Ela escreveu:

“Muitas vezes, ouvia vozes em mim que me falavam e, uma tarde, ouvi uma dizendo-me que meu pai não apareceria mais em casa e morreria à noite.

Era um sábado, dia de feira em Dax, em junho de 1865; meu pai fora até lá carregando consigo 800 francos para diversas compras. Ele tinha o costume de ir àquela localidade, todos os sábados, e voltar às sete horas da noite. Naquele dia, eram apenas sete horas, minha mãe, sem dúvida, por um pressentimento, já se inquietava e olhava para a estrada. Foi quando eu lhe disse:

– A senhora espera meu pai em vão, ele não voltará mais, porque está morto.

Furiosa, minha mãe me empurrou:

– Afaste-se de mim, filha da desgraça, tudo que você anuncia acontece, vá embora.”<sup>116</sup>

Léon Denis mostra a seus leitores qual papel Joana d’Arc desempenhou e como realizou a unidade da França. Indica, igualmente, como o Espiritismo se concilia com sua religião e com ela, que não é católica ortodoxa.

Eu já estudei, segundo Léon Denis, a diferença que há entre o Catolicismo e o Cristianismo. Ora, pode-se constatar que Joana d’Arc sempre foi uma cristã, mas que, em realidade, jamais quis aceitar a lei dos representantes da Igreja.<sup>117</sup>

Não podendo, infelizmente, deter-me numa questão assim tão importante, vou, bem rapidamente, indicar qual ensinamento tiramos da vida de nossa heroína.

De início, ela parece bem indicar que nossa principal tarefa neste mundo é trabalhar. Ensina-nos a sermos justos e bons.

Joana d’Arc é uma figura nacional e mundial de que todos procuram se apropriar, quando, ao contrário, graças a ela e por ela se deveria fazer a união de todos os partidos.

Como bem justamente escreveu Léon Denis, em março de 1915, em *L’Echo Fidèle d’un Demi-Siècle*,<sup>118</sup> Joana não é propriedade de qualquer partido:

“Ela pertence a todos, porque todos acharão em sua vida uma razão para venerá-la.

Os realistas glorificarão o heroísmo fiel que se sacrifica por seu rei; os crentes, a enviada providencial que surgiu na hora dos desastres.

As crianças do povo amarão a filha dos campos, que se arma para a salvação da pátria.

Os soldados se lembrarão de que ela sofreu como eles e que foi duas vezes ferida.”

Houve dificuldades no parlamento, antes da instituição da festa nacional de Joana d’Arc, enquanto certos partidos procuravam glorificar a Virgem de Orléans, outros, cuja palavra de ordem é sectarismo e materialismo, querem, a todo preço, evitar que Joana d’Arc se torne uma heroína nacional.

Enfim, a vitória foi ganha e o Parlamento francês decidiu que cada ano Joana d’Arc seria publicamente festejada por todos os franceses.

Os primeiros anos foram um pouco tempestuosos; certos partidos procuraram se aproveitar dessa festa para criar nas ruas uma certa agitação.

Depois, pouco a pouco, tudo se acalmou e logo se pode esperar que, compreendendo o papel maravilhoso exercido, no século XV, por Joana d’Arc, todos os franceses estarão em comunhão de pensamento com ela, cada um segundo sua crença, no dia em que se descansará em sua homenagem.

Todos os espíritas devem esforçar-se em divulgar o livro *Joana d’Arc, Médiun*. O ensino oficial parece estar inspirado nas ideias de Thalamas e de Henry Bérenger, quanto a Joana d’Arc, nos manuais das escolas primárias.

Pode-se calcular a importância que isso terá para as gerações de amanhã?

O materialismo tem causado muitos estragos na França e no mundo inteiro, mormente na França, na metade do século XIX, e somente no seu final é que se começou a dar conta dos prejuízos do materialismo.

Pela instrução psíquica se poderá consertar esse estado de coisas. Graças a ela, levando as verdades às crianças, se conseguirá lutar contra o mal moral de nossa época.

Creio que é impossível não se experimentar um imenso temor ao se constatar o aumento da criminalidade e dos suicídios, principalmente, observando-se a pouca idade de certos criminosos e de numerosos suicidas.

Como não angustiar o nosso coração, quando lemos que, por uma advertência que lhe é feita, as crianças se matam?

Como não trememos, descobrindo que as aparentes alegrias da riqueza e da glória não impedem que criaturas humanas se suicidem?

Lembram-se da estupefação que reinou no mundo, quando houve o suicídio de Max Linder?

Recentemente,<sup>119</sup> Claude France, uma daquelas que haviam adquirido, por seu talento e beleza, o sucesso, a glória do cinema, não vacilou, todavia, em abandonar voluntariamente nossa Terra.

Tenhamos, de vez em quando, para os nossos amigos invisíveis, um pensamento pelos suicidas, a fim de abreviar-lhes, se possível, o suplício da expiação.

Atualmente, há ódio e desencanto no coração humano. O ideal está extinto na multidão, por causa do ensino materialista. Diz-se ao povo: come, bebe e goza o mais possível. Não tenhas ideal, que é inútil e perigoso; ganha dinheiro por todos os meios, sem te ocupares com outra coisa. Isto só basta.

Seguindo-se esse ensinamento, vai-se cair nos prazeres e na sensualidade. Tentem, mesmo nesses tempos de vida cara, encontrar um lugar num *music-hall*, num cinema ou em um teatro, sem, previamente, haver feito uma reserva. Os *music-halls* se enchem. Os teatros de arte e aqueles onde se representam peças sérias são abandonados.

No “Théâtre des Arts”, representava-se “Orange Mystique”,<sup>120</sup> de François de Curel e tive ocasião de conversar com o célebre autor, que me disse:

“Realmente, meu pobre amigo, o cemitério não me trouxe felicidade. Quando as pessoas pensam em vir ao teatro, têm medo do apelo da morte. Preferem ignorar, gostam mais de outras diversões.”

O ilustre acadêmico tinha razão e, todavia, se os homens soubessem exatamente o que é a morte, não a temeriam.

Os espíritas são uns privilegiados, porque conhecem.

Saber que a morte não é um espantalho não é a melhor base possível para a felicidade terrestre?

## CAPÍTULO X

### O Mundo Invisível e a Guerra

O objetivo pretendido por Léon Denis, publicando *O Mundo Invisível e a Guerra*, foi, em suas próprias palavras:<sup>121</sup>

“... orientar o pensamento francês para um espiritualismo científico e elevado, para uma crença capaz de colocar nossa nação à altura dos grandes deveres e das nobres tarefas que lhe incumbem.

É preciso que uma ampla corrente idealista, um poderoso sopro moral varra as sombras, as dúvidas e as incertezas que ainda pesam sobre tantas inteligências e consciências, a fim de que um raio das verdades eternas ilumine os cérebros, reaqueça os corações e leve consolação e esperança aos que penam e sofrem.

A educação do povo deve ser inteiramente refundida, de maneira a comunicar a todos a noção das obrigações sociais, o sentimento das responsabilidades individuais e coletivas e, sobretudo, o conhecimento do real objetivo da vida, que é o progresso, a depuração da alma, o acréscimo de suas riquezas íntimas e ocultas.

É preciso, enfim, que uma solidariedade estreita una os vivos aos mortos e que as duas humanidades, da Terra e do Espaço, colaborem na obra comum de renovação e de progresso.”

Esse livro é composto pela maioria dos artigos que apareceram durante a guerra, nas revistas espíritas e psíquicas, sendo que Léon Denis lhes acrescentou alguns capítulos inéditos.

Em suma, essa obra pode ser dividida em duas partes principais. Na primeira, vemos como é a ação do mundo invisível nas operações da guerra. Com provas que o apoiam, Léon Denis mostra que, durante todas as hostilidades, os invisíveis desempenharam um importante papel.

De resto, antes da guerra, numerosas comunicações faziam prever que a França teria de suportar o choque da invasão e que uma guerra terrível iria desencadear-se.

Na segunda parte da obra em referência, vemos a maneira como Léon Denis espera esboçar o novo mundo, com vistas a dar aos homens um pouco mais de felicidade.

Nessa obra, Léon Denis indica qual é o real objetivo do Espiritismo:<sup>122</sup>

“O Espiritismo tem por finalidade nos familiarizar com esse mundo pouco conhecido, com essas aptidões da alma, que, sendo pura e desligada dos meios grosseiros, pode reproduzir os ecos, as vozes, as harmonias dos mundos superiores e tornar-se uma fonte de inspiração, de socorro e de luz, pela qual o influxo exterior desce em nós, para nos retemperar e vivificar.”

Por várias vezes, o autor nos dá a prova de que aplica nele próprio a tolerância, que é a regra principal do Espiritismo.

Quando se é espírita, deve-se ter muita indulgência para com os outros e para com as instituições humanas. Temos o direito de dar conselhos, mas não de julgar nem, sobretudo, de criticar.

No capítulo IX – “O Espiritismo e as Religiões”, Léon Denis lembra que o Espiritismo jamais foi o inimigo das religiões e que, muito ao contrário, ele lhes leva elementos de força e regeneração.

Com efeito, o Espiritismo é tão antigo quanto o mundo; quando se estuda a parte oculta das religiões, constata-se que todas, sem exceção, têm as mesmas bases do Espiritismo.

Graças à Ciência Espírita, sabemos que os milagres de certas religiões não são coisas sobrenaturais. Para usar a expressão do professor Charles Richet, são simplesmente coisas inabituais, mas normais, tudo conforme as leis da natureza.

Como bem justamente escreveu Léon Denis:<sup>123</sup>

“Em realidade, em seu princípio, em seu elevado objetivo, todas as crenças são irmãs e convergem para um centro único.

Da mesma forma que a fonte límpida e o regato ligeiro vão, finalmente, juntar-se no vasto mar, o Bramanismo, o Budismo, o Cristianismo, o Judaísmo, o Islamismo e seus derivados, sob suas mais nobres e mais puras formas, poderiam reunir-se em uma vasta síntese e suas preces, unindo-se às harmonias dos mundos, se transformarem em um hino universal de adoração e de amor.”

Encontra-se nessa obra o que certos espiritualistas buscam fazer com todas as suas forças.

Fundamos, em 1923, uma instituição que denominamos Aliança Espiritualista Universal, que tem por finalidade federar todos os que, de alguma forma, aceitam o Espiritismo, isto é, admitem, de início, que há um Criador, qualquer que ele seja; em seguida, que existe no homem uma alma, um princípio pensante. Enfim, que esse princípio pensante sobreviva após a morte, qualquer que seja a maneira dessa sobrevivência.

Se pudéssemos reunir todas as forças espiritualistas para lutar contra o materialismo, teríamos o meio de dar à humanidade reais possibilidades de ser feliz.

Que importância pode ter o nome que, conforme as religiões, se dê ao Criador do Mundo? Poder-se-ia, com Léon Denis, chamá-lo *A Causa das Causas*.

Não conheço meio mais eficaz que o Espiritismo para lutar contra a desagradável corrente da incredulidade, que resulta das exagerações da maior parte das religiões.

Quando se impede os seres humanos de refletir sobre questões que lhes serão apresentadas um dia para considerar como sendo as principais da vida, eles são levados, fatalmente, a se revoltarem; assim, se criam condições para o ateísmo, a dúvida, o niilismo, que distanciam o homem da oração, indispensável para se ficar em relação com a Causa que nos fez nascer.

A oração, para os espíritas, não é a recitação de uma fórmula vã, aprendida por memorização; é um elo espontâneo para com Deus e os Invisíveis.

Além disso, para orar, não é indispensável que se esteja em um templo. Léon Denis sabia orar em qualquer lugar.

“Agora – escreve ele – que a idade e as enfermidades me privam dos grandes espetáculos da natureza, eu me transformei, por vontade, num templo interior, onde meu pensamento gosta de abrigar-se, nas horas calmas e de solidão, para celebrar o culto dos nobres espíritos cujo gênio revelador aclarou com sua luz os caminhos da humanidade.

Aí, por um esforço de minha imaginação, tenho erguido as estátuas ideais, as imagens sagradas dos messias, dos profetas, dos filósofos mais dignos de respeito e admiração.

No meio do santuário, brilha o símbolo sagrado da Divindade, a quem se dirigem, de início, minhas adorações.

À sua direita, aparece a grande figura do Cristo, meu venerável Mestre, e à sua esquerda os messias da Ásia: Krishna, Buda, Lao-Tsé, Zoroastro, aos quais sucedem as figuras dos filósofos gregos, de Pitágoras a Platão. Diante deles, alegrome em recitar os versos dourados da sabedoria antiga.

Em seguida ao Cristo, se encontram os mais autorizados representantes da idéia cristã. Perto deles, repito para mim mesmo o Sermão da Montanha, que resume e engrandece todo o Cristianismo: “Felizes os que sofrem, porque serão consolados”. Também os preceitos evangélicos reconhecidos como autênticos. Tive o cuidado de não esquecer o grupo dos druidas e dos bardos. À frente, se encontra em grande estatura, a figura imponente de Taliésin.<sup>124</sup> Em sua presença, recito espontaneamente *As Tríades*, esse maravilhoso monumento das tradições célticas, cuja sabedoria se iguala à ciência profunda do Oriente.

Enfim, prosseguindo, vem Allan Kardec, que eu considero como o continuador das grandes tradições de nossa raça.

Peço perdão ao leitor pelas coisas tão pessoais, mas foi por aí que eu pude tirar ensinamentos úteis e salutares inspirações.

Com efeito, em minhas visitas costumeiras a esses grandes espíritos, nos exercícios que sua lembrança provoca, isto é, a recitação de fragmentos de suas mais célebres obras, tenho sempre experimentado a serenidade d’alma e o reconforto.

Não se vê, em suas diversas concepções, a menor contradição! Sob suas variadas formas, encontramos em cada uma delas a mesma finalidade, a mesma aspiração para o bem, para a suprema bondade, que são tanto atributos como uma radiação divina.

De seu conjunto se destaca uma síntese magnífica, que resume o pensamento de todo um mundo no que ele possui de mais nobre e de mais puro; síntese que exprime, preciso e fecundo o Espiritualismo Moderno, comunhão universal que congregará, um dia, todas as consciências e todos os corações.”<sup>125</sup>

“Foi me inspirando nesse sentimento espiritualista que cheguei, muitas vezes, a me associar às orações de meus irmãos das diferentes religiões.

Assim, sem me vincular às fórmulas usadas naqueles meios, pude orar com fervor, tanto nas majestosas catedrais góticas como nos templos protestantes, nas sinagogas e até nas mesquitas.

Entretanto, minha prece adquire ainda mais ardor e mais força à beira-mar, quando é embalada pelo ritmo das vagas, nos altos picos, diante do panorama das planícies e dos montes, sob a copa das florestas e sob o firmamento constelado das noites.

O templo da natureza é o único, verdadeiramente digno do Eterno.”<sup>126</sup>

Essa longa citação permite compreender bem a maneira pela qual Léon Denis chegou, em sua velhice, a se fazer um verdadeiro templo; assim, ele não tinha necessidade de formas exteriores, nem de culto. Bastava-lhe simplesmente meditar em tudo quanto conhecia, de se lembrar dos diversos benefícios trazidos à humanidade por todos os que, sob qualquer título, se ocuparam com a moral e a religião.

Quando procuramos divulgar nossa Aliança Espiritualista, objetaram, muitas vezes, que há entre as diversas religiões e entre as diferentes escolas coisas que, verdadeiramente, impedem uns e outros de se entenderem.

Assim, por exemplo, colocam-se entre os espíritas e os teosofistas barreiras intransponíveis; todavia, foi uma teosofista que teve, primeiramente, a idéia da Aliança Espiritualista Universal.

Tivemos, muitas vezes, a ocasião de nos exprimir publicamente: ela, falando segundo as concepções teosóficas, eu defendendo o Espiritismo; e sempre chegamos a um entendimento.

Portanto, não há entre todos os espiritualistas oposição suficiente para que não se possa alcançar, um dia, uma aliança entre todos os que têm um ideal diferente do materialismo e do niilismo.

Em vários capítulos de seu livro *O Mundo Invisível e a Guerra*, Léon Denis estudou, de um lado, o sonho do gênio céltico e, de outro lado, sua ressurreição, mostrando a admiração que devotava a Allan Kardec.

Também, dois de seus capítulos, um escrito em 1916, outro em 1918, tinham sido feitos para serem lidos na cerimônia que se realiza, todos os anos, em Père-Lachaise, diante do túmulo de Allan Kardec, no aniversário de sua morte.

Mais uma vez temos a prova da unidade perfeita da obra de Léon Denis, onde é impossível encontrar contradições.

No que concerne a Allan Kardec, em 1916 e em 1918, Léon Denis expressou-se como já o havia feito em 1887, proferindo um discurso frente ao dólmen do Mestre:

“A obra de Allan Kardec – dizia ele – é alicerçada no granito. Eleva-se, imponente como as rochas que dominam as praias da Armorique. Essas rochas, às vezes, o mar em rugido as envolve e lança até seus picos suas ondas espumantes.

Parecem como sepultadas sob a toalha úmida, que logo as acaricia, dentro em pouco as sacode e faz tremer suas bases, mas, pérfida ou brutal, em vão a onda se enfurece sobre esses gigantes.

Vem um momento em que os clamores impotentes cessam; o vento tomba, a tempestade amaina, a vaga se retrai. De novo, a orgulhosa figura do grande rochedo se projeta sobre a praia silenciosa, como um símbolo de poder e de majestade.

Assim é a obra de Kardec, que nem a crítica e nem o sofisma podem calar, porque em suas linhas mestras ela se apoia na Razão, na Verdade e na Justiça, únicos princípios imutáveis, eternos, únicas bases das leis superiores do Universo.”

Em *O Mundo Invisível e a Guerra*, Léon Denis lembra o que pode ser a experimentação espírita.<sup>127</sup> Mostra, por exemplo, a maneira pela qual podemos nos certificar da realidade da escrita mediúnica.

Nessa obra se encontra, igualmente, a prova de que a tiptologia é, apesar dos incrédulos, absolutamente real.

Quanto à forma como Léon Denis considera o Espiritismo, podemos classificar os humanos em três categorias: uns, sem mesmo terem o trabalho de estudar nossa doutrina, afirmam solenemente que tudo é truque e charlatanismo. Segundo eles, um ser humano não pode escrever sob influência que não seja a de seu pensamento.

A segunda categoria aceita a realidade de todos os fenômenos, mas recusa energicamente nossa interpretação.

Sabe-se que Flournoy escreveu um livro importante, no qual estudava a mediunidade de Hélène Smith; naturalmente, ele negava com vigor a intervenção dos espíritos, por consequência, se apelarmos para seu testemunho, seremos obrigados a constatar que ele não é suspeito.

Ora, quanto à mediunidade de Eusapia Palladino, o Professor Flournoy escreveu: “A opinião do Instituto Geral Psicológico é esmagadora. Penso que ela constitui um testemunho brilhante e categórico, portanto pode haver alguma coisa de decisivo na Ciência.”

Achamos, em *O Mundo Invisível e a Guerra*, provas de identidade extremamente interessantes. Vou destacar uma, tomando a narrativa feita por Richard Wilkinson. Trata-se de uma pessoa absolutamente incrédula, adversária declarada do Espiritismo, a ponto de não querer nem mesmo abrir um livro que trate dessa questão.

“Em novembro de 1916 – disse Wilkinson<sup>128</sup> –, meu filho foi mortalmente ferido, à frente de seus comandados, no combate de Beaumont-Hamel, e expirou alguns dias depois, com a idade de 19 anos.

Minha mulher e eu pudemos assistir a seus últimos momentos, num hospital, na França. Ele era nosso único filho e o sentimento que o ligava a nós era o de uma doce camaradagem e de uma afeição filial.

No retorno à Inglaterra, uma amiga de minha mulher, tocada por sua dor, enviou-lhe o livro de Sir Oliver Lodge, *Raymond*. Eu estava de espírito prevenido contra essas investigações e pedi à minha esposa para não ler o livro.

Vendo que isso a contrariava muito, não insisti, porém declarei, energicamente, que não queria envolver-me com um semelhante absurdo.

Ela ficou de tal modo impressionada com a leitura, que usou de todos os argumentos para destruir meu preconceito e me levar a ler a obra.

Terminei por ceder, mas essa leitura não bastou para me convencer, embora admirasse a beleza da doutrina e reconhecesse minha prevenção de tê-la condenado *a priori*.

Minha mulher escreveu a Sir Lodge, para lhe pedir conselho. Ele não nos conhecia, mas a semelhança de nossa dor comum o levou a nos apresentar uma amiga que organizou para nós uma sessão com o médium Vout Peters.”

Eis um primeiro ponto importante: do mesmo modo que os propagandistas não devem ter a idéia de convencer seus ouvintes, seja com uma conferência, seja com uma conversa particular, assim fez a pessoa que enviou o livro *Raymond* e o médium Vout Peters, que não tinham a pretensão de levá-los a ser espíritas, mas queriam simplesmente levá-los a entender que há no Espiritismo outra coisa além da fantasmagoria.

Tive ocasião, numa viagem à Inglaterra, em 1921, de ter uma longa conversa com esse médium e de me convencer, após os dados que recolhi, que ele é um médium sério. Aliás, a União Espírita Francesa teve o prazer de recebê-lo.

“Nessa primeira tentativa (com o médium Vout Peters) – continuou Wilkinson <sup>129</sup> –, disseram-nos que nosso filho, passando para o Além, tinha sido recebido por “Jean, Elisabeth, Guillaume e Edouard”.

Esses quatro nomes eram os de meu pai, de minha mãe, de meu irmão, já mortos, porém o de Edouard me era desconhecido. Impressionado pela exatidão dos três primeiros nomes, escrevi a meu irmão mais velho, a propósito de um pequeno irmão, que eu sabia ter morrido antes de meu nascimento, e ele me respondeu que essa criança, de nome Edouard, havia morrido com 12 semanas.

Na mesma sessão, meu filho, conhecendo minha incredulidade, declarou que desejava vivamente comprovar sua presença e fez alusão a um fato íntimo, conhecido somente por minha mulher e por mim. Trata-se de uma coisa tão secreta, que não a pude relatar aqui.

Outro fato:

Embora meu filho não se chamasse Roger, tinha sido apelidado assim, exceto por sua mãe, que só o chamava de Poger.

O médium soletrou um nome “Po...” e nos disse, sem poder dar as duas letras seguintes, que a última era “r”.

Eu respondi: – É o nome de meu filho; você quer dizer Roger.

O médium replicou: – O garoto diz que eu não devo dizer Roger, mas sim Poger.

Intrigado por esses fenômenos, eu quis ir mais além. Fomos à casa de um outro médium, Sra. Osborne Léonard. Tivemos o cuidado de não lhe dizer quem éramos, nem o objetivo de nossa visita.

A primeira coisa que ela nos disse foi uma descrição exata e detalhada de nosso filho, assim como o nome de Poger, acrescentando que Elisabeth, Jean e Guillaume estavam lá e lhe davam assistência.

Minha mulher tinha se entristecido porque suas cartas não se achavam nas coisas de seu filho, mas não me falara nada a respeito.

A médium declarou que Roger lhe mostrava uma sacola com um fecho, que se encontrava entre seus objetos e havia sido abandonada.

– É lá – disse a Sra. Léonard – que sua mãe achará os escritos que procura.

Em nosso retorno a casa, esse fato se verificou com exatidão.

Na mesma sessão, a médium estendeu sua mão e nos falou de um objeto semelhante a uma moeda, da qual ela ignorava a natureza real.

A mãe sugeriu que podia ser um botão militar de cobre, do qual ela havia feito um medalhão. A médium, porém, insistiu, dizendo que encontraríamos nos pertences de nosso filho um objeto de bronze.

Roger queria que se fizesse nele um furo, para que sua mãe pudesse usá-lo, como lembrança dele.

Com efeito, encontramos em casa, numa caixinha, uma moeda de um *penny*, entortada por uma bala que o havia atingido.

Algum tempo depois, minha mulher viu, perto dela, em Brighton, nosso filho e nada a convenceu de que fosse uma auto-sugestão ou uma alucinação.

Na sua volta a Londres, ela nada falou a ninguém, porém a médium Annie Brittain lhe declarou, à primeira vista:

– Seu filho lhe deseja dizer que você o viu e que ele está bem; não era um sonho e lhe permitiram que o véu fosse levantado por um momento.

Nessa sessão, a Sra. Brittain nos disse coisas maravilhosas. Nenhum médium havia chamado minha mulher pelo nome que meu filho lhe dava. Ela ficou radiante de alegria, quando ele lhe disse: “Até logo, meu anjo!”, nome pela qual gostava de chamá-la.

Se alguém houvesse pretendido, há um ano apenas, que eu poderia dizer e escrever semelhantes coisas, teria respondido que era impossível.”

Segundo essa teoria, no momento da morte, quando o espírito deixa o corpo, ele é recebido por espíritos amigos ou parentes. Isso nos explica por que o médium Peters disse que o jovem, no momento de sua passagem para o Além, foi recebido por Jean, Elisabeth, Guillaume e Edouard.

Pode-se comparar esse último fato a uma manifestação que relatei, faz alguns anos, na *Revista Científica e Moral do Espiritismo*, sob o título: *Attention Délicate d'un Frère Mort pour sa Soeur Vivante*.<sup>130</sup>

Tratava-se de uma jovem de 16 anos, que morava com seus pais, nos arredores de Paris, numa pequena vila, onde seu irmão, estudante de Medicina, morrera, fazia algum tempo.

Após a morte desse jovem, os pais tinham feito uma espécie de museu com todos os objetos que lhe pertenceram, mas ficaram surpresos por não encontrarem em seus papéis seu comprovante de estudante de Medicina. O rapaz, antes de sua morte, estava noivo, mas surgiu um desentendimento, após sua morte, entre as duas famílias. Os pais do jovem pensaram que o documento perdido talvez se encontrasse com Suzanne sua noiva. Chamaram-na e ela disse que não o possuía.

No dia do aniversário da irmã do morto, os pais buscavam ter uma manifestação do filho e ele lhes veio dizer:

– Quero desejar feliz aniversário a Geneviève e lhes vou dar a verdadeira prova de que estou bem aqui; vocês procuraram em vão o meu documento de estudante e eu lhes vou entregar. Coloquei-o no travesseiro de seu quarto.

A busca foi feita pela mãe e pela filha, pois não tinham empregada, e, portanto, nenhuma trapaça seria possível.

Quando, emocionado e surpreso, o pai se levantou para ir verificar se o documento se encontrava onde lhe falava seu filho, este lhe disse:

– Não vá, ainda. Quero lhe fornecer, realmente, a prova de que estou junto a vocês. Vou dar o número de meu documento e, ao mesmo tempo, indicarei que há um erro de ortografia em meu nome.

Com efeito, o documento estava debaixo do travesseiro, o número era exato e o erro de ortografia também.

Os que não aceitam o Espiritismo e que acham serem nossas experiências explicáveis pela alucinação ou sugestão, estariam bem embaraçados para explicar esse caso a não ser como uma manifestação de um espírito.

Não acredito que os pais conhecessem de memória o número do documento de seu filho, qualquer que fosse o amor por ele.

Para explicar o caso Wilkinson, não se pode falar de leitura do pensamento ou de sugestão.

Quando mostram um objeto à mãe, ela imagina logo que se trata, realmente, de um botão e não pensa no objeto que o médium lhe queria descrever.

Quando iniciante no Espiritismo, mal conhecendo a doutrina, por acaso me vi numa livraria, em presença de uma pessoa que meses antes havia perdido seu marido. Como sabia que eu me interessava pelo Espiritismo, me disse: “Noutro dia, voltando à minha casa, vi meu esposo, sentado no lugar que sempre ocupava, quando estávamos juntos.”

Conhecendo pouco o Espiritismo, acreditei estar diante de uma alucinada, considerando sua narrativa como uma coisa impossível.

Essa lembrança deve conduzir os militantes espíritas a uma grande indulgência para com os que não conhecem ainda nossa doutrina. Quando tentamos, no curso de nossas conversas amistosas, divulgar nossas idéias para outrem, lembremo-nos de que podíamos ainda estar incrédulos. Tenhamos muita paciência, pois isso é um dos meios de fazer um bom proselitismo.

Em *O Mundo Invisível e a Guerra*, a teoria da reencarnação está exposta de maneira rápida, porém bem nítida e bem clara.

No capítulo XVIII – “O Espiritismo e as Igrejas”, onde Léon Denis dá prova, mais uma vez, de uma grande tolerância, ele responde à obra do Rev. Padre Roure, intitulada *O Maravilhoso Espírita*.

Isso prova que Léon Denis havia, realmente, lido o livro, apesar da afirmação feita pelo Padre Roure no artigo de *Les Études*, que longamente analisamos quando tratamos da obra *Cristianismo e Espiritismo*.

Nesse capítulo, Léon Denis indica que muitos padres são espíritas, sem terem o direito de confessá-lo, e que esperam existir, um dia, entre o Espiritismo e a Igreja Católica a possibilidade de um entendimento.

## CAPÍTULO XI

### Espíritos e Médiuns

*Espíritos e Médiuns*, brochura de propaganda, foi editada em 1921.<sup>131</sup> É um excelente resumo, composto de maneira notável; os leitores que ainda não conhecem o Espiritismo devem ter o desejo de se iniciarem em nossa Doutrina e de fazerem um estudo geral do Espiritismo. Mas, evidentemente, não é uma obra suficiente para permitir, mesmo para os que a conhecessem bem, se lançarem à experimentação.

Mais uma vez, Léon Denis indica quais são os perigos da mediunidade, perigos sobre os quais não tenho necessidade de insistir, porque já tive várias vezes ocasião de assinalá-los.

Praticar o Espiritismo sem tomar as necessárias precauções, fala-nos Léon Denis, é como se abrissemos a porta toda aos desocupados da rua.

*La Vie Vécue d'un Médium Spirite* foi uma obra escrita por uma iletrada, a Sra. Agullana, que foi médium desde sua juventude e teve notáveis manifestações que não compreendia.

É curioso encontrar-se nesse livro o conselho para se estar atento quanto aos perigos da experimentação.

“Quando o Sr. B., grande magnetizador e bom espírita – escreve ela<sup>132</sup> –, reconheceu em mim essas faculdades, disse-me:

– Não tente nunca escrever nem desenhar em sua casa, porque os maus espíritos espreitam sempre os espíritas novatos.

É preciso, pois, em cada sessão, fazer uma prece a Deus para que ele permita virem os bons espíritos para lhe ajudar e lhe fazer aprender a discernir as boas ou más comunicações. Sem isso, poderá ser obsidiada.”

Que é preciso para fazer experiências espíritas com possibilidades de obter bons resultados?

É preciso conservar o senso crítico e fazer um rigoroso controle; todas as vezes em que nos encontrarmos em presença de um médium que recuse ser controlado, temos o direito de suspeitar.

Convém agir com os médiuns delicadamente e não exigir deles o controle com ar de suspeita ou de desconfiança, porque o simples fato de manifestar uma desconfiança os coloca num estado desfavorável.

É bom, pois, fazer compreender aos médiuns que no próprio interesse de sua mediunidade e do Espiritismo, para o qual pretendem ajudar os experimentadores a trabalhar, é indispensável que aceitem um controle. É importante que assim procedam, antes de cada sessão.

Para ter todas as oportunidades possíveis de bons resultados, é indispensável, igualmente, que os assistentes estejam em comunhão de pensamentos, conheçam a importância da obra para a qual trabalham e que todos, sem exceção, tenham a vontade, a tenacidade, a perseverança e, sobretudo, a confiança.

É preciso colocar-se sob a proteção dos bons espíritos que podem favorecer as manifestações.

“A prece, sendo a expressão mais alta e pura do pensamento, encontra um caminho fluídico que permite às Entidades do Espaço descerem até nós e se comunicarem; ela constitui, nos grupos, um meio favorável aos fenômenos de ordem elevada, ao mesmo tempo que uma proteção contra os maus espíritos.

Para ser eficaz e produzir o efeito pretendido, a prece deve ser um apelo ardente, espontâneo, por consequência, de curta duração. Ao contrário, as orações banais, recitadas só dos lábios, sem calor comunicativo, só produzem débeis e insuficientes irradiações.”<sup>133</sup>

Recentemente, em minhas viagens, visitava uma igreja. Um padre recitava o rosário, repetido em coro pelos assistentes. Eu me perguntava qual a harmonia psíquica que poderia agregar os fiéis que julgavam que, murmurando mecanicamente as orações,

nem sempre pensando no que diziam, poderiam obter algum resultado.

Seria preferível para eles dirigir um pensamento a Deus por poucos segundos.

Em *Espíritos e Médiuns*, Léon Denis cita inúmeros exemplos de identificação, dando as provas necessárias para mostrar que se trata, realmente, de mortos que comprovam a continuidade de suas vidas.

Diz-se, comumente, que os mortos não voltam. É um erro. Diz-se, também, “os espíritas e os que se ocupam com tais questões deveriam manifestar-se após sua morte. Ora, entre os célebres defensores do Espiritismo, nenhum comprovou sua sobrevivência”.

Tal objeção não tem valor, porque essa afirmativa está errada. Para comprová-la pode-se, por exemplo, lembrar o caso de Stead, que, após sua morte, pôde manifestar-se ao Pastor Wynn. Acha-se a prova em *Rupert Vit*, obra traduzida do inglês pela Sra. Borderieux.

Há, igualmente, o caso de Hodgson, muito ocupado em pesquisas psíquicas e que, morto em dezembro de 1906, manifestou-se, algum tempo depois, a seu amigo Hyslop, professor na Universidade Columbia, “entrando em minuciosos detalhes a respeito das experiências e dos trabalhos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, da qual foi presidente pela seção americana.

Ele explica como se precisa conduzi-los e, por esses detalhes, prova completamente sua identidade. Essas comunicações são transmitidas por intermédio de diferentes médiuns, que não se conhecem e se confirmam, reciprocamente.

Palavras e frases familiares dos comunicantes, usadas durante a vida, são reconhecidas”.

## CAPÍTULO XII

### O Gênio Céltico e o Mundo Invisível

*O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* não é uma obra para um iniciante ler, mas os que já conhecem os livros de Léon Denis pensam, sem dúvida, como eu, que esse trabalho é a apoteose do pensamento do mestre.

Essa obra apareceu no final de junho de 1927 e foi concluída antes da morte de Léon Denis, cujo último pensamento foi para esse livro.

Em 12 de abril de 1927, antes de morrer, ele expressava assim sua tristeza: “Que pena que meu livro não tenha aparecido.”

Ele perguntou à religiosa que vinha assisti-lo com injeções, duas vezes ao dia:

– De qual região é a senhora?

– Não tenho país – respondeu ela.

Como ele insistisse, ela respondeu:

– Sou do Departamento do Loire.

– Estou feliz por isso – disse-lhe ele –, é um dos antigos santuários celtas, uma região de grandes bosques, de florestas.

E, voltando-se para Gaston Luce, acrescentou:

– Veja, Luce, meu livro vem na hora certa. Ele veio do Alto.<sup>134</sup>

Nesse livro, Léon Denis mais uma vez reconhece que sua obra é devida, principalmente, à colaboração de seus amigos invisíveis:

“É – escreve ele <sup>135</sup> – por inspiração do Espírito Allan Kardec que realizei este trabalho. Nele encontrar-se-á a série das mensagens que nos ditou pela incorporação, em condições que eliminam qualquer mistificação. Durante as conversações, espíritos liberados da vida terrestre nos deram seus conselhos e seus ensinamentos.”

Esse livro foi bem recebido pela crítica.

Em *La France Active*, de janeiro de 1928, Nonce Casanova escreveu:

“É um livro emocionante, que se imporá à zombaria sacrílega dos profanos e que, pelo Espírito Allan Kardec, mais frequentemente, nos inicia nos princípios que os druidas já indicavam à incredulidade dos homens: a unidade de Deus, a sobrevivência do ser sob a forma fluídica, a evolução pela escala infinita dos mundos e a pluralidade das existências.

A qual rumo estamos, no caminho da vida? Tenho a impressão de que o véu que ainda nos oculta as ondas espiritualistas, como há alguns anos nos encobria as ondas hertzianas, não tardará em desvendar-se.

“Um vento virá dos quatro cantos do mundo e dissipará as sombras”, disse o *Eclesiastes*.

E esse livro reconforta nossas impaciências.

Ele é simples, de prestigiosa simplicidade com palavras de apóstolo, e nos põe em contato com a luz secreta pela qual nossas almas serão reavivadas para sempre, e nos faz penetrar mais além, na comunhão universal.”

Em *Psychica*,<sup>136</sup> Pierre Borderieux exprime sua opinião:

“Entre aqueles cujo desaparecimento seria triste para o espírito das novas gerações, colocaria Léon Denis em primeiro lugar.

O autor de *Depois da Morte* tem o direito de ser particularmente agraciado entre os numerosos espiritualistas de sua época, porque ele representa um ser raro em todos os tempos: o crente total, sem hipocrisia, nem fanatismo, que encontrou seu caminho e sabe, em frases harmoniosas, afirmá-lo, sem condenar quem não partilha de sua maneira de pensar.

Léon Denis, espírita, tinha beneficiado o que resolvi chamar “favor do Estado”. Ele havia assistido a muitas experiências que não convenceriam hoje a um inimigo do psiquismo, mas que, por sua clareza, tinham lançado nesse cérebro sólido e bem formado aquela certeza que Gabriel Delanne gostaria

de ofertar, nem que fosse por suposição, nos zombadores do Espiritualismo Moderno.

Léon Denis foi um apóstolo.

É preciso ter 30 anos de contato com os meios onde se trata com o desconhecido para saber, como eu e outros, o bem imenso que fez esse autor do domínio espiritual e moral, apoiando-se em comunicações de mesas e em escrita direta, para defender, sem outra paixão além da fé, idéias já combatidas, não somente pela fria ciência hostil, mas pelos que, passageiros do mesmo barco, diferiam de opinião sobre a marcha a seguir e sobre a terra a descobrir.

Com Edouard Schuré, de quem sofreu influência, Léon Denis defendeu no seu último livro o pensamento céltico. Pensamento obscuro para quem não sente cantar a voz dos ancestrais, incompreensível para o estrangeiro, como pode ser para nós, apesar dos louváveis esforços, o pensamento oriental.

Léon Denis era poeta e religioso. Se ele fez do celtismo uma ressurreição religiosa, no Espiritismo, ele não esqueceu que, apesar da helenização e da influência de Roma, o espírito da independência ficou tão vivo quanto outrora nas produções do espírito e do coração dos descendentes dos celtas.

Como Allan Kardec, Léon Denis, orador e escritor, acreditou discernir, por revelação, que havia vivido entre os celtas que opuseram a floresta profunda aos empreendimentos dos bárbaros ou das legiões de um império já decadente. Ele teve, pelas forças que dominaram nossa história, ensinamentos de onde não se pode duvidar a origem, diante da beleza da expressão.

E ele considerou um dever transcrever essas vozes e esses ensinamentos. Ele o fez com a fé dos confessores que, sob os dentes das feras, podiam gritar como ele, diante da zombaria ou do sofisma: “Eu creio, eu sei, eu estou certo”.

É preciso ler essa última obra de um grande crente e não se deter com afirmações parecendo um pouco ingênuas, é preciso lê-la com o espírito.

Talvez se sorria, mas não se poderá impedir de lhe admirar a fé profunda.

Talvez, um dia, na hora crítica em que se sente desligar os liames da Terra, o céptico irá buscar no fundo de sua biblioteca duas obras muito esquecidas dos jovens: *Deus na Natureza*, de Flammarion, e *Depois da Morte*, de Léon Denis.”

Segundo penso, Borderieux exagera, pensando que *Depois da Morte* está esquecido dos jovens. Não o creio, porque essa obra foi muito reeditada, atingindo 550 mil exemplares e traduzida em 14 línguas.<sup>137</sup>

Segundo o que pude muitas vezes constatar, os novos adeptos do Espiritismo encontram em *Depois da Morte* argumentos suficientes para aceitar a realidade de nossa doutrina.

Depois, devo acrescentar, numerosos são os propagadores que farão o necessário para que os homens não esqueçam a obra daquele, cuja passagem em nosso planeta foi fonte de tantos benefícios.

Na *Revista Espírita* de janeiro de 1927, Léon Denis escreveu:

“A questão céltica está no ar e, também, a hora, parece-me, chegou para se falar do trabalho que preparo, há muito tempo.”

Antes de estudar o último livro do patriarca do Espiritismo, convém lembrarmos o que é o celtismo. Abrindo o *Larousse*, lemos:

“CELTAS – Povo da raça indo-germânica, cujas grandes migrações remontam aos tempos pré-históricos; ele cobria, inicialmente, a Europa central, depois foi expulso para a Gália, Espanha e Ilhas Britânicas, sendo absorvido pelos romanos. As invasões celtas chegaram até à Ásia Menor.

Foi na Bretanha, no País de Gales e na Irlanda, que o tipo e a língua céltica melhor se conservaram.

CÉLTICA – Parte da Gália Antiga, compreendida entre o Sena e o Garona.”

Na *Histoire du Costume Masculin Français*,<sup>138</sup> Paul Louis de Giafferi lembra que César dividia a Gália em três partes, sendo a terceira habitada pelos que, em sua língua, se chamavam celtas e no latim *Galli* (gaulês).

Por consequência, celtas e gauleses são dois termos sinônimos; estudando o celtismo, não se faz outra coisa que buscar o que foi exatamente a Gália.

Estudando a obra de Léon Denis, lendo seus diferentes livros, podia-se prever a publicação de *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*. O grande apóstolo do Espiritismo teve, pois, em todas as suas ações uma unidade de pensamento notável.

Já em seu primeiro livro *Depois da Morte*, havia um capítulo inteiro sobre a Gália e dele extraí algumas linhas:<sup>139</sup>

“A Gália conheceu a grande doutrina e a possuiu sob uma forma original e potente, sabendo tirar dela consequências que escaparam aos outros países. “Há três unidades primitivas – diziam os druidas –: Deus, a Luz e a Liberdade”.

Enquanto a Índia já era organizada em castas imóveis, com limites intransponíveis, as instituições gaulesas tinham por bases a igualdade de todos, a comunhão de bens e o direito eleitoral.

Nenhum dos outros povos da Europa teve, no mesmo grau que nossos avoengos, o sentimento profundo da imortalidade, da justiça e da liberdade.

É com veneração que devemos estudar as tendências filosóficas da Gália, porque ela é nossa grande mãe e encontramos nela, fortemente marcadas, todas as qualidades e também todos os defeitos de nossa raça.

Nada, aliás, é mais digno de atenção e de respeito do que a doutrina dos druidas, que não eram bárbaros, como erradamente se acreditou durante séculos.”

Em *Depois da Morte* se aprende quais são as crenças dos celtas, tem-se noção do druidismo e já se familiariza com as palavras *annoufn*, *abred*, *gwynfyd* e *ceugant*, que se encontram lendo *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*.

“Os druidas – diz-nos Léon Denis – ensinavam a unidade de Deus. Segundo *As Tríades*, a alma se forma no seio do abismo (*annoufn*). Ela aí reveste os aspectos rudimentares da vida e só adquire a consciência e a liberdade após ter sido presa, por longo tempo, aos baixos instintos.!

Eis o que diz o canto do bardo Taliésin, célebre em toda a Gália:

“Existindo de toda a Antiguidade, no seio dos vastos oceanos, não sou nascido de um pai e de uma mãe, mas das formas elementares da natureza, dos ramos, das plantas, do fruto das florestas, das flores das montanhas.

Brinquei na noite, dormi na aurora. Fui víbora no lago, águia nos cimos, lobo na floresta. Depois, marcado por *Gwyon* (espírito divino), pelo sábio dos sábios, adquiri a imortalidade. Já se passou muito tempo desde que eu era pastor. Errei bastante sobre a Terra, antes de me tornar hábil na ciência.

Enfim, brilhei entre os chefes superiores. Revestido dos hábitos sagrados, tive a taça dos sacrifícios. Vivi em cem mundos e me movi em cem círculos.”

A alma, em seu imenso curso, diziam os druidas, percorre três círculos, que correspondem aos três estados sucessivos. Em *annoufn*, ela sofre o jugo da matéria; é o período animal. Depois, penetra em *abred*, círculo das migrações que povoam os mundos de expiação e provas; a Terra é um desses mundos.

A alma encarna muitas vezes em sua superfície. À custa de uma luta incessante, ela se livra das influências corporais e deixa o ciclo das encarnações para atingir *gwynfyd*, círculo dos mundos felizes ou de felicidade.

Lá se abrem os horizontes encantadores da espiritualidade.

Mais alto ainda se acham as profundezas de *ceugant*, círculo do infinito, que encerra todos os outros e só pertence a Deus.

Longe de se aproximar do panteísmo, como a maior parte das doutrinas orientais, o druidismo se afasta por uma concepção bem diferente da Divindade.”

Em *O Problema do Ser e do Destino*, Léon Denis nos mostra que os druidas conheciam a finalidade de nossa evolução:<sup>140</sup>

“Cada um de nós possui esse gênio particular que os druidas chamam *l’aven*, isto é, a aptidão primordial de todo ser em realizar uma das formas especiais do pensamento divino.

Deus colocou no fundo da alma os germens de faculdades poderosas e variadas; todavia, uma das formas de seu gênio é chamada a desenvolver-se acima de todas as outras, por um trabalho constante, até que ela o tenha levado a seu ponto máximo.

Essas formas são inumeráveis. São os aspectos múltiplos da inteligência, da sabedoria e da beleza eternas: a música, a poesia, a eloquência, o dom da invenção, a previsão do futuro e das coisas ocultas, a ciência ou a força, a bondade, o dom da educação, o poder de curar, etc.”

Estudando o livre-arbítrio, o apóstolo do Espiritismo não esquece de nos indicar que:<sup>141</sup>

“A noção de liberdade tinha sido formulada pelos druidas, desde os primeiros tempos de nossa história. Ela está expressa nesses termos em *As Tríades*: Há três unidades primitivas: Deus, a Luz e a Liberdade.”

*As Tríades* são um resumo da síntese dos druidas: é como o Evangelho para a Religião Católica.

Poder-se-ia observar que o ensino dos druidas se transmitia oralmente, como fez o ensino do Cristo.

“Durante meio século após a morte de Jesus – diz Léon Denis <sup>142</sup> –, a tradição cristã, oral e viva, é como uma água corrente que cada um pode usar.

Ela está divulgada pela pregação, pelo ensino dos apóstolos, homens simples, iletrados, com exceção de Paulo, versado nas letras.

Só do ano 60 ao ano 80 d.C. é que aparecem as primeiras relações escritas.”

Em *Joana d’Arc, Médiun*, encontramos, igualmente, numerosas passagens onde Léon Denis se ocupa do celtismo; quando ele descreve o campo lorenno, não esquece de lembrar que:<sup>143</sup>

“Toda a região é plena de lembranças célticas; nossos antepassados tinham erigido lá um altar de pedra. Essas fontes sagradas, essas sombras austeras foram testemunhas das cerimônias do culto druídico. A alma da Gália vive e palpita nesses lugares. Sem dúvida, ela falava ao coração de Joana, como ainda fala hoje ao coração dos patriotas e dos crentes esclarecidos.”

Para Léon Denis, a coragem manifestada por Joana d’Arc, sua intrepidez, seu heroísmo, sua resignação diante dos sofrimentos evocam, obrigatoriamente, as reminiscências da maneira de ser dos nossos ancestrais que temiam tão pouco a morte, que combatiam com o rosto descoberto e o corpo seminu; sabendo a que ponto nossos despojos mortais têm pouca importância, deixavam no campo de batalha os corpos dos que haviam cessado de viver.

Em *O Mundo Invisível e a Guerra*, Léon Denis fala, igualmente, do celtismo; ele mostra o que é o dia de Finados<sup>144</sup> na trincheira, em 1916, para um jovem soldado que, espírita e médiun, medita longamente:<sup>145</sup>

“A noite se estende sobre a planície. Entre as nuvens, estrelas projetam sobre a Terra seus raios trêmulos, como provas de amor, de testemunhos da solidariedade imensa que liga todos os seres e todos os mundos. Com a paz, a confiança e a esperança descem ao seu coração. Certamente, ele saberá fazer seu dever. Ele se bate para defender sua pátria invadida e por ela saberá suportar todas as privações, todas as fadigas; porém, a violência da guerra não abafará nele o sentimento superior da ordem e da harmonia universais.

Como para os celtas, seus ancestrais, os cadáveres estendidos sobre o solo são apenas “envoltórios inúteis” que a terra se apressa em receber em seu seio maternal.

Nas profundezas de cada um de nós, subsiste um princípio imperecível contra o qual todos os furores do ódio, todos os assaltos da força brutal nada podem.

É daí, desse santuário íntimo, que renascerá, após a tempestade, a aspiração humana pela justiça, piedade e bondade.”

Entretanto, em 1916, na trincheira, um jovem soldado meditava; médium, recebia comunicações de seus amigos do Além.

Estudando o livro *Cristianismo e Espiritismo*, refutei os argumentos da crítica da obra de Léon Denis, feita em *Les Études*, pelo Rev. Padre Lucien Roure.

Lembramos que o religioso acusava Léon Denis de ter plagiado totalmente *Les Grands Initiés*. É, evidentemente, um erro, porém há, entre os dois grandes espiritualistas, Léon Denis e Edouard Schuré, uma grande semelhança: ambos são defensores ardorosos do celtismo.

Em *Grandes Lendas de France*, meu eminente amigo Edouard Schuré narra as lendas da Bretagne e mostra a potencialidade do gênio céltico:<sup>146</sup>

“A alma céltica é a alma interior e profunda da França. É dela que nascem os impulsos elementares como as altas inspirações do povo francês.

Impressionável, vibrante, impetuosa, ela corre aos extremos e tem necessidade de ser dominada para encontrar seu equilíbrio.

Entregue ao instinto, ela será a cólera, a revolta, a anarquia; conduzida à sua essência superior, se chamará: “intuição, simpatia, humanidade”.

Druidesa apaixonada ou vidente sublime, a alma céltica é em nossa história a gloriosa vencida, que sempre sobrevive de suas derrotas. A grande adormecida que sempre ressuscita de seus sonhos seculares.

Esmagada pelo gênio latino, oprimida pelo poder francês, crivada de ironia pelo espírito gaulês, a antiga profetiza não deixou de surgir, de geração em geração, de sua espessa floresta.

Ela reaparece sempre jovem e coroada com ramos verdes.

As mais profundas letargias anunciam seus mais brilhantes despertamentos, porque a alma é a parte divina, o lar inspirador do homem. E, como os homens, os povos possuem uma alma.

Se ela se obscurecer e se extinguir, o povo degenera e morre; se ela se acende e brilha com toda a sua luz, completará sua missão no mundo.

Ora, para que um homem ou um povo preencha toda a sua missão é preciso que sua alma atinja a plenitude de sua consciência, a inteira posse dela mesma.”

Em *La Druidesse*, Edouard Schuré estudou o despertar da alma céltica.

Em *Le Rêve d'une Vie*, ele indica que, desde a idade de 20 anos, teve a ambição de personificar a alma céltica.

Numerosos são os escritores que julgaram necessário estudar a apaixonante questão céltica.

Com a *Velléda des Martyrs*, Chateaubriand despertou o celtismo na literatura francesa.

Entre as obras que têm exaltado o celtismo, citaremos apenas:

*Barzaz-Breiz*, por de la Villemarqué.

*La Poésie des Races Celtiques*, por Ernest Renan.

*La Mythologie, la Littérature, l'Époque Celtiques*, por d'Arbois de Jubainville.

*L'Histoire des Gaulois*, por Emile Jullian.

*Le Manuel des Antiquités Celtiques*, por Dottin.

*L'Âme Bretonne*, por Charles le Goffic.

*Au Pays des Pardons*, por Anatole le Braz.

*L'Esprit de la Gaule*, por Jean Reynaud.

*Philosophie Gauloise*, por Gatien Arnoult.

“O celtismo – escreveu Jacques Reboul, em *Sous le Chêne Celtique*, é simplesmente a França na mais alta potencialidade, a França além da História.”

Escrevendo *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, Léon Denis tinha por objetivo elucidar o problema das origens da França, de mostrar que existe uma coincidência bem grande entre o Espiritismo e o Druidismo.

Ele queria conduzir todos os franceses a refletir sobre sua origem e a se dar conta de seus deveres para permitirem a nosso país sair dos problemas da guerra de 1914-1918.

Para se compreender bem o objetivo de Léon Denis é preciso ler um de seus artigos, publicado pela *Revista Espírita* de janeiro de 1927. Vou resumi-lo e comentá-lo.

Ele lembra que, há uma dezena de anos, a França atravessa uma das maiores crises de sua história; por causa da luta que teve de sustentar, derramou seu sangue e seu ouro.

Nosso país está com rivalidades de partidos no interior e de fora, ameaçado não apenas pela inveja dos que estão enciumados por seu prestígio moral, no mundo inteiro, mas ainda pelo ódio dos que, justamente castigados, pareciam querer preparar uma desforra.

A França é igualmente visada pelo egoísmo de certo povos que, após terem combatido ao seu lado, buscam agora seus interesses particulares, sem se ocupar do interesse geral do mundo.

Há, pois, necessidade absoluta de lutar contra esse estado de coisas, o que se pode fazer, especialmente, instituindo um ensino popular melhor que o ensino materialista, que, nas jovens gerações, cria seres sem escrúpulos, egoístas, para os quais o ódio e a inveja são uma moeda corrente. Isso é tão verdadeiro que a criminalidade dos jovens aumenta de forma inquietante. Em 23 de fevereiro de 1928, *Le Journal* anunciava a prisão, em Paris, de um bando chamado de “bolsos furados”, cujo chefe tinha somente 14 anos.

Isso faz tremer. Se fosse dada uma outra educação às crianças, se as fizessem conhecer as coisas úteis, ensinando-lhes a

finalidade de sua vinda à Terra, por que terão de sofrer provações, certamente poder-se-ia ler nos jornais outra coisa e não a relação dos crimes ou dos suicídios dos jovens.

Não obstante as desordens morais de nossa época, Léon Denis nos aconselha a manter a confiança, pois, no meio das presentes dificuldades, a voz grave dos antigos celtas vai se fazer ouvir.

Alguns poderão perguntar se é útil desenterrar da poeira dos séculos velhas crenças que, segundo eles, não mais correspondem aos fins de nossa época incrédula.

Poderemos responder-lhes que isso é indispensável. É necessário saber que o Espiritismo é descendente do druidismo, que sua doutrina é tão rica quanto a do druidismo, que nossos ancestrais gauleses já conheciam o meio de se comunicar com o Invisível. Graças a essas manifestações, eles tinham a certeza de que a morte é somente uma aparência e que a evolução dos seres continua após a morte do corpo físico.

De resto, é por causa de sua crença que, entre os povos, os celtas têm melhor aceitado o ensino do Cristianismo primitivo. Estavam realmente preparados para esse conhecimento por causa de suas próprias aspirações.

Naturalmente, trata-se do verdadeiro Cristianismo ensinado pelos sacerdotes que conheceram Jesus e não do Catolicismo, onde os ensinamentos do Cristo foram pouco a pouco deformados.

Léon Denis mostra que as instituições dos gauleses eram republicanas, democráticas e que é nelas que se deve buscar a fonte das aspirações igualitárias e liberais do povo francês. Léon Denis termina assim seu artigo:<sup>147</sup>

“Vivemos em tempos de sanção e de liquidação, em períodos onde os acontecimentos da História se acumulam com dificuldades de todas as formas. É uma espécie de encruzilhada, onde as consequências do passado se erguem e se chocam.

Os povos viveram durante muito tempo sem a preocupação das leis superiores e algum propósito austero de vida.

As privações, os sofrimentos são o resgate do passado. É preciso reparar, conservar. É o purgatório sonhado pela Igreja, mas colocado ao lado do céu, porque ele existe em nosso redor, nos estreitos campos de nossas reflexões, de nossas observações, e demonstra a existência de uma justiça imanente da qual podemos livremente duvidar, mas que é preciso aceitar irresistivelmente.

A impressão que se destaca para nós dos fatos acumulados é a de um mundo em gestação, no seio do qual se elaboram, lenta e dolorosamente, os elementos de uma consciência, de uma fé e de uma nova civilização.

No meio da confusão das idéias e das forças em luta, mal distinguimos os traços da nova obra que se prepara, mas que se buscarmos indagar, constataremos que o espiritualismo, sob suas diversas formas, ganha terreno pouco a pouco e que o materialismo recua.

As massas sentem, confusamente, a existência das forças e do mundo invisível. Elas têm a intuição vaga de que a vida não se limita ao restrito campo que lhe traçam os horizontes terrestres e, no fundo das almas, desperta uma aspiração para qualquer coisa melhor e elevada.”

É preciso, pois, dirigir as aspirações de todos para uma possibilidade de felicidade geral. É preciso buscar os meios de dar, realmente, a todas as criaturas a mesma oportunidade de bem-estar e de felicidade, qualquer que seja, no curso de sua existência, a sua escala social.

Darei a esse assunto algumas indicações no próximo capítulo da presente obra: “O Espiritismo e a Vida Social”.

*O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* comporta três partes: na primeira, Léon Denis estuda os países celtas. Buscando, inicialmente, a sua origem, mostra-nos que os países celtas são: a Irlanda, o País de Gales, a Escócia, a Bretagne, a Auvergne, a Lorraine e os Vosges.

A segunda parte é um estudo mais aprofundado do druidismo. Vê-se ali que a reencarnação era admitida pelos druidas, que sua

religião revelava “um senso profundo do mundo invisível e das coisas divinas”.

Com sua habitual franqueza, Léon Denis não oculta uma grave dificuldade: é a do sacrifício humano praticado pelos celtas. Escreve ele:<sup>148</sup>

“Entretanto, uma sombra se estende sobre o druidismo. A História nos mostra que sacrifícios humanos aconteciam sob os grandes carvalhos; o sangue escorria sobre as mesas de pedra. Reside aí, talvez, o erro capital, o lado imperfeito desse culto, tão grande sob outros pontos de vista.

Não esqueçamos, porém, que todas as religiões, em suas origens, todos os cultos primitivos se molharam de sangue. (...)

É preciso lembrar também os suplícios e as fogueiras da Inquisição, todas essas imolações que não são apenas atentados à vida, mas também ultrajes à consciência?

Esses sacrifícios não são mais odiosos do que os dos druidas onde só figuravam criminosos ou vítimas voluntárias?

É preciso lembrar que os druidas eram, ao mesmo tempo, magistrados e justiceiros. Os condenados à morte, os sacrifícios eram ofertas em holocausto àquele que era para eles a fonte da justiça.

Era um ato sagrado e, para torná-lo mais solene, para permitir ao condenado entrar nele mesmo e se preparar para o arrependimento, eles deixavam sempre um intervalo de cinco anos entre a sentença e a execução.

Essas cerimônias expiatórias não eram mais dignas que as execuções de nossos dias, onde vemos um povo que se diz civilizado passar as noites em torno de cadafalsos, atraído pelo aparato de um espetáculo hediondo e de impressões más?

Os sacrifícios voluntários entre os gauleses se revestiam também de um caráter religioso. Seus sentimentos profundos sobre a imortalidade os tornavam fáceis a nossos antepassados. O homem se oferecia como uma hóstia viva pela família, pela pátria, pela salvação de todos.

Todavia, todos esses sacrifícios caíram em desuso e se tornaram raros no tempo de Vercingétorix. Contentava-se, no lugar de levar à morte, em tirar algumas gotas de sangue dos fiéis, estendidos sobre as pedras dos dolmens.”

A terceira parte de *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* comporta um estudo do mundo invisível.

Após ter indicado a seus leitores como é preciso compreender a experimentação espírita, Léon Denis apresenta mensagens que são devidas a Joana d’Arc, Allan Kardec e Michelet.

Alguns, talvez, serão tentados a reprovar Léon Denis por ter assim aceitado a assinatura de grandes nomes; todavia, o célebre espírita estava ao corrente de todas as objeções feitas ao Espiritismo e se, em sua última obra, ele não hesitou em publicar uma centena de páginas de mensagens mediúnicas, dizendo quais personalidades as haviam enviado, isto foi após refletir maduramente e ter adquirido as provas de identidade dos espíritos comunicantes.

De resto, prevendo a objeção, o mestre escreveu:<sup>149</sup>

“Já publicamos uma série das mensagens ditadas por meio da incorporação mediúnica pelos grandes e generosos espíritos que desejaram colaborar em nossa obra.

A autenticidade desses documentos reside não somente nesses mesmos, pelo fato de que ultrapassam de muito o alcance das inteligências humanas, mas também nas provas de identidade que a elas se ligam.

Assim, no curso de nossas conversas com o Espírito Allan Kardec, este entrou em detalhes precisos sobre sua sucessão e as discussões que surgiram sobre esse assunto entre duas famílias espíritas, com particularidades que o médium não podia absolutamente conhecer, sendo então um pequeno jovem descendente de pais ignorantes do Espiritismo.

Esses detalhes estavam apagados de minha própria memória e só os pude reconstituir após buscas e informações.

Quanto ao seu valor científico e moral, veremos que os assuntos tratados nessas mensagens atingem o mais alto grau da

compreensão humana atual. Eles a ultrapassam, mesmo, em certos casos, mas nos permitem, entretanto, entrever a gênese da vida universal.

Considerando essa obra, do seu ponto de vista, os autores nos dizem que se poderá aí encontrar uma orientação nova que, do grau de evolução a que chegamos, só é compatível “com o estágio de compreensão e de resistência do cérebro humano”.

Lembramos, todavia, aos que a teriam esquecido, que os espíritos sofrem, por vezes, grandes dificuldades de se exprimirem por um organismo, por um cérebro estranho, noções e idéias pouco familiares a este último.

Ora, é precisamente o caso em que se encontram nosso médium e a questão céltica.”

Diz-se, acrescenta Léon Denis, que Allan Kardec está reencarnado no Havre, desde 1897; “ele teria, então, chegado ao trigésimo ano de sua nova existência terrestre, admitindo-se que um espírito de tal valor tenha ficado tão longo tempo para se revelar através de obras ou de ações adequadas. Aliás, Allan Kardec não se comunicou apenas em Tours, mas igualmente em vários outros Centros Espíritas da França e da Bélgica”.

Mesmo que Allan Kardec estivesse realmente reencarnado, isso não teria importância.

Em fevereiro de 1928, numa conferência de propaganda que eu fazia em Douai, alguém pensou me impressionar muito, dizendo-me:

– Você não pode conseguir nos fazer compreender tudo isso, pois pretende poder estar em comunicação com os mortos. Gostaria de admiti-lo, mas você diz também que os espíritos, após sua morte, deverão reencarnar. Se eu perdi meu pai e se ele retoma um outro corpo, vinte e cinco anos depois, não poderá, pois, nunca mais se manifestar?”

Essa objeção não era tão embaraçosa como poderia parecer. Na primeira parte de minha palestra, havia, com efeito, demonstrado que a alma da criatura existe e pode manifestar essa exis-

tência com a ajuda das diversas mediunidades,<sup>150</sup> e então respondi:

“Se um espírito deixa o Além para reencarnar na Terra, isso não pode impedi-lo de se manifestar, pois a alma dos homens pode algumas vezes deixar o corpo físico.

No momento em que a alma está desligada do corpo físico e pode assim manifestar sua presença, dois casos podem produzir-se: ou bem a alma se manifesta, lembrando-se de que está encarnada, ou assume sua capacidade completa e lhe é possível retornar a uma de suas existências anteriores.

Portanto, mesmo no caso de uma prova absoluta de que seres estejam atualmente reencarnados, isso não impediria que, no curso dessa reencarnação, seu espírito possa manifestar-se e tomar, momentaneamente, não a aparência do que é, mas do que foi outrora.”

Isso comprova muito bem – mesmo se alguém puder provar que Allan Kardec está reencarnado – que nós teremos o direito de dar às afirmações de Léon Denis todo o crédito que elas merecem e de acreditar que as mensagens dadas na terceira parte de seu livro *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* são realmente mensagens de Allan Kardec, Jules Michelet, Espírito Azul e Kasuli.

Aliás, pouco importa que não queiram admiti-lo; seremos obrigados a reconhecer que tais comunicações são a emanção de um pensamento nobre, belo e justo.

*O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* contém conselhos bem judiciosos e, se pudessem ser seguidos, chegaríamos a ser santos. De resto, o Espiritismo tende realmente a permitir a seus adeptos um melhoramento do ponto de vista moral.

Procuremos, pois, difundi-lo e assim prepararemos para nós um futuro melhor e trabalharemos na renovação de nossa raça. Seria necessário, principalmente, uma educação espírita para as crianças.

Numa atividade bem diferente do Espiritismo, eu me ocupo, desde 1927, com uma pesquisa nas municipalidades da França para conhecer os progressos da higiene em nosso país.

O prefeito de Libourne me escrevia que, desejando tornar seus municípios mais prósperos, não havia vacilado em pedir grandes sacrifícios para possuir escolas modernas.

As crianças, antes das aulas, são obrigadas a lavar as mãos e escovar os dentes. Cada uma tem, naturalmente, num pequeno compartimento, seus objetos pessoais e, assim, se ensina a essas crianças a necessidade de limpeza de que não se esquecerão durante toda a vida.

Era preciso generalizar o exemplo de Libourne, do ponto de vista de higiene corporal. No que concerne à higiene moral, seria necessário ensinar o Espiritismo, não somente aos adultos, mas também às crianças.

Durante minhas viagens de propaganda, costumo muitas vezes falar a espíritas sobre a instrução de seus filhos e, por vezes, eles me respondem que não se deve falar dessas questões com os jovens. A meu ver isso é um erro.

Não esqueçamos nunca: “Quem é responsável pela educação das crianças é capaz de mudar a face do mundo”, como muito justamente escreveu Leibnitz. Portanto, se quisermos transformar o que está errado em nosso país e em nosso mundo, devemos ensinar o Espiritismo às crianças.

Nas horas de angústia, nos minutos de luta, pensemos na vida de Léon Denis e na sua obra. Acharemos, assim, a coragem para saber viver bem, principalmente viver, conforme nossas teorias, de dar o exemplo, de aplicar o ensino espírita e de nos lembrarmos das palavras de Sêneca:

“Não há homens que façam mais mal ao gênero humano do que os que vivem ao contrário do que ensinam aos outros viverem.”

## CAPÍTULO XIII

### O Espiritismo e a Vida Social

Entre suas obras, em seus numerosos artigos, que escreveu nas revistas francesas e estrangeiras, no grande número de conferências, nos discursos que pronunciou em diferentes congressos, Léon Denis muitas vezes mostrou a importância que ligava às consequências sociais do Espiritismo.

Apesar de suas eminentes qualidades de tribuno que teriam podido fazer dele um homem político muito aplaudido, Léon Denis não quis se lançar nesse caminho; tinha uma outra tarefa a realizar que a de se envolver na política, com suas lutas muito ardentes e por vezes tão decepcionantes.

Não obstante, no momento em que Léon Denis fazia maravilhosos esforços para levar ao conhecimento das massas a realidade do Espiritismo, a hora ainda não estava propícia para tentar pôr em prática, nos programas eleitorais, o ensino que decorre do Espiritismo.

Léon Denis devia, pois, empregar todas as suas forças para levar às massas o ensino espírita, servindo-se, para tanto, não apenas de sua arte oratória, que fazia dele um orador muito convincente, mas ainda de sua faculdade extraordinária de descrever com encanto e poesia as questões por vezes tão árduas da ciência e da filosofia espíritas.

Se eu estou assim tão afirmativo é pela conversa que tive com Léon Denis, em outubro de 1924. Na época, eu tinha a intenção de me envolver na luta política, tentando me contrapor às doutrinas de ódio e de inveja defendidas por certos utopistas descontentes, uma política baseada realmente na bondade, na solidariedade e na fraternidade.

Como eu dava ciência a nosso mestre de minhas intenções, ele me felicitou, calorosamente, dizendo-me que, segundo pensava, a época era chegada para os espíritas que sentiam a capacidade de se lançarem na arena pela conquista de lugares que lhes

permitissem, não melhorarem sua situação material, mas prestar, o mais possível, serviços à humanidade.

Compreendendo que seria inútil apresentar oficialmente um programa espírita, o mestre me aconselhou aproveitar a campanha eleitoral para falar de bondade, de solidariedade e de fraternidade. Encorajou-me a alicerçar minha atividade no ensino que decorre do Espiritismo.

Lembrou-me, a seguir, a série de artigos publicados por ele, desde janeiro de 1924, na *Revista Espírita*, sob o título de *Socialismo e Espiritismo*.

Eis como escreveu Léon Denis:<sup>151</sup>

“Uma nação sem ideal, sem objetivo elevado, cedo estará transformada em pó.

Para o futuro os círculos políticos mais oposicionistas devem inspirar-se num ideal superior, um ideal que se alie ao racionalismo mais profundo.

(...) A sociedade terrena, para prosseguir sua evolução, deve renunciar ao materialismo, que é insuficiente, e se apoiar, daqui em diante, nessa noção mais alta das existências sucessivas da criatura e de uma vida universal regida pelas leis da equidade e da harmonia.

Façamos dessas leis um princípio de educação moral e de justiça social, porque, por seu intermédio, tudo se explica e se aclara.

Com efeito, é pela compreensão dessa regra essencial com a noção dos deveres e das responsabilidades que ela comporta, e das sanções que ela determina, que se revelarão aos nossos olhos a grandeza e a beleza da vida. Acharemos aí o supremo remédio para nossos males e a solução dos graves problemas da hora presente e do porvir.”

Por muitas vezes, em sua obra, Léon Denis mostra quais são as desordens da época moderna e para qual miséria nosso século está consagrado. Para remediar esse desagradável estado de coisas, o mestre não vê outros meios a não ser:<sup>152</sup>

“... dar ao povo uma nova educação, baseada numa doutrina espiritualista ampla e racional.

É preciso, inicialmente, que os pensadores guardiães da luz possam projetar suas irradiações sobre irmãos mais carentes, para dissipar os maus fluidos que os envolvem.

Depois, sobretudo na escola, inculcar na juventude os princípios regeneradores, porque não se corrige uma sociedade heterogênea, mas é preciso começar pela infância e preparar a obra dos séculos.

É necessário uma concepção simples, nítida e clara da vida e do destino.

Depois, para coroar a educação popular, uma alta moral livre dos preconceitos de seitas e de castas, inteiramente impregnada de piedade para com todos os que sofrem no mundo, homens e animais, sendo estes últimos frequentemente vítimas inocentes das brutalidades dos homens.

A inveja e o ciúme criaram o ódio entre as classes pobres. É preciso eliminar o ódio do coração humano, porque com ele não há paz, harmonia nem felicidade possíveis.

O ódio não pode ser vencido pelo ódio, disse a sabedoria antiga. Só pode ser vencido pela bondade, pela benevolência e pela tolerância.

Convém não se deixe de lembrar aos escritores e aos inovadores seus deveres e suas responsabilidades.

Pela pena e pela palavra, eles podem, muitas vezes, fazer o bem ou o mal. Que eles se lembrem de que seus artigos e seus discursos podem ser para cada leitor ou cada ouvinte um motivo de elevação ou de regressão.

O pior dos papéis neste mundo consiste em trabalhar constantemente para envenenar as almas. É preciso mais tolerância nos costumes e não lançar anátema aos que pensam de forma contrária à nossa.

Agrada-me, de minha parte, reconhecer que entre os contraditores há pessoas de mérito, dignas de consideração e de estima.

A nova educação deverá insistir na noção das vidas sucessivas, porque se essa grande doutrina não vier aclarar os caminhos do homem na Terra, a incerteza persistirá para ele com as vacilações, os erros e todos os males que decorrem da ignorância dos fins.”

Conforme penso, Léon Denis aí exprime, em excelentes termos, o único meio de se obter uma humanidade melhor. Todavia, para alcançar esse resultado, convém fazer os esforços necessários a fim de que espíritas sinceros se tornem legisladores e administradores dos bens públicos.

As consequências sociais do Espiritismo seriam, assim, pouco a pouco aplicadas e a humanidade melhoraria.

Estou tão certo de não me enganar, que passei da teoria à prática. Tentando fazer triunfar nossas idéias, escolhi, em 1925, um dos bairros de Paris, representado há muito tempo por revolucionários, e ali iniciei uma luta árdua.

Foi assim que, no bairro de Bercy (12º Distrito), fui candidato ao Conselho Municipal. Durante os seis meses de minha campanha, aproveitei todas as ocasiões para pregar, aos moradores desse bairro, a solidariedade e a bondade sob todas as suas formas e em todas as suas consequências, em oposição com a doutrina da Revolução.

Naturalmente, meu programa comportava possibilidades de melhoramento social e tentei explicar que o melhor meio de conseguir a felicidade humana é, de uma parte, afastar os egoístas, protegendo, de outro lado, contra os desagradáveis sentimentos de ódio e de inveja os que ainda não os possuem.

Fazendo assim, poder-se-á obter uma colaboração eficaz do capital, do trabalho e da inteligência. Essa colaboração é o único meio prático de se assegurar uma paz social verdadeira.<sup>153</sup>

Fui, pois, candidato num bairro onde era desconhecido de todos os moradores, em outubro de 1924.

Desejando mostrar como a perseverança e a tenacidade de qualquer um que cultivou sua vontade e adquiriu, o melhor que pôde, o domínio de si mesmo, tive o trabalho de visitar pessoalmente todos os eleitores, o que me permitiu compreender melhor

as necessidades dos moradores de Bercy, principalmente do ponto de vista da higiene.

Com a ajuda dos membros do meu comitê, fiz numerosas reuniões particulares, divulgando as idéias diretrizes de meu programa, todas elas estabelecidas em absoluta concordância com os ensinamentos espíritas, sem que eu jamais, fique bem entendido, falasse de Espiritismo.

Não é ainda o momento de fazer, numa campanha eleitoral, uma profissão de fé espírita. Eu havia, porém, tomado a firme resolução de não ocultar minhas idéias, se, no curso de uma interrupção, me censurassem por ter escrito obras espíritas e feito numerosas conferências de propaganda.

Se isso acontecesse, eu teria, simplesmente, em poucas palavras, afirmado minha certeza, declarando que reside aí o dever de uma convicção pessoal.

Meu programa, teria eu acrescentado, comporta a tolerância mais completa pelas idéias dos outros e sou adepto resolutivo da liberdade de consciência.

Não estou aqui para expor-lhes tal ou qual doutrina, tal ou qual ciência, tal ou qual religião.

Por consequência, não estamos no momento de discutir tais questões. Quero somente mostrar como, baseando a vida social nos princípios da justiça, da tolerância e da bondade, poderemos resolver melhor todas as questões e proporcionar a todos, equitativamente, o máximo de felicidade.

Ocultava tão pouco minhas idéias que tive ocasião, durante minhas conversas particulares com meus eleitores, de responder às suas perguntas referentes ao Espiritismo. Sabendo de minhas convicções, eles faziam perguntas sobre nossa Doutrina.

Durante a campanha eleitoral oficial, fiz, em Paris, uma conferência espírita.

Apesar de tudo, nunca, em minha campanha, o Espiritismo foi criticado durante as reuniões públicas ou particulares. Consegui, no primeiro turno, uma grande maioria para ser, no segundo turno, derrotado somente por dez votos, isto por ter o candidato comunista aproveitado uma coalisão das forças revolucionárias.

Eu havia prometido continuar me ocupando com o bairro, qualquer que fosse o resultado das eleições.

Cumpri, fielmente, minha promessa e assim provei que minha campanha era conduzida, tendo como único objetivo um ardente desejo de ser útil aos outros, alheio a qualquer preocupação de interesse pessoal.

No Congresso Espírita Internacional de 1925, apresentei um trabalho intitulado: “O Espiritismo na Vida Social”.

“Segundo creio – escrevi –, chegou a hora de tentar fazer penetrar na vida social as consequências do Espiritismo. Nossos militantes não devem hesitar em fazer sérios esforços para ocupar os postos políticos.

Seria evidentemente prematuro acrescentar a seu nome o epíteto de espírita, mas devem ser estabelecidos os programas eleitorais em conformidade com os ensinamentos espíritas.

Mesmo sem nenhuma possibilidade de sucesso, as campanhas eleitorais serão um excelente meio de propaganda e darão oportunidade de levar às massas o ensino da bondade e da tolerância que se destaca de nossa Doutrina, sem que se tenha de lhes pronunciar as palavras que ainda são mal compreendidas...

Caso fossem eleitos para as funções públicas, nossos propagandistas deveriam exercer seus mandatos fazendo os maiores esforços para realizarem seu programa. Continuarão, fora de suas funções, sua ação pessoal para divulgar o Espiritismo. Não vacilarão, se for necessário, em afirmar, com muito tato, suas convicções, mas somente quando houverem adquirido junto a seus colegas a autoridade moral necessária.

Mesmo sem divulgar o Espiritismo, seria fácil falar das consequências de nossa Doutrina em numerosas questões, como, por exemplo, a educação das crianças, a reeducação dos transviados, o melhoramento moral dos prisioneiros, etc... Em continuação, quando o número dos eleitos for suficiente, sem dúvida será possível preparar uma nova geração, organizando o ensino do Espiritismo no mesmo nível do das outras religiões.”

Minhas idéias foram adotadas por unanimidade e minha proposta deu lugar ao seguinte voto de resolução:

“Os espíritas têm o dever moral de penetrar em todos os círculos da sociedade, para efetuar, com tato, uma propagação pelos fatos e pelos exemplos.

Os espíritas devem, tanto quanto possível, apresentar sua crença em todos os tempos e lugares, notadamente nas ocasiões de cerimônias familiares: casamentos, funerais, etc...”

Assumindo essa atitude, estava, de resto, seguindo exatamente os ensinamentos de Léon Denis.

Em 28 de fevereiro de 1886, nosso mestre fazia, em Mans, na “Salle de la Crypte”, uma conferência intitulada “A Filosofia da Revolução”. O relato aparece em *Le Spiritisme* e eu não faria melhor senão lhe publicar uma parte:

“Léon Denis expõe a situação da sociedade francesa, antes de 1889, e as modificações trazidas pela Revolução. Ele fez destacar a grandeza de alma dos homens de 1893 e seu heroísmo em presença da morte.

Onde buscavam eles essa energia que os sustentava no meio desse intenso drama e por que os republicanos de nossos dias são tão pequenos ao lado deles?

Eis o segredo de sua força: os homens de 1893 acreditavam numa lei superior de progresso e de justiça, e queriam aplicá-la na vida social e no governo dos povos.

Os homens da Convenção acreditavam num Ser Superior e na imortalidade da alma. Robespierre o afirmou em seu discurso de 18 floreal,<sup>154</sup> ano IV, quando disse:

“Essas duas crenças são sociais e republicanas e a Convenção, proclamando esses dois princípios em nome do povo francês, institui a religião natural, fora de qualquer culto ou sacerdócio.”

O conferencista, após se ter levantado contra o ateísmo e o materialismo, cujas consequências são deploráveis, apresenta provas da existência de uma causa superior como se deduzindo da ordem e da harmonia que reinam no Universo. Depois,

chegando à imortalidade da alma, ele a apresenta saindo, cientificamente, dos fenômenos espíritas, obtidos, em todos os pontos do mundo, das experiências de Crookes e de Wallace, e dos fenômenos do magnetismo lúcido.

Termina ele afirmando que todos os fatos agrupados e interligados por uma síntese moral se tornarão a religião científica da humanidade. (...)

Léon Denis nega aos materialistas e aos ateus o direito de se declararem os herdeiros de 1893; o materialismo, disse ele, é um perigo social, que leva o homem ao desespero e ao suicídio no qual ele relaxa a sua dignidade e diminui a energia na adversidade!

Da mesma forma que a idolatria e a superstição que em suas consequências lógicas terminam no arbitrário e no despotismo, o ateísmo, em seus resultados políticos, conduz à dilapidação das forças sociais e à anarquia.

O materialista considera o homem como uma máquina movida por instintos.

Ora, não há, para uma máquina, nem liberdade, nem responsabilidade, nem leis morais de seguimento aos deveres, e a República só pode viver apoiando-se em deveres.

Sem um ideal superior, sem a fé no futuro, sem crenças racionais, não há costumes viris, nem grandeza moral para um povo.

Com o materialismo, os apetites, os instintos dominam sozinho e a besta selvagem reaparece no homem.

O conferencista apresenta as provas da existência de uma causa superior e aponta a ordem e a harmonia no Universo.”

Em abril de 1889, sob o título “A Política e o Espiritismo”, Léon Denis publicou em *Le Spiritisme* o seguinte artigo:

“A República é a forma mais lógica, a mais completa da liberdade e pode fazer a verdadeira igualdade entre os homens, não rebaixando os grandes ao nível dos pequenos, porém, dando aos pequenos os meios de se elevarem, gradualmente,

ao nível dos grandes pela instrução gratuita, liberdade de trabalho e de associação e uniformidade nos direitos.

Todavia, para realizar, para manter tal forma de governo em sua pureza e grandiosidade, é preciso haver almas dignas e virtuosas.

Uma nação republicana é um vasto organismo, um grande corpo, onde cada eleitor é um membro. O Estado vale o que valer o cidadão. Se o cidadão é correto, justo, esclarecido, o Estado será grande; se ele é egoísta, ignorante e vicioso, o Estado será fraco e miserável.

Republicano significa quem se governa e se rege, em todas as esferas de sua atividade. Tal título impõe, portanto, a quem o adote, responsabilidades mais pesadas e mais extensas. Exige mais méritos e um certo valor intelectual e moral.

Sob um tal regime, a sorte do país está nas mãos do povo e é ele que, por sua escolha e seus sufrágios, prepara seus próprios destinos. Ora, o perigo se torna grande, se o direito e a liberdade forem usados sem discernimento. É o que acontece na França.

Os republicanos se dividiram em grupos inimigos. As rivalidades, os ódios e as inúmeras competições criaram a instabilidade. Os ministérios sucumbem, uns após os outros.

A crise se torna permanente e os sintomas de descontentamento já se manifestam. Uma corrente de opiniões conduz uma parte da nação para um governo pessoal.

Após tantas revoluções, tanto sangue derramado, tantos esforços e tantos sofrimentos para obter a liberdade, passamos a maldizê-la e desgostar dela.

Constata-se que a liberdade da imprensa produziu um amontoado de injúrias e de mentiras e que a difamação se tornou um mal crônico. A liberdade de reunião se tornou inaplicável, graças à invigilância dos conciliábulos políticos ou socialistas, que lançam a perturbação em todas as reuniões que não lhes agradam.

É que a liberdade só pode produzir efeito útil se cada um souber se preparar pela educação.

Ela, para ser um bem, deve ter por corretivo o respeito pela liberdade dos outros e um sentimento profundo pela dignidade humana. Todavia, que pode ela representar para homens corrompidos, numa sociedade onde a matéria domina o espírito, onde a vida animal é mais forte do que a vida intelectual e moral?

Limita-se a acusar o parlamentarismo, a criticar a Câmara, sem se lembrar de que a Câmara é apenas a fiel representação das virtudes e dos vícios nacionais, o reflexo, a viva imagem do estado de espírito francês. Mudaram as instituições, mas o fundo do caráter não se modificou.

A República não pode viver, prosperar, nem se engrandecer, se nenhum de seus filhos se tornar melhor, mais sábio e mais virtuoso.

É o que haviam compreendido os homens da primeira revolução. Eles tinham um ideal elevado.

Sua fé profunda num Ser Supremo, em suas leis justas, na vida imortal, era a fonte de onde tiravam as suas grandes resoluções.

Robespierre se explicou várias vezes na tribuna da Convenção, e Danton, Vergniaud e muitos outros partilhavam de seus sentimentos sobre esse ponto.

Os republicanos de 1848 eram igualmente espiritualistas no sentido mais amplo e elevado do termo. Uns e outros tinham costumes austeros e seu espírito de devotamento e de sacrifício não recuava face à morte.

Sabiam e diziam que não bastava anular o despotismo para fazer nascer a liberdade e implantar os costumes republicanos, porque, se as paixões materiais, a corrupção e o egoísmo permanecessem nas almas, nada teria sido feito e o despotismo renasceria de novo. Os que aspiram a uma ordem social baseada na justiça, diziam eles, devem, inicialmente, se tornar justos e virtuosos, criar costumes dignos, razões esclarecidas e consciências honestas, e caminhar sem receio para um ideal nobre e generoso.

Ora, esses preceitos foram esquecidos e a meta que a maior parte dos franceses desejava alcançar era a riqueza ou o prazer.

A instrução é mais difundida, é verdade, mas o que dizer de uma instrução puramente científica, desprovida de qualquer noção geral sobre a finalidade da vida, o destino dos seres e as leis superiores do mundo?

O materialismo se expandiu por todas as classes. O homem, vendo a vida apenas em si mesma, relega ao estreito círculo que ela envolve todos os seus atos e pensamentos. Disso resulta um excesso de ambição e de vaidade, uma sede ardente de bem-estar, horror ao trabalho e a tudo quanto é sério, profundo e sincero.

Daí, uma confusão geral, porque aquilo que está em nossas idéias se expande por toda parte e conduz à desordem a obra da civilização e do progresso. Entretanto, parece que, ao lado do mal, o Poder Superior que rege os mundos colocou um remédio.

À medida que o vazio e a incerteza se estabelecem no pensamento, eis que um novo ideal, uma concepção racional do mundo e da vida começa a apontar, debilmente, lutando contra as trevas que pareciam querer tudo envolver, mas que, apesar dos obstáculos, cresce e transforma-se, pouco a pouco, em um foco de luz capaz de aclarar e aquecer a humanidade. (...)

É o Espiritismo, ainda desconhecido, desprezado, que vem curar nossas chagas morais e nos fornecer, com uma base de certeza pela fé, um princípio de melhoria social.

Apoiado na sólida rocha dos fatos, a interpretação que ele nos oferece da lei moral e do objetivo da existência, se vulgarizada, se divulgada no mundo, poderia evitar os flagelos que a sensualidade e a incredulidade vão, brevemente, desencadear sobre a humanidade. (...)

O Espiritismo, digam o que disserem, é o indispensável complemento filosófico e moral da Revolução, porque os princípios de progresso e de igualdade, nos quais se inspirou,

ele os apresenta inscritos nas leis eternas e realizados pelo destino de todos os seres, através das incessantes vidas dos renascimentos.

Eis as verdades que o Congresso de Paris deveria destacar, proclamar diante das nações, porque só elas podem preservar da anarquia e do descalabro das paixões materiais e egoístas.”

Fiz essa citação com o fim de mostrar quanto estou seguindo Léon Denis, envolvendo-me na vida social, tentando aplicar as teorias que defendemos para remediar a desordem atual.

Em *O Mundo Invisível e a Guerra*, à página 154 (edição francesa),<sup>155</sup> Léon Denis indica quais os males que o Estado tem causado às gerações jovens, com um ensino confuso, de onde foram retirados o ideal e a beleza moral.

Em nossa época, os meios universitários não são poupados pela propaganda revolucionária e é triste constatar-se a que ponto as idéias bolchevistas têm influência junto aos professores e divulgadores.

Isso deve conduzir todos os espíritas a deflagrar uma campanha sem quartel, para se conseguir uma educação nacional que contenha elementos capazes de uma renovação.

Como Léon Denis escreveu em *O Mundo Invisível e a Guerra*:<sup>156</sup>

“Se a bela flama do idealismo iluminasse as almas, veríamos que, aos poucos, as gerações envelhecidas e desencantadas, prestes a desaparecer, seriam substituídas por uma nova França, ardente e generosa, possuidora de uma fé patriótica que lhe garantiria efetuar grandes empreendimentos.”

Desde 1902, Léon Denis havia julgado necessário atrair a atenção do Presidente do Conselho sobre a importância, para a França, de uma mudança nos métodos de ensino.

Também, escrevia ele a Combes, senador e presidente do Conselho de Ministros, uma carta aberta, cujos termos encontramos em *La Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, ano de 1902-1903. Acho útil reproduzi-la:

“Em uma das recentes sessões da Câmara, o senhor afirmou, com coragem, diante da representação nacional, sua fé espiritualista. O senhor reconheceu a impotência da escola leiga para transmitir todo o ensino moral necessário e acrescentou que a idéia religiosa era uma das forças mais poderosas da humanidade.

Suas palavras tiveram, no país, imensa repercussão. Elas são como um eco da consciência pública, alarmada pelos numerosos sintomas de decadência e de decrepitude moral que aparecem por todas as partes e que só pode ser atribuída à ineficácia do ensino oficial.

O senhor afirmou, além disso, que o método de observação aplicado ao estudo do mundo moral e da consciência assegura a sobrevivência da personalidade humana e lhe abre os horizontes da eterna verdade e da eterna justiça:

“A idéia religiosa, termo natural e lógico da pesquisa científica, se liga muito estreitamente às mais íntimas aspirações da alma, para que o professor da Universidade possa ignorar e lhes recusar, em seu ensino, o lugar que lhe cabe.”

Aí estão nobres sentimentos expressos numa bela linguagem, mas que são partilhados por bem poucos dos que têm por missão esclarecer a alma do país.

É um fato notório, para um homem familiarizado com os meios universitários, que a maior parte dos professores e auxiliares, imbuídos, uns das teorias negativistas, materialistas ou positivistas, e outros profundamente indiferentes, desdenham ou negligenciam o ensino espiritualista e, quando o ministram, o fazem sem convicção, sem calor comunicativo e, portanto, sem resultado. A mesma incapacidade tem o padre, que, por suas afirmações dogmáticas, não consegue comunicar às almas uma crença que não responde mais às leis da crítica sadia, nem às exigências da razão.

Em realidade, quer se volte para a Universidade, quer para a Igreja, a alma moderna só vê obscuridade e incerteza no que tange ao problema de sua natureza e de seu destino.

A educação que se dá às gerações é complicada, mas não esclarece os caminhos da vida e não as prepara para os combates da existência. O ensino clássico pode nos ensinar a escrever e falar bem, mas não orienta como agir, amar e devo-tar-se. Muito menos ainda ensina a crer, a ter uma concepção da vida e do destino, que desenvolva as energias profundas do *eu* e oriente nossos anseios e nossos esforços para um fim elevado.

Francisque Sarcey, esse modelo ideal da Universidade, confessava, sem rodeios:

“Estou no mundo, ignoro como vim e por que me puseram aqui. Também ignoro como daqui sairei e o que me acontecerá quando daqui houver saído.”

Aí está o resultado de tantos séculos de estudos e de labor. A filosofia da escola é ainda apenas uma doutrina sem luz e sem vida. A alma de nossos filhos, desorientada entre sistemas diversos e teorias contraditórias – o positivismo de Auguste Comte, o naturalismo de Hegel, o materialismo de Stuart Mill, o ecletismo de Cousin, etc. –, flutua, na incerteza, sem ideal e sem objetivo claro.

Daí o desencorajamento precoce e o pessimismo dissolvente, doenças das sociedades decadentes, ameaças terríveis para o futuro, às quais se junta a descrença amarga e destruidora de tantos jovens que só crêem na sua riqueza, só honram o sucessor e se julgam vencidos, antes de descerem à arena.

Observamos que nosso país não fornece mais muitas almas varonis, para disputa com as outras nações nos caminhos e labores do mundo.

Lamentamos não mais surgirem homens de iniciativa, capazes de aumentar o poder de brilho e o prestígio da França. De onde vem isso? Muito simplesmente, do que nosso ensino não consegue mais produzir.

Para formar almas novas e fortes, precisamos de métodos e princípios novos. Precisamos preparar os espíritos para as necessidades da vida presente e das vidas ulteriores. Precisamos

ensinar o ser humano a se conhecer, a desenvolver, em vista de seus fins, as forças latentes que neles dormitam.

O que o ensino clássico, em todos os seus graus, não pode dar, o ensino religioso é capaz de fornecê-lo? Seria ilusão acreditar nisso.

As próprias Igrejas estão atingidas por uma profunda crise. Na Igreja Católica, não é somente de fora que surgem os ataques; é no próprio seio do santuário que se avolumam os esforços dissolventes.

A velha fé está abalada e os dogmas vacilam em suas bases. Um vento de independência sopra no meio do clero. Numerosos padres, não podendo mais ensinar o que sua razão reprova, abandonam o sacerdócio e desertam da Igreja.

As religiões vêm enfraquecer, a cada dia, seu império sobre as almas.<sup>157</sup> O número se reduz, cada vez mais, dos que acreditam sinceramente no pecado original, na redenção, bem como nas penas eternas ou na salvação pela graça.

Se, como o senhor disse, Senhor Presidente, a ciência conduz à idéia religiosa, ela não conduz à religião sob suas formas atuais. A religião, para se tornar viva, deve sair de sua imobilidade secular, aprender a evoluir, a se elevar rumo a uma compreensão mais alta do Ser Infinito, Eterno, e de sua obra.

Se o ensino clássico, se as velhas crenças não bastam mais para as necessidades de nosso tempo, onde buscaremos essa concepção espiritualista da vida e do destino, baseada na razão e na justiça, que nenhuma sociedade saberia recusar, já que ela é o sustento e a consolação suprema, nas horas de provas, a fonte das másculas virtudes e das altas inspirações?

Hoje não poderíamos nos contentar com puras especulações metafísicas. Para as exigências modernas é preciso oferecer uma doutrina apoiada em provas sensíveis, em fatos de observação e de experimentação. Mas, onde estará a doutrina espiritualista que poderá reunir tais condições?

Aqui, Senhor Presidente, meu dever é de lhe dizer bem alto o que muitos pensam bem baixo e atrair sua atenção para o

desenvolvimento que tomaram, em nossos dias, as ciências psíquicas. Elas constituem, em seu conjunto, o que se denomina Espiritualismo Moderno, e suas deduções filosóficas repousam em inúmeros fenômenos, renovados incessantemente.

Essas ciências, tão injustamente discriminadas outrora e melhor conhecidas e mais justamente apreciadas hoje, já oferecem à Psicologia recursos suficientes para uma base experimental ao princípio da imortalidade.

Graças a elas, a sobrevivência da alma e suas manifestações além da morte deixaram de ser uma simples hipótese para se tornar uma certeza.

O senhor o sabe, Senhor Presidente, já não é mais somente do rol dos pesquisadores obscuros que se elevam agora as afirmações, os testemunhos; é do seio das corporações dos sábios.

São doutos membros das faculdades, homens que ocupam altos postos no mundo científico, que atestam, em todos os países, a realidade das comunicações com o Além.

Enumeramos, entre os mais conhecidos, William Crookes, Russel Wallace, Oliver Lodge, Alexandre Aksakof, Albert de Rochas, o Dr. Paul Gibier, o Prof. Charles Richet, etc.

Um fato considerável se destaca dos obtidos há 50 anos: a coexistência de duas humanidades, uma visível e da qual fazemos parte e outra invisível aos nossos sentidos, que se renovam ambas por permanentes trocas, por meio do nascimento e da morte.

Essas humanidades se penetram, se influenciam e evoluem para fins comuns. Entre elas, uma comunhão cada vez mais estreita se estabelece e daí nos resultam, de todos os pontos do mundo, ensinamentos que se harmonizam e constituem um controle universal.

Pouco a pouco, a vida futura se desvenda com o conjunto imponente das leis que a regem, leis de progresso e de eterna justiça, como o senhor tão eloquentemente o afirmou.

Sabemos que o ser se encontra, além da morte, em sua plena consciência e inteira responsabilidade, com todas as conquistas intelectuais e morais, acumuladas na sucessão das vidas que percorreu.

Sabemos que toda alma deve sofrer, em cada retorno à carne, as consequências de seu passado, o que faz do destino, feliz ou infeliz, uma simples lei de causa e efeito e que nós mesmos construímos, através do tempo, nossa personalidade em processo de ascensão.

Artífice de seu próprio futuro, o homem prossegue sua evolução por meio de numerosas existências, na superfície dos mundos, elevando-se, gradualmente, para um infinito de grandeza, de poder e de beleza.

É nosso dever chamar sua atenção sobre a utilidade que haveria em se aproveitar tais elementos para a educação nacional, a fim de conseguir para nossos filhos um conhecimento mais preciso das leis da vida; de lhes inspirar mais confiança no destino, de melhor armá-los para as lutas morais e a conquista do futuro.

Enquanto as universidades ensinam cada dia sistemas filosóficos mais ou menos hipotéticos, engendrados pelo pensamento do homem, poderíamos considerar como desprezíveis os ensinamentos dados pelas altas inteligências do Espaço?

E, mesmo quando espíritos tímidos achassem que deveriam ficar alheios a essas revelações, não é menos evidente que a lei das vidas sucessivas, através das quais cada um de nós prossegue, nas mais variadas situações, os estudos, os trabalhos e os sofrimentos, em sua própria educação, essa lei fica sendo a única explicação das diversidades das infinitas aptidões, dos caracteres e das condições que diversificam os homens.

É, ao mesmo tempo, o retorno às nossas verdadeiras tradições étnicas, às crenças filosóficas da Gália, o retorno ao gênio céltico, que é o puro e claro gênio da França.

Compete-lhe, Senhor Presidente, em sua alta sabedoria, regenerar o ensino universitário por essa noção das existências

sucessivas da alma, através das quais o progresso prossegue e a justiça se realiza.

Provocando, no começo do século XX, essa renovação necessária, o senhor facilitará a obra de paz e de harmonia social empreendida sob a égide da República.

O senhor bem o sabe, não há progresso social sem progresso individual, e o mais poderoso fator do progresso é a educação. Ela contém, de forma latente, o futuro.

Todavia, nenhuma educação será eficaz, se não se inspirar no estudo completo da vida, a vida sob suas duas formas alternantes: terrestre e celeste; a vida em sua plenitude, em sua evolução ascendente para os cumes da natureza e do pensamento.

Queira aceitar, Senhor Presidente, a expressão de meus sentimentos respeitosos.

*Léon Denis.*”

Em 1928 o Espiritismo está mais divulgado do que em 1903. Portanto, talvez seja possível obter-se do governo uma transformação dos métodos oficiais de ensino. Entretanto, os espíritas têm o dever de realizar, a esse propósito, campanhas enérgicas. Fazendo-as, seguirão estritamente o exemplo que lhes deu Léon Denis.

Deve-se acreditar, com Lucien Graux, que ministros e homens políticos célebres crêem na realidade do Espiritismo, enquanto se declaram prontos a continuar e a afirmar publicamente o contrário?<sup>158</sup> Contudo, a carta endereçada por Léon Denis ao Presidente não surtiu efeito; e isso prova a necessidade de preparar o futuro.

“Se quisermos – escreve ele<sup>159</sup> – entrever pelo pensamento o futuro reservado ao Espiritismo, representemos um instante as gerações futuras livres das superstições clericais e dos preconceitos universitários, elevadas pelo espiritualismo científico e filosófico até à comunhão com o invisível, conversando com os habitantes do Além, dirigindo suas vidas, confor-

me os conselhos de seus preceptores de Além-túmulo, obedecendo, como os profetas de Israel, aos impulsos superiores.

Uma tal sociedade não seria o povo de eleitos que o Cristo veio evangelizar? A união de um tal povo à humanidade invisível seria comparável à escada de Jacó, pela qual os espíritos descem até aos homens e os homens sobem até Deus, numa ascensão de glória, virtude e luz.”

Para nos darmos conta do valor real do Espiritismo, considerado do ponto de vista de sua influência sobre o povo, é útil lembrar que, já em 31 de março de 1886, Michel, operário, dizia, diante do túmulo de Allan Kardec, em nome do Grupo Operário Espírita do bairro de Saint-Antoine:

“Eu, operário, é em razão da felicidade que tenho sentido, desde que esse caro mestre me esclareceu, com o conhecimento de mim mesmo, que não vacilo em vir fazer um apelo, publicamente, a meus irmãos, operários como eu, para que bebam na fonte da felicidade, onde tantas vezes matei minha sede.

Venham, amigos, venham respirar esse doce perfume que denominamos de verdade, felicidade da alma; venham, vocês que, como eu, estão curvados pelo peso das provações, que serão aliviadas pelo conhecimento da Doutrina Espírita, que ensinamos a todos os homens de boa vontade.

Vocês verão que o Espiritismo é o anjo consolador de todas as dores, de todas as penas e de todos os sofrimentos e que, bem praticado, curaria as chagas sociais. Nele vocês encontrarão, enfim, a aplicação dessa grande divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Liberdade, pelo livre-arbítrio que temos de adiantar ou de atrasar nosso avanço para Deus.

Igualdade, pela divisão de todos os sofrimentos materiais entre todos os habitantes do planeta.

Fraternidade, Amor, Proteção, alívio para todos os seus semelhantes.

Caros amigos, quando praticarmos, realmente, esses grandes princípios, chegará a idade de ouro, a verdadeira República de Deus, um por todos e todos por um.

Sempre a vocês, irmãos de labor, não cessarei de lhes pedir. Eu lhes direi, pois, ainda uma vez, que, se quiserem sua emancipação, venham até nós; se quiserem respirar a liberdade a plenos pulmões, ponham em prática nossas máximas e verão por vocês mesmos que o Espiritismo é chamado para proceder a uma grande revolução moral, por toda a Terra e, notadamente, em nossa sociedade francesa, nação que está sempre à frente, quando se trata de progresso e de bem-estar dos povos.”

Em *O Problema do Ser e do Destino*, Léon Denis fala frequentemente sobre a importância do Espiritismo na vida social.

Citarei apenas uma passagem que mostra bem que o patriarca do Espiritismo não negligenciava em dar atenção aos problemas políticos:<sup>160</sup>

“Sendo uma sociedade – escreve ele – o resultado das forças individuais, boas ou más, para melhorar a forma dessa sociedade é preciso agir, de início, sobre a inteligência e sobre a consciência dos indivíduos.

Todavia, para a democracia socialista, o homem interior, o homem da consciência individual não existe, a coletividade o absorve por inteiro.

Os princípios que ela adota não são mais do que uma negação de qualquer filosofia elevada ou causa superior. Só se sonha em conseguir direitos, entretanto o gozo dos direitos não é possível sem a prática dos deveres.

O direito sem o dever, que o limita e o corrige, só engendrará novos atritos e novos sofrimentos.

Eis por que o impulso formidável do socialismo só faria deslocar os apetites, as cobiças, as causas de mal-estar, e substituir as opressões do passado por um despotismo novo, mais intolerante ainda.

Assim, podemos medir a extensão dos desastres causados pelas doutrinas negativistas. O determinismo, o materialismo, negando a liberdade humana e a responsabilidade, destroem as próprias bases da ética universal. Segundo essas doutrinas, o mundo moral é apenas um anexo da fisiologia, isto é, a manifestação da força cega e irresponsável.

Os espíritos de elite professam o niilismo metafísico, e a massa humana, o povo, sem crenças, sem princípios fixos, está entregue a homens que exploram suas paixões e especulam sobre suas cobiças.”

É preciso, pois, fazer grandes esforços para divulgar o Espiritismo no povo e criar um movimento em favor de nossa Doutrina.

Graças a seus métodos simples da experimentação, graças às provas extraordinárias de identificação, dadas tão frequentemente pelos espíritos, a propaganda de nossas idéias é hoje fácil. Pouco a pouco, o Espiritismo se expandirá bastante.

Ora, o povo faz a opinião pública, e como a opinião pública se impõe geralmente ao governo, podemos ter confiança no futuro.

Graças ao Espiritismo, haverá menos egoístas, os operários e os patrões compreenderão a necessidade de colaborarem, de se prestarem favores uns aos outros.

O encorajamento ao trabalho, a participação nos benefícios de todos os que ajudaram em sua criação se tornará então, facilmente, uma realidade. Aí está o único meio prático da pacificação social.

Para os que estivessem tentados em pensar que a colaboração das classes é uma utopia, desejo reproduzir um artigo aparecido em *Bâtiments et Travaux Publics*, de 15 de abril de 1928, sob o título: “L’Esprit Nouveau des Syndicats Ouvriers”:

“O sucesso da Conferência, recentemente realizada em Londres, entre os chefes das mais poderosas organizações patronais britânicas e os representantes dos Sindicatos dos Operários para garantir, o quanto possível, a paz industrial, pare-

ce demonstrar, contrariamente às previsões de alguns patrões, que os dirigentes dos Sindicatos dos Operários se afastam, pouco a pouco, das soluções violentas, não levando em conta somente as contingências econômicas para chegar a concepções muito mais racionais e que, em todo caso, merecem ser discutidas. A *Revue Suisse* aí vê o começo de um novo espírito nos meios proletários.

“Desejar-se-ia que nessas classes – escreve ela – os operários evitassem perturbar a produção e, o quanto possível, não recolhessem da luta um prejuízo tão grande ou maior ainda que o sofrido pela indústria e pela comunidade.

Também se começaria, nessas esferas operárias inglesas, a ver melhor as coisas econômicas e a compreender a falsidade e a ação nefasta da política de luta das classes e se chegaria a um consenso com os patrões.

Acredita-se que, com um exame em comum de todas as questões relativas à produção, por meio de um entendimento sobre todas as diferenças que separam os interessados, cada um obteria mais vantagem que nos sistema de confronto dos interesses, origem de tantas lutas, greves, violências e ruínas.”

Coisa curiosa, o mesmo movimento parece se manifestar igualmente na Holanda, onde as Federações industriais, patronais e sindicais aceitaram trabalhar em colaboração.

É uma idéia que contradiz as velhas fórmulas marxistas sobre os “explorados” e os “exploradores” e que afasta, evidentemente, a “luta das classes”. Ela acabará por triunfar na Europa, num tempo mais ou menos longo, como triunfou nos Estados Unidos.

O socialismo da luta das classes – diz a *Revue Suisse* – só teve na América poucos adeptos e até o sindicalismo goza ali de um papel secundário, o que não impede que os salários lá sejam mais elevados que entre nós, guardadas as devidas proporções.

Isto não comprova que é falso dizer, como o fazem muitas vezes os líderes intelectuais de nossos operários, que todas as conquistas sociais das últimas décadas são devidas à ação de organização sindical e socialista?

Todavia, mesmo a Federação Americana dos Sindicatos Operários que, até aqui, jamais reconheceu os princípios internacionais e antimilitaristas dos camaradas europeus e que sempre se recusou filiar-se à Internacional Sindical, a Federação Americana dos Sindicatos Operários, dizemos, parece querer ir mais longe com conquistas maiores que as organizações sindicais inglesas e holandesas.

Numa de suas últimas declarações, a direção da Federação afirma, entre outras, que o “sindicalismo está prestes a facilitar a cooperação dos operários com os patrões, em vista da prosperidade da obra comum.

Essa maneira de ver não pode impedir de levar os patrões a considerar, de seu lado, que o entendimento de todos os profissionais é ainda a melhor das políticas.

Eles assinarão, quanto mais voluntariamente possível, todas as medidas de proteção aos trabalhadores, e não se ofenderão mais com adversários intransigentes, sustentando propostas inaceitáveis.

A Federação Americana, aliás, repudia fortemente o espírito combativo dos antigos sindicatos e proclama que se deve tudo sacrificar pelo espírito de paz e de cooperação.

“A questão é saber – acrescenta nossa amiga – se os sindicatos suíços e seus chefes compreenderão o sentido e o valor dessas mudanças de direção das organizações operárias, nos mais avançados e mais industrializados países do mundo.”

Pode-se pedir o mesmo aos sindicalistas franceses.”

Tenhamos, pois, confiança no futuro e não cessemos nossa propaganda. Quando a maioria dos homens conhecer e praticar o Espiritismo, a fraternidade e a solidariedade unirão, realmente, os homens.

## CAPÍTULO XIV

### Sigamos o exemplo de Léon Denis

Estudando a obra de Léon Denis, mostrei muitas vezes que o patriarca do Espiritismo foi um magnífico exemplo de unidade de ação e de pensamento. Ele foi, igualmente, um modelo de desprendimento, de bondade e ardor ao trabalho.

Segundo Marcel Bucard, é preciso citar, entre as qualidades dominantes de Joana d’Arc, o fato de que ela era inspirada por Deus e “não estava em busca de glórias”.

“Ela era – escreve ele – pura de sentimentos, pura de intenções. Essa pureza infinita se manifestava em todos os atos de sua vida. A virgem é a santa da honestidade.

O homem que tem fé em Deus, ou o amor sagrado pela terra natal, ou a paixão por um ideal de dever e de justiça, ou a confiança em si mesmo (todas as formas da fé) pode estar certo “de chegar” ao belo sentido da palavra.

Um chefe deve ter fé, mas não qualquer fé... É o que explica por que os líderes como Joana d’Arc são muito raros.

Joana, afinal, não era para atração de ganhos. Ela só conhecia o dinheiro pelo bem que pudesse fazer e desprezava as moedas procuradas para as trocas sujas.

Ela amava o principal, “inteligência, coração e abnegação”, do qual sabia tirar para si e para os outros os benefícios mais proveitosos para a comunidade.

Tendo a fé, sabendo se sacrificar, a virgem é a melhor amiga do povo.”

Tais palavras não se poderiam aplicar igualmente a Léon Denis, que foi inspirado pelos Invisíveis e que, no início de sua carreira de escritor, afirmava seu desejo de escrever para o bem do povo? <sup>161</sup>

A apreciação de Marcel Bucard não parece ter sido escrita em intenção ao patriarca do Espiritismo, que sempre empregou seu dinheiro para cumprir seu apostolado?

Tinha uma pequena mediunidade de escritor, mais intuitiva do que mecânica, disse Claire Baumard, que durante muitos viveu perto do mestre e foi unicamente sua secretária.

Em *La Vie d'Outre Tombe*, revista espírita belga, ela deu, em junho de 1927, algumas notas sobre Léon Denis íntimo:

“Léon Denis – escrevia ela – era um gigante do pensamento; seu cérebro estava em constante ignição e cem vezes preparava suas obras para realizar a tarefa. Em sua vida, não conheceu o tédio, nem a ociosidade. Aliás, seus amigos invisíveis não lhe deixavam tempo e seu guia lhe repetia sempre:

– Deves trabalhar ainda por muito tempo!

– Mas – respondia o mestre –, estou muito velho para dar conta de tanto trabalho.

Essa cena, a que assistimos numa reunião, pareceu-nos plena de grandiosidade; ela invocava os velhos profetas judeus, suplicando a Deus que os chamasse para ele, pois sua tarefa era bem dura e eles estavam muito cansados, mas Jeová não atende.

– Caminha, ainda, caminha sempre – respondia ele. – Vai enfrentar os reis de Israel, falsos e cruéis. Vai ameaçar com minha cólera o povo que te apedrejará.

E o autor, com o prestigioso talento de prosador, pelo que mereceu ser chamado de *O Grande Lírico do Espiritismo*, trabalhou até o final da vida.”

O trabalho! Eis o melhor meio para se lutar contra a neurastenia.

Lendo essas linhas, eu me lembro do tempo em que levava a vida mundana dos ociosos e inúteis. Lembro-me de como as horas pareciam longas. Recordo os momentos de tédio e tristeza.

Depois que, graças ao Espiritismo, eu conheci o meio de ser feliz e que aceitei, como tarefa, um trabalho incansável, estou constantemente aflito por não dispor de mais tempo.

Estudem Léon Denis; por ele, saberão exatamente o que é a morte e isso lhes permitirá viver de forma bem diferente.

Numa peça de Romain Rolland, intitulada “Du Jeu de l’Amour et de la Mort”, representada no Odéon, um proscrito, Valée, é retido em Paris, durante o Terror, porque ele ama profundamente Sophie Courvoisier, a mulher do grande sábio que tem a confiança da Comissão.

Entretanto, por várias imprudências, feitas por Jérôme Courvoisier, este está a ponto de ser guilhotinado.

Deram-lhe um salvo-conduto para sua mulher e para ele.

Ora, esse homem idoso cometeu a falta bem humana de se casar com uma jovem mulher que ele adora e à qual não pode dar todas as satisfações às quais sua juventude tem direito.

No momento em que lhe trazem o salvo-conduto, ele sabe que seu amigo Valée ainda não é o amante de sua esposa, mas a ama e ela lhe corresponde.

Com uma grande nobreza de alma, ele se sacrifica, ele que está tão perto do túmulo e quer dar a sua esposa e a Vallée o salvo-conduto que lhes permitirá fugir de Paris para o estrangeiro.

Diante dessa generosidade, Sophie Courvoisier compreende a que ponto deve ceder à paixão humana e se dá conta do devotamento maravilhoso daquele que foi seu companheiro e rasga o salvo-conduto que lhe era destinado, dizendo a Vallée:

– Você deve aproveitar o que lhe está ofertado.

Ao mesmo tempo, ela lhe diz que se não fugisse, morreria.<sup>162</sup>

VALLÉE, sacudido por um tremor: Morrer!... Não! Não!... Não quero!... Morrer!... Abominação!...

JÉRÔME, calmo: – Preso, dentro de uma hora, julgado amanhã de manhã e guilhotinado, de tarde...

VALLÉE, fora de si: – Amanhã, de tarde, a esta hora, um monte de carne jogado na carroça e lançado numa pilha... Eu!... Jamais!... Não quero!... Salve-me!...

JÉRÔME: – Prepare-se para fugir.

VALLÉE: – Tenho vergonha...

SOPHIE vai a ele e lhe joga um casaco nos ombros: – Nós o salvaremos, amigo!

VALLÉE: – Tenho vergonha...

SOPHIE o veste, maternalmente: – Não, não tenha vergonha! Quero que você viva. Ficarei feliz que você ainda viva.

VALLÉE: – Eu a odeio e eu a desejo. Não posso, não posso me conformar em perdê-la... Ó deuses! Que se passa? A humilhação me esmaga... Sophie, para encontrá-la enfrentei mil mortes e só tremi com o receio de jamais revê-la. E agora, e agora!... Não posso mais suportar o pensamento da morte... Não, não me olhe com seus olhos de piedade! Que desgosto eu lhe inspiro!

Se Vallée tivesse conhecido o Espiritismo, teria medo da morte? Não, teria sido como os gauleses, que iam ao combate corajosamente e não se davam nem mesmo ao trabalho de retirar do campo de batalha os despojos de seus soldados mortos.

Muitos de meus leitores já conheciam, antes de lerem meu livro, as obras de Léon Denis; desejaria que fizessem um estudo profundo de seus livros. Alguns, talvez, jamais tiveram a ocasião de ler nosso mestre. Espero tê-los animado a possuir em sua biblioteca toda ou uma parte da obra do patriarca do Espiritismo.

Desde que comecei minha atividade de propaganda espírita, recebi muitas cartas, nas quais criaturas desoladas me confiavam suas angústias e me diziam:

– O senhor acha que a felicidade existe. Como poderei conseguir um pouco dessa felicidade?

A todos eu respondia: – Comece lendo *Depois da Morte*.

Recebi cartas comoventes, cartas de pessoas que, graças a essa obra, puderam evitar o suicídio, essa coisa tão tenebrosa em suas consequências espirituais.

É um simples gesto, um momento de coragem ou de loucura, mas esse pequeno gesto produz no Além consequências terríveis.<sup>163</sup>

Somos levados, por vezes, a pensar na quantidade de milhões que são, cada mês, gastos pelas nações para manter seus armamentos. Será isso necessário no estado atual da civilização? Já se pensou nas inúmeras misérias que esses milhões poderiam socorrer?

Por profissão, sou obrigado a estar nos diferentes bairros de Paris, a qualquer hora do dia ou da noite.

Quantas vezes tenho visto, com o coração sangrando, sob um portal, um pobre velho ou uma pobre velha que, mesmo no inverno, dormem lá, enroscados sobre si mesmos.

Por que, em nossa civilização, há pessoas que podem, sem remorsos, tomar, nos restaurantes de luxo, refeições de 300 francos por pessoa, enquanto que pobres humanos, apesar de seus esforços na busca de trabalho, estão reduzidos à mais negra miséria?

Por que os que têm bastante fortuna arriscam no jogo, numa noite, vários milhões?

Por que mulheres exibem colares custosos, sem mesmo pensar em suas irmãs em humanidade que a sorte ingrata reduziu à mendicância?

É que, como dizia Léon Denis, em Lyon, em 1906, se, em nossa época, os progressos materiais são imensos, nem por isso o homem se tornou melhor.

Ele não tem nenhum ideal nobre, nenhuma noção clara de seu destino.

Ao sopro da descrença e do materialismo, o fogo das paixões, dos apetites e dos desejos aumentou em proporções inquietadoras.

Quando os espíritas forem a maioria, certamente não mais haverá tais desigualdades sociais.

Compreendendo seus deveres de solidariedade, os ricos não abusarão mais, escandalosamente, de sua fortuna e dela se utilizarão, razoavelmente, para atenderem às suas necessidades e ajudarão aos deserdados da sorte, fazendo os esforços necessários para evitar a miséria humana.

Para apressar essa época feliz, trabalhem, amigos leitores, em divulgar nossa Doutrina. Fazendo isso, agirão também em prol de uma sociedade melhor, pois estarão se preparando para uma nova era, em que reinarão na Terra a paz, a fraternidade e a felicidade geral.

*Paris, setembro de 1927 – março de 1928.*

## Vocabulário onomástico

– A –

AGULLANA, SRA. – médium francesa, natural de Notre-Dame Guglose, escreveu *La Vie Vécue d'un Médium Spirite*.

ALLIER, RAOUL – pastor protestante, autor de *Soeurs de Jeanne d'Arc*.

ALMA Z. – personagem de um caso de dupla personalidade, narrado por Léon Denis em *O Problema do Ser e do Destino*.

A. M., SRA. – curada através de milagre de Joana d'Arc.

AMIEL – presume-se que o autor tenha se referido a Henri Frédéric Amiel, escritor suíço (1821-1881), autor de *Fragments du Journal Intime*.

ARNOULT, GATIEN – escritor, autor de *Philosophie Gauloise*, onde exalta o celtismo.

ARRAS, BISPO DE – participou do processo de beatificação de Joana d'Arc na análise de seus milagres.

– B –

BARCHOU, SRA. BLANCHE – autora de *Identité des Personnalités*, publicado em 1925.

BARDOS – poetas heróicos, entre os celtas e gauleses.

BARRABÁS – personagem histórico citado durante o julgamento de Jesus.

BARRETT, SIR WILLIAM – espírita, amigo pessoal de Léon Denis.

BATISTA, JOÃO – Precursor de Jesus Cristo.

BAUDRILLART, MONSENHOR – substituiu o Padre Sanson na cátedra de Notre-Dame de Paris.

BAUMARD, CLAIRE – Secretária de Léon Denis e autora da obra biográfica *Léon Denis na Intimidade*.

BEAUCHAMP, MISS – personagem de um caso de dupla personalidade narrado por Léon Denis em *O Problema do Ser e do Destino*.

BÉRENGER, HENRY – diretor do jornal *L'Action*, escritor, autor de uma obra desrespeitosa em relação à memória de Joana d'Arc.

BESNARD, LUCIEN – autor da peça *A l'Ombre du Harem*.

BODIER, PAUL – escritor francês, presidente da Sociedade Francesa de Estudos Psíquicos. Escreveu, com Henri Regnault, a obra biográfica *Gabriel Delanne – sua vida, seu apostolado e sua obra*.

BORDERIEUX, PIERRE – articulista em *Psychica*.

BORDERIEUX, SRA. – traduziu para o francês a obra inglesa *Rupert Vit*.

BOSSUET, JACQUES BÉNIGNE – bispo francês (1627-1704), famoso orador sacro, cognominado “A Águia de Meaux”.

BRAMANISMO – organização religiosa, política e social dos brâmanes.

BRASSEAUD, SRTA. – médium do Círculo de Allan Kardec.

BRÉMOND – membro do grupo espírita que se reunia semanalmente em casa do Sr. David.

BEAUCHESNE, GABRIEL – editor de *O Maravilhoso Espírita*, do padre Lucien Roure.

BRISSONNEAU, SRA. – diretora do *Annales du Spiritisme*.

BRITTAIN, ANNIE – médium; recebeu comunicação de Poger Wilkinson.

BROWN, SR. – personagem de um caso narrado por Léon Denis em *Cristianismo e Espiritismo*.

BUDA – Sidharta Gautama, fundador do budismo; presume-se que tenha nascido nos meados do século VI a.C. e morrido em 473 a.C.

BUDISMO – sistema ético, religioso e filosófico, fundado por Buda.

– C –

CARMEL – membro do grupo espírita que se reunia semanalmente em casa do Sr. David.

CARRIÈRE, EVA – médium de efeitos físicos, muito citada em sua época, também conhecida como Eva C.

CASANOVA, NONCE – articulista em *La France Active*.

CATARINA, SANTA – Espírito que se comunicava com Joana d’Arc.

CELTAS – povo da raça indo-germânica que chegou às Ilhas Britânicas e à Gália Central presumivelmente na Idade do Bronze, sendo vencido pelos romanos no século III a.C.

CÉLTICA – nome dado pelos romanos à parte da Gália Antiga compreendida entre os rios Sena e Garona, na França.

CELTISMO – Sistema de estudos próprios da língua e da história dos celtas.

CÉSAR, JÚLIO – general e imperador romano (101-44 a.C.), conquistou a Gália (59-55 a.C.), escreveu *Comentários*, sobre a guerra com a Gália.

CHATEAUBRIAND, VISCONDE FRANÇOIS-RENÉ DE – escritor francês (1768-1848); escreveu *Velléda des Martyrs*, onde chama a atenção da literatura francesa para o celtismo.

CHOUSSY – escritor, autor de uma obra em que dava provas do martírio de Joana d’Arc.

CLODOVITCH, CLAUDE – articulista de *Le Spiritisme*, sob o pseudônimo de Almirante d’A.

COLIGHER, KATHLEEN – médium.

COMBES, ÉMILE – senador francês (1835-1921), presidente do Conselho de Ministros da França.

COMTE, AUGUSTE – matemático e filósofo francês (1798-1857), fundador do positivismo.

COUSIN, VICTOR – filósofo e político francês (1792-1867), fundador da escola espiritualista eclética; escreveu *Du Vrai, du Beau et du Bien*.

CRISTIANISMO – conjunto das religiões baseadas nos ensinamentos e na vida de Jesus Cristo.

CROOKES, WILLIAM – físico e químico inglês (1822-1919).

CUREL, FRANÇOIS DE – autor dramático francês (1854-1928), escreveu a peça “Orage Mystique”.

– D –

D’ALVEYDRE, SAINT-YVES – escritor, autor de *Jeanne d’Arc Victorieuse*.

D’ARC, JOANA – heroína francesa do século XV (1412-1431). Declarada herética, pela Igreja Católica, foi queimada viva em praça pública. Beatificada em 1909 e canonizada em 1920.

D’ARS, CURA – Ilustre personagem da Igreja Católica, conhecido pelos seus valores morais. Médiun. Em sua volta produziam-se diversos fenômenos de efeitos físicos. Kardec inseriu uma mensagem dele em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

D’HAILLY, G. – articulista em *Revue des Livres Nouveaux*.

DALLIER, H. – organista que se apresentou em espetáculo musical na igreja de La Madeleine, em dezembro de 1927.

DAMENACH – membro do grupo espírita que se reunia semanalmente em casa do Sr. David.

DANTON, GEORGES JACQUES – político francês (1759-1794), foi Ministro da Justiça e criador do Tribunal Revolucionário. Morreu decapitado.

DAVID – em sua casa, semanalmente, realizavam-se reuniões espíritas.

DE LA TOUR SAMUEL, MARQUÊS – personagem do conto *Apparition*.

DEFOSSÉ – político que fez conferências em homenagem a Joana d’Arc.

DELACHAMBRE – testemunha do ato de assinatura da abjuração de Joana d’Arc.

DELANNE, ALEXANDRE – médium de Kardec, pai de Gabriel Delanne.

DELANNE, GABRIEL – engenheiro e escritor espírita francês (1857-1926).

DENIS, LÉON – escritor francês (1846-1927), denominado o “Apóstolo do Espiritismo”.

DÉROULÈDE – político que discursou em homenagem a Joana d’Arc.

DEVAUX, EUGÈNE – articulista em *Les Annales Coloniales*.

DOMREMY – vila francesa, em Vosges, onde nasceu Joana d’Arc.

DOTTIN – escritor, autor de *Le Manuel des Antiquités Celtiques*, onde exalta o celtismo.

DRUIDAS – antigos sacerdotes, entre os gauleses e bretões.

DRUIDISMO – sistema religioso e filosófico dos druidas.

DUNAND, ABADE – fez uma comunicação ao Congresso das Sociedades Sábias, sobre a abjuração de Joana d’Arc.

DURAND – encarregado da venda de lugares para o espetáculo musical de La Madeleine; curiosamente, este também era o nome do Guia Espiritual do Grupo da Rua du Cygne, que Léon Denis frequentou durante muitos anos.

– E –

ECLESIASTS – um dos livros do *Antigo Testamento*.

EDOUARD – tio de Poger Wilkinson.

ELISABETH – avó de Poger Wilkinson.

ESPÍRITO AZUL – Espírito que acompanhava Léon Denis (Joana d’Arc).

EVREUX, BISPO DE – participou do processo de beatificação de Joana d’Arc na análise de seus milagres.

– F –

FÉLIDA – personagem de um caso de dupla personalidade, narrado por Léon Denis em *O Problema do Ser e do Destino*.

FÉNELON, FRANÇOIS DE SALIGNAC DE LA MOTHE – arcebispo e escritor francês (1651-1715).

FERRET – autor teatral, escreveu um drama sobre Joana d’Arc.

FIGUIÈRE, EUG. – editor de *Marie-Madeleine*, de Edouard Romilly.

FILOMENA, SANTA – Espírito que se comunicava com o Cura d’Ars.

FLAMMARION, CAMILLE – astrônomo e escritor francês (1842-1925), autor de *Deus na Natureza*.

FLANDRE – encarregado da venda de lugares para o espetáculo musical em La Madeleine.

FLOURNOY, PROF. THÉODORE – escritor, professor da Universidade de Genebra, autor de *Des Indes à la Planète Mars*.

FORESTIER – Secretário-geral da União Espírita Francesa.

FORGET, SRA. – secretária de Léon Denis, atuava como médium junto a ele.

FOURCADE, IRMÃO – Espírito que ditou uma mensagem para o padre Grimaud.

FRANCE, ANATOLE THIBAUT – escritor francês (1844-1924), autor de uma obra sobre Joana d’Arc.

– G –

GALLAS, SRA. – médium; recebeu uma mensagem do Irmão Fourcade para o abade Grimaud.

GAUTHIER, JULIE – religiosa da diocese de Evreux, em Faverolles, curou-se por milagres de Joana d’Arc.

GELEY, GUSTAVE – médico francês.

GENEVIÈVE – médium de uma comunicação narrada por Henri Regnault; era irmã do espírito comunicante.

GIAFFERI, PAUL LOUIS DE – autor de *Histoire du Costume Masculin Français*.

GIOVANNA – personagem título de uma novela de Léon Denis publicada em *Le Spiritisme*, em 1885, em forma de folhetim.

GIVRY, GRILLOT DE – autor do livro *La Survivance et le Mariage de Jeanne d’Arc*.

GOUTARD, VICTOR – elogiou a Conferência de Léon Denis sobre Joana d’Arc.

GRAY, ZACHARIES – Espírito que se comunicava com Stainton Moses.

GRIMAUD, ABADE – fundador de uma instituição para surdos-mudos, gagos e crianças anormais, em Avignon.

GUILLAUME – tio de Poger Wilkinson.

GWYON – Espírito divino, na antiga Gália.

– H –

HARDY, GEORGES – autor do livro *L’Art Nègre*.

HARMOISES, JEANNE DES – suposto nome de Joana d’Arc, após seu suposto casamento (segundo Givry).

HARMOISES, ROBERT DES – suposto esposo de Joana d’Arc (segundo Givry).

HEGEL, GEORG WILHELM FRIEDRICH – filósofo alemão (1770-1831), criador do hegelianismo.

HEPP, ALEX – articulista em *Le Journal*.

HODGSON, RICHARD – pesquisador membro da Sociedade para Pesquisas Psíquicas de Londres.

HYSLOP, JAMES HERVEY – pesquisador, professor de Lógica e de Ética na Universidade de Columbia, em Nova Iorque.

– I –

ISABELLE (SRA. MONFORT) – personagem da peça *A l’Ombre du Harem*.

ISLAMISMO – religião maometana, fundada por Maomé.

– J –

JEAN – avô de Poger Wilkinson.

JORGE, JOSÉ – professor, tradutor e escritor.

JUBAINVILLE, H. D'ARBOIS – escritor, autor de *La Mithologie, la Littérature, L'Époque Celtiques*, onde exalta o celtismo.

JUBARU, REV. PADRE – intermediou uma discussão pública entre Henri Regnault e o padre Roure.

JUDAÍSMO – ambiente social, cultural, político e religioso do povo hebreu.

JULLIAN, EMILE – escritor, autor de *L'Histoire des Gaulois*, onde exalta o celtismo.

– K –

KARDEC, ALLAN – Hippolyte Léon Denizard Rivail, professor, pedagogo e escritor francês (1804-1869); codificador da Doutrina Espírita.

KASULI – Espírito que se manifestou a Léon Denis; mensagem constante em *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*.

KLUSKI, FRANCK – médium.

KRISHNA – principal deus hindu; seria a última encarnação de “Vishnu”, o conservador do mundo.

– L –

LA FOUCHARDIERE – ironista em *L'Oeuvre*.

LA VILLEMARQUÉ – escritor, autor de *Barzaz-Breiz*, onde exalta o celtismo.

LANG, ANDREW – historiador e escritor escocês, escreveu o livro *La Pucelle de France*.

LAO-TSÉ – filósofo chinês, viveu cerca de 600 a.C.

LAROUSSE – Dicionário Enciclopédico da Língua Francesa.

LE BRAZ, ANATOLE – escritor, autor de *Au Pays des Pardons*, onde exalta o celtismo.

LE GOFFIC, CHARLES – escritor, autor de *L'Âme Bretonne*, onde exalta o celtismo.

LEIBNIZ, GOTTFRIED WILHELM – sábio e filósofo alemão (1646-1716).

LÉONARD, SRA. OSBORNE – médium, recebeu comunicação de Poger Wilkinson.

LEYMARIE, PAUL – editor francês, diretor da Livraria Espírita e da *Revista Espírita*.

LODGE, SIR OLIVER – reitor da Universidade de Birmingham, membro da Academia Real, escritor, autor de *La Survivance Humaine* e de *Raymond*.

LOUCHEUR – Ministro do Trabalho da França.

LUCE, CASAL – amigos íntimos de Léon Denis.

LUCE, GASTON – escritor, biógrafo de Léon Denis.

LUCRÉCIO – poeta latino nascido em Roma (98-55 a.C.).

– M –

MACÉ, JEAN – escritor francês (1815-1894), fundador da *Ligue Française de l'Enseignement*, da qual Léon Denis foi secretário.

MADANELA, MARIA – salva, por Jesus, da lapidação.

MANDY, CAPITÃO – escreveu, em maio de 1884, sobre Léon Denis, em *Le Spiritisme*.

MARCEL, ETIENNE – “célebre chefe da municipalidade de Paris”, segundo uma correspondente de Henri Regnault.

MARGARIDA, SANTA – Espírito que se comunicava com Joana d’Arc.

MARTIN, HENRI – historiador francês (1810-1883), autor de *História da França*.

MARTY – colega de Henri Regnault, na Comissão da União Espírita Francesa.

MASSIEU – escrivão que fez Joana d’Arc pronunciar a abjuração.

MAUPASSANT, HENRI RENÉ ALBERT GUY DE – escritor francês (1850-1893), autor do conto *Apparition*.

MEYERS – assim grafado no original francês; presume-se que o autor tenha se referido a Myers (vide MYERS).

MICHELET, JULES – historiador e escritor francês (1798-1874), autor de *História da França* e *História da Revolução Francesa*.

MIGIET – testemunha do ato de assinatura da abjuração de Joana d’Arc.

MIGUEL, SÃO – Espírito que se comunicava com Joana d’Arc.

MILL, JOHN STUART – filósofo inglês (1806-1873).

MOISÉS – o mais importante personagem do *Antigo Testamento*, guerreiro, historiador, poeta, moralista e legislador do povo hebreu.

MONFORT, SR. – personagem da peça *A l’Ombre du Harem*.

MONNET – testemunha do ato de assinatura da abjuração de Joana d’Arc.

MOSES, WILLIAM STANTON – médium inglês (1839-1892), pastor anglicano, autor de *Ensinos Espiritualistas*.

MYERS, FREDRICH WILLIAM HENRY – literato inglês (1843-1901), um dos fundadores da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, autor de *A Personalidade Humana*.

– N –

NACER, EMIR – personagem da peça *A l’Ombre du Harem*.

NIELSEN, EJNER – médium.

ORLÉANS, BISPO DE – Monsenhor Dupanloup, participou do processo de beatificação de Joana d’Arc, na análise de seus milagres.

ORLÉANS, VIRGEM DE – vide D’ARC, JOANA.

– P –

PALLADINO, EUSAPIA – uma das maiores médiuns de efeitos físicos de todos os tempos.

PAPUS – Dr. Henri Encausse, escritor francês, Relator Geral do Congresso Espiritualista Internacional de 1889.

PASCAL, BLAISE – físico, geômetra, filósofo e escritor francês (1623-1662).

PETERS, VOUT – médium, recebeu uma comunicação do filho de Richard Wilkinson.

PITÁGORAS – filósofo e matemático grego (século VI a.C.).

PLATÃO – filósofo grego (428-347 a.C.), discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles.

POGER – filho de Richard Wilkinson.

POUCHALON, ABADE – escreveu o drama *Le Dernier Soir de Domremy*.

– R –

RAYMOND – nome do filho de Sir Oliver Lodge, protagonista do livro que leva o mesmo nome, de autoria deste último.

REBOUL, JACQUES – escritor, autor de *Sous le Chêne Celtique*, onde exalta o celtismo.

RECTOR – Espírito que se comunicava com Stainton Moses.

REGNAULT, HENRI – jornalista e escritor francês (1873-) conferencista espírita, amigo de Léon Denis.

RENAN, ERNEST – escritor, autor de *La Poésie des Races Celtiques*, onde exalta o celtismo.

RENOLDS, MARY – personagem de um caso de dupla personalidade narrado por Léon Denis em *O Problema do Ser e do Destino*.

REYNAUD, JEAN – escritor, autor de *L'Esprit de la Gaule*, onde exalta o celtismo.

RICHET, CHARLES – cientista francês (1850-1935), pesquisador da mediunidade, considerado o pai da Metapsíquica.

RIPERT, ANDRÉ – Secretário-geral da Federação Espírita Internacional.

ROBESPIERRE, MAXIMILIEN DE – político francês (1758-1794), partidário do regime terrorista, causou a morte de Danton, a quem acusava de moderado.

ROGER – apelido de Poger Wilkinson.

ROMILLY, EDOUARD – escritor, autor de *Marie-Madeleine*.

ROURE, REV. PADRE LUCIEN – tentou desacreditar a obra de Léon Denis; fez severas críticas a *Cristianismo e Espiritismo* em *Les Études*.

ROUSSEL, SR. E SRA. – membros do grupo espírita que se reunia semanalmente em casa do Sr. David.

– S –

SAGNIER, IRMÃ JEANNE MARIE – religiosa da diocese de Arras, em Fruges, curada através de milagre de Joana d'Arc.

SAINT-AUGUSTIN, IRMÃ THÉRÈSE DE – Irmã da Ordem de São Benedito, em Orléans, moribunda, curou-se por milagre de Joana d'Arc.

SANSON, PADRE – não admitia a teoria do pecado original; perdeu a cátedra de Notre-Dame de Paris. Homônimo de um membro da sociedade Espírita de Paris (vide *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, 2ª parte, capítulo II).

SARCEY, FRANCISQUE – François Sarcey de Suttières, conferencista, romancista e crítico teatral francês (1827-1899).

SAUSSE, HENRI – escritor francês (1852-1928); Secretário-geral da Federação Espírita Lionesa; escreveu, em 1924, uma biografia de Léon Denis; autor de uma biografia de Allan Kardec e do livro *Le Spiritisme Kardéciste*.

SCHILLER, JOHANN CRISTOPH FRIEDRICH VON – poeta e dramaturgo alemão (1759-1805), autor de *La Pucelle d'Orléans*.

SCHURÉ, EDOUARD – escritor francês (1841-1929), autor de *Les Grands Initiés, La Druidesse, Le Rêve d'une Vie e Grandes Legendes de France*.

SÊNECA, LUCIUS ANNAEUS – filósofo romano (2-66 d.C.).

SRA. M. – em sua casa realizavam-se experiências espíritas.

SMITH, HÉLÈNE – médium que, em transe, reproduzia cenas de sua existência ocorrida na Índia, no século XII.

SPEER, DR. – médico inglês; em sua casa Stainton Moses esteve hospedado e, a pedido da Sra. Speer, começou a estudar o Espiritismo.

STEAD, WILLIAM THOMAS – jornalista, escritor e publicista inglês (1849-1912), morto no naufrágio do navio “Titanic”.

SUZANNE – personagem de comunicação narrada por Henri Regnault; havia sido noiva do Espírito comunicante.

SYMPTOR, RAPHAËL – escritor; escreveu uma obra tentando provar que Joana d’Arc nunca existira.

– T –

TALIÉSIN – célebre bardo do país de Gales, ao qual se atribuem numerosos poemas; teria vivido no século VI.

TAQUEL – testemunha do ato de assinatura da abjuração de Joana d’Arc.

TÊNARO – cabo e caverna da Lacônia, Peloponeso, onde se supunha estar a entrada do inferno.

THALAMAS – escritor; fez uma série de conferências, por toda a França, para denegrir a memória de Joana d’Arc.

TOUCHET, MONSENHOR – Bispo de Orléans, autor do livro *La Sainte de la Patrie*.

TOURSIER, SR. E SRA. – membros do grupo espírita que se reunia semanalmente, em casa do Sr. David.

TRÍADES, AS – resumo da Síntese dos Druidas, que é uma das mais altas expressões do pensamento filosófico.

– V –

VAUQUELIN, PIERRE GUITET – articulista em *Le Matin*.

VAUTEL, CLÉMENT – crítico de Léon Denis e do Espiritismo.

VERCINGÉTORIX – general e estadista gaulês (72-46 a.C.), nascido no país dos arvernos.

VERGNIAUD, PIERRE VICTURNIEN – político francês (1753-1793).

VIVÉ, LOUIS – personagem de um caso de dupla personalidade narrado por Léon Denis em *O Problema do Ser e do Destino*.

– W –

WALLACE, ALFRED RUSSEL – naturalista inglês (1823-1913), êmulo de Charles Darwin, pesquisador da mediunidade. Autor de *Os Milagres e o Espiritualismo Moderno*.

WILKINSON, RICHARD – personagem de um fato narrado por Léon Denis em *O Mundo Invisível e a Guerra*.

WINN, PASTOR – recebeu uma comunicação de seu amigo desencarnado, Stead.

– Z –

ZOROASTRO, ZARATUSTRA – reformador da antiga religião iraniana, personagem a quem se atribui a criação da casta dos magos. Teria vivido no século VIII ou VII a.C.

ZÜRCHER – psiquiatra, fez um estudo psicológico e psicopatológico do caso Joana d'Arc.

## Referências bibliográficas do vocabulário onomástico

- AUGÉ, Claude et Paul. *Nouveau Petit Larousse Illustré*, 40ª edição, Paris. Librairie Larousse, 1949.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª edição, 7ª impressão, Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira.
- GODOY, Paulo Alves. *Grandes Vultos do Espiritismo*, 2ª edição, São Paulo. Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1990.
- GODOY, Paulo Alves e LUCENA, Antônio de Souza. *Personagens do Espiritismo*, 1ª edição, São Paulo. Federação Espírita do Estado de São Paulo, 1982.
- LAFFONT-BOMPIANI. *Dictionnaire des Auteurs*, 1ª edição, 5ª impressão, 4 volumes, França. Edições Robert Laffont, 1989.
- LELLO, José e Edgard. *Lello Universal – Dicionário Enciclopédico Luso-brasileiro*, 4 volumes, Porto, Portugal. Editora Lello e Irmão (sem ano de publicação).
- RENÉ, Nollet. *Lectures Choies de Chateaubriand*, 10ª edição, Paris. Librairie Garnier Frères (sem ano de publicação).

**Apêndice**

# ***Giovanna***

**Novela espírita escrita por**

**Léon Denis**

Tradução:

**Paulo A. Ferreira**

Revisão:

**Lucia F. Ferreira**

Edição eletrônica original:

**Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec**

**<http://spirite.free.fr>**

## I

Todos aqueles que percorreram a Lombardia conhecem o Lago de Côme, retalho do céu da Itália caído entre as montanhas, esse maravilhoso éden onde a natureza se senta em trono, ornada por uma festa eterna. As linhas sinuosas dos montes que o rodeiam, o espelho límpido e azul de suas águas, formam um surpreendente contraste.

Cidades e brancas aldeias se sucedem sobre suas bordas como pérolas de um colar. Acima delas, sobre o flanco das colinas, se dispõem jardins em terraços que se revestem, em disputa pela primazia, de laranjeiras, limoeiros, romãzeiras e figueiras. Mais para o alto, a folhagem pálida das amendoeiras, o cinzento de prata das oliveiras, os pâmpanos das videiras, atapetam os declives. Como graciosas cidades, pintadas de cores suaves, as copas de grandes árvores sombreando brancas estátuas, abrem-se aqui e ali nesse verdejante manto.

Ao longe, os Alpes se elevam majestosos, coroados de um diadema de geleiras. Sobre tudo isso, resplandece a luz do meio-dia, luz radiosa que reveste de tons deslumbrantes as cristas das rochas e as velas dos barcos de pesca, que deslizam numerosos sobre o pacífico lago.

Para apreciar a poesia serena desses lugares, pegue uma barca e faça-se ao largo quando chega a hora do crepúsculo. Nesse momento, uma brisa ligeira enruga as águas e faz estremecer as tamarineiras na margem. O odor penetrante das murtas se casa aos doces cheiros das laranjeiras e dos limoeiros. De todos os pontos do lago se elevam cantos. É a hora em que os trabalhadores dos campos e os jovens trabalhadores das fábricas retornam às aldeias, cantando as barcarolas. Suas melodias chegam a nós enfraquecidas pela distância, e, na calma do entardecer, parecem descer do céu.

Logo, a esses sons se junta o som dos instrumentos de música vindo da costa e das vilas iluminadas. O lago inteiro vibra como uma harpa. E assim, acrescentando-se à magia desta cena, o astro das noites mostra seu disco por cima das montanhas; sob seus raios peneirados, os cumes alpestres se colorem; ele lança sobre

as águas transparentes suas longas caudas de prata fluida; então, esse ar inebriado, esses céus tão doces, esses perfumes, essas harmonias, esses jogos de luz e sombras, tudo isso preenche nossa alma de uma emoção deliciosa, inexprimível.

Uma graça encantadora envolve toda a região sul do lago; entretanto, mais ao alto, na direção norte, aproximando-se dos Alpes, o aspecto se faz severo, imponente. As rochas têm formas mais ásperas; os montes são mais abruptos. Os jardins e as plantações de oliveiras dão lugar às castanheiras, aos sombrios pinheiros. Grandes picos, calvos, solitários, observam do fundo do horizonte e parecem sonhar.

Próximo de Gravedona abre-se um vale estreito, percorrido por uma torrente que salta de rocha em rocha e faz brotar suas águas vivas em cascatas alegres. Algumas modestas habitações estão espalhadas pelo verde. Ao pé de uma queda retumbante, pela qual a torrente se precipita nos últimos contrafortes, um moinho desabando de velhice faz ouvir seu barulho monótono. De lá, uma vereda segue as desigualdades do solo escalando as escarpas, mergulha nas ravinas pedregosas e, através dos cistes, das aveleiras, das salvas e dos buxos, termina em um último casebre que dois grandes freixos protegem com sua sombra. Ao redor de seus troncos robustos, as guirlandas de uma videira se enrolam. Elas enlaçam os galhos com seus festões e quando ficam autônomas, deixam pender seus belos cachos de uvas italianas, de meio metro de comprimento, de bagos oblongos, saborosos, crocantes que estalavam entre os dentes. O casebre está quase inteiramente escondido sob uma espessa camada de hera.

Sobre seu telhado, transformado em canteiro, gramíneas germinam, flores desabrocham. As andorinhas construíram seus ninhos entre as traves. Ao menor ruído, vêem-se aparecer suas pequenas cabeças inquietas.

Um vasto cercado, invadido pelas heras e plantas selvagens, se estende atrás da cabana, e um estábulo vazio, deteriorado, aberto a todos os ventos, se apoia na sebe densa.

Há alguns anos, o aspecto desse canto de terra era todo diferente. O jardim, conservado com cuidado, era produtivo, agradável à vista; o estábulo abrigava duas belas cabras e um asno vigoroso. Piétro Menoni habitava essa cabana com sua mulher Marta e suas três crianças. Toda essa família vivia do produto do cercado.

Cada semana, Piétro carregava seu asno, Ruffo, de cestas de frutas, cestos de legumes e jarras de óleo que ele ia vender no mercado de Gravedona. No inverno, havia o leite das cabras, as castanhas em quantidade e, durante os longos serões, trançavam-se os cestos e preparavam-se as guarnições de vime que preservavam os “frascos” de vinho.

A abundância reinava nessa casa. Mas vieram os maus dias: Piétro, atingido por uma doença grave, definhou muito, e morreu. Foi preciso vender as cabras e Ruffo, por sua vez, partiu. O jardim, abandonado, não produzia mais, e a miséria caiu sobre a humilde família. Sujeita a um incessante labor, minada por dolorosas preocupações, Marta sentiu suas forças se esvaírem rapidamente.

Penetre nesse interior e veja, sobre um catre, essa mulher envelhecida antes do tempo, a pele tingida de amarelo, as faces cavadas, os olhos brilhantes de febre; eis o que as vigílias, o sofrimento e as lágrimas fizeram da robusta camponesa. Suas três crianças estão junto dela. A mais velha, Léna, mocinha de quinze anos, de membros franzinos, fisionomia já murcha pelas privações e pela inquietude, está sentada sobre um banquinho perto da cama e remenda alguns farrapos usados.

Seus pequenos irmãos, meio deitados sobre a terra batida, estão tentando trançar uma corbeille. As paredes são nuas, alvegadas com cal. Em um canto, as folhas de samambaia amontoadas servem de leito aos garotos. Uma Nossa Senhora de madeira, recoberta por um trapo de pano outrora azul, algumas grosseiras imagens de santos, formam, com os móveis rústicos, os únicos ornamentos do aposento. Um penoso silêncio, apenas perturbado pela respiração oprimida da doente, reina na cabana. Os raios dourados, penetrando pela grande porta aberta, brincam no seio desta miséria.

Mas um ruído ligeiro se faz escutar do lado de fora. Dir-se-ia o roçar de um pano sobre a areia da vereda. As crianças se voltam e soltam exclamações alegres. Uma jovem está de pé no portal de entrada. É mesmo uma moça? Não seria, antes de tudo, uma criatura sobre-humana, uma aparição celeste? O sol, iluminando suas tranças louras, coroa sua fronte com uma espécie de auréola. Seu vestido branco, seu talhe esbelto, seus traços charmosos, a tornam semelhante às virginais pinturas de Rafaël Sanzio. Ela se adianta e, vendo-a, a visão emagrecida de Marta se ilumina de um pálido sorriso; as crianças a rodeiam. Ela se inclina em direção à enferma, sua mão branca e doce pressiona seus dedos ardentes, e lhe fazem ouvir palavras consoladoras e amigas. Uma senhora, curvada sob o peso de um enorme cesto, entra por sua vez ; coloca, estafada e calma, brevemente, sobre o baú de madeira, provisões de toda espécie, uma garrafa de vinho generoso, vestimentas, uma coberta. Esses objetos se acumulam sobre a mobília, acanhada demais para os receber.

Pelo ar afetuoso da moça, o desvelo com o qual foi acolhida, a festividade, advinha-se que essas visitas são freqüentes. A loura e graciosa jovem é a providência neste humilde aposento, como em todos aqueles do vale onde há aflições a consolar, prantos a enxugar, sofrimentos a curar. É por isso que a chamam a fada dos pobres.

Giovanna (Joana) Speranzi nasceu na vila dos Lentisques, da qual se percebe, do vale, os terraços embranquecidos.

Seus dezoito anos decorreram nesses lugares amados de sol e de flores. Diz-se que a alma está ligada, por secretas influências, às regiões em que ela habita, para que participe de sua graça ou de sua rudeza. Sob esse céu límpido, no melhor desta natureza serena, Giovanna cresceu e todas as harmonias físicas e morais se uniram para fazer dela uma maravilha de beleza, de perfeição. Ela é alta; sua pele é branca, sua cabeleira loura, espessa e sedosa, sua boca miúda guarnecida de dentes pequenos, brilhantes, seus olhos, de um azul profundo e doce. A sublimidade do rosto lhe dá um quê de nobreza, de ideal de pureza. Uma claridade parece envolvê-la. Malgrado a expressão de melancolia que lhe é habitual, Giovanna, na flor de suas dezoito primaveras, é

uma das mais encantadoras moças do Milanais. Órfã aos treze anos, conservou da perda dos seus pais uma lembrança sempre viva. Tornou-se pensativa, recolhida, sua fronte contemplativa se pendia freqüentemente em direção à terra onde dormem os mortos amados. Ardentes aspirações a levam às coisas do alto, a Deus, ao infinito. Não desdenha o mundo, entretanto, um tesouro de sensibilidade, de inefável caridade está contido em seu coração; toda pena, toda dor, aí despertam um eco. Por isso, consagra sua vida àqueles que choram. Ela não conhece nenhuma alegria mais doce, nenhuma tarefa mais cativante do que socorrer, consolar os infelizes.

Assim decorre sua juventude, entre uma tia enferma e uma velha ama de leite que vela por ela e a acompanha em suas visitas aos indigentes.

Um incidente, contudo, está por vir, que pode romper a uniformidade desta vida, lançando uma agitação na alma cândida de Giovanna. Um dia, em que segue a vereda bem conhecida que conduz à morada dos Menoni, nuvens negras se acumulam sobre o vale, grandes gotas de água caem com barulho entre as moitas de aveleiras, e os trovões, murmurando a cada golpe, enchem os desfiladeiros dos montes com seus estrepitosos estrondos. Apenas entra na cabana e a tempestade se desencadeia por trás dela com violência, curvando até a terra os cimos das árvores, cobrindo o horizonte com uma espessa cortina de chuva. A torrente, crescendo a olhos vistos, mistura a barulheira de suas águas aos clamores do temporal. Um jovem rapaz, vestido com roupa de caça, tendo na mão um fuzil, chega, correndo, ao casebre, e pede para aí se abrigar. Enquanto a tempestade castiga do lado de fora, ele pode examinar o lugar onde se encontra, com vagar. Vendo esse despojamento, o aspecto de Marta estendida sobre uma cama, sofrendo, ele parece se interessar por seu infortúnio e coloca algumas questões, discretas, às quais Joana responde baixando os olhos. A presença, a função desse anjo consolador entre esses infelizes, o toca. Ele pede para se associar a esta boa obra e conversa, mostrando-se determinado; a tempestade tinha passado havia já algum tempo e o sol tinha voltado a sorrir, mas ele não pensava ainda em deixar aquela morada para onde o

acaso o havia conduzido. Finalmente se retira, mas para voltar freqüentemente. Não se passava mais que um dia sem que se o visse aparecer na hora habitual em que Giovanna visitava a pobre família. Permanecia até a sua partida, cobrindo-a de olhares, admirando sua graça virginal, sua requintada bondade pela enferma. Acabou mesmo por prolongar suas visitas por um bom tempo depois que ela já tinha se afastado, conversando com Lena sobre ela, incomodando-a com mil perguntas.

Ainda que, antes desse dia de tempestade, jamais tivesse franqueado o limiar dos Menoni, Maurice Ferrand não era certamente desconhecido deles. Quinze anos antes, um Francês, exilado em seguida a eventos políticos, tinha vindo fixar-se no país. Ele havia comprado em Domaso, aldeia que beira o lago, perto de Gravedona, uma pequena habitação, situada sobre uma colina, de onde a vista abraça o imenso panorama das águas e dos montes, a Brianza, a Valteline, os grandes picos dos Alpes. O exilado trouxe com ele seu filho, jovem menino de oito a dez anos, cuja mãe tinha morrido na França. Maurice, percorrendo a região, seguindo os pequenos pastores sobre as rochas à procura de ninhos de pombas, ou os pesqueiros de trutas que exploram o leito das torrentes, bem depressa aprendeu a língua poética e sonora dos Manzoni e dos Alfieri. Mas era preciso renunciar a essas alegres diversões, e um dia seu pai o acompanhou a Côme, onde pegaram a estrada de ferro para Milão. Chegados a esta grande cidade, o primeiro cuidado do exilado foi colocar o menino em uma das melhores instituições, depois do que, voltou a fechar-se no pavilhão onde vivia, só com seus livros e uma velha servente do país.

Maurice fez progressos rápidos. Sua viva inteligência e sua prodigiosa memória o serviram tão bem, que após alguns anos, nada mais tendo a aprender no estabelecimento onde havia sido colocado, devia prosseguir seus estudos na Universidade de Pávia. Ao mesmo tempo em que sua instrução se desenvolvia, seu caráter se desenhava, caráter singular, mistura de sentimentos generosos e duros. Maurice amava instintivamente a solidão; tinha poucos amigos. Os comportamentos brilhantes, expansivos dos Lombardos e dos Toscanos, no meio dos quais se encontra-

va, lhe desagradavam. Vivia à parte, o mais possível, consagrando seu lazer à leitura de poetas favoritos. Uma curiosidade profunda o levava, assim, para os estudos filosóficos. Em boa hora, é levado a procurar o porquê das coisas, querendo aprofundar esses misteriosos problemas que dominam toda a vida e que, semelhantes ao fluxo do mar, quando repelidos de nosso pensamento pela impotência, aí retornam mais imperiosos a cada vez.

O sentimento religioso tinha, de início, se manifestado nele por um vivo amor ao catolicismo. As pompas resplandecentes do culto italiano, a voz possante dos órgãos, os cantos, os perfumes, a magnificência dos edifícios, o “Dome” de Milão, maravilha da escultura, onde as estátuas de mármore se perfilam em legiões inumeráveis contra o azul do céu, todos esses esplendores do romanismo preenchiam a alma de Maurice de uma emoção profunda. Mas, quando os sentidos ficaram habituados a essas pompas estrondosas, sua razão quis descer ao fundo dos dogmas, analisá-los, desfolhá-los ; quando, rasgado o véu brilhante e material que esconde, aos olhos do vulgo, a pobreza dos ensinamentos católicos, ele não vê senão uma moral embaciada pela casuística, os princípios do Cristo falseados, um Deus parcial e cruel, entronizado sobre um monte de superstições ; procura então uma crença esclarecida, capaz de satisfazer seu coração, sua razão, sua necessidade de fé e de justiça. Mergulha no estudo das diversas filosofias, desde a dos Gregos e dos Orientais até o moderno e dessecante positivismo. Desse colossal exame, se destaca para ele uma fé espiritualista, baseada no estudo da natureza e da consciência, encontrando na comunicação íntima da alma com Deus uma força moral que acreditava suficiente para manter um homem no caminho reto. Suspeitava que a existência presente não seria a única para nós, que a alma deveria se elevar pelas vidas sucessivas e sempre renascentes, de mundos em mundos, rumo à perfeição.

## II

Era, sobretudo por ocasião das viagens, muito curtas para seu gosto, que Maurice fazia à morada paterna e durante as excur-

sões que se seguiam, que seu pensamento, estimulado pela poesia da natureza, se elevava para Deus em um impulso rápido e seguro. Ele gostava então de perambular nos desfiladeiros selvagens dos montes, de percorrer os lugares apartados onde ressoavam o murmúrio perpétuo das torrentes e das cascatas, as florestas de pinheiros, de faias, de larices que cobrem com suas sombrias cúpulas os declives dos Alpes.

Os sopros de vento, esfregando a galharia, lançando na profundidade dos bosques suas notas queixosas e harmoniosas, semelhantes à ação de um órgão invisível, o murmúrio das águas esguichantes, o canto dos passarinhos, até o barulho longínquo do machado batendo os troncos sonoros, todas essas vozes da solidão embalam seu espírito, lhe falando uma linguagem de paz. Sobre os cumes banhados de luz, sob as abóbadas verdejantes, sua prece subia para Deus de uma forma mais pura e ardente que nos templos invadidos pela multidão. No seio dos bosques cheirosos, retiros sombrios e escondidos o convidavam ao repouso. E os milhares de ruídos dessa natureza alpestre formavam para ele uma melodia deliciosa na qual se inebriava a ponto de olvidar as horas e de deixar passar o momento de retorno.

Ele precisou, todavia, se desarraigar dessas festas dos olhos e do coração e retomar o curso dos estudos interrompidos. Maurice passou em seus exames com sucesso. Hesitando em seguida entre as diversas carreiras que se lhe abriam, a convite de seu pai, fez Direito, recebeu o título de advogado e começou a exercer a profissão no fórum de Milão. Sua eloquência ousada, exercitada, sua viva imaginação, o estudo aprofundado das causas a ele confiadas, o fizeram logo se distinguir no mundo dos tribunais; um brilhante porvir sorria à sua ambição se tivesse querido curvar sua consciência às sutilezas da trapaça e da política, fazendo-se um satélite dos poderosos. Mas esta alma elevada e altiva não podia se rebaixar a uma tal função. As intrigas, as torpezas dos tribunais e dos salões a enchiam de amargura. O espetáculo de um mundo ocioso, corrompido, ostentando com estrépito sua riqueza e seus títulos, a cupidez, o egoísmo, tomando de assalto a sociedade e a dominando; a probidade cambaleante; a especulação desenfreada humilhando o

trabalho regenerador; todas essas úlceras de nossa época de decadência moral se mostravam em sua hediondez aos olhos do jovem e lhe levaram a desprezar a vida, a se desligar mais e mais das coisas terrestres. Na taça dos prazeres, tendo querido temperar seus lábios, ele não havia encontrado senão fel; o amor tarifado, a orgia brutal, o jogo estupefaciente, foram para ele outros tantos monstros que o fizeram recuar de horror.

Com tais gostos, uma disposição natural à meditação, o amor pela solidão, viu desatar-se pouco a pouco todas as suas relações. Aqueles que primeiramente o haviam acolhido, repelidos por essa rigidez, por essa misantropia que se exalava em termos amargos, pela ausência da benevolência tão necessária ao sábio, se afastaram de Maurice e o deixaram a seus sonhos. A vida se desfez em torno dele. Um desgosto profundo apoderou-se do jovem advogado. Ele recusava as causas maléficas ou duvidosas que lhe eram ofertadas e viu assim se reduzir o número de seus clientes. Suas brilhantes faculdades permaneceram sem emprego.

Um morno abatimento o invadia, quando de Domaso lhe chegou a notícia de que seu pai, gravemente doente, pedia sua presença perto dele. Maurice partiu imediatamente.

O exilado, devorado pela nostalgia, por esse amor da terra natal, sentia uma necessidade da pátria que nada podia substituir, lutava em vão contra um mal sem remédio. Logo morreu entre os braços de seu filho. Essa morte estendeu uma sombra ainda mais espessa sobre a fronte de Maurice; sua tristeza, sua melancolia naturais aumentaram. Renunciou ao fórum e se instalou na pequena casa solitária que lhe havia legado o defunto. Seu tempo foi repartido entre as leituras e as excursões. Frequentemente, desde a manhã, pegava seu fuzil e, sob o pretexto de caçar, percorria a região em todos os sentidos, indo à aventura, descuidado dos caminhos. A caça podia impunemente passar perto dele. Mergulhado em intermináveis desvãos, não pensava muito em perseguí-la. Sentava-se por vezes sobre qualquer ponto rochoso dominando o lago, para observar o movimento dos barcos deslizando sob os esforços dos remadores, as águias descrevendo círculos imensos no céu, as lentas gradações da luz durante as horas do entardecer e, assim, apenas quando a noite

começava a estender seu véu sobre a terra é que ele pensava em voltar à sua morada.

Foi durante um desses cursos que, surpreendido pela tempestade, ele se refugiou entre os Menoni e aí encontrou Giovanna. Desde esse dia, sua vida mudou.

A visão desta moça o reaqueceu subitamente. Um alegre raio de sol penetra a obscuridade de sua alma; uma voz desconhecida canta em seu coração. Primeiro não se dá conta do sentimento novo que nasce nele. Uma força magnética o levava para a mocinha e ele a obedecia instintivamente. Quando ela estava lá, diante dele, de tudo esquecia, observando-a, escutando-a. O timbre de sua voz, ritmado, despertava no seu ser ecos de uma doçura infinita. Via nela mais que uma moça da terra, mais que uma criatura humana, como que uma aparição passageira, reflexo misterioso de um outro mundo, um tesouro de beleza, de pureza, de caridade, ao qual Deus emprestava uma forma sensível a fim de que, vendo-a, os homens pudessem compreender as perfeições celestes e a isso aspirar. A presença de Giovanna o arrancava à sua misantropia. Fazia surgir nele uma onda de pensamentos benfazejos, generosos, um ardente desejo de ser bom e de consolar. Seu exemplo o convidava ao bem; sentia a vida, a inutilidade de sua vida e compreendia enfim que tinha melhor a fazer aqui em baixo do que fugir dos homens e se fechar numa indiferença egoísta. Interessava-se pelas dores dos outros; pensava mais freqüentemente nos pequenos, nos deserdados deste mundo, em todos os que estão oprimidos pela adversidade; procurava avidamente os meios de lhes ser útil.

Durante suas conversas, ainda que se falando pouco, trocavam milhares de pensamentos. A alma tem meios de se exprimir, de se comunicar com o exterior, que a ciência humana não pode definir, nem analisar. Uma atmosfera fluídica, em correlação íntima com seu estado moral, envolve todos os seres e, seguindo sua natureza, simpática ou contrária, se atraem, se repelem, se expandem ou se fecham, e é assim que se explicam as impressões, que a simples vista de pessoas desconhecidas nos fazem experimentar.

Os dias se escoam. Graças ao socorro de Joana, graças aos cuidados do médico de Gravedona, ao qual Maurice pagava as visitas, Marta tinha recuperado sua saúde. No dia em que pôde sair, uma agradável surpresa a esperava lá fora. O jardim, invadido há pouco tempo pelas ervas e silvas emaranhadas, estava renovado, limpo e gracioso. O outono tinha suspenso nas árvores guirlandas de ouro e de esmeralda. Pereiras, figueiras, abricoteiros, dobravam sob o peso de seus frutos. Longos cachos de uvas vermelhas pendiam entre os ramos das amoreiras; opulentos legumes cobriam os canteiros. Um hábil jardineiro, enviado por Maurice, havia podado as árvores, cuidado da vinha, operado essa transformação. Tinha feito desse recanto desolado um maravilhoso pomar. O inverno podia vir. A vida da pobre família estava assegurada.

### III

Sobre uma das colinas que bordejam o lago, a alguma distância de Gravedona, se estende uma cortina de teixos e de ciprestes. Sua sombra verdejante aparece de longe, misturada de manchas de brilhante brancura. Lages funerárias, cruces de madeira ou de pedra erguem-se entre os verdes ramos. É o Campo-Santo (o cemitério), o lugar onde vêm se solucionar a cadeia infinita das dores humanas. Uma flor brilhante desabrocha entre as tumbas e esparge no ar agradáveis fragrâncias. A luz jorra e os pássaros cantam sobre as pedras sepulcrais. Com efeito, que importa à natureza que tantas esperanças e alegrias aí estejam sepultadas aos olhos dos humanos? Por isso, não deixaria de seguir os ciclos de suas maravilhosas transformações.

Não longe da entrada do cemitério, uma grande laje de mármore está cercada de roseiras, de jasmims, de cravos rubros, entre os quais zumbem os insetos. Uma acácia a cobre com sua sombra. Lá dormem, embalados pelos ecos longínquos, pelos murmúrios enfraquecidos da vida, os pais de Giovanna, e é sua piedosa mão que mantém essas flores. Várias vezes por semana, ela desce para orar na Igreja de Gravedona, e de lá, seguida de sua ama de leite, ganha o campo fúnebre onde moram os despo-

jos dos seus; lá também repousa o corpo do pai de Maurice, e este, em seu taciturno tédio, gosta de percorrer essas aleias silenciosas, retemperando seu espírito na grande calma da cidade dos mortos. Um dia, os dois jovens aí se encontraram, Giovanna, ajoelhada, a cabeça pendida sobre a tumba de sua mãe, parecia conversar em voz baixa com ela; via-se seus lábios moverem. Que dizia à morta? Que misteriosa troca de pensamentos se operava entre essas duas almas? Maurice não sabia, mas receando perturbar seu recolhimento, se mantinha à parte, imóvel, atento. Em se levantando, Giovanna o percebe, e sua face se enrubesce. Mas ele, todo feliz deste reencontro, se aproxima e a cumprimenta.

– Senhorinha – disse –, vejo que um mesmo motivo nos conduz a esse lugar. É doce, não é, nos revermos próximo daqueles que perdemos, experimentando que sua lembrança está sempre gravada em nossos corações?

– Sim – respondeu ela –, e no cumprimento desse dever se é possuído de forças novas, se é fortalecido no bem. Cada vez que venho aqui, saio mais calma, mais submissa à vontade de Deus.

– Sente você também isso que experimento próximo dos mortos? Desde que me aproximo da tumba de meu pai, parece que uma comunicação íntima se estabelece entre eu e ele. No fundo de meu ser uma conversação se estabelece. Creio escutar sua voz, lhe falo e ele me responde. Mas isso não seria mais que uma ilusão vã, um efeito de nossa emoção?

Ela eleva para ele seus olhos que brilham de um fogo profundo e doce.

– Não, isso não é uma ilusão – disse –, também escuto essas vozes interiores. Tenho aprendido desde muito tempo a compreendê-las. E não é somente aqui que se fazem escutar, em qualquer lugar que esteja, se chamo pelo pensamento meus queridos invisíveis, eles vêm, me aconselham, me encorajam, guiam meus passos na vida; a tumba não é uma prisão; todos, ao mais, podem considerá-la como uma espécie de altar de recordações. Não creio que as almas aí estejam encantadas.

– As almas dos mortos voltam então para a Terra?

– Pode-se disso duvidar? – disse a moça. – Como, aqueles que nos amaram aqui em baixo se desinteressariam de nós no espaço? Liberadas dos laços da matéria, não estão elas mais livres, e a lembrança do passado não as reconduziria para nós? Sim, certamente, retornam, se associam às nossas alegrias, às nossas dores. Se Deus o permitisse, nós os veríamos freqüentemente ao nosso lado, regozijando-se com nossas boas ações, entristecendo-se com nossas faltas.

– Todavia você é uma católica fervorosa. Ora, o catolicismo não ensina que na morte a alma é julgada e, segundo o decreto divino, eternamente fixada ao lugar do castigo ou à morada dos bem aventurados ?

– Adoro Deus, obedeço de meu melhor à sua lei, mas esta lei é uma lei de amor e não uma lei de rigor. Deus é muito bom e muito justo para punir eternamente. Conhecendo as fraquezas do homem, como poderia se mostrar tão severo para com ele?

– Qual será então, segundo você, a sanção do bem e como se consumiria a justiça divina?

– A alma, deixando a Terra, vê descerrar-se o véu material que lhe fazia esquecer sua origem, seus destinos. Compreende então a ordem do mundo; vê o Bem reinar acima de tudo. Segundo sua vida tenha sido boa ou má, estéril ou fecunda, conforme ou contrária à lei do progresso, goza uma paz deliciosa ou sofre um cruel remorso, até que retome a tarefa inacabada.

– E como é isso?

– Retornando para esta terra de provas e de dores, trabalhando por seu adiantamento, ajudando suas irmãs na sua marcha comum para Deus.

– Você pensa então que a alma deve cumprir várias existências aqui em baixo?

– Sim, eu o sinto, uma existência não pode ser suficiente para nos permitir atingir a perfeição; e como, sem isso, explicar que as crianças de Deus sejam tão dessemelhantes de caráter, de valor moral, de inteligência?

– Permita espantar-me que na idade em que tantas jovens são divertidas e risonhas, você seja tão séria, tão reflexiva, tão esclarecida das coisas do alto.

– É sem dúvida porque tenho vivido mais do que aquelas de quem você fala.

– Creio, como você, que a existência atual não é a primeira que cumprimos, mas, por que a lembrança do passado está apagada em nossa memória?

– Porque os barulhos e as ocupações da vida material nos desviam da observação interior de nós mesmos. Muitas reminiscências de minhas vidas, vez por outra, me vêm ao espírito. Creio que muitas pessoas poderiam reconstituir suas existências passadas analisando seus gostos, seus sentimentos.

– A amizade ou a repugnância instintiva que sentimos, à primeira vista, por certas pessoas, não teria sua fonte nesse obscuro passado?

– Sim, sem dúvida, mas devemos resistir a esses sentimentos de repugnância. Todos os seres são nossos irmãos e nós lhes devemos a nossa afeição.

– Assim, este impulso irresistível, que me leva para você desde o primeiro dia que a vi, esta força que não faz senão crescer depois de nosso encontro na casa de Marta, e que me faz procurá-la por toda parte, seria uma prova de que nós já teríamos nos reencontrado e conhecido sobre a terra.

A moça sorriu e corou.

– Querida donzela – continua Maurice em um tom grave e emocionado –, devo lhe dizer, nossos pensamentos se unem em uma concordância singular. Reencontro em você todas as minhas idéias; mas essas idéias, confusas em meu espírito, crescem e se aclaram passando por sua boca. A solidão e a reflexão têm feito de você um anjo de bondade, de doçura; a mim, me tinha azedado, tornado indiferente aos sofrimentos humanos. Mas no dia em que a vi, na hora compreendi onde estava o bem, o dever. Minha vida recebeu uma impulsão nova. É a você que devo esta revelação. Vendo-a, escutando-a, um véu se descerrou, um mundo infinito de sonhos, de imagens, de aspirações, se mostrou aos

meus olhos. Assim, sua presença se tornou uma necessidade para mim, uma alegria profunda. Permita-me esperar que possamos nos rever frequentemente.

Um ruído de passos e de vozes o impede de continuar, vindo, à propósito, esconder a perturbação de Giovanna. Um comboio mortuário se aproxima; uma salmódia lúgubre se prepara no ar. A jovem moça chama sua ama de leite, mas, antes de se afastar, faz um sinal amigo a Maurice e lança essas palavras: até logo!

O jovem a seguiu, com o olhar, até que sua veste branca tivesse desaparecido no ângulo da aleia.

A admiração que havia despertado no espírito de Maurice, no seu primeiro encontro com Giovanna, ia crescendo à medida que aprendia a conhecê-la melhor. Mas, pouco a pouco, esta impressão estava mudando em um sentimento todo novo. Após cada uma de suas conversas na casa de Marta, ele se sentia, como havia dito, melhor, mais inclinado para o bem, mais doce para com seus semelhantes. O poder misterioso que irradiava em torno da jovem o envolvia, fazia fundir o que tinha de duro, de glacial em sua alma. Uma força atrativa invencível o atraía para ela. Uma espécie de embriaguez subia em seu cérebro assim que escutava o som de sua voz. Maurice amava. Amava com o ardor juvenil, com o entusiasmo de um coração que fala pela primeira vez. Cada dia descobria em Giovanna uma perfeição nova. Todos aqueles que a conheciam, todos esses humildes habitantes do vale que ela havia socorrido não celebravam suas virtudes? E como, malgrado sua doçura e sua modéstia, se mostrava superior a todas as moças de sua idade! Maurice havia vivido próximo às moças da grande cidade lombarda, ele conhecia as alegres meninas de Côme e das margens do lago. Em nenhuma parte havia encontrado uma igual. Havia vivido a vaidade, o desejo de brilhar, de reinar entre a maior parte delas. Sem dúvida, havia aí sedutoras pessoas, jovens capazes de tornar um esposo feliz, entre as que havia encontrado; nenhuma possuía esta simplicidade unida a esse ar nobre e doce, esse não sei o quê de sobre-humano, esta chama quase divina que se refletia nos olhos de Giovanna, ganhando os corações, afastando daqueles que dela aproximavam todo pensamento baixo ou impuro. Não era isso

uma coisa maravilhosa, o escutá-la, aos dezoito anos, falar com tanta convicção das grandes leis ignoradas pelo homem, perceber os sombrios mistérios da vida e da morte, reconfortar os indecisos, mostrar a todos o dever? Eis o que se dizia Maurice, após a conversa do cemitério, com a imagem de Giovanna preenchendo seu espírito. Repassava na sua memória todos os incidentes que o haviam aproximado dela. Revia-a tal qual lhe tinha aparecido, num dia de festa, na Igreja de Gravedona, absorta na sua prece, enquanto que ao redor tudo era barulho, movimento de caixas removidas, esfregação de panos sobre as lajes. E de tudo isso, recordações, pensamentos, secretas esperanças, se liberava um sonho delicioso, um sonho de amor e de felicidade, que acariciava silenciosamente no fundo de sua alma.

#### IV

Maurice, em suas caminhadas vagabundas, havia reencontrado várias vezes Luísa, a velha ama de leite. Tendo sabido conquistar sua amizade, adquiriu a certeza de que seria bem acolhido na vila Esperança, e ali se apresentou um dia. Aquele que encontrasse o advogado misantropo teria podido perceber, com surpresa, a emoção que ele sentia. O que planejava iria destruir ou realizar suas esperanças? Ele foi fortemente bem recebido pela tia de Giovanna que, enfraquecida pela idade e pela doença, sentia chegado o momento de dar um suporte natural, um esposo, à sua sobrinha. Ela autorizou Maurice a renovar suas visitas, o que ele fez frequentemente. Começaram então, para os jovens, as prolongadas conversas, as conversas familiares, sobre o terraço dominando o lago, durante as quais suas almas se expandiam em mútuas confidências. Maurice contava sua vida, sua triste vida de criança privada da mãe, depois as decepções, os receios de sua juventude. Abria, como se o rasgasse, seu coração a Giovanna. Ela o consolava, lhe confiava seus sonhos, sonhos ainda cândidos, ainda puros como os de um anjo. E esses dois seres, se aproximando mais e mais, aprendiam a se amar, mil laços secretos se formavam, os enlaçavam, os uniam em estreitas e poderosas malhas.

O dia em que, segundo os costumes da alta Itália, o noivado devia ser celebrado, foi logo fixado, e tudo foi preparado para esta festa íntima, na qual dois ou três velhos amigos deviam tomar parte. À véspera desse dia, Maurice sobe ainda cedo à vila. Após a refeição da noite, os dois se dirigem para o terraço, de onde seus olhares podiam se estender sobre um mágico horizonte. Sentam-se em silêncio sob um bosque de laranjeiras. Luísa se mantinha um pouco afastada.

A noite avança lentamente; estende sobre o lago seu véu azulado, derramando um colorido uniforme sobre os campos de oliveiras, as vinhas, os bosques de castanheiras, as vilas e as aldeias. Enquanto que a sombra se espessava nos vales, os cumes das colinas, avermelhados pela púrpura do poente, semelhava-se bastante ao fogo de um incêndio. A noite subia pouco a pouco; suas sombras arrastadas se estendiam sobre as cristas; as luzes inumeráveis resplandiam nas janelas das vilas e das cabanas. As trevas envolviam inteiramente o lago e seu quadro de montanhas, mas, para o Norte, as luzes do dia morrendo coloriam ainda de cores fantásticas o colosso dos Alpes. Como uma armada de gigantes dispostos em batalha, a Bernina, a Sella, o Monte-d'Oro, a Disgrazia e vinte outros picos apontavam para o céu seus cimos orgulhosos, coroados de neve, sobre os quais o sol, antes de desaparecer no ocidente, lançava seus raios fracionados.

Em vão a noite procurava apagá-los, eles lutavam com ela. Mas seu véu passa enfim sobre essas fronteas soberbas. As últimas luminosidades se extinguiram. A noite triunfava; só, iria reinar até a aurora.

Nesse momento, um concerto argentino se eleva nos ares. Em todas as aldeias, os sinos tilintavam. Era o Ângelus, a prece do entardecer, o sinal que evoca entre todos, os pescadores do lago, os lenhadores da floresta e os pastores da montanha, o pensamento de Deus. Giovanna e Maurice, sonhadores, recolhidos, observavam esse majestoso espetáculo; escutavam o som melancólico dos sinos, seguiam com o olhar as belas estrelas de ouro emergindo das profundezas do céu para subir lentamente, em legiões cerradas, para o zênite. A poesia dessa noite preenchia suas almas; suas bocas estavam mudas, mas seus corações se

confundiam num enlevo profundo. Maurice rompeu o silêncio primeiro.

– Giovanna – disse ele –, você pensa, às vezes, nessas esferas luminosas que se movem no espaço? Já se perguntou se são, como nossa terra, mundos de sofrimento, habitados por seres materiais e atrasados, ou se almas mais perfeitas aí vivem no amor, na felicidade?

– Bem, às vezes – respondeu ela – tenho visitado esses mundos. Protetores, amigos invisíveis, me levam quase todas as noites para essas regiões celestes. Com dificuldade, tenho visto que um grupo de espíritos, de longas vestes flutuantes, de fronte brilhante, me cercam, me chamam. Vejo minha própria alma que, semelhante à deles, se libera de meu corpo e os segue. Rápido como o pensamento, atravessamos os espaços imensos, povoados de uma multidão de espíritos; por toda parte oceanos de vida desdobram suas perspectivas sem limites. Por toda parte retinem os cantos harmoniosos, de uma suavidade desconhecida na Terra. Percorremos esses arquipélagos estelares, essas esferas longínquas, bem diferentes de nosso globo. Em lugar de uma matéria compacta e pesada, muitos dentre eles são formados de fluidos leves, de brilhantes cores. Enquanto que os hóspedes da terra se arrastam penosamente na superfície do planeta, os habitantes desses mundos, de corpos sutis, aéreos, se elevam facilmente, planam no espaço ambiente. Eles agem sobre esses fluidos leves e coloridos que compõem o centro de suas esferas; lhes dão mil formas, mil aspectos diversos.

Assim são os palácios admiráveis, colônias deslumbrantes, com inumeráveis pórticos, templos com abóbadas gigantescas, ornados de estátuas, de pilastras de gás, e cujas muralhas transparentes permitem entrever seu interior. De todas as partes se erguem construções prodigiosas, abrigos da ciência e das artes, bibliotecas, museus, escolas, exposições, sempre invadidas pelas multidões. O ensinamento aí é dado sob a forma de quadros luminosos e cambiantes. A linguagem é uma espécie de música.

Quais são as necessidades corporais dos habitantes desses mundos?

São quase nulas. Não conhecem nem o frio, nem a fome, quase nada da fadiga. Sua existência é bem simplificada. Empregam-na na instrução, no estudo do universo, de suas leis físicas e morais. Prestam a Deus um culto magnífico, e desenvolvem em sua honra os esplendores de uma arte desconhecida aqui. Mas a prática das virtudes é, sobretudo, seu objetivo. A miséria, as doenças, as paixões, a guerra, são quase ignoradas nesses mundos. São moradas de paz, de felicidade, dos quais não saberíamos fazer nenhuma idéia em nosso globo de lutas e de lágrimas.

É então para lá que se transportam os homens virtuosos que deixam a terra?

Há muitos degraus a transpor antes de obter a entrada desses mundos. Esses são os últimos degraus da vida material, e os seres que os povoam, diáfanos e leves para nós, são ainda grosseiros e pesados comparados aos puros Espíritos. Quanto à nossa terra, ela não é senão um mundo inferior. É após haver vivido aí um número de existências suficientes para perfazer sua educação e seu adiantamento moral, que o Espírito a deixa para abordar esferas mais e mais elevadas, e revestir um corpo menos material, menos sujeito aos males e às necessidades de toda sorte. Após um número incalculável de vidas, sempre mais longas e ao mesmo tempo mais doces, crescendo em ciência e em sabedoria, esclarecendo-se, progredindo sem cessar, a alma abandona, enfim, as moradas corporais e vai perseguir no infinito o curso de sua eterna ascensão. Suas faculdades se ampliam, uma fonte inesgotável de caridade, de amor flui nela; compreende as leis superiores, conhece o universo, entrevê Deus. Mas pobre de mim! Como estão longe de nós suas beatitudes, suas alegrias inefáveis! É preciso nos elevar para essas alturas sublimes; Deus nos tem dado os meios. Ele tem querido que sejamos os artesãos de nossa felicidade. A lei do progresso não está escrita em nossa consciência? Não recuemos então diante das lutas, dos sacrifícios, de tudo que purifica, eleva, enobrece. Oh! Se os homens quisessem saber! Se eles se dignassem a procurar o verdadeiro propósito da vida! Que horizontes se abririam ante eles! Como os bens materiais, esses bens efêmeros, lhes pareceriam miseráveis, como os rejeitariam para se ligar ao bem moral, à virtude,

que a morte não pode tomar e que, sozinhos, nos abrem o acesso às regiões bem aventuradas!

Assim se escoavam as horas. Maurice se inebriava das palavras da jovem moça, porque elas lhe ensinavam coisas que haviam sido sempre ignoradas em seus livros. Era para ele como uma linguagem seráfica, revelando os mistérios do além-túmulo e, com efeito, Giovanna, médium inspirada, era, sem o saber, o eco de uma voz sobre-humana que retinia nas profundezas de seu ser.

Quase todo dia, passeavam assim, conversando através os bosquezinhos perfumados, reaquecidos pelos raios do sol da Itália, acariciados pelo vento, sob o azul profundo do céu. Algumas vezes, subiam em um barco com Luísa e se deixavam deslizar docemente ao sabor das correntes do lago. Pouco a pouco os barulhos enfraquecidos da margem vinham morrer em torno deles. Bem alto, no ar límpido, grandes aves de rapina voavam em giros; peixes prateados saltavam na água transparente. Tudo então os convidava ao devaneio, aos doces desabafos do coração. Mas, reconduzidos por uma força oculta para os assuntos sérios, Giovanna falava de preferência da vida futura, das leis divinas, dos progressos infinitos da alma, de sua depuração pelas provas e sofrimentos.

– A dor – dizia –, tão temida, tão mal conhecida aqui em baixo, é, na realidade, o ensinamento por excelência, a grande escola onde se aprende as verdades eternas. Ela somente habitua o ser a se desapegar dos bens pueris, das coisas terrestres, a medir o vazio. Sem as provas, o orgulho e o egoísmo, esses flagelos da alma, não teriam nenhum freio. É sua função amolecer os Espíritos rebeldes, os constranger à paciência, à obediência, à submissão. O sofrimento é o grande cadinho da purificação. Como os grãos na joeira, sempre daí se sai melhor. É preciso ter sofrido para compadecer-se com os sofrimentos dos outros. A aflição nos torna mais sensíveis, nos inspira mais piedade pelos infelizes. Se os homens fossem esclarecidos, bendiriam a dor como o mais possante agente de progresso, de crescimento, de elevação. Por ela, a razão se fortifica, o julgamento se afirma, as enfermidades do coração desaparecem. Mais alto que os bens

terrestres, mais alto que o prazer, mais alto que a glória, ela mostra à alma aflita a grande figura do dever se erguendo, imponente, augusto, iluminado pelas claridades do fogo que não se extingue.

Essas revelações, essa voz encantadora, esses acentos eloqüentes, inspirados, preenchião Maurice de espanto e de admiração.

– Giovanna – dizia –, fale ainda, fale sempre, querida, o vivo eco de minhas esperanças, de minha fé, de minha paixão pelo justo e o verdadeiro. Fale! Sou tão feliz de escutá-la, de contemplá-la. E, todavia, me surpreende por vezes o receio de que nossa felicidade se esvaneça de repente. Nossa felicidade não tem nada de humano. Parece-me que o vento áspero da vida vai soprar sobre nosso sonho de amor; uma voz secreta me diz que um perigo nos ameaça.

Em vão a jovem moça procurou seguir seus receios. A aproximação de eventos dolorosos nos preenche de uma apreensão vaga. A alma presente o porvir? Este é um problema em suspenso, acima de nossa inteligência, e que nós não podemos resolver.

Assim como Giovanna havia dito, quem pode prever o dia de amanhã aqui em baixo?

Alegrias, riquezas, honras, amores insensatos, afeições austeras, tudo passa, tudo escapa entre as mãos do homem como uma areia sutil. As horas amargas e desoladas da vida podem tocar de perto as horas de felicidade e de paz; mas é raro, quando as primeiras se aproximam, que não sejamos atingidos por um sombrio prognóstico. Assim estava Maurice. Essa conversa sobre a dor, pensava, não seria como um presságio, uma advertência do alto? Uma pressão penosa lhe apertava o coração quando se separava de Giovanna.

A noite se escoava longa e sem sono. Mas as primeiras claridades da alvorada afastaram suas impressões e quando retornou para perto de sua bem-amada, vendo-a plena de graça, de jovialidade, de vida, embelezada pelo noivado, seus últimos receios se

esvaneceram como um nevoeiro matinal sob os raios do sol de Agosto.

## V

Giovanna e Maurice haviam trocado os anéis benzidos pelo padre; a época de sua união estava fixada. Os dias passaram para eles rápidos, entregues à sua felicidade. Eles ignoravam que um espantoso flagelo avançava, que sua devastação havia despovoadado as planícies lombardas e que o ar puro das montanhas seria impotente para o deter. Que lhes importava, com efeito, as novidades de fora, os barulhos do mundo. O mundo para eles se resumia em um só ser, o ser amado! Seu pensamento não visitava mais do que as regiões supraterrrestres.

Não sonhavam senão com seu amor, com a vida que se abria diante deles tão bela, tão rica de promessas. Mas a Vontade Suprema iria reverter todas essas esperanças. Após haver entrevisto uma felicidade ideal, Maurice devia retomar a sombria e desesperante realidade.

Um violento tifo se abatia sobre as margens do lago e Gravedona e o vale de Domaso foram sucessivamente atingidos. Alguns dias tinham penosamente escoado e já muitas das moradas estavam vazias. A fumaça azulada não se elevava mais acima dos telhados. O silêncio, esse silêncio cruel da morte ou da perda, substituía o barulho do trabalho e das canções; grandes cruces brancas apareciam sobre as portas das cabanas desertas. A foice da morte ceifava muitas existências entre essas famílias de pescadores e artesãos, mal vestidos, mal nutridos e de higiene duvidosa, que ofereciam uma presa fácil ao flagelo. Durante quase todo o dia o sino da igreja tocava o dobre fúnebre e numerosos cortejos se encaminhavam para o campo-santo.

A epidemia não poupou os Menoni. Marta foi atingida primeiro, depois sua menina tombou doente por sua vez. Todas as famílias, todas as moradas atingidas pelo flagelo foram abandonadas. Os médicos eram pouco numerosos. Nenhum cuidado em atender os parentes, os amigos; o isolamento, o sofrimento e a

morte, eis o que podiam esperar aqueles que fossem contagiados. As lamúrias que ressoavam de todas as partes, a desolação geral, arrancaram Giovanna de sua quietude, de sua felicidade. A voz imperiosa do dever se elevava nela e dominava a voz do amor. Desdenhando do perigo, surda às súplicas de Maurice, partilhava doravante seu tempo entre os infelizes abandonados. Seu noivo, não podendo desviá-la do risco, imita seu exemplo. Giovanna passa um mês inteiro na cabeceira dos moribundos; vários expiram sob seus olhos. Marta e sua menina morreram malgrado os seus cuidados. Até os derradeiros momentos ela os assistiu, suportando com uma calma aparente o espetáculo de suas convulsões, respirando o sopro envenenado que exalava de seus lábios. Tanta fadiga e emoções acabaram com a jovem moça. Uma tarde em que, extenuada, retornava da vila com Maurice, teria caído no solo, desmaiada, se seu noivo não a tivesse recolhido em seus braços.

Ela retornou para casa e se acamou, e os assustadores sintomas se manifestaram em seguida. Um círculo de fogo apertava suas têmporas; zumbidos insólitos faziam barulhos em seus ouvidos; os calafrios a tomaram, uma cor arroxeadada se estendeu em torno de seus olhos. O mal fazia rápidos progressos; a vida de Giovanna fundia como uma cera mole sob o sopro do flagelo. A partir do dia seguinte, a sombra da morte flutuava sobre sua face. Maurice, pálido, desesperado, permanecia o tempo todo perto dela, apertando suas mãos geladas. Aproximando seus lábios de sua boca descolorada, pedia a Deus lhe permitisse aspirar a morte em um beijo.

Giovanna respondia docemente ao seu abraço. Seus olhos, já brilhantes das luzes do lado de lá, se fixavam sobre ele com uma expressão de calma, de doçura serena. Mesmo nesse momento solene, malgrado o sofrimento que despedaçava seus membros, um sorriso resignado aclarava sua face. À tarde, a agonia começou. Giovanna agitava-se convulsivamente, debatia-se sob uma opressão dolorosa, implorando a Deus aos gritos. A essas crises terríveis sucedia um abatimento profundo, uma imobilidade semelhante à morte. Somente os lábios da jovem menina mexiam. Parecia conversar com seres invisíveis. Por vezes também,

se a escutava murmurar o nome de Maurice. Um ligeiro cerramento da mão, um último estremecimento, e Giovanna expira. A alma desse anjo retornava para Ele que a havia criado.

Maurice, esmagado pela dor, estava como um homem ébrio. Suas lágrimas, não podendo sair, recaiam sobre seu coração e o afogava em ondas de um cruel desespero. A noite veio, colocaram-se velas acesas próximo ao leito; um crucifixo repousava sobre o peito da morta cujos cabelos louros esparsos formavam uma coroa de ouro em torno de sua cabeça pálida. Soluços meio comprimidos se elevaram dos cantos da sala. A tia, a velha ama de leite de Giovanna, algumas pobres pessoas a quem a morta havia socorrido, oravam e choravam. Maurice se aproxima da janela toda aberta. Ironia da natureza! O disco brilhante da lua aclarava planícies e montes; aromas balsâmicos flutuavam no ar; a torrente, correndo sobre as pedras, fazia ouvir seu alegre murmúrio ao qual respondia o rouxinol pousado sobre os altos galhos. No seio da noite tépida e perfumada, tudo eram luzes e cantos, tudo celebrava a felicidade de viver, e lá, sobre seu virginal leito, a doce criança dormia já o eterno sono. Assim pensava Maurice; mil idéias sombrias, tumultuadas, cresciam no seu cérebro como um vento de tempestade.

Qual é então o Deus cruel que brinca assim com nosso coração! Haver-lhe mostrado a felicidade, haver-lhe feito tocá-la para logo a furtar. Esses sonhos dourados, esses sonhos formados a dois, estariam para sempre desvanecidos! Esse cadáver que pernoitava ali era tudo o que restava de Giovanna?

Não a veria mais, não ouviria mais sua voz, não veria mais nos seus olhos aqueles clarões de ternura que o inebriavam, que o reaqueciam deliciosamente. Mais algumas horas e não teria mais nada dela, nada senão a lembrança, uma lembrança dilacerada, penetrante como uma espada na alma ulcerada. Não mais as caminhadas a dois no vale, não mais os passeios sobre o lago, na brilhante luminosidade do dia, não mais as conversas sobre o terraço na suave claridade das noites. Ele era triste, deprimido, até que a conheceu; como um raio, seu olhar havia clareado sua vida, e eis que, subitamente, tudo se extinguia. Estava acabado agora; sua vida tinha se encerrado; não mais os sonhos alegres,

não mais a esperança, agora o vazio, a solidão terrível, as trevas se formariam ao redor dele. Como seu coração batia a golpes precipitados no seu peito, como sua cabeça queimava! Um peso esmagador lhe fazia curvar a frente, mergulhando-a em seus joelhos. E chamava a morte, desejava-a ardentemente. “Vem – dizia –, leve-me com ela, envolva-nos no mesmo sudário, deite-nos na mesma cova; que a mesma pedra nos cubra!” Mas não, ela estava morta e ele lhe falava, vivo. Que abismo se abria sob seus passos! E a revolta esmagava esta alma contra o implacável destino.

Evocando as lembranças de sua vida, depois seus tristes anos de infância, Maurice via passar como um turbilhão as ilusões dissipadas, as alegrias tão curtas, tão vazias, evanescentes, as felicidades efêmeras de sua juventude. Todas as sombras, todas as preocupações do passado, subiam como uma onda amarga do fundo de sua memória, submergindo nele as últimas esperanças. Em seu lugar, uma profunda sensação de isolamento, de abandono, permanecia. Todos aqueles que tinha amado haviam partido. Sua mãe, morta quando ele era apenas uma criança, depois seu pai, e agora, aí estava Giovanna. Tudo o que havia alegrado sua existência, tudo o que havia feito bater seu coração iria se resumir em três, sepulcros. “Oh! – murmurava –, Ser invisível que se ri de nossas lágrimas, nos faz então viver apenas para nos torturar? Entretanto não pedi para nascer. Por que me tirou do nada, lá onde se dorme, onde se repousa, onde não se sofre!” A alvorada veio aclarar com suas pálidas luzes a triste cena da morte, Giovanna depositada no caixão, a chegada do padre, a partida para o cemitério. Semelhante a um autômato, Maurice seguiu o féretro, coberto de ramalhetes de rosas brancas, levadas pelas jovens meninas de Gravedona. Afundado em sua dor, ele não via nada do cerimonial fúnebre na igreja, não escutava certamente as salmodias lúgubres. O barulho surdo da terra caindo sobre as tábuas do caixão o chamou enfim a si.

Os assistentes se foram, a cova fechada, se encontra só, diante da sepultura de sua noiva. Então seu coração se dilacera; ele se lança sobre o solo, estendendo seus braços por cima da morta;

um soluço se ergue em seu peito e um regato de lágrimas escorre de seus olhos.

## VI

O inverno chega, espessas nuvens demoram no céu; o vento passa mugindo sobre as colinas despojadas, fazendo turbilhonar os monturos de folhas mortas. Maurice, sozinho, vestido de luto, está sentado perto de uma lareira que crepita no seu pequeno aposento dominando o lago. Um livro está aberto diante dele; mas não o está lendo; sombrios pensamentos o assediam. Sonha com aquela que repousa sob a terra gelada, ouvindo os gemidos do vento que chora como uma legião de almas em sofrimento. Por vezes, se levanta e vai observar, por detrás do vidro, o tapete cinzento das águas, o horizonte cujas cores de chumbo se harmonizam com o estado de seu espírito; depois, apanhando um bauzinho de madeira esculpida, abre-o e retira flores dessecadas, um laço de fitas, jóias de mulher. Aperta sobre seus lábios essas relíquias de amor; o passado evocado se revela em sua memória. E as horas se sucedem às horas. Maurice permanece lá, meio inclinado sobre esse fogo que queima na atmosfera úmida. Ele sonha com a felicidade perdida, as esperanças desvanecidas. A falta de coragem reavivou o desgosto da vida, esse desgosto de amar outra vez o invadiu novamente; idéias de suicídio germinam no fundo de seu pensamento.

A noite se faz e o fogo vai se extinguir, mas Maurice se compraz nessa obscuridade mais e mais espessa. Um roçamento se fez ouvir atrás dele. Volta-se e não vê nada. É sem dúvida o barulho do vento ou os passos da empregada, no quarto vizinho. Perto da chaminé está um piano, mudo há muito tempo. De repente sons se elevam desse móvel hermeticamente fechado. Confundido pela surpresa, Maurice presta atenção. Essa ária bem conhecida é a canção de Mignon, a canção preferida de Giovanna, e que ela gostava de tocar à noite, após a refeição. O coração de Maurice fica apertado; as lágrimas molham seus olhos. Levanta-se, dá a volta no piano: ninguém! O banquinho está vazio. Volta para o seu lugar. Será isso uma ilusão sonora? Uma som-

bra branca ocupa a poltrona que acabara de deixar. Tremendo, se aproxima. Seus olhos, seu olhar límpido, seus cabelos louros como espigas maduras, essa boca sorridente, esse porte esbelto, alongado, é a imagem de Giovanna. Oh magia, a tumba devolve então os seus hóspedes! Uma voz vem acariciar seus ouvidos:

– “Amigo, não receie nada, sou bem eu, não procure me seguir, não sou senão um Espírito. Não se aproxime mais, escutame.”

Maurice se ajoelha e chora:

– Meu anjo, minha noiva, é então você?

– “Sim, sou sua noiva, noiva de você bem antes desta vida. Escuta, um laço eterno nos une. Nós nos conhecemos desde séculos, temos vivido lado a lado por muitas vezes, percorrido juntos muitas existências. A primeira vez que o encontrei sobre a terra, estava bem fraca, bem tímida, e a vida então era dura. Você me tomou pela mão, me tem servido de apoio; desde esse momento, não nos separamos jamais. Sempre nos seguimos nas nossas vidas materiais, andando no mesmo caminho, nos amando, sustentando um ao outro. Ocupado com os combates, os empreendimentos guerreiros, você não podia realizar os progressos necessários para que seu espírito livre, purificado, pudesse deixar este mundo grosseiro. Deus queria prová-lo; nos separou. Eu poderia subir para outras esferas, mais felizes, enquanto que você deveria prosseguir, sozinho, sua provação aqui em baixo. Mas preferi esperá-lo no espaço. Você cumpriu duas existências desde então, e durante seu curso, testemunha invisível de seus pensamentos, não tenho cessado de velar sobre você. Cada vez que a morte arrancava sua alma da matéria, você me encontrava e o desejo de se elevar o fazia tomar com mais ardor o fardo da encarnação. Desta vez, tendo tanto orado, tendo tanto suplicado ao Senhor, ele me permitiu voltar sobre a terra, aí tomando um corpo, uma voz, para ensinar a você o bem e a verdade. Nossos amigos do espaço nos aproximaram, reunidos, mas por um tempo limitado. Eu não podia mais permanecer por muito tempo sobre a terra, minha missão já estava completa. Não devia ser sua aqui em baixo.

“É chegada uma hora em que os Espíritos podem, segundo a permissão divina, se comunicar com os humanos. Por isso venho, para guiá-lo, encorajá-lo, consolá-lo. Se quiser que esta existência terrestre seja a última para você; se quiser que, à sua partida, sejamos reunidos para não mais nos separarmos, consagre sua vida à seus irmãos, ensine-lhes a verdade. Diga-lhes que o objetivo da existência não é de adquirir bens efêmeros, mas de aclarar sua inteligência, de purificar seu coração, de se elevar para Deus. Revele as grandes leis do Universo, a ascensão dos Espíritos para a perfeição. Ensine-lhes a via múltipla e solidária, os mundos inumeráveis, as humanidades irmãs. Mostre-lhes a harmonia moral que rege o infinito. Deixe atrás de você as sombras da matéria, as paixões maldosas; dê a todos o exemplo do sacrifício, do trabalho, da virtude. Tenha confiança na divina justiça. Olhe adiante, para a luz longínqua que aclara o objetivo, o objetivo supremo que deve nos reunir no amor, na felicidade.

“Sem tardar, entregue-se à obra; nós o sustentaremos, o inspiraremos. Estarei próximo a você na luta, envolvê-lo-ei em um fluido benfazejo. Assim, nesta noite, me tornei visível aos seus olhos, revelei o que ainda ignorava. E um dia, quando tudo o que tem em você, de terrestre e de baixo, tiver se desvanecido, unidos, confundidos, nos elevaremos juntos para o Eterno, juntando nossas vozes ao hino universal que sobe de esfera em esfera até Ele.”

Reencontrei Maurice Ferrand, há alguns anos, numa grande vila, por detrás dos Alpes. Havia começado sua obra. Pela escrita, pela palavra, trabalhava disseminando esta doutrina conhecida sob o nome de Espiritismo. Os sarcasmos e as zombarias choviam sobre ele de todas as partes. Céticos, devotos, indiferentes, todos se uniam para o importunar. Mas, calmo, resignado, não parava de seguir em sua missão. “Que me importa – me dizia –, o desdém desses homens. Um dia virá em que, com auxílio da provação, compreenderão que esta vida não é tudo e pensarão em Deus, em seu porvir sem fim. Então talvez se recordem daquilo que lhes disse. A semente lançada neles poderá germinar. E, aliás – acrescentou, observando o espaço, e uma lágrima brilhou

em seus olhos –, o que faço, é obedecer àqueles que me amam, é para me aproximar deles!”

– 0 –

## Notas:

---

<sup>1</sup> Na edição impressa, traduzida em português pela Editora CELD, não foram incluídos os referidos trechos da novela *Giovanna*. Por esse motivo, decidimos adicioná-la a esta versão eletrônica (na íntegra, já que não sabemos quais os trechos fazem parte da obra de Regnault), em forma de apêndice, satisfazendo, assim cremos, o desejo do autor e o possível interesse do leitor. (Nota do digitalizador.)

<sup>2</sup> *Papus* – pseudônimo, no ocultismo, do Dr. Henri Encausse. (Nota da Editora; suas notas seguintes conterão apenas as iniciais “N.E.”)

<sup>3</sup> *Socialismo e Espiritismo*. (\*)

(\*) Foi publicada em português, pela editora *O Clarim*, uma obra intitulada *Socialismo e Espiritismo*, composta de artigos publicados por Léon Denis na *Revista Espírita*, a partir de janeiro de 1924, com o mesmo título. (Nota do digitalizador.)

<sup>4</sup> Afirmação feita em 1928. (Nota do Tradutor; suas notas seguintes conterão apenas as iniciais “N.T.”)

<sup>5</sup> Ler *Identité des Personalités*, por Blanche Barchou, E-vreux, imprimerie Ch. Hérissey, 1925.

<sup>6</sup> Trata-se de Gaston Luce, que publicou, em 1928, *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo – sua Vida, sua Obra*, editora CELD. (N.E.)

<sup>7</sup> Ver relatório do Congresso Internacional de Espiritismo, 1925.

---

<sup>8</sup> *Le Spiritisme*, revista bimestral, 1<sup>a</sup> quinzena de maio de 1884.

<sup>9</sup> *Le Spiritisme*, 2<sup>a</sup> quinzena de maio de 1885.

<sup>10</sup> *Relatório do Congresso*, de 1889.

<sup>11</sup> *Le Spiritisme Kardéciste*, dezembro de 1920.

<sup>12</sup> Regnault compara sua vida moderna de 1927 com as dificuldades encontradas por Denis, à sua época de representante comercial e divulgador da Doutrina. (N.E.)

<sup>13</sup> Tendo eu a sorte de encontrar esse folhetim, creio estar agradando aos numerosos admiradores de Léon Denis, juntando, em apêndice, importantes trechos dessa novela que, certamente, foi escrita antes de *O Porquê da Vida*. (\*)

(\*) Vide esclarecimento na nota n<sup>o</sup> 1. (Nota do digitalizador.)

<sup>14</sup> Henri Sausse – *Le Spiritisme Kardéciste*, dezembro de 1920.

<sup>15</sup> Narrando uma viagem à Algéria, Alexandre Delanne escrevia: “Remeto aos meus amigos, que gostariam de ler uma jóia literária, como descrição pitoresca e poética dessas regiões, uma pequena brochura de Léon Denis, nosso colaborador e amigo, intitulada, eu creio, *Tunis, Alger, Corse, Sardaigne*.”

<sup>16</sup> Sem derramamento de sangue, naturalmente.

<sup>17</sup> No original francês lê-se: *conférences contradictoires*. Devemos lembrar que Regnault falava também para não-espíritas. (N.E.)

<sup>18</sup> Publicarei, brevemente, um estudo sobre as experimentações espíritas de Léon Denis. (\*)

(\*) Essa obra foi publicada em 1928 sob o título *Léon Denis e a Experiência Espírita*. A sua tradução em língua portuguesa foi publicada a partir de 1992, pela editora CELD, com esse mesmo título. (N.E.)

<sup>19</sup> *Annales du Spiritisme*, Rua Guesdon 32, Rochefort-sur-Mer, maio de 1927.

---

<sup>20</sup> Léon Denis, em seu testamento havia feito legado a diversas obras de interesse local e social. Em 21 de outubro de 1927, o Instituto de França decidiu entregar à *Caisse des Laboratoires* o legado feito pelo apóstolo do Espiritismo.

<sup>21</sup> *Annales du Spiritisme*, maio de 1927.

<sup>22</sup> Aconteceu o mesmo, por ocasião da morte de Allan Kardec. Ver *Revista Espírita*, 1869. (\*)

Ver também, em português, *A Desencarnação de Léon Denis*, edição CELD. (N.E.)

<sup>23</sup> Ver, principalmente, a *Revista Espírita*, agosto de 1927.

<sup>24</sup> *Le Matin*, 6 de junho de 1927.

<sup>25</sup> *Le Spiritisme*, 2ª quinzena, novembro de 1884.

<sup>26</sup> Ver capítulo I.

<sup>27</sup> 1928. (N.T.)

<sup>28</sup> Ver análise que Allan Kardec faz sobre espíritas exaltados em *O Livro dos Médiuns*, 1ª parte, cap. III, item 28. (N.E.)

<sup>29</sup> Em nosso livro sobre a vida de Gabriel Delanne, Paul Bodier e eu teremos a oportunidade de mostrar até aonde vai a credulidade de certos espíritas. (\*)

(\*) Essa obra foi publicada em português pela Editora CELD, a partir de 1988, sob o título *Gabriel Delanne – sua Vida, seu Apostolado e sua Obra*. (N.E.)

<sup>30</sup> Na época eram comuns as palestras nas reuniões sociais. *Sauterie* era como se chamavam as reuniões sociais. (N.E.)

<sup>31</sup> Léon Denis – *Depois da Morte*, “Introdução”.

<sup>32</sup> Léon Denis – *Depois da Morte*, 2ª parte, “As provas e a morte”.

<sup>33</sup> Guy de Maupassant – *Clair de Lune*, Editora Flammarion.

<sup>34</sup> Esse fenômeno está bem estudado em *O Livro dos Médiuns*, capítulo IX, de Allan Kardec. (N.E.)

<sup>35</sup> Todas as vezes em que me ocupo de tratamento psíquico, que se trata de sofrimentos físicos, de obsessões, de posses-

---

sões, eu recuso qualquer retribuição; trato com total desinteresse.

<sup>36</sup> Léon Denis – *Depois da Morte*, 3ª parte, “Perigos do Espiritismo”.

<sup>37</sup> Léon Denis – *Depois da Morte*, 2ª parte, “As provas e a morte”.

<sup>38</sup> Léon Denis – *Depois da Morte*, “Introdução”.

<sup>39</sup> Em *O Problema do Ser e do Destino*, Léon Denis escreve: “Denominamos espírito a alma revestida de seu corpo sutil.” Emprego o termo *espírito* no mesmo sentido.

<sup>40</sup> Ver *Annales du Spiritisme*, Rua Guesdon nº 32, Rochefort-sur-Mer, setembro de 1927.

<sup>41</sup> A escrita direta é um fenômeno bem comprovável. Eis uma das maneiras como pode produzir-se: – Duas ardósias, com molduras de madeira, são colocadas uma sobre a outra, pondo-se um lápis entre elas antes de lacrá-las. Sem qualquer contato humano, o médium impõe as mãos sobre as ardósias e, quando são abertas, nelas são encontradas frases escritas por um espírito ou pelo fantasma de um vivo.

<sup>42</sup> Léon Denis – *No Invisível*, 2ª parte, capítulo XIX.

<sup>43</sup> Léon Denis – *No Invisível*, 1ª parte, capítulo III.

<sup>44</sup> É indispensável estudar, sobre esse ponto, *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

<sup>45</sup> Falo aqui dos Grupos de Estudos. Quando um grupo é formado e já obteve resultados, nada impede a organização de reuniões especiais de propaganda, no decorrer das quais essas condições de simpatia mútua não são tão rigorosas.

<sup>46</sup> Léon Denis – *No Invisível*, 1ª parte, capítulo V.

<sup>47</sup> Léon Denis – *No Invisível*, 1ª parte, capítulo V.

<sup>48</sup> Léon Denis – *O Grande Enigma*. (\*)

(\*) Esse trecho pertence exclusivamente à edição francesa. (N.E.)

<sup>49</sup> Léon Denis – *No Invisível*, 1ª parte, capítulo XI.

---

<sup>50</sup> Léon Denis – *O Além e a Sobrevivência do Ser*. (\*)

(\*) Essa brochura, pelo seu pequeno volume, não é dividida em capítulos. (Nota do digitalizador.)

<sup>51</sup> Léon Denis – *O Além e a Sobrevivência do Ser*.

<sup>52</sup> Léon Denis – *O Além e a Sobrevivência do Ser*.

<sup>53</sup> Henri Regnault – *Tu Revivras*.

<sup>54</sup> Eu havia sido candidato a fim de defender as idéias de solidariedade que decorrem do Espiritismo e havia escolhido um bairro onde as concepções extremistas de ódio e de inveja reinavam desde muito tempo. Graças a uma campanha enérgica, obtive, no primeiro turno, uma grande maioria, mas, no segundo turno, por causa da coalisão dos extremistas, fui derrotado somente por 10 votos.

<sup>55</sup> Ver *Revista Espírita*, agosto de 1927.

<sup>56</sup> *Les Études*, nº 13, 5 de julho de 1927.

<sup>57</sup> Eis um livro cuja leitura não exigiu grande esforço de Léon Denis.

<sup>58</sup> Léon Denis – *O Mundo Invisível e a Guerra*, capítulo XVI-II – “O Espiritismo e as Igrejas”.

<sup>59</sup> *Les Études*, nº 13, 5 de julho de 1927. Léon Denis – *No Invisível*, 2ª parte, capítulo XII – “Exteriorização do ser humano - Telepatia - Desdobramento - Os fantasmas dos vivos”.

<sup>60</sup> “Tudo está submetido, no Espiritismo, ao controle da razão e da experiência e, entre nós, a fé só se baseia em pesquisas precisas e rigorosas. Não há, portanto, motivo para dogmas que poderiam ser desmentidos, num futuro mais ou menos longínquo, pela realidade.” (Extraído de um artigo de Gabriel Delanne – “Espiritismo e Religião”, de janeiro de 1887, em *Le Spiritisme*).

Em *O Problema do Ser e do Destino*, 1ª parte, capítulo II – “O critério da Doutrina dos Espíritos”, Léon Denis afirma: “... no Espiritismo, nunca é demais dizê-lo, não há dogmas e cada um dos seus princípios pode e deve ser discutido, julgado, submetido ao exame da razão.”

---

<sup>61</sup> *Procès-verbaux* – relatos oficiais, redigidos por uma autoridade competente, que constata um fato ou o que foi dito ou feito em uma reunião, uma assembléia, etc. (N.E., conforme o *Le Robert, Dictionnaire de la Langue Française.*)

<sup>62</sup> Durante essa reunião, o Rev. Padre Jubaru reconheceu publicamente que o Espiritismo é útil, no sentido em que conduz os negativistas a crerem em Deus e na existência da alma.

<sup>63</sup> Ver, especialmente, *Revista Científica e Moral do Espiritismo*, março, agosto e setembro de 1922.

<sup>64</sup> Ver *Le Matin*, 7 de junho de 1923.

<sup>65</sup> *Revista Espírita*, janeiro de 1860, artigo: “O Espiritismo em 1860”.

<sup>66</sup> *Revista Espírita*, agosto de 1927.

<sup>67</sup> Esta obra foi publicada em língua portuguesa sob o título *O Espiritismo e o Clero Católico*, pela editora CELD. (N.E.)

<sup>68</sup> *O Espiritismo e as Contradições do Clero Católico (O Espiritismo e o Clero Católico na edição em português)*, 1ª parte, capítulo III. (N.E.)

<sup>69</sup> *À Sombra do Harém*. (N.T.)

<sup>70</sup> Léon Denis – *Cristianismo e Espiritismo*, Nota complementar nº 12: “Os fenômenos espíritas contemporâneos; provas da identidade dos Espíritos”.

<sup>71</sup> *Cafre* – natural da Cafraria, antigo nome da parte da África que era habitada por não-muçulmanos. (N.E.)

<sup>72</sup> Léon Denis – *Cristianismo e Espiritismo*, Introdução.

<sup>73</sup> Aos 18 anos, tendo visto *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, na vitrine de uma livraria de Tours, Léon Denis o comprou, leu-o e ficou convencido da beleza e da grandeza da revelação espírita.

<sup>74</sup> Na edição em português, da Federação Espírita Brasileira, ano 1987, as notas complementares perfazem um total de quatorze. (N.E.)

<sup>75</sup> Ver *La Réalité Spirite*, de Henri Regnault.

---

<sup>76</sup> Edouard Romilly – *Marie-Madeleine* (Eug. Figuière, editor).

<sup>77</sup> Léon Denis – *Cristianismo e Espiritismo*, capítulo III – “Sentido oculto dos Evangelhos”.

<sup>78</sup> Léon Denis – *Cristianismo e Espiritismo*, capítulo VII – “Os Dogmas (continuação) – os Sacramentos, o Culto.

<sup>79</sup> *Aux Écoutes*, 22 de outubro de 1927.

<sup>80</sup> Léon Denis, *Cristianismo e Espiritismo*, capítulo XI – Renovação.

<sup>81</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino* – 1ª parte, capítulo II – “O critério da Doutrina dos Espíritos”.

<sup>82</sup> Ver Nota 1, parágrafo 2. (\*)

(\*) Ver nota de rodapé nº 60. (N.E.)

<sup>83</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 1ª parte, capítulo IV - “A personalidade integral”.

<sup>84</sup> Essa passagem é extraída do livro de F. Myers *La Personnalité Humaine*. (\*)

Esta obra, muito citada e elogiada por Léon Denis em *O Problema do Ser e do Destino*, foi publicada em português, sob o título *A Personalidade Humana*, pela editora EDIGRAF. (Nota do digitalizador.)

<sup>85</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 3ª parte, capítulo XI – “A consciência - o sentido íntimo”.

<sup>86</sup> Léon Denis – *No Invisível*, 3ª parte, capítulo XXII – “Prática e perigos da mediunidade”. (N.T.)

<sup>87</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 1ª parte, capítulo VII – “Manifestações depois da morte”.

<sup>88</sup> Ver, por exemplo, Henri Regnault: *La Médiurnité à Incarnation*.

<sup>89</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 1ª parte, capítulo V – “A alma e os diferentes estados do sono”.

<sup>90</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 3ª parte, capítulo XXI – “A consciência – o sentido íntimo”.

---

<sup>91</sup> *Parca* – figuradamente, a morte. Entre os romanos, cada uma das três deusas infernais (Cloto, Láquesis e Átropos) que, consoante a mitologia, fiavam, dobravam e cortavam o fio da vida dos homens. (N.E.)

<sup>92</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 1ª parte, capítulo X – “A morte”.

<sup>93</sup> Idem, ibidem.

<sup>94</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 1ª parte, capítulo V – “A alma e os diferentes estados do sono”.

<sup>95</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 3ª parte, capítulo XXIV – “A disciplina do pensamento e a reforma do caráter”.

<sup>96</sup> Léon Denis – *O Grande Enigma*, capítulo XIV – “Elevação”.

<sup>97</sup> Idem, ibidem.

<sup>98</sup> Henri Regnault – *Tu Revivras*.

<sup>99</sup> Léon Denis – *O Grande Enigma*, “Ao leitor” (prefácio).

<sup>100</sup> Idem, ibidem.

<sup>101</sup> Léon Denis – *O Grande Enigma*, “Ao leitor” (prefácio).

<sup>102</sup> Creio dever assinalar uma obra admirável, a do “Pão para Todos”, na Rua Eugène Carrière nº 4, Paris, século XVIII.

Não passe nunca pela Rua Drouot, à porta da prefeitura do IX Distrito, sem dar seu óbolo ao “Pão para Todos”.

<sup>103</sup> Traduzida por José Jorge e publicada pelo Instituto Maria, de Juiz de fora, com o título de *Síntese Doutrinária e Prática do Espiritismo*. (N.E.)

<sup>104</sup> *Le Spiritisme*, 2ª quinzena de agosto de 1885, artigo intitulado: “Le Positivisme Spiritualiste”.

<sup>105</sup> Todos os meus tratamentos psíquicos são absolutamente gratuitos.

<sup>106</sup> A Sobrevivência e o Casamento de Joana d’Arc. (N.T.)

<sup>107</sup> Joana d’Arc Vitoriosa. (N.T.)

- 
- <sup>108</sup> A Última Noite de Domremy. (N.T.)
- <sup>109</sup> Tipografia Vve. Lamante, em Couy (Biblioteca Nacional, 8º, Lb. 57 – 15.426).
- <sup>110</sup> Obra publicada em português pela Editora CELD, sob o título *Gabriel Delanne – sua Vida, seu Apostolado e sua Obra*. (N.E.)
- <sup>111</sup> *Joana d’Arc, Médiun, 1ª parte, capítulo XI – “Ruão, o processo”*.
- <sup>112</sup> Léon Denis – *Joana d’Arc, Médiun, 1ª parte, capítulo XII – “Ruão: o suplício”*.
- <sup>113</sup> Lang – *La Pucelle de France*.
- <sup>114</sup> Léon Denis – *Joana d’Arc, Médiun, 1ª parte, capítulo IV – “A mediunidade de Joana d’Arc; o que eram suas vozes; fenômenos análogos, antigos e recentes”*.
- <sup>115</sup> Sra. Agullana – *La Vie Vécue d’un Médiun Spirite*.
- <sup>116</sup> *A Vida de um Médiun Espírita*. (N.T.)
- <sup>117</sup> Léon Denis – *Joana d’Arc, Médiun, 2ª parte, capítulo XV – “Joana d’Arc e a idéia de religião”*.
- <sup>118</sup> *Eco Fiel de uma Metade de Século*. (N.T.)
- <sup>119</sup> O autor se refere à época da publicação do livro. (N.E.)
- <sup>120</sup> “Tempestade Mística”. (N.T.)
- <sup>121</sup> Léon Denis – *O Mundo Invisível e a Guerra*, “Introdução”.
- <sup>122</sup> Léon Denis – *O Mundo Invisível e a Guerra*, capítulo XXI-II – “A experimentação espírita: Escrita mediúnica”.
- <sup>123</sup> Léon Denis – *O Mundo Invisível e a Guerra*, capítulo IX – “O Espiritismo e as Religiões”.
- <sup>124</sup> *Taliésin*: bardo do país de Gales do século VI. É considerado como autor de numerosos poemas. (N.T.)
- <sup>125</sup> Léon Denis – *O Mundo Invisível e a Guerra*, capítulo IX – “O Espiritismo e as Religiões”.
- <sup>126</sup> Idem, *ibidem*.

---

<sup>127</sup> Ver também o livro de Henri Regnault *Léon Denis e a Experiência Espírita*, publicada em língua portuguesa pela editora CELD. (N.E.)

<sup>128</sup> Léon Denis – *O Mundo Invisível e a Guerra*, capítulo XXV – “A experimentação espírita: Provas de identidade”.

<sup>129</sup> Idem, ibidem.

<sup>130</sup> “Delicada atenção de um irmão morto para com sua irmã viva”. (N.T.)

<sup>131</sup> Obra publicada em língua portuguesa, a partir de 1987, pela editora CELD, sob esse mesmo título.

<sup>132</sup> Sra. Agullana – *La Vie Vécue d'un Médium Sprite*.

<sup>133</sup> Léon Denis – *Espíritos e Médiuns*, capítulo IV – “Prática da mediunidade”.

<sup>134</sup> Ver *Revista Espírita*, maio de 1927.

<sup>135</sup> Léon Denis – *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, “Introdução”.

<sup>136</sup> *Psychica*, 7º ano, 15 de dezembro de 1927.

<sup>137</sup> Atente-se ao volume da publicação e à ampla tradução desta obra à época. (N.E.)

<sup>138</sup> História do Costume Masculino Francês. (N.T.)

<sup>139</sup> Léon Denis – *Depois da Morte*, 1ª parte, capítulo V – “A Gália”.

<sup>140</sup> Léon Denis, *O Problema do Ser e do Destino*, 2ª parte, capítulo XIX – “A lei dos destinos”.

<sup>141</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, 3ª parte, capítulo XXII – “O livre-arbítrio”.

<sup>142</sup> Léon Denis – *Cristianismo e Espiritismo*, capítulo 1 – “Origem dos Evangelhos”.

<sup>143</sup> Léon Denis – *Joana d’Arc, Médium*, 1ª parte, capítulo I – “Domremy”.

<sup>144</sup> É curioso lembrar que é por causa dos gauleses que existe, cada ano, um dia de comemoração aos mortos. Em *Depois da Morte*, Léon Denis escreve: “A comemoração dos mortos é de

---

origem gaulesa. Em 1º de novembro, se comemorava a festa dos espíritos, não nos cemitérios – os gauleses não homenageavam os cadáveres –, mas em cada casa, onde os bardos e os crentes evocavam as almas dos mortos. Nossos avoengos povoavam os bosques e as planícies com espíritos errantes. Os Duz e os Korrigans eram almas em busca de uma nova encarnação.”

<sup>145</sup> Léon Denis – *O Mundo Invisível e a Guerra*, capítulo VII – “O dia de Finados na trincheira”.

<sup>146</sup> Edouard Schuré – *Le Rêve d’une Vie*.

<sup>147</sup> *Revista Espírita*, janeiro de 1927.

<sup>148</sup> Léon Denis – *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, 2ª parte, capítulo IX – “Religião dos celtas, o culto, os sacrifícios, a idéia da morte”.

<sup>149</sup> Léon Denis – *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, 3ª parte, capítulo XIII – “Mensagens dos invisíveis”.

<sup>150</sup> Ver, a propósito, Gabriel Delanne – *As Aparições Materializadas dos Vivos e A Alma é Imortal*. Aí se constatará que seres humanos vivos, situados em um lugar com seu corpo físico, puderam manifestar a realidade de seu corpo psíquico, seja pela escrita, seja pela incorporação, pela materialização ou pela aparição. Até mesmo foram fotografados fantasmas dos vivos.

Ver, também, a *Revista Espírita*, de junho de 1928, no artigo de Gabriel Gobron sobre manifestações de vivos.

<sup>151</sup> *Revista Espírita*, 1924.

<sup>152</sup> *Revista Espírita*, 1924.

<sup>153</sup> No momento em que corrijo as provas deste capítulo, soube que Loucheur, nomeado Ministro do Trabalho, vai tentar realizar uma colaboração entre o trabalho e o capital.

<sup>154</sup> *Floreal* – oitavo mês do calendário adotado na França entre 1793 e 1806. (N.E., de acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.)

- 
- <sup>155</sup> Léon Denis – *O Mundo Invisível e a Guerra*, capítulo XV – “O futuro do Espiritismo”.
- <sup>156</sup> Idem, capítulo XXII – “Hosanna!”.
- <sup>157</sup> Em todas as Igrejas, temos os apelos dos bispos para recrutamento de padres, cada vez mais difícil.
- <sup>158</sup> Ver *Tu Revivras*, de Henri Regnault.
- <sup>159</sup> Léon Denis – *O Mundo Invisível e a Guerra*, capítulo XIII – “Ressurreição”.
- <sup>160</sup> Léon Denis – *O Problema do Ser e do Destino*, “Introdução”.
- <sup>161</sup> *L’Ami de Peuple*, 13 de maio de 1928.
- <sup>162</sup> Romain Rolland, *Du Jeu de l’Amour et de la Mort*, cena XI.
- <sup>163</sup> Para conhecer as consequências do suicídio, ver, por exemplo, Allan Kardec – *O Céu e o Inferno*, capítulo V – “Suicidas”.